

HISTÓRIA DOS CINEMAS NA TERRA DE ANSELMO DUARTE

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA
VALTER LENZI



HISTÓRIA DOS CINEMAS NA TERRA DE ANSELMO DUARTE

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA
VALTER LENZI



O conteúdo desta obra é de responsabilidade do autor. O uso de trechos da obra pode ser feito em trabalhos acadêmicos e/ou jornalísticos desde que citadas corretamente a fonte e autoria. Reprodução com fins comerciais proibida em quaisquer meios.

História dos cinemas na terra de Anselmo Duarte

Antonio Marcos de Almeida, Valter Lenzi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
A447h	Almeida, Antonio Marcos de. História dos cinemas na terra de Anselmo Duarte [livro eletrônico] / Antonio Marcos de Almeida, Valter Lenzi; organização Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto. – Salto, SP: FoxTablet, 2024. 440 p. : il.
	Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web ISBN 978-85-66799-85-9
	1. Cinema – Salto (SP) – História. I. Lenzi, Valter. II. Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto. III. Título.
	CDD 791.43098161
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Agradecimento especial ao jornalista Jorge Rodrigues Duarte pelo incentivo e primeira revisão da obra.

Realização: Secretaria da Cultura da Estância Turística de Salto
Projeto gráfico e diagramação: Jean Pluinage / Editora FoxTablet

Agradecimentos

*Agradeço a colaboração das pessoas abaixo,
que em muito me ajudaram no preparo deste trabalho:*

Francisco Olegário Nitaques (Chiquito Guarnieri)
pelo fornecimento de programações de
sua coleção e informações.

Valter Lenzi pela cessão dos exemplares
dos jornais do arquivo de “Taperá”, referentes
aos jornais locais, “O Liberal” e “Taperá” e fotos diversas.

Ettore Liberalesso pela cessão da sua
coleção particular do jornal “O Trabalhador”.

Museu Cidade de Salto.

Nas pessoas de Thalma Di Lelli e Cláudia Kreidloro,
na pesquisa de exemplares de jornais da biblioteca do
museu, programas cinematográficos, fotos e outros.

À minha família, em especial à esposa Helena,
aos filhos Marcos Vinícius e Mônica Helena, genro Ueber,
nora Cláudia e aos netos Gustavo e Bernardo.

A todos, meu sincero agradecimento.

ANTONIO MARCOS DE ALMEIDA
Salto, agosto de 2015

Sumário

<u>Prefácio</u>	<u>7</u>
<u>Apresentação</u>	<u>8</u>
<u>Saltenses conheceram o cinema em “projeções volantes”</u>	<u>11</u>
<u>Os cinemas que funcionaram em Salto.....</u>	<u>19</u>
<u>Cine Bijou</u>	<u>19</u>
<u>Verdinho</u>	<u>19</u>
<u>Cine Lux e Íris</u>	<u>20</u>
<u>Cine Pavilhão.....</u>	<u>21</u>
<u>Cine Rio Branco</u>	<u>22</u>
<u>Cine São Bento</u>	<u>24</u>
<u>Cine Theatro Verdi</u>	<u>31</u>
<u>Cine Rui Barbosa.....</u>	<u>34</u>
<u>Cine São Francisco.....</u>	<u>79</u>
<u>Cine Verdi</u>	<u>86</u>
<u>Cine Najá.....</u>	<u>111</u>
<u>Cine Roiam</u>	<u>116</u>
<u>Cine São José.....</u>	<u>116</u>
<u>Cineclube Anselmo Duarte.....</u>	<u>191</u>
<u>Sala Vip.....</u>	<u>195</u>
<u>Cinema Paradiso</u>	<u>196</u>
<u>Cinemas no Shopping</u>	<u>219</u>
<u>Moviplex Cinemas.....</u>	<u>247</u>

<u>Acontecimentos em destaque nos cinemas de Salto.....</u>	<u>250</u>
<u>Opiniões, crônicas e comentários sobre os cinemas de Salto.....</u>	<u>381</u>
<u>Homenagem a João de Almeida e família.....</u>	<u>427</u>
<u>Homenagem e reconhecimento a João de Almeida.....</u>	<u>431</u>
<u>Fotos diversas.....</u>	<u>435</u>

Prefácio

A publicação deste livro foi organizada junto aos autores pela Secretaria Municipal da Cultura. O objetivo inicial era registrar as memórias e pesquisas realizadas por Antonio Marcos de Almeida. Na época, alguns meses antes do falecimento de Valter Lenzi, que deu a redação final ao livro, o Secretário da Cultura – Oséas Singh Jr. – explicou aos autores que este trabalho ia muito além dos limites da cidade, pois poderia servir como material de pesquisa para cinéfilos e historiadores que se interessam pela história do cinema brasileiro.

O secretário Oséas, que há mais de três décadas registrou a história do cineasta Anselmo Duarte no livro “Adeus Cinema”, viu na parceria de Antonio e Valter um diamante bruto, que foi lapidado pelo segundo autor.

Infelizmente, o Valter não está mais entre nós, mas onde quer que ele esteja, está feliz vendo seu último trabalho impresso, pronto para ser apreciado por inúmeros leitores e pesquisadores da sétima arte.

Fica aqui registrada nossa singela homenagem aos autores, além de uma importante fonte de pesquisa para a historiografia do cinema e do entretenimento no interior paulista.

Salto, Primavera de 2023.

Laerte Sonsin Júnior
Prefeito da Estância Turística de Salto

Apresentação

Quando recebi de Antonio Marcos de Almeida, conhecido pelos amigos como “Toninho”, dois DVDs com os títulos “Prímórdios do Cinema – Os Cinemas da Cidade de Salto – 1 e 2”, constatei que tinha em mãos um verdadeiro tesouro. Ali estava registrado tudo o que aconteceu desde o surgimento do cinema até os dias atuais, passando pelos vários cinemas que se sucederam na cidade; detalhes das exibições dos filmes; acontecimentos envolvendo as salas de espetáculo e seus personagens mais importantes; toda a divulgação feita em jornais que circularam em Salto desde o início do século passado, até uma época bem recente, além de outras informações. Agendei uma reunião com o secretário municipal da Cultura, Oséas Singh Jr., na qual eu e Antonio Marcos expressamos nossa intenção de publicar aquele material valioso, que Oséas analisou e prontamente decidiu que a Prefeitura de Salto iria cuidar da publicação da história de um entretenimento que despertou grande interesse, por se tratar de uma arte até hoje reconhecida como muito importante para a vida da coletividade.

Todo esse trabalho de pesquisa, que consumiu milhares de horas durante vários anos, foi feito por Antonio Marcos, não com o objetivo de publicá-lo, como ele próprio confessou, mas apenas para seu prazer pessoal, para lembrar, quando desejasse, de uma época da qual ele também foi um importante personagem, pois trabalhou em companhia do seu pai João de Almeida, inicialmente no Cine Rui Barbosa e posteriormente no Cine São José. Ele se dedicou de corpo e alma à tarefa, passando por bons e maus momentos, estes em maior quantidade, devido à incompreensão de muitos frequentadores dos cinemas e às exigências às vezes descabidas da imprensa (da qual, por sinal, fiz parte, como um dos responsáveis pelas várias observações desairosas, entre algumas justificáveis, como se pode constatar em vários textos de minha autoria, pelos quais me penitencio) que foram publicados através dos anos e nesta obra reproduzidos pelo próprio Antonio Marcos.

Antonio Marcos não só ajudou seu pai na parte burocrática (controle dos filmes, elaboração dos impressos, publicidade,

etc.), mas também realizou tarefas que caberiam aos funcionários, chegando a trabalhar como “lanterninha” ou “vagalume” (aquele que indicava os lugares vagos para quem entrava no cinema já com a sessão iniciada); também substituiu projecionistas que faltavam e ainda assumia o lugar do seu João para se defender das críticas que eram dirigidas ao cinema e ao proprietário. Na sua pesquisa não omitiu nada, registrou tudo o que se dizia de bom ou de ruim sobre o cinema, mas não deixa de, nesta obra e em várias ocasiões, se defender, dando sua versão para os fatos, contribuindo para que este livro seja um retrato fiel dos mais de 100 anos de existência do cinema na cidade.

Como Antonio Marcos não se preocupou em colocar todo o material pesquisado em ordem cronológica e separado por assunto, pois não tinha a intenção de publicá-lo, foi um trabalho demorado que me coube para colocar tudo nos devidos lugares, a fim de permitir uma leitura mais fácil. Porém, fiz isso com todo o prazer. Tudo o que foi relatado e reproduzido, principalmente sobre o que aconteceu na época em que eu era um aficionado pelo cinema, me fez lembrar das milhares de vezes em que me dirigi a um dos salões saltenses. Tudo começou numa matinê do Cine Rui Barbosa, na década de 1950, quando assisti a um filme que, numa das cenas, uma locomotiva vinha em direção da plateia e um amigo de infância gritou: “Abaxe-se!”, e eu me abaixei com medo de ser “atropelado”. Nos muitos anos que se seguiram ri com *Carlitos* e *O Gordo e o Magro*; quando criança, me entretive com os desenhos animados; me emocionei com muitas cenas inesquecíveis; vibrei com os “mocinhos” dos faroestes; torci pelos heróis dos filmes de ação; admirei os grandes filmes bíblicos; enfim o cinema foi para mim algo muito marcante, inclusive segui na vida vários dos seus exemplos e ensinamentos.

Na época de “O Liberal” e início do “Taperá” fui um “crítico cinematográfico” diferente, comentando os filmes antes deles serem exibidos na cidade, baseado num arquivo de recortes de jornais e revistas. Mas me identifiquei mais como espectador, como muitos outros que tiveram no cinema o entretenimento maior em grande parte de suas vidas e, como disse, exagerei

nas críticas, seguindo a tendência de companheiros. Os salões com 600 ou 800 lugares se transformaram nas salas 3x4 de nossas casas, nas quais assistimos aos últimos lançamentos, mas dá uma saudade danada dos tempos que íamos às sessões cinematográficas, vivendo aquele clima que as facilidades de hoje não proporcionam.

O cinema foi uma grande paixão para muitos, por isso acredito que esta obra vai fazer com que eles voltem ao passado depositado na memória, enquanto outros vão ter conhecimento de uma época que certamente gostariam de ter vivido.

Valter Lenzi

Saltenses conheceram

o cinema em “projeções volantes”

A diversão máxima de uma época, o espetáculo favorito de todas as nações civilizadas, sem exceção, foi o cinema. A partir da década de 1970/1980 ele perdeu espaço para a televisão e começou no final da década seguinte a interferência da internet como diversão. Surgiu o *streaming*, segundo definição divulgada nos meios de comunicação um “fluxo de mídia”, “fluxo de mídia” ou “transmissão contínua”. É uma forma de distribuição digital, em oposição à descarga de dados, através do qual são assistidas as produções cinematográficas, como séries e filmes.

O cinema foi o grande invento do século passado. Primeiro criou-se a fotografia, mas era preciso fazer dela algo animado, que remediasse prodigiosamente a vida, que permitisse projetar na tela, tal como se estivessem acontecendo as cenas dramáticas ou cômicas, as façanhas e aventuras de detetives, bandeirantes e “cowboys”, a magia dos contos de lutas, os duelos dos mosqueteiros espadachins, o amor, a poesia, a luta pelas causas nobres, os costumes exóticos, os documentos instrutivos, as notícias gráficas de toda parte... e para isso inventou-se o cinema.

Foi no dia 15 de julho de 1897, no Teatro Lucinda (Rio), que pela 1ª vez foram exibidos entre nós (no Brasil) filmes pelo sistema Lumière. Antes disso existia o “Kinetógrafo”, aparelho projetor de fotografias animadas.

Em Salto

Foi um pouco depois que Salto conheceu a notável invenção. As primeiras fitas do cinema mudo, exibidas aqui, foram através de “projeções volantes”, promovidas por produtos como o analgésico “Melhoral”, cerveja “Caracu”, etc. que apresentavam sessões cinematográficas ao ar livre. O Largo São João, à margem direita do Rio Jundiá, era o local escolhido pelas primeiras projeções. Nesse conhecido largo próximo à antiga Cervejaria do Leonardo Lenzi, local descoberto, havia grande afluência do público nos dias em que havia exibição. Também no adro da Igreja

Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat e na parede lateral do Coleginho, quando ele ainda funcionava na atual Praça Archimedes Lammoglia, em acomodações improvisadas, nossos avós tiveram oportunidade de seguir os primeiros passos da Sétima Arte, assistindo as projeções ao ar livre.



As exibições, como essa, aconteciam em praças de Salto

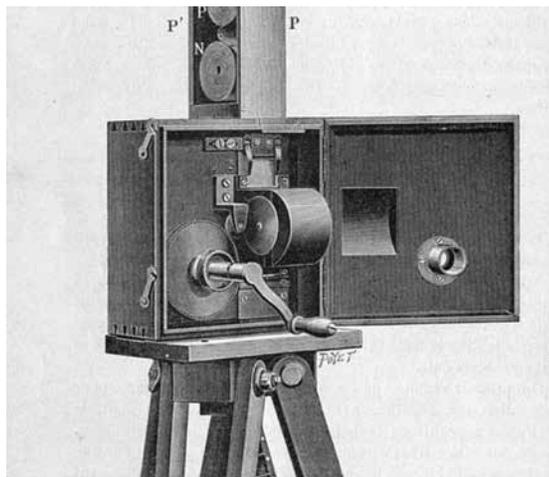
“Cinematógraphos” particulares

Na época das projeções públicas, destacavam-se alguns “cinematógraphos” particulares, dentre eles F. Serrador, José Miranello, Gaumont, José Barrucci, Luxemburgo e a Empresa Pinto & Companhia, entre outros, que se apresentavam com seus equipamentos nas cidades do interior, algumas vezes passando por Salto.

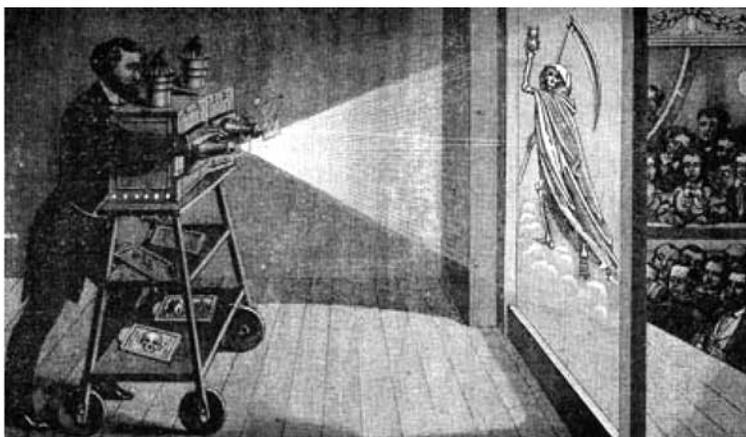
Jornais antigos traziam notas sobre essas apresentações, como o Cinematógrapho Luxemburgo, que se apresentou em novembro de 1907 em Salto, como num Dia de Todos os Santos, quando foi exibida a “majestosa e deslumbrante Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo”. Segundo o que foi publicado, alcançou sucesso magnífico, satisfazendo os numerosos espectadores. Estavam sendo anunciadas para aquela semana “novas vistas de efeito”, querendo dizer “novas produções

cinematográficas”. Para o espetáculo de despedida estava sendo prometido um programa “organizado a capricho”.

O Cinematógrafo Brás Cubas, de propriedade da Empresa Pinto & Companhia, por sua vez, anunciava que depois de apresentações em Itu, viria em setembro de 1908 para Salto, onde exibiu vistas (filmes) que foram aplaudidos freneticamente.



Cinematógrafo usado nas primeiras exibições



Várias empresas com cinematógrafos apresentavam filmes em Salto

O cinema surgiu em 1895 com os irmãos Lumière

No dia 28 de dezembro de 1895 houve a primeira exibição cinematográfica pública no mundo, tendo início a história do

cinema mundial. Vários inventos foram necessários até que esse resultado fosse alcançado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière. Essa captura de imagens em movimento, que possibilitou a exibição dos Lumière, tornou-se possível com a invenção do cinetoscópio, em 1889, por William Dickson, assistente do cientista e inventor Thomas Edison.

No Brasil, o cinema teve origem no ano de 1898, três anos após a exibição feita pelos irmãos Lumière, na França, com um filme feito pelo italiano Afonso Segreto, nas águas da Baía da Guanabara. Essa origem, porém, é contestada na obra “A Bela Época do Cinema Brasileiro”, de 1976 e também numa outra publicação, que cita a data de 8 de julho de 1896, quando houve um invento chamado de “Omniógrafo”, que teria sido trazido por um outro italiano, Vittorio de Mello, promotor de uma sessão no dia citado no Rio de Janeiro.



*A 1ª sessão cinematográfica pública do mundo
aconteceu em dezembro de 1895*

Cinema – abreviação de cinematógrafo, designando tanto o complexo arte-indústria e comércio, constituído pela produção, difusão e repercussão de sua obra, o filme, o local análogo a teatro, onde os filmes são apresentados ao público, provido de uma tela onde são projetadas as imagens por meio do projetor.

Os filmes comerciais eram de 35 mm (antes do cinema digital) para as salas comerciais, ou 16 mm para as salas menores, como cineclubes e residências. Outras bitolas também existiram, como 8 mm (para residências) e 70 mm para cinemas (Todd-Ao e Cinerama).

Inventado em fins do século XIX, era a princípio uma curiosidade científica, passando depois a espetáculo de feira e, finalmente, para o comercial. Como arte, somente no século XX é que ficou reconhecida. Até 1927, o cinema era mudo, mas não silencioso, pois artistas se exibiam durante as sessões, executando músicas ao piano ou orquestras, conforme o estilo do filme.

A partir da exibição de “The Jazz Singer” (O cantor de jazz), primeiro filme falado, o cinema não mais prescindiu da palavra. Mais tarde, além do som, surgiram os filmes coloridos, as telas largas e o som estereofônico.

A 3ª dimensão, sem muito sucesso comercial, devido ao uso obrigatório pelos espectadores de óculos especiais, teve curta duração.

Industrialmente, o cinema se propagou pelo mundo todo, mas o de maior público é o do cinema americano, apesar de, quantitativamente, superado pela produção anual de filmes pelo Japão, seguido da Índia, Hong-Kong, Itália, França, Alemanha, Inglaterra e Rússia.



Os irmãos Auguste e Louis Lumière são considerados os criadores do cinema

Precursores e invenção

A descoberta do cinema dependia de três fatores: análise do movimento, registro do movimento e a projeção das imagens. Surgiu a “Lanterna Mágica” que projetava imagens fixas e já era conhecida no Egito dos Faraós.

“Lanternas mágicas”

A história dos precursores do cinema surgiu no século XVII, com o jesuíta alemão Athanasius Kircher (1601–1680), que construiu a primeira lanterna mágica dos tempos modernos, partindo da câmara escura do napolitano Giovanni Battista della Porta (1538–1615).

Também, em 1660, o dinamarquês Wangenstein, exibiu uma “lanterna mágica” em Roma, que apresentava luz artificial em vez de solar. Segundo Richelet, a “lanterna mágica” era “uma pequena máquina de ótica, que permitia ver na obscuridade, sobre uma parede branca, espectros e monstros terríveis, fazendo com que os que desconhecem o segredo acreditassem tratar-se de arte mágica”.

Em 1799, surgiu o “Phantascope”, aperfeiçoamento da lanterna mágica, produzido pelo belga Robertson.

A invenção da fotografia, preparou o caminho para que o cinema surgisse da combinação da lanterna mágica com imagens fixadas em filme. Com a combinação destes itens faltava apenas o movimento. Em 1832, baseado em fenômeno ótico da retenção da imagem na retina, Joseph-Antoine Plateau, físico belga, realizou a “recomposição” do movimento em aparelho, que chamou de “Phenakistoscope”.

Em 1834, surgiu o “Zoltrope”, com imagens desenhadas em papel que, em 1852, foram substituídas por fotografias.

Em 1870, Heyl obteve imagens fotográficas animadas e, em 1878, surgiu o “Zoopraxinoscope”, no qual Edward Muybridge fez experiências com o galope de um cavalo.

Surgiu depois o “Phonoscope”, destinado a reproduzir o movimento da palavra e o jogo fisionômico da pronúncia das palavras.

Até o aparecimento do “Cinematógrafo” dos irmãos Lumière, surgiram nada menos que 125 aparelhos.

No final do século XIX são dados os passos definitivos para a invenção do cinema: Émile Reynaud aperfeiçoou o “Zoetrope” e lançou o “Praxinoscope” em 1877, apresentando 11 anos depois o “teatro ótico”. Realizou filmes de 500 imagens (“Pobre Pierrot”), um pequeno drama, uma comédia de costumes (“A volta de uma colina”) e um conto de fadas.

As fitas já tinham perfurações e eram projetadas diante de 500 espectadores. Reynaud se antecipou a Edison e Lumière, embora não lhe seja atribuída oficialmente a invenção da cinematografia.

As imagens conhecidas eram imóveis, pintadas, desenhadas, esculpidas ou fotografadas. Isto ocorreu até 1895. Somente após essa data as imagens passaram a se movimentar, com a invenção do cinema. Seus criadores, Etienne-Jules Marey, fisiologista, Thomas Edison, que trabalhava em imprensa e Georges Méliès, mágico.

A era do cinema começa em 1888, com a invenção do “Cronofotógrafo” por Étienne-Jules Marey, onde o filme se desenrola até diante de uma objetiva, parando, sendo fotografada. Fecha-se a objetiva e o filme avança, repetindo-se o processo continuamente, numa sequência que vai reproduzir o movimento da imagem. Quatro anos depois dessa criação, surge o “Cinetoscópio”, projetor de imagens móveis, inventado por Thomas Alva Edison. As imagens, porém, eram visíveis, pessoa a pessoa, individualmente, através de um pequeno orifício provido de uma lente.

Em 1895, os irmãos Lumière, Louis e Auguste, apresentaram um método de projeção para espetáculos coletivos – o “Cinematógrafo”, no qual as imagens surgiam projetadas numa tela à distância pelo projetor. Os filmes eram curtos, com cerca de 20 metros, referindo-se a acontecimentos importantes da época. A duração da projeção era curta, não passando de poucos minutos. Louis Lumière não acreditou na possibilidade da sua invenção, apesar da curiosidade despertada pelas primeiras apresentações.

George Méliès, homem imaginativo e de grande visão, percebendo na invenção dos irmãos Lumière, um meio de comunicação de grandes recursos, iniciou a produção de filmes e, em apenas 7 anos, realizou mais de 4.000 filmes.

A primeira indústria realmente organizada surgiu com Charles Pathé, em 1900, e, graças a ele, dez anos mais tarde o cinema tomava conta da Europa e já se exibiam filmes com uma hora de duração e com cerca de 2.000 metros de comprimento. Para que as imagens do filme se sucedam em um ritmo idêntico ao da realidade, o projetor deve funcionar na mesma velocidade da filmadora. A velocidade é medida em fotogramas – quadrinhos em que se divide o filme. Se a velocidade na filmagem for maior e o filme projetado à velocidade normal de 24 fotogramas por segundo, o resultado será aquele que chamamos de câmera lenta, pois as imagens se moverão muito mais lentamente que na realidade. Se ocorrer o contrário, acontecerá como nas comédias antigas, em que os personagens parecem correr ou saltar e com gestos bruscos.

Nos filmes antigos os processos de filmagens, cópias e projeção obedeciam regras primitivas de preparo e técnica. Nos tempos modernos, esses processos passaram a usar câmeras especiais para filmes CinemaScope, VistaVision, Cinerama, etc., usando-se, hoje em dia, até o computador para efeitos especiais nos filmes.



Cinerama, um processo que era utilizado por um número reduzido de cinemas

Os cinemas que funcionaram em Salto

CINE BIJOU

Foi o primeiro cinema saltense (abril de 1910)

Segundo Francisco Olegário Nitaques, conhecido na cidade como Chiquito Guarnieri, um saltense que pesquisou a história do cinema na cidade, “Salto, no início do século XX, possuía três salões que eram usados para bailes de final de semana, teatro, reuniões e outras atividades. Um deles foi onde surgiu o primeiro cinema local, o Cine Bijou, do qual pouco se sabe, pois eram raras as notícias nos jornais locais. Situa-se onde mais tarde funcionou o Cine Pavilhão, na esquina da Rua Floriano Peixoto com a Rua 7 de Setembro, atual Rua Monsenhor Couto.

Eram seus proprietários Alberto de Almeida Gomes e E. Matos, comerciantes da vizinha cidade de Itu, que resolveram investir em cinema em Salto, uma vez que o ramo parecia lucrativo. Esses comerciantes, Gomes e Matos, já vinham fazendo exibições cinematográficas no Teatro São Domingos, de Itu, há algum tempo.

O Jornal “Correio de Salto” publicou que, no dia 4 de abril de 1910, a Prefeitura autorizou o Sr. Alberto Gomes e E. Matos a instalarem seu cinema em Salto, tendo como anexo um bar. Segundo Chiquito Guarnieri, o cinema em questão foi instalado no Salão do Grande Pavilhão e se chamou Cine Bijou e o bar ao lado recebeu o nome de Bar Bijou. Funcionou entre 1910 e 1913, pois o último anúncio do cinema no “Jornal de Salto” é datado de 1913. Nos jornais antigos, existentes na cidade, infelizmente não constam nomes dos filmes exibidos neste cinema, anunciando apenas: “CINE BIJOU – Hoje: Filme de grande valor artístico”, sem contudo mencionar o nome.

VERDINHO

Era o apelido do cinema da colônia italiana

Este novo cinema situava-se na Rua José Galvão, esquina com a Rua Floriano Peixoto, onde funciona hoje o Museu Municipal. Era um pequeno salão construído no início do século, ainda na época do cinema mudo.

Segundo informações fornecidas pelo cinéfilo saltense Francisco Olegário Nitaques (Chiquito Guarnieri), esse salão foi inaugurado em 1903, pela Colônia Italiana, não como cinema, servindo apenas para bailes aos domingos, ensaios da Corporação Musical Giuseppe Verdi, além de reuniões e como teatro. Apesar de construído em 1903, o Salão Verdi só passou a ser usado como cinema em 1910, funcionando até meados de 1934, quando foi inaugurado o novo salão, denominado Teatro Verdi.

O primeiro anúncio do “Verdinho”, encontrado nos jornais locais é datado de agosto de 1911, onde é mencionado que: “Continua com grandes enchentes o Verdi [*sem contudo falar do que se tratava, acreditando-se que fosse com exibição de filmes*]. Não há anúncios de filmes até o começo de 1920. A primeira programação somente aparece em 1921.



*Prédio do “Verdinho”, aparecendo à frente
diretores da Sociedade Italiana*

CINES LUX E ÍRIS

Poucas informações sobre os dois cinemas

Em agosto de 1911, o “Jornal de Salto” divulgava a inauguração do Cine Lux no Salão Arzília, sem outros comentários. Em

março de 1913, era anunciado o Cine Íris, acreditando-se ter mudado não só de nome, mas também de proprietário, porém não se tem maiores informações, somente que o cinema funcionou no mesmo local dos anteriores. Não constavam nomes dos filmes exibidos neste cinema nos jornais locais encontrados.

CINE PAVILHÃO

Funcionou durante quase 13 anos

No mesmo prédio onde funcionou o Cine Bijou surgiu o Cine Pavilhão, em 15 de agosto de 1915. Foi o que ficou na história de Salto, numa época em que o cinema era uma grande novidade. O historiador Ettore Liberalesso registrou em sua coluna Arquivo, do jornal “Taperá”, em 14 de agosto de 1993, que era o terceiro em atividade (não faz referências sobre quais seriam o segundo e o terceiro). Nesse caso, o Pavilhão pode ter sido o terceiro ou o quarto.

Esse salão – segundo Ettore – era coberto de telhas galvanizadas e as paredes eram de tijolos e com um barrado de tinta a óleo com cerca de 1,50 metro de altura e o chão era cimentado. Nas paredes laterais costumavam-se colocar cartazes dos filmes a serem exibidos em breve. Na entrada, no lado esquerdo do salão, havia uma arquibancada de madeira e, no meio do salão, cadeiras. A orquestra ficava na frente do palco.

O Pavilhão tinha sido adquirido em 1915 por Adriano Lopes, que o comprou de Alberto Gomes, mantendo-o até 2 de junho de 1928, quando encerrou suas atividades.

Último filme – Em 02/06/1928 “O Povo” publicava que “será desenrolado na tela do Cine Pavilhão o grande filme ‘Mães Frívolas’, com Mary Pickford, a namorada do mundo. Soberba produção da United, em sete partes. A Empresa Lopes assegurou-nos ter para o mês em início uma programação de truz”.

Segundo Chiquito Guarnieri, “um mês após a exibição desse filme (“Mães Frívolas”) o Pavilhão fechou suas portas, não mais sendo usado como cinema, causando grande desgosto aos fãs que acompanhavam suas atividades desde 1910. O salão depois serviu de depósito de materiais. Em 1946 funcionou como salão de bailes de carnaval.



O Cine Pavilhão, localizado na esquina da Floriano Peixoto com Monsenhor Couto, teve longa duração em comparação com outros cinemas

CINE RIO BRANCO

No Salão Arzília Silva surgia um grande cinema

Em 1918, o cinema, de propriedade de Antonio Peres, passou a chamar-se Cine Rio Branco, propriedade da Empresa Antonio Peres, funcionando no Salão Arzília Silva. A única informação que se tem deste cinema, que pertenceu à família Castelari, é um exemplar do jornal “Cidade de Salto”, de 1918, onde consta um anúncio que diz: “Cine Rio Branco, de Antonio Peres. Hoje, espetáculo cinematográfico”.





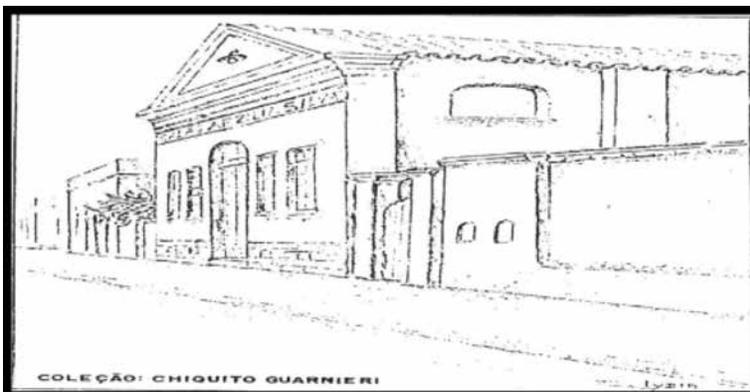
“Viu, gostou e casou” foi o primeiro filme exibido no Cine Rio Branco e “O Rei dos Reis”, de Cecil B. de Mille foi apresentado logo em seguida

O Cine Rio Branco era instalado no Salão Arzilia Silva e funcionou sob a direção de Antonio Peres até o início de 1928, quando foram vendidos para Augusto Mazza o projetor e as cadeiras. Augusto Mazza reformou o prédio, incluindo uma pintura que foi executada por um decorador e pintor chamado Loreto Fino. Iniciou as atividades sob a direção de Augusto Mazza em 15 de abril de 1928.

Após alguns meses o Sr. Mazza unia sua empresa à de Adriano Lopes, do Cine Pavilhão, surgindo uma nova razão social e sob nova denominação: Cine São Bento.

– Filmes a serem exibidos no Cine Rio Branco, segundo publicação no jornal “Correio de Salto”, de 02/06/1928:

“A empresa Augusto Mazza apresenta hoje aos seus ‘habitúes’ a esplêndida comédia dramática ‘Viu, gostou e casou’, com Marie Prevost e Harrison Ford. O título original do filme era ‘Up in Mabel’s Room’, comédia, 70 minutos, estrelado também por Phyllis Haver e Harry Myers, entre outros, produzido pela United Artists, em 1926, O filme ‘O Rei dos Reis – Jesus, Rei dos Reis’, o melhor filme, o ‘non plus’ ultra, no dia 16 do corrente, foi dirigido por Cecil B. de Mille, que foi muito destacado nas produções cinematográficas, dentre elas ‘Os Dez Mandamentos’ (1923) e ‘O Sinal da Cruz’ (1932) sucessos da época. O elenco era composto por H. B. Warner, Dorothy Cummings, Ernest Torrence, Joseph Schildkraut e Jacqueline Logan”.



Desenho mostrando como era o Salão Arzília Silva, onde funcionou o Cine Rio Branco, a partir de 1918, e outros cinemas

CINE SÃO BENTO

Sucedeu o Rio Branco a partir de 1928

A partir de 01/07/1928, a Empresa Adriano Lopes (do Cine Pavilhão) fundiu-se com a do Cine Rio Branco, de Augusto Mazza, passando a funcionar sob a nova razão social de “Empresa Lopes & Mazza” no antigo Cine Rio Branco (Salão Arzília Silva), agora com o novo nome de Cine São Bento. O primeiro filme foi “Mulher contra Mulher”, estrelado por Betty Compson, Clive Brook, Josephine Earle, Marie Ault, Myrtle Peter e A. Harding Steerman.



O filme “Mulher Contra Mulher” inaugurou o Cine São Bento, em 1937

O Sr. Mazza faleceu em 1935 e o Sr. Lopes continuou com o São Bento até 1937. A Corporação Musical Giuseppe Verdi arrendou o cinema – uma vez que estava deixando a direção do Cine Theatro Verdi – porque o Sr. Lopes estava partindo de mudança para São Paulo.

Em 1938, o Sr. Jorge Caracante, de Sorocaba, adquiriu o prédio da família Mazza e o cinema continuou arrendado para a Banda Italiana até fins de 1938 e o restante dos meses continuou sob a responsabilidade do Sr. José Silvestre, até ser inaugurado ali o Cine Rui Barbosa, em julho de 1939, encerrando-se assim as atividades do Cine São Bento.

O imóvel onde funcionaram esses cinemas, localizado à Rua Dr. Barros Júnior, 71 (número antigo), foi adquirido do Sr. Caracante por João de Almeida, que o manteve fechado até 1945, quando foi alugado à Sociedade Instrutiva e Recreativa Ideal – SIRI por vários anos, sendo posteriormente, em 1958, vendido a essa mesma entidade e, em 1962, totalmente reformado para a construção da nova sede da sociedade.

Curiosidade: Uma das empresas distribuidoras de filmes italianos na época era a I.R.F.M. (Indústrias Reunidas Francisco Matarazzo) Distribuidora de Filmes, que tinha sede em São Paulo, onde contava com diversas indústrias

No Jornal “O Correio do Salto”, em 01/07/1928, foi publicada esta notícia:

“A partir de hoje figurará a nova empresa Lopes & Mazza, que explorará a cinematografia no ex-Cine Rio Branco. Os Srs. Adriano Lopes e Augusto Mazza, empresários do ‘Pavilhão’ e ‘Rio Branco’, respectivamente, fizeram fusão de ambas as empresas, fechando-se o ‘Pavilhão’ e passando a nova empresa a funcionar no salão deste último, a que batizaram de ‘Cine São Bento’. Para a estreia, grandiosa matinê e espetáculo de gala à noite. Ao novo Cine, merecidas prosperidades”.

O Jornal “O Saltense” em 10/07/1928, informou que as empresas dos Cines Rio Branco e Pavilhão, de propriedade de Augusto Mazza e Adriano Lopes se fundiram e passaram a funcionar um novo cinema, sob a denominação de Cine São Bento, exibindo o filme ‘Mulher contra Mulher’ (‘Woman to Woman’), estrelado por Betty Compson, Clive Brook e outros,

com 82 minutos de projeção, romance, preto e branco – direção de Victor Saville.

Rinque de Patinação funcionava no Cine São Bento

Além da exibição de filmes, o Cine São Bento também fez funcionar, no Salão Arzília Silva, um rinque de patinação, conforme foi divulgado na imprensa. Isso não impedia que o cinema continuasse a exibir filmes, mas em dias determinados as cadeiras eram retiradas do salão e as pessoas que desejassem poderiam patinar com os patins fornecidos pela direção do cinema. (“O Povo”, de 05 de junho de 1932).

“Balas Cinema” eram distribuídas para a gurizada no ‘São Bento’

Para atrair as crianças, eram distribuídas as famosas “Balas Cinema” no Cine São Bento, oferecidas pelo Sr. Francisco Ungaretti, o popular “Tontolino”, representante de “A Americana”, importante estabelecimento da firma A. Sacomani & Cia. Ltda. “O Sr. Ungaretti fez-nos gentil visita que muito agradecemos fazendo votos para que ele como propagandista da Americana, faça verdadeira ‘América’ na sua vida comercial”, publicava “O Povo” em 13/05/34.

Além das balas, outros brindes para os frequentadores do cinema

Além das “Balas Cinema” para a criançada, também costumava-se sortear brindes para os adultos aos frequentadores do Cine São Bento. Havia a distribuição de cupões numerados, cujos ganhadores eram informados também pela imprensa. Os brindes constavam de jogos de xícaras de porcelana, ferros elétricos, além de outros patrocinados pelas Casas Pernambucanas e firmas da cidade. Num sorteio realizado em 9 de junho de 1934, por exemplo, e divulgado na imprensa, foi contemplado o nº 69 com um estojo de xícaras de porcelana, ganho por Gilberto de Quadros, filho do Sr. Manoel de Quadros.



Filmes que foram exibidos no Cine São Bento

Reclamações contra rapazes chamados de “taludos” pelo jornal

Já naquele tempo surgiam pessoas para perturbar os frequentadores, como foi noticiado na edição de “O Povo” de 22/04/1934:

“Junto à bilheteria e perto da porta de entrada do Cine São Bento, conceituada casa de diversões, reúne-se, por ocasião dos espetáculos, um numeroso bloco de rapazes, entre os quais alguns bem ‘taludos’, que ali ficam especialmente para fazer pedidos às pessoas que se aproximam. Esses pedidos incomodam. Desde a bilheteria até ‘conseguir’ entrar na sala de exibições, vai o cristão, ou cristã, que procura distrair-se das fadigas do dia, ouvindo o peditório: ‘Moço, dá uma entrada?’, ‘Dá uma entrada, homem?’, ‘A senhora me dá uma entrada?’. É preciso dar uma arrumação nisso”.

Comentário de Xisto – A respeito desses pedidos na porta do cinema, o colunista Xisto comentava em “O Povo”: “Têm razão os que reclamam sobre os ‘pedidos’ à entrada dos cinemas, notadamente no Cine São Bento. Ainda se fosse gênero de primeira necessidade! E o pedido vem em todos os dias desde o ‘sustenido’ até a semifusa. Semi-confuso fiquei ainda ontem, ouvindo a ‘ladainha”.

Filmes pornográficos eram exibidos no ‘São Bento’

Também, já naquela época, existiam pessoas que costumavam patrocinar “certo tipo ou gênero” de filme com a única finalidade de faturar em cima do povão, como escreve Xisto em sua coluna “Pratos leves” de 8 de dezembro de 1934:

“Na semana finda, 2 cavalheiros trouxeram para ser exibido no Cine São Bento, um dos chamados filmes ‘gênero livre’. Com o fito educacional, com o manto de utilidade para a mocidade incauta que ali vê o reverso da medalha, esses filmes mascaram uma sórdida pornografia, expondo a podridão moral de tipos tarados e bordalengos. Admiramos que indivíduos que se prezam não se pejem na propaganda dessas mazelas, explorando o público com películas de tal jaez. Mas o que mais revolta é impingirem gato por lebre: a mesma fita exibida pela

terceira vez, mudando apenas de rótulo. Estamos certos que a digna empresa coibirá tais abusos”.

A Corporação Giuseppe Verdi assume o Cine São Bento

Era anunciado em 31 de janeiro de 1937 que uma nova empresa iria assumir o Cine São Bento: a Corporação Musical Giuseppe Verdi, continuando a explorar o ramo cinematográfico. Visando uma melhoria no atendimento, o Cine São Bento informou, em maio de 1937, através da imprensa, que o cinema iria passar por uma reforma geral, pintura do salão, além de melhoria também no aparelho (projeto), anunciando-se para o dia 16 desse mês o filme “A Pequena Rebelde”, estrelado pela pequena notável Shirley Temple.

Após algum tempo de funcionamento, em 1938, o empresário Jorge Caracante, de Sorocaba, adquiriu o prédio onde funcionava o Cine São Bento, procurando melhorá-lo, modernizando suas instalações, como foi anunciado através da imprensa local.

Pouco mais de um ano depois (27 de março de 1938), anunciava-se que o empresário sorocabano Jorge Caracante, em visita à redação do jornal, anunciava uma ampliação do salão, instalação de poltronas, ventiladores, além da substituição do projetor por outro mais moderno. Em maio desse mesmo ano, era anunciada a vinda de um engenheiro-técnico para orçar todo o serviço sonoro, com início já na semana seguinte. As cadeiras também seriam substituídas brevemente.

Quem era – Quem era Jorge Caracanti, que esteve ligado a cinemas de Salto no século passado? O jornal “O Povo” mostrava quem era ele, numa nota publicada em março de 1938.

“O conceituado capitalista, Sr. Jorge Caracanti, residente em Sorocaba, deu-nos o grato prazer de sua visita. Afirma-nos que adquiriu o salão onde funciona o Cine São Bento. Para se fazer um juízo dos melhoramentos a serem feitos, basta salientarmos que o Sr. Caracanti é proprietário de diversos cinemas em muitas localidades e em todos eles ressalta o bom gosto estético e o conforto proporcionado aos frequentadores. O São Bento local, disse-nos ele, vai ser radicalmente metamorfoseado. O salão vai

ser ampliado, vão ser colocados ventiladores, venezianas, poltronas e o melhor: um ótimo e moderno aparelho projetor. Salto está, pois, de parabéns, à espera de que tão miríficas promessas se convertam na mais auspiciosa realidade”.

Cine São Bento, a ser reformado, lotava quando exibia bons filmes

Em “O Povo” de 09 de maio de 1937, era anunciada uma reforma no Cine São Bento, para satisfazer os frequentadores. Também era citado que o cinema ficava lotado quando apresentava bons filmes, a ponto de ter que suspender a entrada em seu salão. Texto publicado:

“Constou-nos, e com bons fundamentos, que o Cine São Bento vai passar por uma reforma geral, sendo artisticamente pintado o respectivo salão. O aparelho também vai ser melhorado, de modo a satisfazer os seus inúmeros ‘habitués’. De fato, o São Bento, dirigido pelos componentes da Corporação Musical Giuseppe Verdi, está gozando de grande simpatia, havendo dias em que se torna necessária a suspensão de entradas, dada a afluência de frequentadores. Isso prova ainda a ótima programação, como faz fé o colossal filme do dia 16, ‘A Pequena Rebelde’, com a galante ‘Shirley Temple’”.



Shirley Temple no último filme exibido no Cine São Bento

CINE THEATRO VERDI

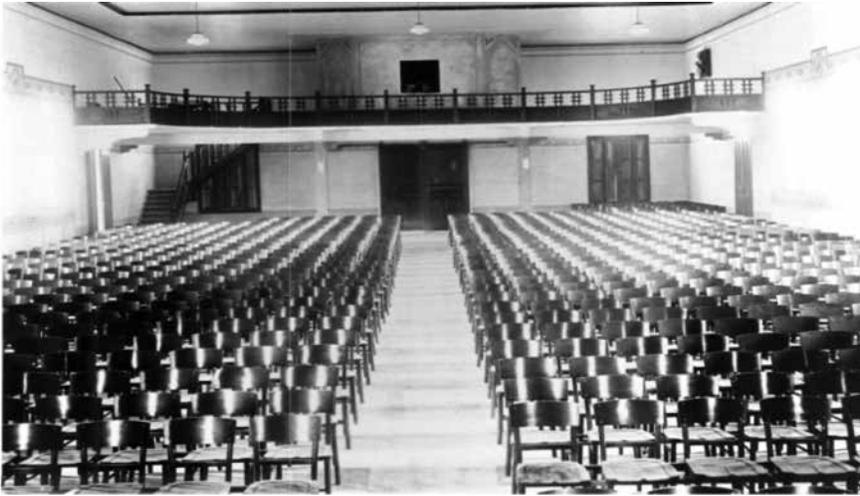
Surgia após o fechamento do “Verdinho”

O novo prédio do cinema, construído ao lado e após o fechamento do “Verdinho”, foi inaugurado no dia 29 de setembro de 1934, com a exibição do filme “Rua 42”, grandioso musical, da Warner Bros, Inc., produção de 1933, com 89 minutos de projeção, preto e branco, sendo o elenco composto por Warner Baxter, Bebe Daniels, George Brent, Ruby Keeler, Ginger Rogers e Dick Powell, entre outros. No dia seguinte, foi exibido “20.000 anos em Sing Sing”.

O cinema era moderno, contando com 800 cadeiras e boa aparelhagem. Funcionou até 1941, quando paralisou suas atividades durante a 2ª Guerra Mundial, por exigência das autoridades brasileiras, pois pertencia à colônia italiana, de um país que fazia parte do Eixo, juntamente com a Alemanha e Japão.



*Fachada do Cine Teatro Verdi (1934),
aparecendo o “Verdinho” (à dir.)*



*Interior do Cine Theatro Verdi, que funcionou
no prédio da Sociedade Italiana*

Notícia de “O Povo” de 30/09/1934:

“**Cine Theatro Verdi** – Realizou-se ontem a reabertura do Cine Verdi, com a esplêndida película ‘Rua 42’. O novo salão otimamente aparelhado, faz jus aos encômios tecidos, como sendo um dos melhores salões do interior. O aparelho é também esplêndido e o Verdi nesta nova fase está fadado a franco sucesso. Agora foi apenas reabertura, dando-se a inauguração do cinema e dependências, em tempo oportuno. Para o espetáculo de hoje está anunciada a formidável cinta: ‘20.000 anos em Sing-Sing’”.



Cine Theatro «Verdi»
 Realizou-se hontem a re-
 abertura do Cine Verdi, com
 a esplendida pelicula
«RUA 42»
 O novo salão optimamente a-
 parelhado faz jús aos enco-
 mios tecidos, como sendo um
 dos melhores salões do inte-
 rior. O aparelho é tambem es-
 plendido e o «Verdi» nesta
 nova phase está fadado a
 franco successo. Agora foi a-
 penas reabertura, dando-se a
 inauguração do cinema de-
 pendencias, em tempo oppor-
 tuno. Para o espectáculo de
 hoje está annunciada a formi-
 davel cinta:
20.000 anos em Sing-Sing

*O filme “Rua 42”, com Spencer Tracy e Bette Davis
 inaugurou o Cine Theatro Verdi*

Outra nota em “O Povo” de 07/10/1934:

“Pratos Leves” (de autoria de Xisto) – “Fomos convidados para assistir à reabertura do Cine Verdi. E fomos. E gostamos. Realmente o salão é um dos melhores do nosso interior, obedecendo aos mais modernos princípios de arquitetura. Haja vista o sistema de ventilação usado no próprio forro, o que torna o salão perfeitamente arejado. O aparelho é muito bom e a iluminação ‘a giorno’. Há muito espaço e o palco cênico é muito bem adaptado com o moderno sistema de encenação que permite com a maior rapidez a mudança de cenários. Fomos cumulados de gentilezas e aqui consignamos ao Sr. Camerra os agradecimentos por elas, parabéns pelo feliz êxito e votos de franca prosperidade. Não somos bairristas, nem intransigentes. O nosso sentimento de brasilidade é um fato, mas ele faz ‘pendant’ ao de justiça. E esses nos mandam reconhecer que Salto está de parabéns por possuir entre os seus edifícios públicos o Cine Verdi, como aliás o reconheceu o elemento adventício que aqui veio e soube também ser justiceiro”.

– Na mesma edição do jornal “O Povo”:

“Pela Cidade” – “Teve lugar no dia 29 do mês p.p. a inauguração do Theatro ‘Giuseppe Verdi’. Tanto o prédio como o seu aparelhamento, honram a cidade. Gentilmente convidado

pela ilustre Diretoria daquela Sociedade, ali estive representando, no ato inaugural, um dos Diários de São Paulo. A inauguração foi singela. Nem sequer houve a trivialidade dos discursos. Apenas ao sair, terminada a exibição do excelente filme, os convidados no momento do 'shake-bands', felicitavam o distinto presidente da Gomes-Verdi, Sr. Leone Camerra. Se não houve oradores, foi pela ausência de oportunidade para se manifestarem. Entretanto, ali estava o majestoso Theatro que se incumbiu de dizer e continuará a dizer, com argumentos concretos e irrefragáveis, a todos que por aqui passarem, que o povo desta terra, longe de viver na ociosidade ou no 'dolce far niente', trabalha, e porque é persistente nos seus empreendimentos, vê coroados do melhor êxito os seus esforços”.



Na inauguração do Cine Theatro Verdi o cinema ficou lotado

CINE RUI BARBOSA

Dois músicos italianos proporcionaram a Salto “um cinema à altura”

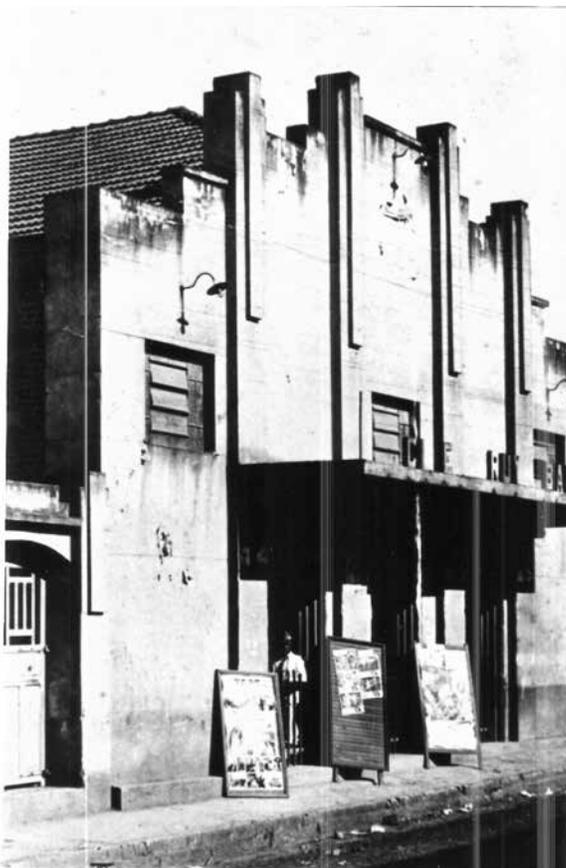
O cinéfilo Francisco Olegário Nitaques, conhecido como Chiquito Guarnier, fez antes de falecer um histórico sobre o surgimento do Cine Rui Barbosa em Salto. Relatou ele que, em fins de 1938, José e Alexandre Silvestre (pai e filho), dois

músicos italianos, amantes do cinema, acharam que já era hora de Salto ter um cinema à altura, com dois projetores (sem interrupção durante a exibição de filmes, como vinha acontecendo) e um salão com poltronas, elegante e bonito para a época e para isso levaram avante esse sonho com grandes dificuldades.

O Cine Rui Barbosa foi construído no quarteirão que fica entre a Rua 9 de Julho e a 23 de Maio. Para inaugurá-lo, exibiram o filme “Legião da Índia”, com Sabu, no dia 16 de julho de 1939, funcionando sob a direção dos dois durante três anos. Devido ao acúmulo de dívidas e a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, rompendo relações com a Itália, os proprietários, que eram italianos, resolveram vender o cinema em 13 de agosto de 1942 ao Sr. João de Almeida, que já militava na área. Ele esteve à frente do cinema, inclusive passando a denominá-lo Cine São José, até dezembro de 1983, quando foram encerradas as atividades suas e do cinema.



Foto da cidade em 1939, onde se vê o Cine Rui Barbosa ainda em construção (assinalado)



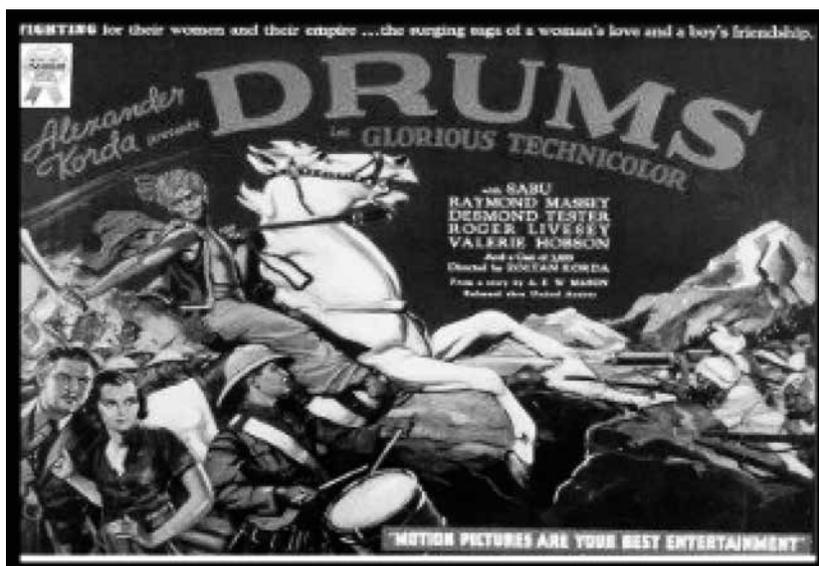
Fachada do “Rui Barbosa”, inaugurado em 1939

“Legião da Índia” foi exibido na inauguração

A inauguração do Cine Rui Barbosa ocorreu no dia 16 de julho de 1939, um domingo, com a projeção do filme da United Artists “Legião da Índia” (The Drum), produção de 1938 da London Films, com 96 min., Direção de Zoltan Korda, em technicolor, estrelado por Sabu (Príncipe Azim), Raymond Massey (Príncipe Ghul), Valerie Hobson (Sra. Carruthers), Roger Livesey (Capitão Carruthers) e Desmond Tester (Bill Holder), com ingressos aos preços de 1\$200 a poltrona e \$600 a meia entrada, exibido em 3 sessões, às 17h, 19h e 21h.

Além do filme, foram exibidos um desenho animado e um complemento nacional. Com a instalação de dois projetores, a novidade foi a exibição do filme sem interrupção, além do novo

cinema ser dotado de poltronas, ao invés de cadeiras, outra novidade da época.



“Legião da Índia”, com Sabu, foi exibido na inauguração do Cine Rui Barbosa, em 1939

A inauguração divulgada nos jornais locais

O Jornal “O Povo” de 16/07/1939, comentou a inauguração:

“Hoje terá lugar a inauguração do Cine Rui Barbosa, que foi recentemente construído pelos Srs. José e seu filho Alexandre Silvestre. Obra que muito impressiona à primeira vista, não só pelas linhas arquitetônicas como pelo conforto em geral que apresenta. Alexandre e José Silvestre tiveram em mira beneficiar a nossa população, empregando vultosa quantia numa obra que por muito tempo lhes reterá grande capital. Silvestre provou ser amigo de sua terra e de seu povo. O povo de Salto, só os que não o conhecem bem, não sabem avaliar sua capacidade de cooperação.

Dada a inconfundível simpatia que os Silvestres gozam nos meios sociais de Salto, certo é que triunfarão com a máxima facilidade, na nova empresa. Seu cinema é dotado de dois moderníssimos aparelhos, que projetarão filmes em sessões corridas, num rápido espaço de tempo. O povo quer conforto e barateza. Chegou a hora da onça beber água”.

Empresa divulga nota ao povo de Salto

Em publicação feita no jornal “O Povo”, a empresa divulgou uma Nota ao Povo de Salto em 16/07/1939, na qual dizia que “tinha o grande prazer de comunicar ao bom Povo Saltense que inaugura hoje o Cinema para cuja construção não mediu esforços, de natureza alguma. Ele é o vosso cinema, o cinema genuinamente saltense, tendo por Nome Tutelar – Rui Barbosa – a ‘Águia de Haya’ – aquele que assombrou o Mundo com seu Intelecto privilegiado e que tinha ‘fulgurações de Thabor’”. Frisava que “o cinema não está inteiramente construído e a sua apresentação ao distinto Público Saltense obedece a circunstâncias imperiosas. Assim a Empresa convida a todos em geral para uma visita à Sala de Projeções, das 13h às 16h, onde se acham os dois potentes ‘projetores Centauro’”. Estava anunciado para a inauguração “três sessões corridas, às 17h, 19h e 21h aos preços de – Poltronas: 1\$200 e \$600, com a película insuperável ‘Legião da Índia’, em tecnicolor e mais um desenho animado e um complemento nacional. Terça-feira, dia 18 – um verdadeiro ‘furo’ do Cine Rui Barbosa,

com o filme em tecnicolor ‘Romance do Sul’, interpretado pela fascinante Loretta Young”.



Duas fotos do “Rui Barbosa” sem identificar a autoria, publicadas na internet

Jornal anunciava o declive e a vinda de ituanos

O mesmo jornal “O Povo” publicava, no dia 23 de julho de 1939, uma nota que complementou a anterior, na qual a empresa afirmava que “querendo corresponder ao apoio formidável que o povo lhe tem dado com grande frequência no seu Cine Rui Barbosa, resolveu fazer antes da inauguração oficial do cinema, uma modificação na parte assoalhada do prédio, de forma que o declive satisfaça às exigências mais insatisfeitas. Assim, no dia da inauguração oficial, que será nos primeiros dias de agosto próximo. o Cine Rui Barbosa, estará inteiramente aparelhado para servir ao povo de Salto. Aproveita a oportunidade, para agradecer às distintas pessoas que de Itu têm vindo assistir às exhibções do moderno Cine Rui Barbosa. Salto pode orgulhar-se de suas iniciativas e entre elas, está a recente construção deste belíssimo cinema ‘Rui Barbosa’, que dentro em breve nada mais deixará a desejar”.

Fofocas na coluna humorística do jornal

Nas edições que circularam na época da inauguração do Cine Rui Barbosa, eram publicadas algumas fofocas na coluna “Lobadas” do Lobo da Noite:

– “O Cine Rui Barbosa está se preparando para dar um grande baile. Isso sim, vamos breve arrastar a sandália hein?”

– “Parece mentira, mas é verdade que uma ‘senhorinha’ que ganhou uma permanente do Cine Rui Barbosa, não perde nem um espetáculo, mesmo que faça uma geadinha ou chova canivete”.

– “A zinha que tem permanente do Cine Rui Barbosa é camarada e bonitinha, pois foi inteligência do gerente do cinema... Quando ela vai ao Cine, têm 4 zinhos que vão lá só para ver a graciosa senhorita N. da Rua 23 de Maio”.

Concursos “Olhos Misteriosos” e “Tyrone Power”

A direção do Cine Rui Barbosa não se restringia à exibição de filmes, como se pode notar numa notícia divulgada em março de 1940, na qual eram anunciados dois concursos, o “Os Olhos Misteriosos” e “Tyrone Power”:

“Desperta desusado interesse entre os frequentadores do Cine Rui Barbosa, o concurso ora instituído pela empresa do mesmo e que recebeu o nome de: ‘Concurso dos Olhos Misteriosos’. Durante todo o dia observa-se a grande curiosidade de muitas pessoas que vão e vem, na ânsia de revelar a identidade dos artistas cujos olhos lá estão expostos. Quais serão os vencedores? Consta que serão distribuídas valiosas permanentes, a serem sorteadas dentre os acertadores. Todos a postos, pois, em busca desses tentadores prêmios”.

Tyrone Power – “Já está lançado esse novo e grandioso concurso, que só dá direito dos vales às senhoritas. A senhorita que mais vales juntar ganhará o 1º prêmio e assim consecutivamente os 2º e 3º prêmios. Em caso de empate na contagem dos vales, haverá um sorteio público. Vá a senhorita mesma comprar a sua entrada para ter direito ao vale. Este concurso encerrar-se-á com prévio aviso”.



Tyrone Power era tema de concurso instituído pela empresa

Publicação em 21 de abril de 1940 em “O Povo”:

“O Concurso ‘Tyrone Power’ encerra-se hoje. Será o último dia em que serão distribuídas as cédulas. Leve todas as suas cédulas, domingo, 28, às 10 horas, à bilheteria desse Cine, onde será feita a apuração, juntamente com todas concorrentes”.

Caminhão percorria as ruas anunciando os filmes a serem exibidos

No tempo em que os Silvestre gerenciavam o Cine Rui Barbosa (1939 a 1942), era costume anunciar os filmes do dia colocando-se tabuletas fixas nas laterais de um caminhão e na carroceria dele, enquanto pessoas na carroceria do veículo gritavam: ‘É hoje, é hoje, no Cine Rui Barbosa’. As tabuletas eram pintadas pelo Zé-pé-no-chão, que trabalhava como pintor de painéis que também eram afixados nas principais esquinas da cidade, divulgando os filmes a serem exibidos.

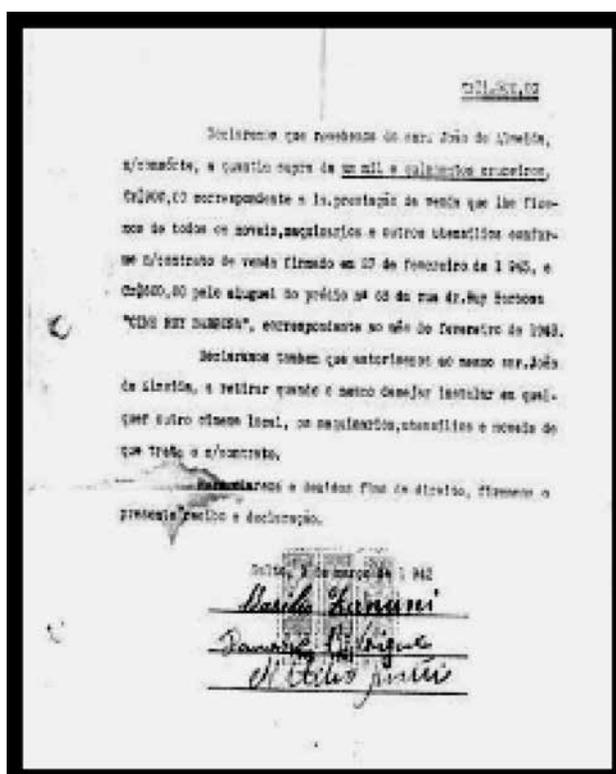
Mudança O Cine Rui Barbosa mudava de dono em agosto de 1942

Devido às dificuldades financeiras da Empresa J. Silvestre, além do fato de os proprietários serem italianos (país que participava da 2ª Guerra Mundial, ao lado da Alemanha e Japão), a partir de 13 de agosto de 1942 o cinema foi vendido a João de Almeida. Na ocasião o novo proprietário se encontrava

enfermo, devido a cidade estar passando por uma onda de varíola. Ele foi visitado pelo Sr. Alexandre Silvestre, um dos donos do cinema, que expôs o motivo de sua visita e informou que desejava dispor do prédio e do cinema por ele construído.

Como João de Almeida já trabalhava no ramo cinematográfico, pois era gerente do Cine Verdi, poderia estar interessado no negócio. A venda foi feita, com o novo proprietário pagando a dívida contraída em parcelas mensais, com a renda do próprio cinema, adquirindo o terreno, o imóvel e seus equipamentos; o contrato definitivo de compra e venda foi lavrado somente em 27/02/1943.

A Empresa João de Almeida funcionou o cinema com o nome de Rui Barbosa até 08/12/1959, quando encerrou as atividades cinematográficas, definitivamente, para concluir as obras de reestruturação e ampliação do prédio iniciadas em meados de 1955 e paralisadas em 1956.

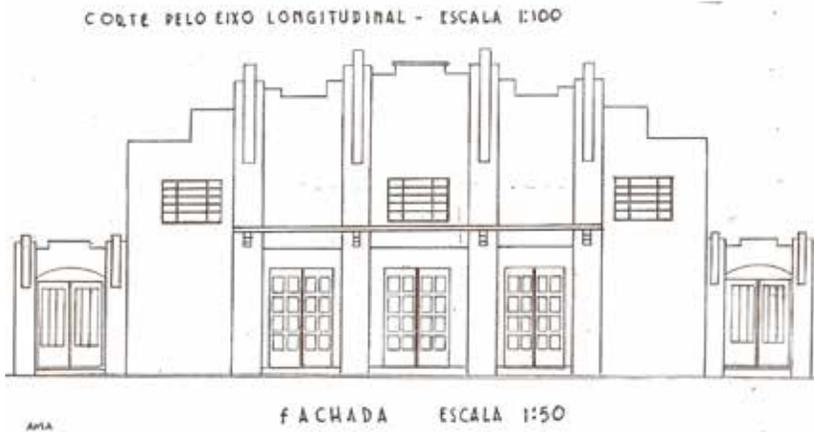


1ª prestação do Cine Rui Barbosa paga por João de Almeida

Características do prédio do “Rui Barbosa”

Antonio Marcos de Almeida conta que conheceu cada pedaço do Cine Rui Barbosa, depois que ele passou a ser propriedade do seu pai João, pois diariamente estava lá, depois de sair do seminário. Por isso, ele se lembra perfeitamente de como era esse cinema, recordando que o prédio foi construído especialmente para cinema, nos anos de 1938 e 1939, em alvenaria, com tijolos de boa qualidade, paredes externas com tijolos à vista, sem revestimento com reboque. Contava com poltronas de madeira (pioneiro na cidade), dois projetores modernos, evitando-se a interrupção da projeção, quando da troca das partes do filme, conforto para o espectador, etc. Situa-se à Rua Rui Barbosa, 66/68 (número antigo).

Fachada – As paredes eram revestidas de reboque e pintadas. Três largas portas de madeira almofadada davam acesso ao salão, além de dois portões laterais, para saída nos corredores externos. De frente o prédio media 19,70 metros e 31,11 metros da frente aos fundos. Sobre as portas principais havia uma marquise de concreto com 9,10 metros de comprimento por 1,73 metro de largura, ficando fora somente os dois portões laterais. Sob a marquise havia lâmpadas para a iluminação. Na parede, acima dessa marquise, existiam três vitrôs, sendo um central, que servia à cabine de projeção e outros dois laterais, um de cada lado; na parte interna destes vitrôs havia um forro preto para vedar a claridade durante a sessão diurna (matinê). Sobre a marquise, letras confeccionadas em cimento identificavam o cinema: Cine Rui Barbosa. Sobre a marquise foram instalados dois alto-falantes, um de cada lado, para propagandas de firmas locais e filmes, além das músicas executadas na sala de projeção. Em 1943, estes alto-falantes foram retirados pela empresa que substituiu os proprietários a João de Almeida.



Corte pelo Eixo Longitudinal da fachada do prédio do Cine Rui Barbosa

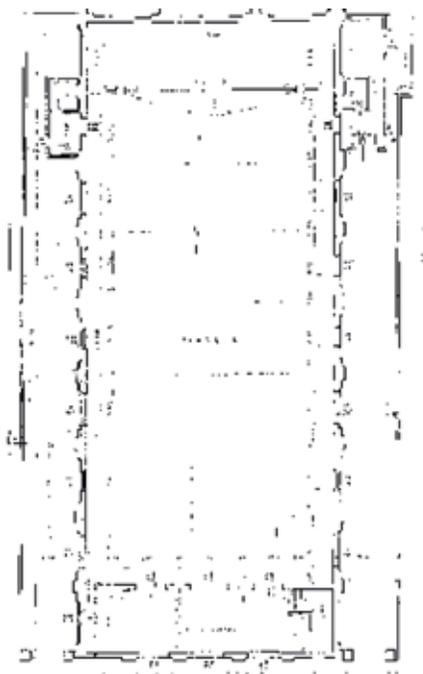
Sala de espera – A Sala de espera compreendia toda a extensão frontal do prédio, com aproximadamente 10,00 de comprimento excetuando-se a dos corredores externos, com largura de 3,00 metros, piso de ladrilhos pretos e brancos e portas, em número de três com frente para a rua e três internas com acesso à sala de projeção, tendo, do lado direito a bilheteria, com dois guichês e, no lado esquerdo, um pequeno vitrô, situado na outra extremidade da sala, em frente a bilheteria. Posteriormente, após a venda do imóvel para João de Almeida, duas dessas portas de acesso à sala de projeção foram fechadas, ficando somente a central em uso, servindo para a entrada e saída dos frequentadores; cortinas verde-musgo revestiam essas portas. Quadros com propagandas dos filmes, cartazes e fotos dos próximos lançamentos foram instalados sobre essas portas.

Nas portas externas eram colocadas grades móveis de madeira, permanecendo abertas durante todo o dia, possibilitando a visão do material de propaganda do filme do dia (cartazes e fotos) além daqueles anunciados para exibição em breve, permitindo a entrada e saída de funcionários, para entrega das tabuletas com o programa do dia, receber ou despachar filmes, trocar materiais de propaganda e outras atividades correlatas.

Bilheteria – Do lado direito, situava-se a bilheteria, localizada sob a escada de acesso ao balcão (“poleiro”) e à cabine

de projeção. Mais tarde, colocou-se na bilheteria uma pequena mesa de madeira, onde ficavam os ingressos, o troco e dinheiro arrecadado. Neste recinto também havia um armário, onde se colocavam os materiais de publicidade dos filmes, tintas e outros, além de um cofre de aço da marca “Nascimento”, adquirido na administração João de Almeida. Na frente da bilheteria havia um cavalete de madeira fixo no piso; servia de guia para organizar a fila para a aquisição das entradas, evitando-se, assim, a aglomeração de público.

A parte fronteira da bilheteria era de madeira envernizada e vidros; continha uma porta central e duas portinholas (guichês), uma de cada lado, abertas por dentro, através de pequenas tramelas, usadas para a venda dos ingressos. Sobre esta parte de madeira e a laje do teto ficava um espaço aberto, usado para a ventilação, sendo, por volta de 1957, fechado com um painel com propaganda de filmes. Ao lado da bilheteria havia uma escada de alvenaria para acesso à parte superior, ou seja, ao balcão (“poleiro”) e à cabina de projeção.



Planta térrea do Cine Rui Barbosa, com a Sala de Espera e a Plateia

Sala de Projeção – Amplo salão, com 24,18 metros de comprimento por 12,65 metros de largura, com piso de madeira (assoalho); na frente situava-se o palco com a tela ao fundo, pintada na parede. Na boca de cena havia uma cortina de cor amarelada, contendo propagandas de firmas locais. Esta cortina só era fechada nos dias de espetáculo de palco. Ao lado do palco, situavam-se os sanitários: à direita, o masculino e à esquerda, o feminino. Nas laterais do salão havia ainda três largas portas de madeira, alternadas com três venezianas de cada lado, fechadas com trancas de madeira por dentro, permitindo acesso aos corredores laterais externos. No verão, estas portas e janelas permaneciam abertas para melhor ventilação, pois não havia aparelhos de ar (ventiladores). O forro era de madeira pintada na cor cinza.

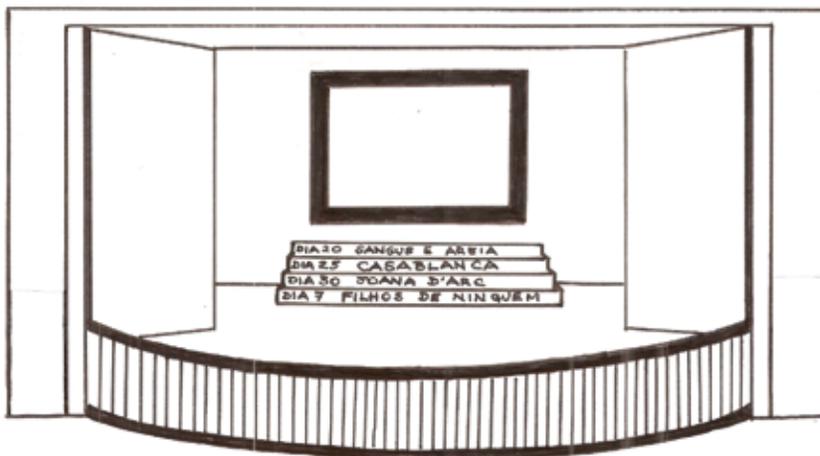
Para acomodação dos usuários, havia cerca de 400 poltronas de madeira, marca “Cimo”, com assento móvel, unidas de 5 em 5, distribuídas em quatro alas, com um corredor central e quatro laterais. O “Rui Barbosa” foi o primeiro cinema de Salto a instalar poltronas, com assento móvel, no lugar das incômodas cadeiras até então usadas nos demais cinemas da cidade. Quando da inauguração do cinema, desconhece-se como era a distribuição das poltronas, mas possivelmente não existiam as fileiras compostas de cinco delas cada, não eram fixas no soalho, mas soltas, pois costumava-se na época usar os salões dos cinemas para a realização de bailes e outros eventos, após as sessões cinematográficas, como ringue de patinação, por exemplo, conforme noticiário dos jornais da época.

Posteriormente, além das poltronas citadas, no início das reformas do prédio em 1956, foram instaladas cerca de 150 cadeiras, unidas por sarrafos de madeira prendendo umas às outras, em fileiras também de cinco cadeiras cada, instaladas em dois lances, separadas por cinco corredores, sendo um central e quatro laterais, devido a parte nova do salão ser mais larga que a anterior. Nas paredes internas do salão costumavam-se colocar cartazes dos próximos lançamentos.

Palco – O palco do “Rui Barbosa” era apropriado também para a realização de espetáculos teatrais. Na boca de cena havia uma cortina de cor amarelada, aberta e fechada manualmente,

onde se encontravam pintadas propagandas de firmas comerciais da cidade. Essa cortina era usada somente nos dias de espetáculos teatrais, permanecendo aberta quando dos espetáculos cinematográficos, pois a tela ficava no fundo do palco, pintada na parede. Sob o palco, havia um porão, usado para pintura das tabuletas de propagandas dos filmes, depósito de materiais diversos, etc., e, em dias de espetáculo teatral, servia como camarim para os artistas e espaço reservado para o “ponto” nas peças teatrais. Este porão servia de alojamento para funcionário, quando necessário, como era o caso do Ivo Dionísio, o famoso “Bastião Raposa”.

No palco, além da tela com cerca de 4,00 metros de largura por 3,00 metros de altura, pintada na parede do fundo, havia cortinas (coxias) verde-escuro de cada lado. Na gestão João de Almeida, na frente da tela, foi montado um estaleiro de madeira em forma de degraus onde eram anunciados os filmes, tendo ao centro, atrás do estaleiro, um grande alto-falante. Para o acesso ao palco, usava-se uma pequena escada de madeira com quatro degraus.



Palco do “Rui Barbosa” anunciava as próximas atrações

Balcão ou “Poleiro” – Situava-se na parte superior da sala de espera, dividido em dois setores (esquerda e direita), separados um do outro pela cabine, comunicando-se através de um corredor que passava pela frente da cabina de projeção.

Este balcão era pequeno, com cerca de 50 cadeiras, normalmente ocupadas por frequentadores assíduos, casais de namorados ou pessoas que gostavam de assistir aos filmes num “escurinho mais aconchegante”, ou porque a visibilidade era melhor, ou ainda, porque gostavam de promover bagunça, atirando amendoins e outros objetos no pessoal que se encontrava na parte inferior, ou seja, no salão.

O problema do pessoal que usava este recinto era a obrigatoriedade de se abaixar ao passar em frente ao foco da projeção das máquinas quando se dirigia ao setor esquerdo da cabina, após o início da sessão, o que nem sempre acontecia, pois “inocente ou distraidamente” ao passarem obstruíam a projeção, causando reclamações e assobios dos demais espectadores, além de levarem “aquela bronca” dos operadores pelos visores da cabina. Muitos gostavam de colocar suas cadeiras no corredor, No balcão não existiam poltronas, somente cadeiras. Na frente do balcão, servindo de proteção aos frequentadores, havia um gradil de madeira em toda a extensão.

Cabine de projeção – Foram instalados, quando da inauguração do novo cinema em 16 de julho de 1939, como informou a imprensa local na ocasião, dois possantes aparelhos da marca “Centaur”, que funcionavam, alternadamente, sem interrupção na projeção (novidade para a época), além de outros equipamentos necessários para o funcionamento do cinema, como mesa de alvenaria onde ficavam a enroladeira, a coladeira de filmes, além das partes do filme a ser exibido, jornal nacional, desenhos, etc., sendo a parte inferior usada como depósito de filmes. Também se achavam instalados no recinto o amplificador de som, vitrola para música ambiente, além de um retificador de corrente para a alimentação do carvão das lanternas, etc. Na época dos Silvestre, no mês de agosto, mais ou menos um mês após a inauguração do cinema, foi instalado um microfone, usado para anunciar propagandas comerciais, além da programação do cinema. O locutor era nada mais nada menos que o filho do Sr. Alexandre, o J. Silvestre (o moço Silvestre), que com sua possante voz executava com maestria os anúncios.

Funcionários da época alegam ter trabalhado na cabina do cinema em aparelho de projeção de outra marca (Byington) e não somente nos citados “Centaurus”. Esta informação, segundo Chiquito Guarnieri, é verdadeira, pois um dos “Centaurus” foi substituído por outro aparelho, possivelmente usado, devido a dificuldade financeira da Empresa J. Silvestre na época. Em 1942, quando o cinema foi adquirido por João de Almeida, esses aparelhos ainda existiam, funcionando até por volta de 1948, quando foram substituídos por outros mais modernos e possantes da marca RCA Victor, importados dos Estados Unidos, sendo os projetores retirados transferidos para outros cinemas do empresário, situados na Fazenda Conceição, no Morro Vermelho e na Fazenda Capoava, no município de Porto Feliz. Na cabine eram ainda guardadas pontas de carvão que eram doadas aos canteiros da cidade para riscar pedras, além de pedaços de filmes arreventados ou estragados, retificadores de corrente, dois amplificadores de som, estabilizador de voltagem, um toca-discos no qual eram tocados discos de 78 r.p.m. que se quebravam com muita facilidade, um gongo elétrico para anunciar o início da sessão, acionado da cabina pelo operador, substituindo a música usada como prefixo.

Projetores – No “Rui Barbosa” os dois projetores instalados quando da inauguração do cinema em 1939, eram da marca “Centaurus”, sendo um deles substituído mais tarde, ainda na administração J. Silvestre, por outro da marca Byington, funcionando daquela data até 1948, quando foram substituídos por outros da marca RCA Photophone Brenkert, adquiridos naquele ano pela Empresa João de Almeida, importados dos Estados Unidos e com garantia de seu fabricante.



Projektor RCA Victor do Cine Rui Barbosa, em 1948

“O Ébrio” foi grande sucesso de bilheteria e de público

Um dos filmes de maior sucesso no tempo do “Rui Barbosa”, exibido em fevereiro de 1951, foi “O Ébrio”, com Vicente Celestino, Alice Archambeau, Rodolfo Arena, Walter D’Avila e outros, lotando o cinema de tal maneira que nesse dia foi preciso fechar as portas da rua e abrir as cortinas que davam acesso à sala de projeção, tal a afluência de público que lotou até a sala de espera do cinema, testemunha **Antonio Marcos**.

Em virtude desse sucesso, o cinema voltou em várias ocasiões a rerepresentar esse filme, que, aliás, foi sucesso também na televisão, sendo o que maior audiência obteve nas décadas de 1960 e 1970, seguido por um jogo do Brasil na Copa do Mundo e pelo programa do saltense Jota Silvestre “O Céu é o Limite”.



Nenhum filme superou o sucesso de “O Ébrio”, segundo Antonio Marcos

Inauguração do CinemaScope, com “O Egípcio”

Em 1956, após o surgimento do novo processo cinematográfico de projeção, o CinemaScope, a Empresa precisou efetuar modificação em seus equipamentos, inclusive objetivas especiais e tela. Da Companhia Black – Importação e Exportação, em 02/04/1956, foram adquiridas duas objetivas anamórficas, da marca Bell & Howell de ótima qualidade, projetando excelente imagem; tela nova, especial para CinemaScope, confeccionada em plastinil de 3 mm de espessura, costura eletrônica, no tamanho 13,00 metros de largura por 6,50 metros de altura, num total de 84,50 metros quadrados, montada sobre madeiramento próprio, curvatura apropriada para a projeção no novo sistema, sendo a inauguração marcada, inicialmente, para o dia 8 de abril de 1956, quando deveria ser apresentado o filme pioneiro no sistema CinemaScope, “O Manto Sagrado”. Mas somente em 29 de abril desse mesmo ano é que os saltenses puderam assistir pela primeira vez a maravilha do CinemaScope, com a apresentação do filme “O Egípcio”, estrelado por Victor Mature, Jean Simmons, Gene Tierney, Peter Ustinov e Edmund Purdom, produzido pela 20th Century Fox, que encantou a todos.

A tela CinemaScope inicialmente foi montada em frente ao palco existente e, quando da reforma do cinema, foi armada sobre cavaletes de madeira especiais que a mantinham esticada e com a curvatura ideal para a projeção no novo sistema. Essa mesma tela foi usada também após a reforma no “São José”, com as modificações que se fizeram necessárias, sendo mais tarde substituída por outra mais moderna e eficiente.



“O Egípcio”, foi o primeiro filme em CinemaScope exibido no “Rui Barbosa”

Superscope – Em 27 e 28 de janeiro de 1957 a Empresa João de Almeida inaugurou mais um sistema de projeção que entrara no mercado cinematográfico, o Superscope, exibindo o filme “O Alforge do Diabo” (Underwater), da RKO, estrelado por Richard Egan, Jane Russell e Gilbert Roland, em technicolor. As objetivas usadas na projeção deste processo eram as mesmas usadas para a exibição dos filmes em CinemaScope.

Vistavision – Após o lançamento do CinemaScope mais um processo cinematográfico foi lançado no mercado. Esse novo sistema dava maior nitidez às imagens, destacando-se também os fundos das cenas, devido a uma filmagem com maior ângulo, pois em algumas cenas, o fundo ficava menos nítido. Para a exibição desse tipo de filme, chamado Vistavision, também eram necessárias objetivas apropriadas, de melhor qualidade, para também destacar a projeção, pois a imagem projetada era maior que a comum (panorâmica). A Empresa adquiriu essas novas objetivas e em data de 6 de outubro de 1957 exibiu o primeiro filme nesse sistema para a plateia saltense: “Ladrão de casaca”, estrelado por Cary Grant, Grace Kelly, Jessie Royce Landis e John Williams, com direção do “mestre do suspense” Alfred Hitchcock, um filme cheio de mistério, intriga e romance.



Superscope e Vistavision, outros dois processos cinematográficos



As objetivas panorâmicas, para CinemaScope e Vistavision

Preocupação com a aparelhagem de som do cinema

A aparelhagem de som, quando os amplificadores instalados eram alimentados através de válvulas, frequentemente apresentava defeito como, aliás, todo e qualquer aparelho eletrônico. Na cabina existiam dois amplificadores, sendo um reserva. A manutenção era periódica, mas, nas emergências, nem sempre era possível a reparação de imediato. Segundo **Antonio Marcos**, o técnico encarregado da manutenção era de São Paulo e, sempre que se fazia necessária sua presença, era chamado. Quantas vezes – lembra ele – o técnico chegava no horário da sessão noturna e iniciava o reparo durante a projeção. Após o término desta, em muitas ocasiões ele e seu pai João de Almeida ficavam até as 2 ou 3 horas da madrugada, acompanhando a manutenção ou reparação da parte afetada, para que, no dia seguinte, o espetáculo prosseguisse normalmente.

Muitas vezes surgiam reclamações nos jornais locais, dizendo que o alto-falante do cinema estava “roncando”, mas **Antonio Marcos** explica que o problema não era nele e sim no sistema de som (movietone) originado por causas imprevistas, como defeito em válvulas ou riscos na gravação do filme.

Dificuldades no início para conseguir filmes

João de Almeida, após adquirir os direitos e tomar posse definitiva dos equipamentos, móveis, prédio, etc., do Cine Rui Barbosa, passou por grandes dificuldades em conseguir filmes

de algumas distribuidoras, como a RKO, por exemplo, devido a débitos dos Silvestre, cujos valores eram bastante elevados. Somente após longo período é que a nova empresa conseguiu renovar contratos para a exibição dessa marca, pois não concordavam em fornecer filmes sem que os débitos anteriores fossem liquidados. A nova Empresa nada tinha a ver com os débitos pendentes, passando a ser responsável apenas pelos filmes por ela negociados e após assumir o cinema.

“Sessão das Moças” – Para melhorar a receita o proprietário do cinema tinha que criar formas de arrecadar mais e uma das medidas tomadas foi a criação de uma “Sessão das Moças”, que acontecia às quintas-feiras, com uma programação adequada, procurando trazer filmes de interesse da classe feminina, fazendo com que os homens também comparecessem, devido à presença de tantos “brotos” da cidade. Com o passar do tempo esta sessão foi abolida devido à falta de filmes adequados e por falta de interesse dos frequentadores.

Sessões na semana – Aos domingos eram realizadas duas sessões, às 19h e 21h15, quando era exibido um filme, reprisado na segunda-feira e, com raras exceções, até nas terças. Às terças e quartas era apresentado novo programa, às vezes duplo, e com episódio inédito de um seriado. Às quintas, numa época, acontecia a “Sessão das Moças”, cujo filme era também exibido na sexta-feira. Aos sábados, exibia-se o jornal nacional, o Fox Movietone, short ou desenho, trailers dos filmes da semana, o programa do dia e um episódio inédito de seriado, seguido, religiosamente, por todos os fãs, que não perdiam um só episódio, tentando descobrir durante a semana como o “mocinho” ou a “mocinha” iriam escapar do perigo em que “parou” o episódio exibido. Todo episódio do seriado terminava com o célebre chavão: “Voltem na próxima semana”.

Antonio Marcos lembra que os fãs dos seriados sabiam até a cena que estava no “quadrinho” do material de reclame do seriado, colocado nas tabelas na entrada do cinema. A semana parecia demorar demais para passar, tal a ansiedade com que era aguardada a chegada do sábado seguinte, para ver a continuação do seriado. Nas matinês, aos domingos, às

14h15, era exibido o mesmo programa do sábado, incluindo-se um desenho, normalmente, do “Super Homem” da Paramount, sempre numa nova aventura do herói, que, como humano, era o repórter Clark Kent, do “Planeta Diário”, transformando-se no poderoso “Super Homem” para defender o planeta dos invasores e dos inimigos. A seguir era exibido o filme ou filmes programados e, no final, o tão aguardado episódio do filme em série.



Nas matinês eram apresentados os filmes do “Super Homem”

Filas – Antonio Marcos relata que as filas para a compra de ingressos para a sessão das 19 ou 19h15 aos domingos já começavam a se formar a partir das 18h, pois cada um desejava sentar-se no seu lugar preferido. “Quantas vezes ainda estava sendo terminada a limpeza do salão, após a matinê e já havia pessoas na fila”, diz ele. Esses lugares, geralmente, eram sempre os mesmos e como os espectadores eram assíduos, quando alguém os procurava ou precisava dar um recado urgente, eram facilmente localizados. “Como era gostoso ver famílias inteiras frequentando o cinema com assiduidade, fazendo do cinema um local de lazer obrigatório, às quintas-feiras, sábados e domingos”, recorda saudoso o filho do proprietário.

Quando o filme era “muito bom”, com artistas de renome, essas filas ficavam enormes. Bastava no elenco do filme constarem John Wayne, Charlton Heston, Burt Lancaster, Gregory Peck, Kirk Douglas, Humphrey Bogart, Ava Gardner,

Grace Kelly, Rita Hayworth, Marilyn Monroe, Tyrone Power, Brigitte Bardot, Errol Flynn, Gary Cooper, Yul Brynner, Robert Taylor, Glenn Ford, Marlon Brando, James Stewart, Elizabeth Taylor, Sophia Loren, Bette Davis, Libertad Lamarque e tantos outros, além dos astros nacionais Anselmo Duarte, Oscarito, Grande Otelo, José Lewgoy, Eliana, Zé Trindade, Ankito, Mazzaropi, Simplício, entre outros, que o cinema lotava logo, obrigando a suspender a venda de ingressos, liberando-os somente para a segunda sessão. Para a segunda sessão, às 21h15, a partir das 20h30 já começa a vinda de pessoas querendo adquirir seus ingressos.



*Grandes nomes do cinema internacional
e nacional atraíam grande público*

Televisão – Com o advento da televisão, muitos deixaram de frequentar os cinemas para ficar em casa assistindo seu programa preferido, pois os filmes começaram a se tornar menos atrativos, sem se falar da dificuldade financeira, fazendo com que escolhessem os filmes com os artistas de suas preferências.

Em Itu – As pessoas que gostavam mesmo de cinema costumavam frequentar também cinemas de Itu, onde iam assistir à primeira sessão e voltavam a Salto para assistir a segunda sessão no Rui Barbosa ou vice-versa.

Era comum o cinema local exibir um bom filme, que era exibido em Itu no domingo seguinte, o mesmo acontecendo inversamente.

Programas duplos eram apresentados aos sábados

Quando **Antonio Marcos** iniciou a participação na programação dos filmes, ele procurava selecioná-los com carinho, embora muitas vezes não fossem os desejados, devido à falta de cópia ou por motivos alheios à sua vontade. Isso era feito inicialmente com a ajuda do seu pai, até aprender como escolher o programa que melhor agradasse ao público. Ele lembra: “Aos sábados, durante muito tempo, foi exibido programa duplo, sendo um filme inédito e uma reprise (filme que fizera sucesso quando da primeira exibição), procurando agradar a todos os gostos, uma vez que muitos não os tinham assistido quando da primeira apresentação na cidade. Éramos muito criticados por essa atitude, mas somente assim se podia exibir um programa duplo, por tratar-se de filmes da mesma distribuidora. Não se podia exibir dois filmes inéditos da mesma distribuidora, uma vez que eram filmes pagos que levavam em conta a porcentagem”.

Prossegue afirmando que “muitos chegaram a nos elogiar pela melhora nas programações do cinema, mas também muitos nos criticaram. Nunca conseguimos contentar a todos. Éramos criticados pela imprensa local pela exibição de reprises. Como existiam muitas distribuidoras com que trabalhávamos, era difícil estar em dia com os lançamentos delas, devido faltarem datas e cópias dos filmes para serem exibidos. A programação era feita dividindo-se as datas entre as distribuidoras, a fim de serem exibidos gêneros de filmes diferentes”.

Ele cita que a concorrência com outros cinemas da cidade e de cidades vizinhas também prejudicava em muitos casos, pois, eles queriam forçar as distribuidoras com que o cinema saltense trabalhava a fornecer-lhes filmes para a exibição em seus cinemas, argumentando que tinham mais salas de exibição, enquanto o de Salto tinha somente uma. “Houve uma ocasião – relata **Antonio Marcos** – em que filmes contratados e anunciados para sua exibição no ‘Rui Barbosa’ foram cancelados pela distribuidora e exibidos no cinema do concorrente. Isto aconteceu

com o filme ‘Alexandre, o Grande’, estrelado por Richard Burton, Fredric March e Claire Bloom, entre muitos outros, que já estavam contratados e programados para exibição e a Distribuidora United Artists os cancelou, exibindo-o no cinema do concorrente. O mesmo fato ocorreu com o filme ‘Os Sobreviventes dos Andes’, distribuído pela Pel-Mex, cujo concorrente o exibiu, mesmo sem ter contrato com a distribuidora. Esse fato gerou o cancelamento dos demais filmes dessa distribuidora programados para o ‘Rui Barbosa’ por parte do meu pai”.

Quando os filmes eram de distribuidoras diferentes ou pelo preço fixo (valor contratado entre as partes), poder-se-ia exibir dois filmes inéditos, dependendo sempre das condições dos contratos anteriormente feitos. Para os filmes com preço contratual fixo, as datas das exibições eram livres, podendo o exibidor programá-los nas datas que melhor lhe conviesse, o que não ocorria com os filmes baseados na porcentagem, nos quais as datas e a quantidade de dias eram previamente determinadas entre as partes e principalmente pelas distribuidoras,

“O Trabalhador” apresentava a Orientação Moral dos Espetáculos

O jornal “O Trabalhador” publicou durante vários anos a Orientação Moral dos Espetáculos, no que se refere aos filmes exibidos na cidade. Fazia um pequeno resumo da película e depois dava sua orientação que poderia ser seguida ou não pelos pais e pelas demais pessoas. Vejam alguns exemplos:

“O Sabichão”, com Cantinflas, no Cine Verdi: Com objeção a menores;

“A Maldição da Montanha”, com Spencer Tracy: Com objeção às crianças;

“Serenata no México”, com Rosita Quintana e Luiz Aguilar: Para todos;

“Se Voltasses para mim”, da Pelmex: Tolerável para adultos;

“Lágrimas do Céu”, com Burt Lancaster: Para todos;

“Rei vagabundo”, com Kathryn Grayson: Com objeção às crianças;

“As Aventuras de Omar Khaiyan”, com Cornel Wilde: Para adultos;

“Trindade violenta”, com Charlton Heston: Nociva para alguns menores;

“A Descarada”, com Jane Russel e Richard Egan: Para adultos, com reservas;

“Tarde demais para esquecer”, com Gary Grant e Debora Kerr: Para todos;

“A Última carroça”, com Richard Widmark: Com objeção a menores;

“Sem lei e sem alma”, faroeste: Com objeção a menores;

Observação: às vezes o jornal publicava cotações morais dos filmes, sem outros comentários, Constava apenas uma frase:

“Quem pratica a religião e frequenta filmes perniciosos é incoerente”.



“Tarde demais para esquecer” mereceu aprovação “para todos”

Comerciante oferecia dois dias de cinema de graça para o povo

Em julho de 1959, o comerciante José Pedro Barudi ofereceu, durante dois dias, cinema de graça para a população sal-tense, no Cine São José. Foram dois filmes de “O Gordo e o Magro”, exibidos sem cobrança de ingresso, pelo comerciante proprietário da Casa Santa Maria, que funcionava na Rua Dr. Barros Jr., proximidades da Rua 9 de Julho.

A iniciativa foi elogiada pelo jornal “Taperá”, que afirmou que “o gesto do proprietário da Casa Santa Maria nos sensibilizou, porque sabemos que centenas de famílias modestas não podem frequentar cinemas, em virtude dos altos preços das entradas. A atitude do Sr. Barudi, aliás, pioneiro nessa iniciativa, torna acessível a todos a frequência aos cinemas, que é

também um veículo de cultura e instrução. Pena é que seu ato não seja imitado. Parabéns ao Sr. Barudi!”.

Uma curiosidade: certa feita o autor da gentileza foi protagonista de um filme nacional, o que foi motivo de uma reportagem com fotos, no jornal “Taperá”.

Filmes exibidos no Cine Rui Barbosa eram elogiados

Nem só críticas eram feitas aos cinemas locais. Às vezes a imprensa ou pessoas do povo faziam elogios, como aconteceu em algumas ocasiões com relação aos filmes exibidos no Cine Rui Barbosa:

Em 13 de janeiro de 1957, por exemplo, o dentista Antonio Maestrello (Dide), fazia um elogio à exibição do filmes “Carmen Jones”, inclusive fazendo comentários sobre essa história passional da Fox Filmes, com Dorothy Dandridge, que vive a principal personagem. “A esta grande película vem emprestar o maior brilho ainda, os mais belos trechos da ópera ‘Carmen’, numa execução brilhante da orquestra da Fox e com a participação vocal de grandes intérpretes da música lírica nos Estados Unidos”, escrevia Dide. Finalizava, afirmando: “Carmen Jones é, pois, um espetáculo digno de ser visto por todos. É um filme do Festival da Fox de 1956, que se apresenta em CinemaScope de luxo, by color e é muito mais ainda: é a música tórrida e vibrante de Bizet na sua mais notável e ousada versão com extraordinária adaptação cinematográfica” (“O Liberal de 13/01/1957”).



Elogios para o filme “Carmen Jones”, filme do Festival da Fox

Espectador X também fazia elogio a um filme exibido no Cine Rui Barbosa, “Eu chorarei amanhã”, relatando que “I’ll cry tomorrow” é o título original do filme da Metro, que conta uma história real, a de Lilian Roth, famosa cantora norte-americana, que encontrou na bebida sua desgraça. Vítima do desejo incontido e do orgulho desumano de sua mãe, que a todo custo queria ver a filha famosa, nada mais importando, Lilian (Susan Hayward) envereda pelo caminho perigoso do vício pelo álcool, o que a leva a abandonar sua carreira artística, quando estava no apogeu. Foge de tudo e de todos e, apesar de sua fama, não é reconhecida em lugar algum, o que a faz sofrer as maiores privações, vivendo como uma vagabunda qualquer. Ao final, já prisioneira da bebida, de quem não pode deixar, procura uma associação dirigida por ex-alcoólatras, que se dedica à cura dos seguidores de Baco. Nessa altura, o espectador fica em terrível angústia, pois o processo de cura faz com que a ex-famosa cantora sofra horrivelmente, para que seu vício seja curado. Consegue-o com sacrifícios e tudo termina bem”. Termina parabenizando o “Rui Barbosa” pela apresentação desse filme, “que recomendamos, sem vacilar, ao público saltense. É uma grande produção da Metro”. (“O Liberal” de 12/04/1959)



“Eu Chorarei Amanhã”: também era elogiado

Em sua coluna, “Coquetel de Notícias”, E.I.S. se refere a mais uma produção apresentada no Cine Rui Barbosa: “Recomendamos a todos o filme ‘Em cada coração uma saudade’. É uma película sadia, plena de romantismo e simplicidade”. Não deixa, porém, de dar uma cutucada no cinema: “Continua roncando e incomodando os espectadores, um dos alto-falantes do Cine Rui Barbosa”. (“O Liberal” de 03/05/1959).

Espectador X também elogiou o filme citado por E.I.S., “Em cada coração uma saudade”:

Bom, mas bom mesmo, é o filme que o Cine Rui Barbosa apresentará hoje em sua tela. “Em cada coração uma saudade” é um filme simples e sua história romântica coaduna-se perfeitamente com o desejo da maioria do público que gosta de películas desse tipo. O enredo do filme é baseado em episódios reais, verídicos, sucedidos a ancestrais da família do escritor que o historiou, Dale Eunson, que com sua mulher, escreveu o roteiro do filme em questão. Passa-se ele da seguinte forma: No ano de 1856, Robert Eunson (Cameron Mitchell), operário especializado em construções navais e sua jovem esposa Mamie (Glynis Johns), chegam ao povoado de Eureka, em Wisconsin, vindos de sua Escócia natal. Péssimas notícias os aguardavam. O tio de Mamie, que os convidara a vir, perdera sua cabana num incêndio. O jovem casal viu-se, então, em apuros, pois nada possuíam, nem mesmo amigos. Aceitaram, porém, o abrigo oferecido por um casal da povoação, até que construíssem sua cabana, no terreno herdado do tio de Mamie”.

A nota termina dizendo: “Em cada coração uma saudade” é um bom filme e não estaremos, dizendo isso, fazendo propaganda gratuita do cinema. Procuramos, isto sim, orientar o público indicando-lhe as boas e as más películas. Assistam “Em cada coração uma saudade” e verão que temos razão. (“O Liberal” de 03/05/1959).



“Em Cada Coração uma Saudade”: filme aprovado pelo Espectador X

“O Trabalhador” elogia um filme apresentado no “Rui Barbosa” em 3 de junho de 1956, mas faz uma restrição sobre a censura, que é esclarecida pelo **Antonio Marcos**:

O autor do comentário no jornal, após elogiar a película “Hajji Baba”, dizendo que se trata de um bom filme, tecnicamente, com cenários maravilhosos e os papéis principais perfeitamente desempenhados pelos conhecidos artistas John Derek e Elaine Stewart, “podendo ser assistido por todos aqueles que gostam de passar algumas horas de lazer, sentados numa poltrona de cinema”, mas assinala que esses que assistem devem ter “formação moral, não por inocentes crianças de 5, 8 até 12 anos, isso para não sermos tão exigentes, pois cenas amorosas das mais condenadas, de instante em instante eram motivo de olhares estatelado, dos menores que em grande número ali se encontravam. Embora não estivessem compreendendo nada, cremos que estavam aprendendo”. Acrescenta a matéria que “após assistirmos a película, tivemos a curiosidade de procurar junto aos cartazes de propaganda, e mesmo na bilheteria, dísticos que contivessem dizeres mais ou menos

assim: ‘Proibido até 16 anos’ ou ainda, ‘impróprio’, mas não encontramos senão este: ‘Para o espetáculo de hoje, ficam suspensas as entradas de favor’. Está claro, o dinheiro valia mais do que uma mentalidade sã. Porque instruir nossas crianças? Vamos destruir-lhes a moral e ganhar o seu dinheiro! Isso é o que interessa à maioria dos proprietários de casas de diversões, principalmente os cinemas”.

Comentário de **Antonio Marcos**: Quanto a esse comentário, publicado no Jornal “O Trabalhador”, por motivo de, nessa ocasião, estar estudando e residindo em outra cidade (São Roque), consultei o jornal especializado em lançamentos e dados cinematográficos “Cine Repórter”, que, em seu comentário, publicou que, em “As Aventuras de Haji Baba”, a censura era: “Proibido até 10 anos”. Portanto, os menores com idades acima de 10 anos, como os com 12 anos citados no comentário de “O Trabalhador” poderiam ter assistido a película.

Proprietário do “Rui Barbosa” cogitou construir novo prédio na praça central

O filho do Sr. João de Almeida, **Antonio Marcos** revela que, em junho de 1955, quando o prédio do Cine Rui Barbosa iria ser reformado, houve a cogitação de construir um novo prédio para o cinema, onde surgiria o Cine São José, na praça central da cidade, podendo ser encerrada as atividades do “Rui Barbosa”, quando ficasse pronto. Vejam o comentário dele:

Em meados de 1955, conforme alvará nº 499, de 02/06/1955, o Cine Rui Barbosa começou a passar por uma reestruturação total em suas instalações, visando apresentar mais conforto aos seus usuários, mesmo sem encerrar as suas atividades, isto é, funcionava em dias em que a obra não o impedisse, pois a construção se iniciou pelos fundos do prédio, seguindo em direção à frente do imóvel, onde estava localizada a cabine e fachada. Foi adquirida uma faixa de terreno nos fundos, a fim de ser aumentado o tamanho do novo cinema, por onde iniciou-se a construção do novo prédio.

A ideia inicial do seu proprietário era construir um novo cinema, próximo à praça da entrada da cidade [*atual Archimedes Lammoglia*], deixando o prédio da Rui Barbosa para mais

tarde reformá-lo, dotando-o de melhorias e a cidade de mais um cinema. Mas, devido a imprevistos, deixou-se esta ideia de lado, optando-se pela construção de um novo cinema aproveitando as instalações do já existente.

A firma contratada para a obra foi a Construtora Nagy & Nogueira Ltda., com sede na cidade de São Paulo. A obra, iniciada em 1955, foi paralisada em meados de 1956, devido às dificuldades surgidas com o engenheiro responsável, pela remessa irregular de materiais adquiridos pelo proprietário do cinema. O cinema então funcionava com uma parte nova e uma parte velha. A parte nova era mais larga e mais alta que a antiga.

Na parte nova, foi montada a tela sobre cavaletes especiais, construídos novos sanitários masculinos e femininos, colocado o forro com material especial (celotex), chapas impermeáveis sobre madeiramento próprio, com grades para ventilação e o piso de concreto com o declive já de acordo para uma boa visibilidade em qualquer ponto do cinema. Este último foi executado em todo o prédio, inclusive na parte ainda não reformada. As poltronas ficavam soltas sobre o piso, sendo colocadas mais cadeiras no salão, devido ao maior espaço da área recém construída.

Desta forma, o cinema funcionava normalmente, apesar da pouca comodidade aos seus usuários e sem previsão da conclusão das obras.

Pedidos de “letreiros mais devagar”

Antonio Marcos cita nesta obra alguns pedidos absurdos e impossíveis de serem atendidos, como ele cita:

Algumas vezes, durante as exibições dos filmes no “Rui Barbosa”, pessoas menos cultas ou com pouca escolaridade nos procuravam para pedir que o “letreiro” do filme fosse passado mais devagar, pois “não estava dando tempo para ler”. Como poderíamos atender a pedidos como esse, se o letreiro vinha inserido no filme, acompanhando a fala dos atores? Se o filme vinha “cortado” (com falhas de cenas), o letreiro também vinha faltando ou passava mais depressa.

A gravação do som vem inserida na cópia do filme e a parte é rodada no projetor com rotação correta e constante. Se essa rotação for alterada, a imagem fica mais lenta e o som fica

deturpado (a voz fica mais grossa). Como convencer o reclamante? Se fôssemos explicar-lhe isso, o filme terminaria sem que fosse entendida a técnica.

Muitas vezes mostramos a essas pessoas “in loco” como era a projeção do filme e do letreiro, levando-as até a cabine de projeção, mostrando-lhes um pedaço de filme e como era a projeção, o som e o letreiro.

Críticas ao “Rui Barbosa” em várias sessões de “O Liberal”

No jornal “O Liberal” era rara a semana em que não se falava do Cine Rui Barbosa. Geralmente eram críticas dos mais variados temas em várias sessões desse órgão de imprensa sal-tense, como “Coisas que acontecem”, “Uma gota por vez”, “Saiba que...”, “Segunda Página”, “100 Antídotos”, “Envenenando”, “Espectador X”, “Coquetel de Notícias”, “Ridendo Castigat Mores”, “Coisas que não deveriam acontecer”. O proprietário do cinema era sempre a vítima dos comentários publicados, muitas vezes injustamente.



Uma das colunas que faziam críticas aos filmes e aos cinemas era “Falando de Cinema”

Antonio Marcos dá algumas explicações: No que se referia ao defeito de aparelhagem, sujeira, inversão de partes e outros, atinentes ao funcionamento do cinema, até posso concordar, mas era sempre motivo para vender o jornal, pois quando faltava assunto para preencher o noticiário, qual o prato preferido dos “críticos”? O Cine Rui Barbosa e seu proprietário, lógico. Criticavam, também, a paralisação das obras, com piadas jocosas, sem saber o real motivo da mesma.

Entre os diversos noticiários publicados, citaremos alguns:

“Embora seja inacreditável, as reformas do ‘Cine Rui Barbosa’ estão adiantadas” (25/05/1955)

“Sabe da última? Noticia-se que as reformas do Cine Rui Barbosa estarão concluídas antes da construção do ginásio. Que bomba, hein?” (30/11/1958)

“E prossegue a reforma do Cine Rui Barbosa. Neste ano será colocada mais uma porta! (para que tanta pressa?)” (30/08/1959)

“Quando completarmos 5 anos de existência, o Cine Rui Barbosa vai levantar mais meio metro de paredes” (06/09/1959)

“Kass Cavel apresenta os melhores do ano: Melhor cinema: o Rui Barbosa; fechou para reforma” (24/01/1960)

“Além de outras, alegando que ‘acabou a verba para terminar a construção’, dizem por aí que o proprietário do ‘Rui Barbosa’ não tem os ‘cabrais para concluir as reformas” (Segunda Página – 16/11/1958), etc.

A defesa de **Antonio Marcos**: O problema da paralisação das obras não foi a falta de verba como muitos acreditavam, mas sim problemas com a firma construtora, desvio de material de construção, entre outros. O empresário possuía um caminhão próprio, usado para o transporte do material de construção por ele adquirido em São Paulo, material esse encomendado pelo engenheiro responsável pela construção do prédio e que era retirado naquela cidade e trazido para Salto. Em uma dessas viagens para retirar o material, o motorista perguntou ao empresário onde deveria descarregar o cimento trazido, pois em algumas das viagens esse material era descarregado em outra obra na cidade, também de responsabilidade do engenheiro. Dado o

alerta, o engenheiro concordou em acertar o material por ele retirado, mas como não tinha meios de saldar essa dívida, assinou diversos documentos e os entregou ao empresário. Assim sendo, o engenheiro em questão foi dispensado da obra, e pelo fato de ter adoecido, o empresário perdoou a dívida, inutilizando esses documentos, ficando sem ser reembolsado das despesas. Disto a imprensa local não ficou sabendo.

Além das críticas semanais, também criticavam os preços cobrados nos ingressos, não obediência à censura, gêneros dos filmes, procedência, etc. Criticavam o proprietário porque exibia filmes mexicanos (dramalhões) e da baixa qualidade dos filmes. O que mais os irritava é que queriam obrigar o empresário a exibir os filmes que eles achavam “melhores” ao invés do gosto do povo. De nada adiantava fazerem “listinhas” de filmes que não interessavam ao público. Se o povo gostava de certo gênero de filme, por que não exibi-lo? Foram raros os filmes por eles indicados que de fato agradavam o público, como, por exemplo, “Em cada coração uma saudade”, “Rififi”, “As diabólicas” e alguns outros raros.

Chegavam ao ponto de, a nosso ver, incitar o público mencionando o caso do Cine Rink de Campinas (“no Cine Rui Barbosa pode-se falar em Cine Rink, de Campinas?”) (09/11/1958).

Por acaso eles não usavam o jornal e também o entregador, que anunciava a venda do jornal nas ruas falando das críticas ao Cine Rui Barbosa? “O macaco olha o rabo dos outros, mas não o próprio”, diz um ditado popular.

Enfim, o que mais os irritava é que o povo, ao invés de achar certa as críticas do jornal, as ignoravam, alegando que o filme a ser exibido era bom.

O proprietário, por sua vez, lia as críticas e as ignorava, tal qual o povo.

Relato sobre a conclusão das obras de reforma

Antonio Marcos viveu os dias que antecederam a inauguração do Cine São José, em substituição ao Cine Rui Barbosa, que vivia seus últimos dias. É dele este relato:

Com meu retorno para Salto, em meados de junho de 1957, passei a ajudar papai no cinema, cujo prédio encontrava-se

metade reformado e o restante por terminar. Fui me enfiando sobre o funcionamento do cinema, pois o que eu conhecia até então era apenas assistir filme e nada mais, como a maioria das pessoas.

Em 1959, após muito estudo, resolvemos dar continuidade à reforma, com a finalidade de concluirmos a obra. Procuramos uma firma especializada de São Paulo, chamada “Swanso“, que preparou novas plantas e reiniciou os trabalhos. Infelizmente, também não deu certo, devido a problemas surgidos com a firma (não cumprimento do contrato firmado). Contratamos, então, a Construtora Ghezzi & Gun Ltda., de responsabilidade dos Srs. Genaro Ghezzi, construtor, e do Eng. Maurício Gun, para o término das obras.

Em 28/09/1959, conforme memorial descritivo protocolado sob nº 448, de 23/09/1959, aprovado em 08/01/1960, foi reiniciada a etapa final da construção. Os pedreiros contratados para a execução foram os Irmãos Demarchi que deram andamento, sendo mais tarde substituídos por outros, que seguiram até o final da obra, sempre fiscalizados pelo engenheiro Gun e pelo construtor Ghezzi.

Em 1959, papai trabalhava o dia todo na Cia. de Eletricidade de São Paulo e Rio e eu cursava a 4ª série do Ginásio Estadual “Prof. Paula Santos”. Como estudava somente no período da tarde, pela manhã preparava as lições e, assim que terminava, dirigia-me ao cinema para acompanhar o andamento da obra. Nesse ano, como a reforma atingiu a parte da sala de espera, era necessário estar tudo em ordem para o funcionamento do cinema à noite. Antes da sessão, cobríamos com tábuas as varetas abertas para os novos alicerces; a entrada para o salão era improvisada e a bilheteria cada dia era instalada em local diferente, dependendo do andamento das obras.

O operador na ocasião, Samuel Bueno de Oliveira, e eu passamos por grandes apertos, pois a antiga escada de alvenaria que dava acesso à cabine havia sido demolida, necessitando-se subir ou descer através de escadas de madeira, carregando latas de filmes e outros, além das máquinas ficarem instaladas no meio das caixas de madeira para as novas vigas de concreto, pois o piso da velha cabine ficava cerca de um metro abaixo do

novo piso. Tinha-se que passar por cima ou por baixo dessas vigas. Os interruptores de som das máquinas e da iluminação foram adaptados para funcionarem precariamente, isto é, pendurados, amarrados com arame, etc., até o último espetáculo do “Rui Barbosa”, em 8 de dezembro de 1959. O último filme exibido foi a reprise de “A mosca de cabeça branca”.

Após o encerramento das atividades, a construção partiu para a etapa definitiva; desmontou-se a cabine e os aparelhos foram remetidos para São Paulo, para uma reforma total, inclusive pintura. A laje da cabine pôde assim ser concretada, bem como a nova escada de acesso.

Em 1960, passei a estudar no “Regente Feijó” em Itu, cursando o Científico, pois este curso ainda não existia aqui em Salto. Como estudava também no período da tarde, pela manhã preparava as lições e, em seguida, dirigia-me ao cinema para acompanhamento das obras. Retornando de Itu, pelas 17h30, após o jantar, ia com papai e o Bertinho (Norberto Gilberti) para demolirmos as paredes do antigo “Rui”, limpar os tijolos por estarem perfeitos (se não me engano, continham as iniciais “L.R” – Luiz Roncoletta) e empilhá-los nos andaimes para adiantar o serviço dos pedreiros no dia seguinte.

A parede que demolíamos era a que ficava dentro do novo prédio, pois a que estava sendo erguida para o novo cinema ficava a três metros desta (o prédio novo foi construído sobre o antigo cinema), o que não prejudicava o serviço dos pedreiros.

O madeiramento retirado do telhado, por tratar-se de madeira de excelente qualidade e estado de conservação, foi encaminhado a uma serraria, que o transformou em cerca de 100 m² (cem metros quadrados) de tacos, assentados no corredor central do novo cinema, adquirindo-se na cidade a metragem restante (cerca de 800 metros quadrados). Todos estes tacos eram pichados durante o dia, um a um, colocado pedrisco e à noite pregávamos pregos em forma de “L” para dar uma melhor fixação no novo piso. Esse serviço ia das 18h às 22h, diariamente.

O término da obra estava previsto para seis meses no máximo, mas foi só destelhar o prédio velho, que o mau tempo (chuva) pegou firme durante bons meses, atrasando o serviço

em geral por mais 4 meses; os pedreiros podiam trabalhar somente na parte coberta. Foi terminar o serviço de cobertura do novo prédio assim que a chuva passou. Daí para a frente foi apertar o passo para terminar a obra.



O prédio maior, à esquerda, em foto tirada na época da reforma do Cine Rui Barbosa

Enquanto isso, os jornais, principalmente “O Liberal” continuavam criticando:

“Admitindo como exato o dito ‘em casa de enforcado não se fala em corda’, Kass Cavel pergunta, então, se: ... no Cine Rui Barbosa pode-se falar no Cine Rink, de Campinas? ... no Cine Verdi pode-se falar em torcicolo? ... no Cine São Francisco pode-se falar em miopia?” (“O Liberal” de 09/11/1958).

“Se quiseres assistir a um filme no Cine Rui Barbosa, será necessário usar ... guarda-chuva ... Dizem por aí que a construção do Rui Barbosa será moderníssima! Pois sim, quando o proprietário terminar, o modernismo da mesma estará no passado. (“O Liberal” de 09/11/1958)

“Dizem que as novas instalações do Cine Rui Barbosa serão inauguradas com o filme ‘A Copa do Mundo de 1962’” (“O Liberal” de 26/07/1959).

(Pena que a previsão do Kass Cavel não se realizou, pois a inauguração do novo prédio se deu em 3 de setembro de 1960).

A imprensa se curva e reconhece que Salto teria um grandioso cinema

Sob o título “Em Salto o mais moderno cinema do interior”, de autoria de Bluf, o jornal “O Trabalhador” se curvava à realidade e reconhecia que Salto estava prestes a contar com um dos melhores cinemas do interior paulista:

“Quando solicitamos, dias atrás, uma entrevista ao proprietário do Cine Rui Barbosa, Sr. João de Almeida, estávamos longe de imaginar a grandiosidade da obra que o mesmo está projetando a qual nos apressamos em levar ao conhecimento do público, certos de que esta notícia constituirá um motivo de satisfação geral.

Muito bem recebidos pelo Sr. João de Almeida, com o qual palestramos longamente – tendo-nos exibido plantas, memoriais e prestado amplos esclarecimentos – podemos informar detalhadamente os nossos leitores acerca do plano que nas afirmações dos próprios construtores – da Sociedade Construtora Nagy & Nogueira Ltda., de São Paulo – dará a esta cidade o mais moderno cinema do interior paulista.

O edifício constará de quatro pavimentos destinando-se o andar térreo ao cinema. Ele terá dois planos, comportando ambos mil e cem espectadores e será dotado de sistema especial de ventilação. O espaço livre para as poltronas será de 30 por 13 metros e o balcão abrangerá uma área de 17 por 19 metros, ficando suas extremidades laterais por sobre os corredores internos, os quais terão todo o comprimento do primeiro plano. A entrada, antecedendo a sala de exibição, um vestíbulo com as bilheterias e ainda espaçosa sala de espera.

Uma das últimas inovações introduzidas nesse gênero de casas de diversões, a tela panorâmica, será instalada no novo cinema. Medirá 12 metros de largura, tomando todo o palco. Iluminação: profusa e indireta. No primeiro andar será localizado moderno e amplo restaurante, salas de estar e espera, dependências sanitárias, etc.

O segundo e terceiro andares serão ocupados pelo hotel. Vinte e cinco ou trinta confortáveis dormitórios e todas as dependências que a técnica moderna aconselha para estabelecimento de hospedagens estarão reunidos nessa parte do prédio.

A área total construída será de 2.000 metros quadrados e o edifício terá toda a estrutura de cimento armado. Parte do material necessário a esse trabalho (ferro e cimento) já foi adquirido: o custo total está previsto em aproximadamente 3.700.000 cruzeiros, e só o enunciado dessa importância, naturalmente, já nos dá uma ideia da grandiosidade da obra.

Conta o Sr. Almeida, dar início a construção ainda neste mês de maio – salvo algum imprevisto – estando já providenciando o encaminhamento, as repartições competentes, de toda a documentação necessária, para a indispensável aprovação quanto aos cálculos de segurança, higiene, etc. O prazo de entrega do prédio pronto, por parte da empresa construtora, será de oito meses.

A construção do cinema, restaurante e hotel citados virá preencher lacunas, nos respectivos gêneros em nossa cidade, além de embelezar sensivelmente a nossa principal praça: a da Bandeira [atual *Archimedes Lammoglia*], na qual será erguido o monumental edifício.

Aproveitamos a oportunidade desta nota para felicitar ao Snr. João de Almeida pela feliz iniciativa, e a nossa cidade que assim grandemente será enriquecida e embelezada”. (“O Trabalhador” de 02/05/1954).

Antonio Marcos esclarece: A construção de um prédio de três andares, no qual, além do cinema, seriam construídos um hotel e restaurante, posteriormente foram abandonadas e, em seu lugar foi idealizado um novo projeto, para a construção do prédio somente para cinema.



Imprensa tomou conhecimento de como seria o cinema que substituiria o “Rui Barbosa”: entrada e acesso ao balcão e à cabine

Em nova visita, jornal destacava o grande empreendimento

Quase dois anos depois o mesmo jornal “O Trabalhador” voltava ao cinema e anunciava que Salto ganharia um grande empreendimento:

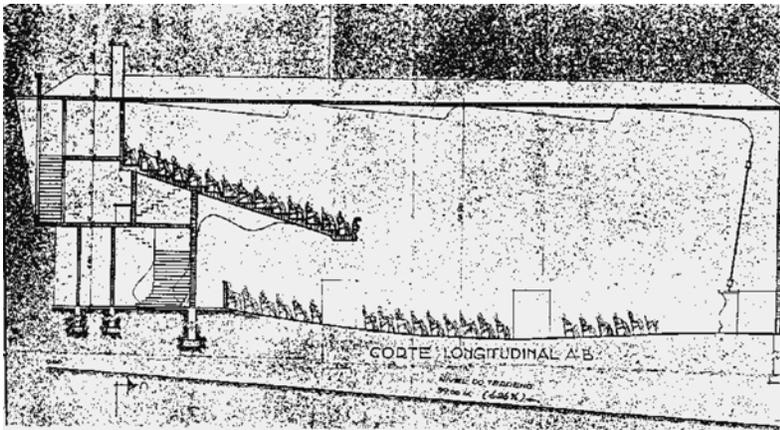
“Numa rápida visita feita às obras de reforma do Cine Rui Barbosa e através das informações obtidas de seu proprietário, pudemos avaliar a grandiosidade do empreendimento do Sr. João de Almeida.

A parte pronta deixa entrever que aquele estabelecimento de diversão será amplo, confortável. Está ela recebendo no forro chapas do ‘Interflex’, as quais receberão depois uma camada de ‘Strebolit’, novo material à base de nylon. O salão conterà 1.200 poltronas, sendo 400 no ‘balcão’, cuja armação do piso de ferro está sendo feita em São Paulo, por firma especializada. A construção prevê duas espaçosas salas de espera, uma térrea e a outra no ‘balcão’, ao qual se atingirá por duas escadas laterais internas.

Tem encontrado alguma dificuldade para a aquisição de material, mas espera o Sr. João de Almeida – salvo naturalmente, algum imprevisto – inaugurar o salão completamente reformado pela Páscoa ou pouco depois.

Durante a semana próxima um técnico, profundo conhecedor de assunto virá estudar ‘in loco’ as condições para a instalação do mais completo aparelhamento de CinemaScope, som estereofônico, o qual visa concorrer para tornar o ‘Rui Barbosa’ um dos melhores cinemas do interior, sem dúvidas o melhor desta zona.

“A tela, para esse novo tipo de cinema introduzido no mercado, será de 16 x 9 metros. A não ser que até lá tenha aparecido coisa melhor o que é difícil que venha a acontecer – o filme de CinemaScope em Salto será ‘O Manto Sagrado’, a maior realização do gênero e que tem servido justamente de estreia a quantos cinemas se instalaram no Estado esse novo sistema de projeção cinematográfica”. (“O Trabalhador” de 15/01/1956).



A princípio, a nova sala de espetáculos foi projetada dessa forma, vendo-se a nova plateia e o novo balcão

Obras do novo cinema estavam quase concluídas

Em junho de 1960, cerca de 3 meses antes da inauguração do novo cinema, o Cine São José, “O Trabalhador” dava sequência à sua série de reportagens, quando anunciava que as obras de reforma do Cine Rui Barbosa estavam quase concluídas:

“Estivemos há dias examinando a reforma do Cine Rui Barbosa, agora em sua fase de acabamento. Lá encontramos o **Sr. Antonio Marcos de Almeida**, filho do proprietário da empresa, o qual prestou-nos vários informes a propósito da situação que deverá ficar brevemente aquela casa de espetáculos.

Adiantou-nos, inicialmente, o jovem Antoninho, que será mudado o nome do cinema para Cine São José. Com essa denominação, que já está definitivamente assentada, estando inclusive pronto o luminoso propagandístico a ser colocado na fachada do prédio, será reaberta aquela casa de diversões.

Do que ali nos foi dado ver, e das informações colhidas com o Sr. Almeida, vamos fazer um breve relato aos nossos leitores, partindo da bilheteria, a qual situaram agora, na porta de entrada, para facilitar aos frequentadores a aquisição dos ingressos e evitar aglomerações na sala de espera. Esta terá confortáveis poltronas estofadas, espelhos, moderno bebedouro d’água e ainda bonito aquário decorativo. Na sala de projeção, cujo piso é em declive de 90 centímetros,

mais ou menos, haverá um corredor entre as poltronas, guardado com tapetes de borracha.

As poltronas serão dispostas em semicírculo, dando assim ampla visão da tela; a qual será colocada a uma altura bem calculada. O piso será todo taqueado e o forro de eucatex acústico. A propósito do forro, podemos adiantar que será todo creme. É construído em lances formando degraus em toda a extensão da sala. As curvas do mesmo proporcionarão belo efeito decorativo.

As paredes internas do salão terão um barrado de eucatex de mais ou menos 2,40 metros e as partes de cima serão pintadas em faixas de várias cores e com material à prova de som. A iluminação será indireta provinda de 3 vasos com 3 conchas, os quais projetarão fachos de luz coloridos para o forro.

O palco terá esse mesmo sistema de iluminação e está disposto de maneira a permitir exibições de 'shows artísticos'. A tela, suficientemente grande para projeção em CinemaScope, Amplavisão, etc., terá uma cortina com duas divisões, em faixas multicoloridas. Dependências sanitárias para ambos os sexos, bastante higiênicas.

Para facilidade de escoamento da sala ao término das sessões, o cine reformado terá corredores laterais em comunicação direta com a rua. O maquinário está sendo completamente reconicionado e proporcionará, segundo afirmações do nosso informante, melhor projeção e também melhor som, pois serão aumentadas as faixas de som do tipo alta-fidelidade estereofônica. Ao lado da cabine de projeção existem também dependências sanitárias para uso exclusivo dos empregados.

Ao lado esquerdo dessa mesma cabine foi construído um pequeno balcão com escada interna, para acomodação de 70 espectadores. Dali a visão da tela não fica prejudicada, pois as poltronas serão colocadas em degraus elevativos. A capacidade total (lotação) do cinema será para 1.000 espectadores.

Quanto ao pessoal, informou-nos o Sr. Antonio que foram contratados empregados novos, os quais perceberão remuneração compensativa para maior eficiência no serviço. Assim, contará o cinema com porteiros, bilheteiros, 'vagalumes' ('lanterninhas'), maquinistas, zeladores, fiscais de salão, etc., todos eles aptos ao desempenho de suas respectivas funções.

Deixamos para falar por último sobre o aspecto externo do salão. Conforme muitos devem ter notado, o telhado foi construído em forma de escada e a marquise cobre toda a frente do cine; nesta serão colocados faróis para iluminar a fachada do prédio. No alto, o luminoso anunciando o nome do cinema. Embaixo da marquise as paredes serão revestidas de pedras trabalhadas e serão dispostos ali vitrines anunciando o filme do dia. Ao fim de nossa visita informou-nos, ainda, o Sr. Antoninho, que o cinema terá também acumuladores para suprimento de energia elétrica em casos de emergência.

Com esta descrição procuramos dar aos leitores uma ideia de como será o cine que reabrir-se-á, brevemente, com o nome de ‘São José’. Não há dúvidas de que nossa cidade está de parabéns, pois contará agora com um cinema relativamente luxuoso, bonito e confortável”. (“O Trabalhador” de 05/06/1960).



Como era a região central da cidade no final da década de 1950

O jornal “O Liberal” também cedeu às evidências

Após tantos elogios da imprensa através de “O Trabalhador”, não ficaria bem ao jornal concorrente ficar sem dar, pelo menos, uma notícia favorável a respeito da construção do novo cinema, pois o antigo era “prato cheio” para matéria semanal em seu jornal. Na coluna do Espectador X foi publicada a seguinte nota:

“Esta folha foi a que mais criticou o Cine Rui Barbosa, quer pela baixa qualidade dos seus filmes, quer pela pobreza de suas

instalações, que não ofereciam o mínimo de conforto. Há alguns meses o seu proprietário resolveu atacar de rijo as reformas do prédio, e, agora, segundo nos parece, o Cine Rui Barbosa vai se transformar numa das mais belas e confortáveis casas de espetáculos cinematográficos.

Congratulamo-nos com o seu proprietário, Sr. João de Almeida, pelo interesse em dotar Salto de um ótimo cinema, e congratulamo-nos com o povo saltense que, assim, terá mais uma coisa com que distrair-se nesta quase silenciosa cidade.

As críticas que fizemos ao ‘Rui’ tinham a sua razão de ser, as suas deficiências estavam à vista de todos. Agora, quando se aproxima o dia da reabertura, é lógico e natural que sejamos os primeiros a cumprimentar o Sr. João de Almeida, cumprimentos que lhe endereçamos prazeirosamente, acompanhados dos votos de um feliz sucesso.

Antes de colocarmos um fecho neste singelo comentário queremos, de médico e de louco todos temos um pouco, fazer uma sugestão. Exigir dos espectadores masculinos a entrada de paletó e gravata e, desde o primeiro dia da reabertura, tirar da sala qualquer engraçadinho que se meter a fazer piadas, pois, em caso contrário, o ‘Rui’ vai ficar igual ao ‘Verdi’, ou seja: 50% de espectadores educados, 50% de gajos cujos pais nunca souberam o que significa a palavra educação.

Portanto, Sr. João de Almeida, reinicie o ‘negócio’ com energia, porque estaremos aqui para ajudá-lo nesse combate contra a falta de educação de muitos. Não tenha dó”. (“O Liberal” de 10/04/1960)

CINE SÃO FRANCISCO

O “cineminha da igreja” funcionava no Salão Paroquial da matriz

Em 1949, o Padre Bruno de Camargo Carra, coadjutor do Monsenhor João da Silva Couto, introduziu na Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat um “cineminha” para as crianças do catecismo, exibindo filmes mudos, comédias, desenhos, etc., em 16 mm. Este cinema funcionou no Salão Paroquial situado nos fundos da matriz, a partir de 1949.

No início chamou-se Cine Paroquial e exibia filmes mudos

curtos, como: comédias, filmes naturais e desenhos. O padre Bruno Carra exibia filmes em 16 mm, geralmente comédias com Carlitos, O Gordo e o Magro e outros comediantes, além de desenhos, com a finalidade de atrair crianças para o catecismo, pois eram dadas “senhas” aos participantes, e estas serviam de ingresso no “cineminha” como era chamado. A “senha” era um cartão no qual estava escrito “Catecismo” e tinha, no verso, o carimbo da Paróquia.

No salão, nessa ocasião, não havia cadeiras, mas sim bancos de madeira. A tela era pintada na parede da frente do salão, onde mais tarde foi construído um palco para ser usado quando da apresentação de peças teatrais. Com o passar do tempo, com uma boa frequência de espectadores, o Monsenhor João Couto mandou construir um palco para abrigar a tela e servir de palco para apresentações de “teatro amador” da cidade.



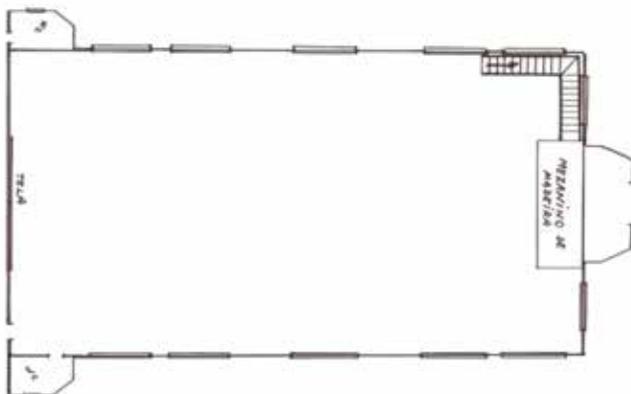
Foto externa do Salão Paroquial, onde funcionou o Cine São Francisco

Nos fundos, sobre a porta de entrada da rua, existia um mezanino de madeira, onde ficava a cabine de projeção, sendo o seu acesso através de uma grande escada de madeira, com corrimão. O piso do salão era plano e ladrilhado.

Mais tarde, quando o ‘cineminha’ passou a exibir filmes para adultos, os bancos foram substituídos por cadeiras de madeira, sendo também adquirido outro aparelho projetor para o funcionamento sem interrupção na troca de partes. Em julho de 1949, a direção passou para Jaciro Crucello, passando o cinema a apresentar filmes também para adultos.

Pouco depois, em 1º de dezembro de 1949, passou a exibir filmes sonoros, como dramas, westerns, etc., recebendo o cinema a denominação de Cine São Francisco, tendo sido aberto ao público em geral, exibindo filmes em 16mm de grandes companhias, como Metro, Columbia e outras distribuidoras.

Em fins de 1949 foi exibido um faroeste de Bob Steele no papel de Billy The Kid, intitulado “Billy e a Justiça”, mas a primeira programação de filmes encontrada no Jornal “O Trabalhador” foi “Barulho no Texas”, com Tex Ritter e Rita Hayworth.



Esboço de como era o interior do Cine São Francisco



Um dos primeiros filmes exibidos no São Francisco: “Billy e a Justiça”

Antonio Marcos relata que, quando do lançamento do CinemaScope para os cinemas com projetores em 16 mm, seu pai esteve em São Paulo, na Fox Filme, detentora dos direitos de exibição do processo, conseguindo, por empréstimo, as objetivas e uma parte contendo trailers dos filmes lançados para que o Cine São Francisco passasse a exibir também esses filmes, pois eram somente exibidos até essa data filmes planos. Após essa experiência, Jaciro Crucello, encarregado desse cinema, adaptou a tela e passou a contratar e exibir os filmes 16 mm dessa distribuidora.

Para a projeção dos filmes em CinemaScope, como a tela era mais larga que a dos planos, os globos de luz do salão precisaram ser remanejados – prossegue **Antonio Marcos** –, pois ficavam em frente ao foco da projeção, sendo sua sombra projetada na tela.

O “cineminha” funcionou até meados de 1959, aproximadamente, quando encerrou suas atividades.

Outras informações sobre o “Cineminha” em “O Trabalhador”

O Jornal “O Trabalhador”, que era considerado na época “o jornal da igreja”, publicou na edição do dia 14/03/1954, algumas outras informações sobre o Cine São Francisco.

– Eram “mudos” os filmes exibidos, quase sempre uma comédia de “Carlitos”, alguns desenhos e pequenos filmes instrutivos.

– Publicou, por exemplo, que as autoridades religiosas vinham aconselhando os párocos a instalarem, sempre que possível, esse gênero de diversão pública, onde os católicos pudessem assistir cinema bom, selecionado, sem o perigo dos tantos espetáculos maus, obscenos, imorais, paganizados que se realizam algures. Seria uma forma de “dar ao povo ocasião de divertir-se livre da influencia malsã do cinema imoral e perigoso”. Acrescentava que, “colaborando com a nova classe de exibidores, as agências cinematográficas criaram – muitas delas – uma sessão especializada em atender os novos exibidores. O jornal lamentava, porém, que “infelizmente, não obstante tantos esforços conjugados, ainda não se conseguiu

evitar, que, vez ou outra, seja impingida, ao público assistente, películas contendo cenas menos dignas e passagens que se prestem à malícia”.

– Na opinião do jornal o “cineminha” vinha preenchendo cabalmente à finalidade visada, “embora algumas vezes lute o Revmo. Monsenhor (pároco), com alguma dificuldade para pagar as prestações mensais das máquinas – agora são duas e novas. Essas dificuldades se acentuam nos meses em que não é possível apresentar pelo menos um filme “sucesso de bilheteria”. Citava ainda que “além da citada finalidade de ajudar na luta contra o mau cinema, contra os filmes perniciosos, tem ainda outra grande finalidade: todo o saldo é inteiramente destinado ao catecismo” Outra coisa importante: “a aquisição de prêmios de frequência e de roupa às crianças pobres em ocasiões das numerosas ‘primeiras comunhões’ realizadas na cidade, tem sido atendida de modo satisfatório com a utilização da pequena margem de lucro deixada pelo ‘cineminha””.

– Na matéria era ainda ressaltado que o preço do ingresso era reduzido, em relação ao cobrado em outros cinemas da cidade e era solicitado também que as famílias saltenses continuassem a prestigiar o “cineminha” e a desculpar as suas falhas.



*Interior do Salão Paroquial (foto recente)
onde funcionou o Cine São Francisco*

Lembrando do “Cineminha” quase 50 anos depois

Em fevereiro de 2000 publiquei uma crônica no jornal “Tápera”, na qual lembrei do “cineminha” e também do Salão Paroquial, onde ele funcionou. Começava assim:

“Depois de muitos anos (Vinte e cinco? Trinta? Trinta e cinco?) voltei ao Salão Paroquial da igreja de Nossa Senhora do Monte Serrat, para assistir a uma palestra. Aquele salão, que considerava enorme em meu tempo de criança, parece que já não é tão grande (ou fui eu que cresci?) E olhem que foi retirado aquele mezanino de madeira, para o qual se tinha acesso através de uma escada, nos fundos do salão. O palco por sua vez, foi fechado, para que pudesse ser construído um outro pavimento do outro lado da parede, onde existe a sacristia”.

Lembrei que o “Cineminha da Igreja”, como era conhecido, ou Cine São Francisco, como oficialmente passou a ser chamado, deixou saudade. Citei as sessões das segundas-feiras, quando o Salão Paroquial ficava lotado de crianças, para as quais eram exibidos filmes de Carlitos, do Gordo e o Magro, de Tarzan, faroestes, etc.; dos curtas-metragens que eram constantemente exibidos, como o do Carlitos, que fugia dos policiais que queriam recapturá-lo e de um outro em que um bando de garotos (o pretinho era o preferido de todos) fazia as maiores diabruras. A garotada vibrava com as escapadas de Carlitos ou quando os garotos fugiam pela linha do trem, num pequeno vagão aberto, acionado manualmente. A gritaria era ensurdecedora, pois todos pulavam, batiam palmas e os pés no chão.

O “cineminha” também tinha uma pequena bombonière, na qual, antes da sessão começar, ou nos intervalos, os garotos mais afortunados ou aqueles que recebiam alguns trocados dos seus pais, iam até ali para comprar balas, amendoim, doces (paçoquinha, suspiro, doce de batata, maria-mole, etc.) ou tomar uma “Caçulinha” (Guaraná Antarctica em garrafa pequena) ou “Sodinha” também da Antarctica. “Os meninos e meninas da época eram felizes e sabiam” – assinalava a crônica –, “pois a satisfação de assistir as exibições do ‘cineminha’ era algo indescritível. Contava-se nos dedos os dias anteriores às segundas-feiras”. Também lembrava que ele passou a disputar com o “Rui Barbosa” e com o “Verdi” a preferência do

público adulto que, naquela época (anos 50) ia muito ao cinema. Dependendo do filme a ser exibido, o Salão Paroquial ficava lotado, mas, aos poucos, com o surgimento da televisão, a plateia foi ficando vazia, até que um dia o projecionista Ciro Crucello se afastou e passou a cuidar do seu próprio cinema, o Najá, que funcionava na rua Barão do Rio Branco, num salão em frente ao prédio onde hoje existe uma loja.

A crônica terminava assim: “Do ‘Cineminha da Igreja’ não ficou só o prédio descaracterizado. Ficou também a lembrança de uma Salto inocente, provinciana, pacata e bucólica, onde a alegria das sessões de cinema das segundas-feiras extravasava na gritaria e na bagunça dos seus pequenos habitantes, hoje pessoas maduras, mas que têm bem fresca na memória aquela época saudosa de nossas vidas”.

Cine São Francisco

Hoje às 8 hs. Johnny Weissmuller «Jim das Selva»

no emocionante filme de aventuras na selva
A LAGOA DOS MORTOS

Sábado

Gary Grant, Ginger Rogers, Marilyn Monroe
na espetacular comedia
INVENTOR DA MOCIDADE

Domingo

Victor Mature e Jean Simons em
ANDROCLES E O LEÃO

Breve

Gregory Peck, Susan Hayward e Ava Gardner
em **AS NEVES DE KILIMANJARO**

Anúncios em “O Trabalhador” de filmes que eram exibidos no “Cineminha da Igreja”

CINE VERDI

Sucedeu a dois cinemas que funcionavam no mesmo local

Depois do fechamento do Cine Theatro Verdi, em 1941, o prédio da Rua José Galvão, pertencente à Sociedade Italiana Giuseppe Verdi, passou a ser utilizado apenas para a apresentação de peças teatrais, festivais beneficentes, além de outras atividades sociais e culturais. Em 1955, porém, surgiu o Cine Verdi, um sucessor do cinema com o mesmo nome e também do “Verdinho”, os quais funcionaram no mesmo local, onde hoje está instalado o Museu Municipal e a Sociedade Italiana Giuseppe Verdi. O novo cinema adotou a razão social Empresa Cinematográfica Ituana Ltda., sediada em Itu, sendo sócios o Dr. Felipe Nagib Chebel e Nahor Leite Gomes, proprietários dos Cines Marrocos e Sabará, da vizinha cidade, respectivamente.

Antes da empresa ituana assumir, foram realizadas melhorias no salão, onde passou a funcionar a Sociedade dos Ex-Alunos da Escola Anita Garibaldi, estabelecimento de ensino que era mantido pela Brasital S.A., acontecendo a inauguração em 16 de julho de 1955.

Segundo publicação no jornal “O Liberal” de 9 de outubro de 1955, era do interesse da Associação dos Ex-Alunos que funcionasse no local um cinema, o que acabou acontecendo logo em seguida, quando a empresa ituana assumiu.

A intenção era inaugurar um cinema, a princípio com modesto aparelhamento, com projetos para sua ampliação no futuro. Todavia, devido a certos empecilhos e contratempos, a ideia não pôde ir adiante, muito embora já se tivesse processado algumas experiências com ótimos resultados. “Passados alguns meses – diz a nota de ‘O Liberal’ – quando já não se falava mais em instalar cinema no Salão Verdi – eis que tivemos conhecimento de que o mesmo fora alugado a uma firma de outra cidade, para exploração desse gênero de diversão”. Tratava-se da Empresa Cinematográfica Ituana Ltda., que tinha, como um dos sócios, o então prefeito de Itu, dr. Felipe Nagib Chebel.

Ele foi ouvido pela reportagem do jornal e informou que, de fato, estava tratando da adaptação do local e aparelhamento, para em breve funcionar, no Verdi, novamente o cinema.

Esclareceu ainda que “de acordo com as informações colhidas junto ao Dr. Chebel, os aparelhos a serem ali colocados são inteiramente novos e modernos, do tipo CinemaScope e, a tela, panorâmica. Haverá espetáculo todos os dias e os filmes a serem exibidos são das melhores casas distribuidoras como a Metro, Universal e Fox, com as quais a empresa já possui contratos. O número de poltronas por enquanto será o mesmo, isto é, 600, mas para o futuro será ampliado, uma vez que o salão se presta perfeitamente a esse fim. A data da inauguração não está ainda marcada, mas a renda desse dia, segundo ainda o Dr. Chebel será destinada à Maternidade Nossa Senhora do Monte Serrat”.

O dr. Chebel também informou que o fato de ser colocada a tela panorâmica, não impedirá a realização, no palco, de festivais, da apresentação de peças teatrais, etc., porque essa tela era facilmente removível.



Fachada do Cine Verdi, quando foi inaugurado em 1955

Inauguração – Na época existiam dois jornais na cidade, mas, curiosamente, nenhum deles publicou matéria sobre a inauguração do Cine Verdi. Pode-se deduzir, no entanto, que essa inauguração ocorreu em outubro ou novembro de 1955, pois em 13 desse último mês era publicada uma reclamação, assinada por Egídio Miguel, na qual ele assim se expressa:

“À Direção do Cine Verdi – Por não ter encontrado a pessoa responsável, o abaixo assinado vem por meio deste órgão apresentar a sua queixa à direção do Cine Verdi, apelando para que

se proceda uma revisão em suas poltronas, a fim de que não se repita aquele espetáculo do qual fui personagem, momentos antes do espetáculo propriamente dito do dia 3 p.p”..

Nas edições seguintes de “O Liberal”, outras críticas eram feitas ao cinema, dentre elas uma que era recorrente: a dificuldade de se assistir aos filmes, pois não havia declive no solo e quando alguma pessoa de considerável estatura se sentava na frente, o que estava logo atrás não conseguia acompanhar a exibição. Eram feitas críticas também ao fato de serem exibidos apenas filmes antigos, de haver muito barulho na plateia, da falta de aparelho de ar condicionado, exibições apresentarem imagens fora de foco, “janelinhas erradas”, som mais alto ou mais baixo “e uma infinidade de ‘barbeiragens’, dignas de principiantes”, como dizia uma nota. Também se criticava o não seguimento dos horários estabelecidos, pois os responsáveis pelo cinema ficavam esperando que os retardatários adquirissem seus ingressos, além da permissão de entrada de crianças em filmes impróprios para menores de 14 anos, sendo citada a película “A filha de Mata-Hari”.

Reclamação de pai contra tarado no Cine Verdi

“O Liberal” de 07/06/1959 publicava uma reclamação do pai de uma menina com sete anos de idade, que teria sido importunada por um tarado no Cine Verdi:

“Idôneo chefe de família trouxe ao nosso conhecimento que há tarados frequentando o cine Verdi. Para fundamentar suas palavras, contou-nos o seguinte: “Costumo ir ao cinema com minha filha de sete anos. Porém, quando não posso acompanhá-la mando minha empregada ou qualquer outra pessoa de confiança levá-la. Foi o que aconteceu no último domingo, dia 31, na sessão das 19 horas. Acompanhada de um sobrinho, minha filha foi ao Cine Verdi, tendo sentado ao lado de um adulto, numa das poltronas da frente. Durante a exibição a pessoa a seu lado beliscou-lhe constantemente nas pernas e a convidava para deitar-se em seu colo. Ingênua como é, minha filha ‘tolerou’ o tarado durante a exibição. Todavia, posteriormente, contou-me o fato. Como ela não é capaz de identificar o malandro, reclamo através desse órgão, pedindo aos responsáveis pelo

cinema, como as autoridades policiais que fiscalizem bem as sessões cinematográficas, pois tarados poderão agir livremente se esses estímulos forem mantidos”.

Não nos surpreende essas reclamações. Sabíamos que com a falta de fiscalização em nossas casas exibidoras surgiriam fatos como esse. Os tarados e a imoralidade passaram a campear também nos cinemas. Vamos cortar o mal antes que ele cresça.

“Jeca”, interpretado por Mazzaropi, lotava o Cine Verdi

Em agosto de 1962 “O Liberal” publicava que Mazzaropi continuava atraindo grandes multidões nos cinemas. A gula pelo comediante era muito grande:

“Como tem gente gulosa nesta terra, não? Imaginem que nos quatro dias de exibição de ‘Tristeza do Jeca’ o Verdi precisou proibir a entrada. Espectador X, para assistir à fita uma vez teve que subornar o porteiro e ainda bater em dois negrões que queriam ver o filme pela 3ª vez”.



Filmes de Mazzaropi, como “Tristeza do Jeca” atraíam multidões

Jornais faziam muitas críticas ao Cine Verdi

Desde o seu surgimento, em 1955, o Cine Verdi foi alvo de muitas críticas formuladas pelos jornais locais. A principal, sem dúvida alguma, era sobre a falta de declive no salão, o que impedia os espectadores de assistir com tranquilidade aos filmes, quando pessoas de alta estatura se sentavam em sua frente, mas havia também outras críticas para os mais diversos motivos, como estas:

– Reclamava-se do Verdi a fixação do horário das 19 horas para o início da primeira sessão, aos domingos. O São José já havia atendido ao pedido do jornal “O Liberal”, mas o Verdi não, por isso o jornal cobrava a medida em sua edição de 24/12/1960;

– Nota zero era dada para o Verdi por dois motivos, em 1961: exhibições de faroeste em todos os finais de semana, filmes que não eram adequados para casais de namorados que frequentavam o cinema e a não exibição de jornais nacionais, que deveriam ser apresentados em virtude de lei que fazia essa exigência;

– A falta de “vagalume” ou “lanterninha” no Verdi era outra reivindicação que “O Liberal” fez durante várias edições. Numa delas, em 1º de julho de 1961, Espectador X publicou a seguinte notícia: “O Cine Verdi continua sem ‘vagalume’, mas em compensação tem muita pulga. Como o negócio não tem mesmo solução, o ideal seria arranjar um lampiãozinho para cada pulga e então poderíamos enxergar o local para sentarmos”.

– Até quadrinhas foram publicadas em “O Liberal” para reclamar da falta de “lanterninhas” ou “vagalumes”. De autoria de L.A.N. Terna, eis duas delas, divulgadas em 5 de agosto de 1961:

*Ir ao Verdi é um sacrifício,
O filme não se assiste bem
Tem sempre uma cabeça na frente
Só “vagalume” não tem.
O cara fica abobalhado,
Se na escuridão ele entra
Procura um lugar em vão
No colo de uma velha ele senta*



A falta de “lanterninhas” ou “vagalumes” era sempre criticada

– Em 23 de setembro de 1961, “O Liberal” fazia uma comparação do filme “Touros e Areia” a ser exibido pelo Verdi com o Circo Rodeio Santa Fé, que estava instalado na cidade, dizendo que o filme era muito pior do que o circo e pedindo para os leitores tirarem uma base por aí.

– Falando sobre o mesmo assunto, o mesmo jornal dizia que “o Verdi já é um circo, embora leve nome de cinema”. Isso porque o cinema tinha os “artistas que gostam de se exibir, enquanto as luzes não se apagam”. Acrescentava que tínhamos também os “animais, aqueles que parecem cavalos, botando as patas nos assentos das poltronas, ou uivando como lobos durante os espetáculos”. Prosseguia citando os “palhaços, aqueles que em altas vozes durante a sessão soltam piadinhas, procurando ser engraçadinhos”. Todos eles, ainda segundo o jornal, “são alvos do interesse geral, menos da fiscalização, que os deixam à vontade. Os espectadores somos nós, eu, você, enfim todos aqueles que da ‘arquibancada’ assistimos ao filme com educação”.

– O colaborador R. Hood, de “O Liberal” citava como interessante o fato de no domingo anterior o Cine Verdi ter arrumado um farolete ao “vagalume”, o que resolveu em parte o problema da falta de um indicador de lugares.

– Os casais de namorados que frequentavam o “Verdi” eram também citados numa nota publicada em “O Liberal” em 17 de fevereiro de 1962. Nela era reproduzida a queixa recebida

de um leitor, segundo a qual “casais de namorados se dirigem ao Cine Verdi unicamente para fazerem o que não deve ser feito em uma sala de projeções, além de conversarem em altas vozes. Se não nos enganamos existe na porta de entrada do referido cinema certo aviso com referência a esses procedimentos”. “E as autoridades por que não fazem com que essa ordem seja cumprida?”, pergunta o jornal.

– Espectador X publicava uma excelente notícia em 24 de fevereiro de 1962: “Aleluia! Salve! Viva! O ‘Verdi’ contratou um ‘vagalume’! O rapaz pioneiro ainda está meio acanhado, não acende a lanterna como deve, mas isso talvez seja a emoção, por ser o primeiro ‘vagalume’ daquele cinema. Com o tempo, porém ele se acostuma. Vocês verão”.

– Novamente R. Hood citava em “O Liberal” de 14/4/62 casos envolvendo os casais de namorados, os “casaizinhos”, como ele os rotulou: “Não queríamos voltar a falar o que se passa em nossos cinemas, mas... O Cine Verdi tornou novamente a ser o refúgio dos casaizinhos. Tem acontecido certos casos de estarrecer. Quem esteve no referido cinema nesta semana deve ter observado os ‘taizinhos’. Além disso, são menores de 14 a 15 anos. Não respeitam ninguém e os outros que se danem. Isso acontece na plateia. E quando os mesmos se dirigem ao ‘poleiro’ a situação piora. Já era tempo de alguém tomar providências”.

– O mesmo colaborador do jornal reclama do preço do ingresso no “Verdi”: “o cinema aumentou o preço, mas, continua exibindo filmes velhos, não oferece conforto aos espectadores e a bagunça reina. O Cine Verdi merece é chumbo, porque o espectador paga para assistir e depois precisa consultar o médico, pois, sai com o pescoço duro”.

– Em 7 de abril de 1962, Espectador X reclama que o Verdi “é o local mais propício para se dizer piadinhas e bobagens em altas vozes. Às vezes acontece que no Verdi faz-se uma bagunça dos diabos e não há policial algum para fiscalizar, pois ele está no ‘S. José’, onde não é tão necessária sua presença. Sei lá se a polícia tem obrigação ou não de fiscalizar a conduta do público nas sessões. Mas se eles comparecessem fardados e equipados, cremos que é para agir”.

– Mazzaroppi lotava também as sessões do “Verdi”. Sob o título “Gulosos por Jeca”, o jornal “O Liberal” publicava em 4 de agosto de 1962 que, nos 4 dias de exibição de “Tristeza do Jeca”, o cinema precisou proibir a entrada de mais espectadores.

– O acesso de grande número de senhoras e senhoritas na “Sessão das Moças” do “Verdi” levou “O Liberal” a fazer duas sugestões: 1ª) limitar o número de entradas gratuitas para que sobre lugar aos que pagam; 2ª) só permitir a entrada de senhoras e senhoritas com acompanhante masculino.

Na Câmara – Até na Câmara havia reclamações contra o “Verdi”, como a feita pelo vereador Anésio Bobolon, que citou a falta de conforto nesse cinema, embora estivesse programando bons filmes. Dizia ainda que os cinemas locais tinham que respeitar vender meia entrada aos estudantes e os comissários de menores tinham o dever de fiscalizar a entrada de menores, o que não vinha acontecendo. A publicação da manifestação do vereador foi feita em 17/02/1962.

“Verdi” lotava às 4^{as} feiras: mulheres não pagavam

De repente o Cine Verdi passou a lotar às quartas-feiras, dia de pouco movimento nos cinemas locais. É que esse cinema passou a estabelecer entrada franca para senhoras e senhoritas, conforme foi divulgado pelo Espectador X em 17 de novembro de 1962, em “O Liberal”:

“Às quartas-feiras as senhoras e senhoritas têm entrada franca no Cine Verdi. Pois bem, é só falar em coisa grátis, nesta época em que tudo custa mais do que você tem, que a turma se alvoroça. As mocinhas ficam todas assanhadas. Idem as velhotas. Resultado: o cinema enche. Os homens que querem ver o filme (e ver as mulheres que vão ao cinema também, ora) pagam, mas não têm onde sentar-se, porque não há lugares. Qual a solução? Temos duas: 1ª) limitar o número de entradas gratuitas para que sobre lugar aos que pagam; 2ª) só permitir a entrada de senhoras e senhoritas com acompanhante masculino. Cá entre nós, eu prefiro a segunda solução, pois assim talvez sobre alguma mulher pra gente colocar dentro do cinema. Em retribuição ao favor a gente convida ‘ela’ para sentar-se com a gente (é só pra sentar, seu malicioso)”.



Presença de mulheres no “Verdi” era considerável

Cine Verdi entrava em nova fase em 1964

Em junho de 1964, o gerente geral da EMCIPA (Empresa Cinematográfica Pedutti e Araujo Ltda.), Guaraci Severo, gerente geral, informou que o Cine Verdi estava passando por uma reforma em todos os seus setores (desde máquinas, funcionários e programação), com o intuito de proporcionar aos saltenses uma sala de espetáculo onde os mesmos poderiam passar horas de lazer. A empresa era bastante conhecida, contando com cinemas no Paraná, Mato Grosso e em várias cidades do estado, razão pela qual esperava-se que ela de fato viesse a cumprir o que prometia.

Segundo o que o gerente geral declarou na ocasião, duas campanhas já tinham sido colocadas em ação pela nova direção do Verdi: a primeira era a promoção “Vamos ao cinema”, segundo a qual todos os que recebiam uma carteirinha pagariam apenas $\frac{1}{2}$ ingresso durante os dias úteis (de 2^a a 6^a feira); a outra consistia em dedicar um ou mais dias da semana a uma certa faixa de público. Assim, já se tinha a “Sessão Coroa”, às 6^{as}. feiras, nas quais as pessoas com mais de 40 anos não pagavam; 4^a feira era dia da “Sessão Belo Sexo”, onde as mulheres não pagavam.

Arrendatários – Antes da EMCIPA (Empresa Cinematográfica Pedutti & Araújo Ltda.), o Verdi tinha sido cedido

para outros dois arrendatários: Cleber de Holanda e Franca-pa Ltda., de Botucatu. Quando encerrou as atividades a arrendatária era a EMCIPA.

O ‘Verdi’ era classificado como “O Reino da Bagunça” em 1965

Espectador X classificava o Cine Verdi como o “Rei da Bagunça”, em 1965. Dizia que havia muitas reclamações de leitores sobre irregularidades nos cinemas, mas nenhuma providência era tomada. “O jeito, então, é ‘largar a brasa’, conforme se diz na gíria – e esperar que elas despertem do sono eterno para que se acabe com essa pouca vergonha”.

A notícia, publicada em 21 de agosto daquele ano, pode ser considerada exagerada, pois dizia que o Cine Verdi era uma verdadeira pocilga, que não era cinema, mas sim “antro de anormais, transviados, revoltados, neuróticos e ‘outros bichos’, como diz um camarada por aí. Não se pode assistir a um filme sossegado, pois a turma de cafajestes logo põe as manguinhas de fora e vai ofendendo a moral, os costumes, a decência, dizem impropérios, vaiam, arrotam, uivam e outras coisas impublicáveis. E não é de hoje o negócio; a coisa vem de longa data, aumentando dia a dia, diante da indiferença e preguiça daqueles a quem cabe cuidar do assunto”. Acrescenta que não há providências do gerente e nem do “lanterninha” (quando há) e “a barulheira é total, geral, infernal, absurda!”. Critica também os comissários de menores dizendo que “se o filme é proibido, aí é que menores entram e sorriem satisfeitos. Assistem cenas imorais, berram, desaprendem a moral, entram no rol dos transviados. E ninguém se incomoda. O que vale são os 150 cruzeiros no caixa e o resto que vá para o inferno!”.

O Cine Verdi já era considerado “moribundo” em 1966

O Cine Verdi passou por uma fase difícil no primeiro semestre de 1966, o que levou o Espectador X do jornal “Taperá” a fazer um comentário considerando o cinema “moribundo”. E explicava as razões dessa avaliação: “a frequência caiu 99 por cento, a qualidade dos filmes 80 por cento. Só não baixou

mesmo o relaxo, que aumentou ainda mais, por incrível que possa parecer. Aliás, os cinemas de nossa cidade continuam a manter a mesma frequência só mesmo aos sábados, domingos e feriados. Razões: com os cursos noturnos muita gente deixou de ir ao cinema para tratar de estudar; a TV também tirou muito espectador e assim temos visto o ‘São José’ e o ‘Verdi’ quase às moscas durante a semana. O mais fraco (no caso o Verdi) teria mesmo que sucumbir. O ‘São José’ apesar dos pesares, vai se aguentando, mas já tem gente fugindo dali também”.

Em 1967 era noticiado que o “Verdi” estava mudando para melhor

Espectador X registrou em sua coluna “Falando de Cinema”, no “Taperá”, que o Cine Verdi estava mudando para melhor, depois de merecer algumas críticas, o que dava muitas esperanças aos saltenses:

A nota dizia que “Até há alguns meses o Cine Verdi estava insuportável. Além de ser um cinema não dotado das mínimas condições de conforto e visibilidade, ainda tinha uma programação ‘quivoticontá’. Mesmo os ‘habitués’, vinham deixando de frequentar aquela casa de projeção, que diariamente estava às moscas. Eis, porém, que de repente dá um estalo na cabeça dos proprietários da empresa Cinematográfica Ituana e entregaram a gerência do cinema a um jovem que conhece a Sétima Arte, pelo menos o suficiente para poder proporcionar uma boa programação: Milton Ferrari, responsável também pelos Cines Marrocos e Sabará de Itu. Em Salto ele dinamizou a programação, conseguindo filmes novos, comercialmente interessantes e de valor artístico apreciável. A propaganda em torno dos filmes a serem exibidos também colaborou para que se tornasse possível conhecer as fitas a serem apresentadas, o que teve como consequência grande afluência de público, como se notou no fim de semana anterior, quando o Verdi voltou a ter ‘casa cheia’, o que, por certo, segundo o Espectador X, ‘deve ter espantado os sonolentos funcionários do Verdi e feito delirar as laboriosas pulgas que voltaram a ter refeição completa e com fartura”.

Essa melhora, prosseguia o articulista, seria interessante para o cinema (que iria ganhar mais), e para o público (que iria

poder escolher entre o São José e o Verdi, escolha que não estava mais existindo, com preferência apenas para o São José. Duas outras medidas sugeridas eram, além de filmes bons, “levar na conversa” os italianos proprietários do prédio e fazê-los realizar algumas reformas no local, como por exemplo fazer o declive no salão para que os baixinhos também possam enxergar. A sugestão do Espectador X era, se não fosse possível fazer o declive, “proibir então a entrada de maiores de 1 metro e 70 cm, quando a afluência de público fosse grande”. (Taperá – 18/02/67).

Cine Verdi também teve projetonistas e funcionários dedicados

Assim como no Cine São José, que contou com projetonistas e outros funcionários que se dedicavam ao serviço, por mais simples que eles fossem, no Cine Verdi também tivemos alguns que contribuíam para que os saltenses pudessem assistir aos filmes, não com todo o conforto que desejavam, mas de uma forma satisfatória. Havia, por exemplo, a falta de declive, que era motivo de muitas reclamações, mas o cinema exibia algumas boas produções que não era possível assistir em outros cinemas da cidade, pois cada um deles tinha uma companhia que fazia o fornecimento das películas.

Pode-se citar entre os projetonistas do “Verdi” alguns, como João Carlos Ratti (ainda jovem), Luiz Gonzaga dos Santos (“Luizão”), Luiz Rodrigues e Vicente Guidi.

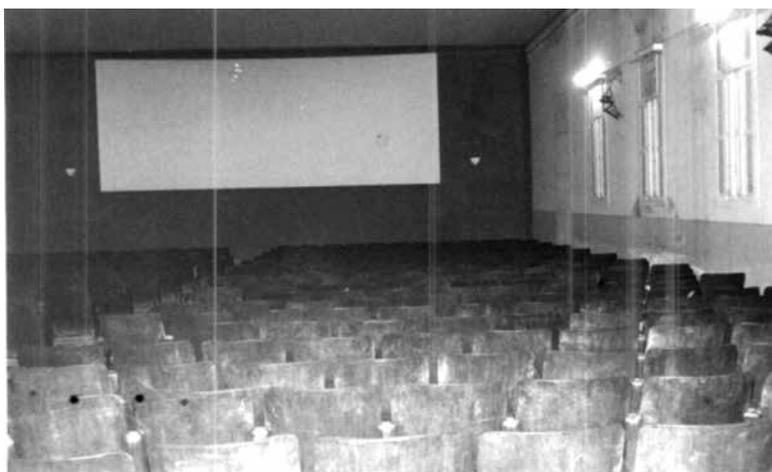


Luiz Gonzaga dos Santos (“Luizão”), um dos projetonistas do Cine Verdi

Quando o Verdi lotava a dificuldade aumentava

Espectador X, de “O Liberal” falava da dificuldade das pessoas assistirem aos filmes no Cine Verdi, quando o salão lotava, pois não havia o necessário declínio para permitir que se tivesse uma boa visão da tela:

“Quando o Verdi enche é uma calamidade. O sujeito da segunda fila estica o pescoço porque o da frente atrapalha; como consequência o da terceira fila tem de esticar o seu um pouco mais e a coisa vai nesse diapasão até que quando chega às últimas filas tem gente montado de cavalete no outro para poder enxergar. Ora, senhores: estamos no século XX, o século do conforto e não se admite mais coisas como essas. Não culpamos a direção do cinema que sabemos estar interessada não só em fazer o declive do piso, como também outras reformas indispensáveis. Mas há os que não querem e por isso, a cada dia que passa o Cine Verdi fica cada vez mais atrasado no tempo e no espaço. De acordo, aliás, com o pensamento de certas pessoas...” (Taperá – 24/08/1968)



Interior do Cine Verdi, que não tinha o necessário declive

Em dia de ensaio da Banda era difícil assistir ao filme

A Banda Gomes-Verdi ensaiava pelo menos numa das noites da semana no salão da Sociedade Italiana, ao lado do Verdi, e, nessa noite, era difícil assistir a um filme no Verdi:

“Faz mal aos nervos ir se divertir um pouco no Cine Verdi. É um tal de índio brigar de um lado e a banda tocar de outro. É necessário entrar num acordo, minha gente! Os divertimentos por aqui já não são tantos... É natural que uns prefiram ir assistir a um filme, outros a exibição de uma afinada corporação musical. Mas os dois ao mesmo tempo, essa não, pessoal. A meu ver, já que as sessões do ‘Verdi’ são sempre no mesmo horário, a banda deveria respeitar e ensaiar num outro horário, para que o público pagante do Verdi possa fazer jus ao dinheiro gasto. No fim, as pessoas acabam ficando com raiva do cinema, do filme, da decisão de não ter ficado em casa... E da banda. E depois há pessoas que ficam se perguntando por qual razão o povo está desprezando isso ou aquilo. A resposta é simples, não é verdade?” (Taperá – 25/07/70)

Cinema de graça para crianças, em sua semana, no Verdi

Na Semana da Criança daquele ano era oferecido cinema de graça aos “baixinhos”, conforme publicação em “O Trabalhador” de 13/10/1973:

“Graças a colaboração da Sociedade Italiana de Mútua Assistência Giuseppe Verdi e da Francapa (arrendatária do Cine Verdi) teremos amanhã dia 14, como homenagem ao encerramento da Semana da Criança, cinema gratuito para todos, que deve obedecer a seguinte escala: Das 8 às 9 da manhã – para alunos do Tancredo; das 9 às 10h para alunos do Grupo J. B. Dalla Vecchia e Escolas Isoladas; das 10 às 11h para o Sesi e Grupo Cláudio R. Silva e das 11 às 12h para os alunos de Externato S. Família e Anexo Paula Santos”.

“Setor S” comentava os melhoramentos no Verdi

Uma equipe denominada “Setor S”, integrada por jovens saltenses, comandados por Otto Mazzei Ciaccio, comentava no jornal “O Trabalhador” de 24 de abril de 1974 as mudanças que aconteceram no Cine Verdi. Nesse comentário dizia que a maioria dos filmes exibidos em nossos cinemas era de baixíssima qualidade, só de vez em quando trazendo filmes de boa qualidade. Por outro lado, não ofereciam conforto nenhum,

citando o Cine Verdi. “Ora são cadeiras defeituosas e mal confortáveis, ora máquinas enguiçadas, enfim um problema que irrita profundamente o bom público que ali se concentra, na sua maior parte nos fins de semana”, dizia o autor da nota. E prosseguia dizendo que “Como em Salto, ainda pode se dizer que ‘não tem onde ir à noite’, os cinemas são os lugares mais frequentados pelo povo”. Portanto, são justas as reclamações dirigidas a eles, pela qualidade dos filmes exibidos, “o que não devemos permitir que aconteça, e a bagunça, a gritaria, o desrespeito, e outras milongas mais, que vêm sendo feitas nos cinemas, por parte de alguns vândalos, que ajudam a aumentar a ‘guerra’ contra os nossos cinemas”.

Chiquito Guarnieri comenta a história do Verdi

Segundo o cinéfilo saltense, Chiquito Guarnieri, “em 1941 o Brasil rompeu relações com o eixo – Itália, Alemanha e Japão –, e o prédio do Cine Verdi, de propriedade da Sociedade Italiana, foi fechado e também todas as atividades da Sociedade, funcionando somente a Escola Anita Garibaldi. Meses depois, a Sociedade foi autorizada a alugar o salão para conservação e o Sr. João de Almeida alugou o cinema mantendo-o fechado para seu interesse, salvo num pequeno espaço de tempo em 1943, quando funcionou o cinema por alguns meses, onde assisti ao filme ‘O Mágico de Oz’. Depois disso, o salão do ‘Verdi’ foi usado como salão de baile e espetáculos de teatro, só voltando a funcionar como cinema em 1956, arrendado pela Empresa Cinematográfica Ituana, até encerrar suas atividades em 1985. Hoje é teatro”.

Cine Verdi passava a funcionar apenas 4 dias por semana

Em janeiro de 1981, tendo em vista a baixa frequência durante a semana, o Cine Verdi anunciava que funcionaria apenas quatro dias por semana: sábado, domingo, segunda e terça-feira, não realizando espetáculos cinematográficos às quartas, quintas e sextas-feiras. A informação foi prestada pela empresa proprietária do cinema, a Exibidora e Programadora Cinematográfica Ltda., de Botucatu. A justificativa para tal atitude foi o alto custo dos filmes programados que seriam pelo menos

equilibrados com a renda que o cinema arrecada nas quartas, quintas e sextas-feiras.

Segundo os diretores da empresa, em outras cidades também seriam tomadas as mesmas providências.

Janeiro de 1984: o “Verdi” já cogitava encerrar as atividades

Um ano antes do seu fechamento definitivo, que ocorreu em dezembro de 1984, o Cine Verdi, que na época era o único cinema da cidade, também cogitava fechar. No jornal “Taperá” de 14 de janeiro de 1984, a notícia foi publicada, informando que “nos próximos dias vencerá o contrato da empresa cinematográfica com a Sociedade Italiana, proprietária do prédio, o qual poderá não ser renovado. Nesse caso, o local seria utilizado para a apresentação de shows e outros espetáculos, falando-se num possível interesse da Prefeitura em aproveitá-lo para apresentações artísticas”.

Era registrado também que “enquanto isso, o prédio do Cine São José foi totalmente desocupado naquela semana, depois do fechamento em dezembro de 1983. “A tela e as máquinas já foram retiradas, sendo negociadas, e as cadeiras foram para um depósito na cidade”.

Confirmado – cidade sem cinema: o Cine Verdi iria fechar

Infelizmente, a notícia de fechamento do Cine Verdi também se confirmava no final de 1984:

“A partir do dia 1º de janeiro, a cidade vai ficar definitivamente sem cinema, pois no dia 31 deste mês o Cine Verdi vai seguir o exemplo do Cine São José e também fechará suas portas. O contrato entre a Sociedade Italiana Giuseppe Verdi e a empresa que aluga o salão será encerrado no final deste ano e não será renovado, porque a locadora não tem obedecido determinadas exigências. A Prefeitura Municipal parece interessada em locar o imóvel, aproveitando o salão para ali realizar espetáculos teatrais, cinematográficos, palestras, etc., mas isso ainda dependerá de um acerto entre o Poder Público e a Sociedade Italiana. (“Taperá” de 05/01/1985).



*Fachada demonstrava a decadência do
Cine Verdi, antes do seu fechamento*

Salto sem cinema – O jornal “O Trabalhador” também lamentava em sua edição do dia 5 de janeiro de 1985, o fechamento do Cine Verdi, ficando a cidade sem cinema:

“Com o fim do contrato de aluguel com a proprietária do prédio, a Sociedade Italiana Giuseppe Verdi, a empresa concessionária que mantinha o Cine Verdi não se interessou em renová-lo. Dia 31/12, foi o último dia de exibição no velho prédio da rua José Galvão, que, talvez venha a ser aproveitado para teatros, exposições, etc”.

Humor – Apesar da tristeza de muitos, houve quem fizesse humor com o fechamento do Verdi. Boca-de-Siri escrevia em sua coluna: “A turma da nostalgia ainda nem se recuperou da notícia do fechamento do Cine São José e já se comenta que também o ‘Verdi’ vai encerrar suas atividades cinematográficas. O Verdi, quem diria, hein? Ele que nem amadureceu...” (“Taperá” de 21/01/1984).



Funcionário do Cine Verdi retira os cartazes no dia da última sessão (1º de janeiro de 1984)

O verdadeiro motivo do fechamento do “Verdi”

Nessa mesma edição era revelado o principal motivo do fechamento do Cine Verdi (que não era por falta de público, como revelou o gerente do cinema). Havia dúvidas sobre o que seria do prédio do cinema, de propriedade da Sociedade Italiana Giuseppe Verdi:

“Como se previa, o Cine Verdi fechou suas portas no último dia 31 de dezembro, depois da última exibição do filme ‘Na onda do break’, aliás um nome muito apropriado para a ocasião, pois ‘break’ quer dizer parado, quebrado. O motivo do fechamento do cinema segundo o gerente José de Almeida, há 11 anos na função, não foi a falta de público, como aconteceu com outros cinemas de cidades do porte de Salto. Com o fechamento do Cine São José, em fins de 1983, o movimento do Verdi aumentou em 100%, proporcionando um lucro satisfatório à empresa. O cinema fechou porque a Sociedade Italiana, proprietária do imóvel onde ele funcionava, não renovou o contrato, tendo em vista que o locatário não cumpria há muito tempo as obrigações contratuais, ou seja, não zelava

pela conservação do prédio como prometia nas assinaturas de contratos anteriores. O aluguel era de apenas 80 mil cruzeiros mensais e mesmo assim não se gastava nada para melhorar o aspecto e as condições do prédio. Nesta semana a cabine de projeção foi desmontada e as máquinas, os equipamentos de som e outros aparelhos já estão embalados e devem seguir para Santa Bárbara do Oeste, onde existe um outro cinema da empresa, devendo ser guardados até que possam ser aproveitados noutro local. As cadeiras, a tela e outros móveis são de propriedade da Sociedade Italiana e permanecem no imóvel. O problema agora é a destinação a ser dada ao prédio. Ainda não existe nada definido, embora se comente que a Prefeitura estaria interessada em ali instalar uma Casa da Cultura, preservando as características da construção. Outros, porém, entendem que o prédio deve ser demolido para dar lugar a um moderno edifício, mas a Sociedade Italiana ainda vai demorar algum tempo para chegar a uma solução”.

Um relato sobre como eram as instalações do Cine Verdi

Antônio Marcos, que conhecia também muito bem o Cine Verdi, relembra como eram as instalações do cinema que fechou em dezembro de 1984:

“O Cine Verdi funcionou num salão de piso reto, sem declive, com poltronas de madeira. A sua entrada era por uma porta situada na Rua José Galvão, que dava acesso à sala de espera, onde se situavam a bilheteria, a gerência e as tabelas com material de propaganda dos filmes, além de outras duas portas internas, sendo uma para entrada e outra para a saída dos espectadores. Após a porta de entrada, situava-se um balcão usado para vender balas e doces e ao seu lado existia uma escada de madeira que servia de acesso à cabine de projeção e ao balcão.

A cabine era pequena, onde se achavam instalados dois projetores cinematográficos, além dos demais equipamentos do cinema. O salão continha em suas laterais várias janelas (venezianas) de madeira em ambos os lados do prédio e na frente do palco foi instalada a tela para projeção”.

Boca-de-Siri fala da alegria do velho Giuseppe com o fechamento

Numa crônica publicada em 5 de janeiro de 1985, o colunista Boca-de-Siri do jornal “Taperá” acrescenta mais um comentário, desta vez humorístico, sobre o fechamento do Cine Verdi:

“Embora o fechamento do Cine Verdi no último dia de 1984 tenha feito derramar algumas lágrimas de crocodilo, houve quem aplaudisse lá de longe o encerramento das atividades dessa sala de espetáculos. O velho Giuseppe primeiro constatou se a notícia era verdadeira (no ano passado já tinham dado um alarme falso) e depois exultou, cantando ‘La Traviatta’ em ritmo de samba. E como era o alvorecer de um ano novo, aproveitou para brindar o acontecimento com uma taça de champanhe Milioni. Abraçado ao compadre Carlos Gomes, seu vizinho, deu vivas entusiásticos, enquanto punha na vitrola uma tarantela.

Por que tanta euforia, enquanto alguns lamentavam o fechamento do único cinema da cidade? Giuseppe explica: ‘Aquilo já não era mais cinema, mas um desses ‘porno-shops’, onde o sexo explícito é a atração maior. E ele passa a citar artistas que se notabilizaram na tela e no palco do salão de propriedade da Sociedade Italiana, ultimamente eclipsados por espécimes nada raros das pornochanchadas nacionais. Fique frio, caro Giuseppe: do dia 1º último em diante, o Cine Verdi vai voltar para seus fantasmas e quem apreciava a programação que precipitou seu fim, vai ter que fazer abstinência sexo-visual...’ (Taperá – 05/01/85).

Flip Top também comentava o fechamento do “Verdi”

O colunista Flip Top também comentava em sua coluna o fechamento do Cine Verdi, dizendo que “Salto, uma cidade com cerca de 60 mil habitantes, mais de 20 indústrias de grande porte, berço de famílias tradicionais, localização geográfica privilegiada, etc., acaba de ficar sem cinema. O fechamento dos cines ‘São José’ e ‘Verdi’ causou certa revolta numa parte da população que não se conforma com isso”. A respeito do motivo desse fechamento (segundo um dos gerentes, são fechados, em média, 200 cinemas por mês no Brasil), foram citados a televisão, os filmes pornográficos, a falta de equipamentos mais modernos para exibição e a falta de conforto.

O colunista esperava que o local onde existiu o Cine Verdi fosse aproveitado para fins culturais e a característica do prédio seja conservada, pois trata-se de uma arquitetura tradicional, de fácil adaptação para teatro (como já existira antigamente), shows, festivais, palestras e outros eventos sócio-culturais. (Taperá – 05/01/85).



*Últimos dias do Cine Verdi: em cartaz, “Assim estava escrito”
(na janela e nome ampliado na tabuleta)*

Fechamento era classificado como decadência do cinema

No início de janeiro de 1985, após o fechamento do Verdi, o jornal “Taperá” classificava como “decadência do cinema” esse acontecimento. Era lembrado que no início do século XX, quando funcionaram no salão da Sociedade Italiana dois cinemas: o “Verdinho”, o Cine Teatro Verdi, surgindo depois, na década de 1950, o Cine Verdi. Em 1978 o “Verdi” passou a sofrer os efeitos da crise que se abatia sobre os cinemas brasileiros com a evasão de público e o difícil custeio das atividades. “Num último esforço para salvá-lo do fechamento, seus administradores lançaram mão do conhecido recurso de somente exibir filmes pornográficos, de forte apelo para uma boa fatia do público”, o que não perdurou. A partir do fechamento acentuou-se a decadência física do prédio, apesar dos esforços da Sociedade Italiana para conservá-lo. Também desse período data o surgimento da ideia de se dotar a cidade de uma Casa da Cultura, ideia que nasceu pelas mãos de cidadãos saltenses

descontentes com a grave decadência cultural que marcava a comunidade de longa data.

Entidades defendiam a ideia da criação de uma Casa da Cultura

Diversas entidades e até mesmo um grupo de jovens, denominado P.E.N.S.ê, também se manifestaram sobre o fechamento do “Verdi”, divulgando um comunicado. Nele, depois de relembrar os cinemas que se instalaram na cidade, elas lamentam que “hoje, século XX, a cidade de Salto está calada, triste e decepcionada, pois não há um espaço para a sua cultura. Uma cidade possuidora de um Conservatório Musical, que em suas audições obriga-se a apresentar-se em locais impróprios, com pouquíssima acústica. O Coral Cidade de Salto carente de espaço físico, a fim de fazer jus às suas apresentações. Os Festivais de Música ausentes por falta de local adequado. As apresentações da M.P.B. realizadas pela Projesom, também paralisadas pelo mesmo motivo. Filmes de Arte que poderiam ser exibidos em um ambiente apropriado, despertando o interesse pela arte cinematográfica. O Hércules Florence Foto Clube sem espaço para audiovisuais. A recente palestra proferida pelo professor Paulo Freire, no Externato Sagrada Família, poderia ser acompanhada de outras se tivéssemos um espaço singular. Os grupos teatrais, compostos por jovens, interessados na arte cênica, contudo castrados pela debilidade de locais apropriados. As sessões da Câmara Municipal poderiam ser realizadas em um ambiente maior, proporcionando mais espaço e conforto aos seus convidados. A Prefeitura Municipal de Salto, necessitando de um local mais amplo, para suas realizações de grande interesse à comunidade. Poderíamos enumerar muitas outras, porém o objetivo é sensibilizar os amigos leitores e as autoridades locais, em especial, o Sr. Prefeito Municipal, elucidando que este espaço é premente e não é tão difícil como possa parecer *a priori*”.

Considerava que o prédio do cinema, com algumas reformas, oferecendo, além dos 650 lugares, a possibilidade de ser ampliado; um ótimo palco-profissional, tendo dimensões excelentes; uma acústica boa, enfim, um local adequado para os saltenses terem “A Casa da Cultura”. Para elas a necessidade

da Casa da Cultura era urgente, “principalmente a uma comunidade que quer ter história e não apenas memória, além, de surgir na cultura, a maneira mais singela e franca de exprimir a realidade em que vive, ou então, recompor a história ou imaginá-la, através da música, da dança, da fotografia, do cinema, do teatro, da pintura, ou seja, da cultura”.

Assinavam o comunicado: Grupo P.E.N.S.'e, Associação Paulista de Medicina – Regional de Salto, Associação dos Engenheiros, Arquitetos e Agrônomos de Salto, Associação dos Professores do Estado de São Paulo – Sub-sede de Salto, Hércules Florence Foto Clube, G.U.S. – Grupo Unido Saltense (Comunidade de Jovens) e Associação dos Advogados de Salto.

O prédio do “Verdi” passou a ser utilizado para espetáculos teatrais

Em 28 de setembro de 1985, o Grupo Teatral Utopia, formado naquela época por saltenses, ressuscitava o “Verdi” para estrear sua montagem de “Édipo”, tragédia grega de Sófocles. O acontecimento, além do grande sucesso artístico, causou notável impacto na sociedade saltense, atraindo as atenções para as excepcionais qualidades daquele prédio e para o estado lastimável em que o mesmo se encontrava. Pode-se considerar que “Édipo” foi o grande ponto de partida para a reconquista do Verdi. A partir de então, a Prefeitura Municipal alugava o cinema e passava a cedê-lo para apresentações de dança, música, teatro, palestras e congêneres. Intensificava-se seu uso, a despeito da má conservação, bem como intensificava-se a luta para transferi-lo ao patrimônio político, com sua conseqüente recuperação.

Ano decisivo – Segundo o jornal “Taperá” de 14 de outubro de 1987, “O ano de 1986 foi decisivo para a causa. Fortalecia-se um grupo de cidadãos que, no segundo semestre do ano, deflagraram intensa campanha pela imprensa, através de abaixo-assinados, passeata, manifestos e reuniões com a Municipalidade, culminando na fundação, em 26/12/86, da Sociedade Cultural de Salto, destinada a amparar e estimular os assuntos artístico-culturais do município. Finalmente, eis que em 30 de dezembro, o prefeito Pilzio Nunciatto Di Lelli,

atendendo os maciços pedidos da sociedade, declara o imóvel, bem como as vizinhas instalações da antiga Casa D'Italia, de utilidade pública, para fins de desapropriação. Logo no dia 05 de janeiro de 1987, obtinha-se do Juízo de Direito da Comarca, a emissão de posse sobre os imóveis.

O primeiro semestre desse ano transcorreu com certa indecisão sobre o prédio, alertando a Sociedade Cultural para os riscos que tal impasse poderia representar para a efetiva detenção do mesmo pelo Poder Público. Porém, avizinhandose o segundo semestre, resolveu a Prefeitura Municipal optar pela reforma parcial do 'Verdi'. Iniciaram-se as obras pelo Departamento de Obras, com o auxílio de membros da Sociedade Cultural. O que se verificou, então, ao longo de não mais do que dois meses, foi uma extraordinária empolgação face à beleza do prédio e suas amplas possibilidades. O que deveria ser uma ligeira limpeza acompanhada de poucos retoques, acabou por se transformar numa obra grandiosa, que fez ressurgir da ruína o belíssimo 'Verdi', doravante Teatro Municipal Giuseppe Verdi, preservado em sua estética primeira, sua história e sua tradição.

O último episódio dessa conturbada trajetória veio nas últimas semanas, quando a Prefeitura entendeu que a administração do Teatro seria mais eficaz se ela se processasse por uma sociedade civil, desvinculada do Poder Público. Com esse objetivo, e mais, desejando proteger aquele bem cultural de eventuais manobras políticas e desvios de destinação, a Prefeitura reconstituiu oficialmente a Sociedade Cultural de Salto, como administradora do Teatro Municipal.

A partir de agora, a referida sociedade terá em suas mãos a difícil tarefa de bem administrar o teatro, para que o Verdi possa continuar servindo aos propósitos para os quais foi construído”.



*Em 1985, o Grupo Utopia apresentava “Édipo Rei”
no palco do cinema já fechado*

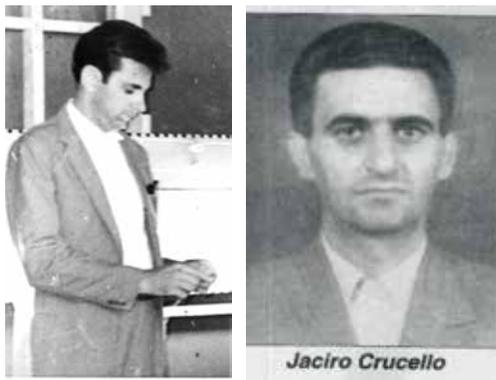
No prédio do “Verdi” voltaram a acontecer sessões de cinema em 1988

O jornal “Taperá” publicava em 9 de abril de 1988 que, nos dias 16 e 17 daquele mês, voltariam a ser realizadas sessões de cinema, três anos depois do fechamento. Elas aconteceriam às 17h, 19h e 21h, no Teatro Verdi, promovidas pelo “Cine Clube Ambulante – 100 Pol”. O principal objetivo era proporcionar às cidades que não possuíam cinemas mais essa opção de divertimento. O filme anunciado para essas sessões seria “Indiana Jones e o Templo da Perdição”, com Harrison Ford, continuação de “Os Caçadores da Arca Perdida”. Os exibidores alertavam que a tela a ser usada não possuía o tamanho normal de um cinema, pois a do Cine Verdi havia sido retirada. A tela a ser usada era de 100 polegadas e, por isso, foram colocados à venda 250 ingressos por sessão. Preços a serem cobrados: Cz\$ 90,00 para sócios da Sociedade Cultural e Cz\$ 120,00 para não sócios.

CINE NAJÁ

Dois amigos juntavam os nomes e montavam um novo cinema

Dois amigos, Jaciro Crucello e Natal Buchignani, resolveram, após o encerramento das atividades do “Cineminha da Igreja”, o Cine São Francisco, montar um novo cinema na cidade, que levou o nome de Cine Najá (“Na” de Natal e “Já” de Jaciro). Este último era o operador de projeção do São Francisco e já tinha uma certa experiência na área, mas Natal era professor no Ginásio Industrial e nenhum conhecimento sobre ela. Alugaram um prédio na Rua Barão do Rio Branco, 437, próximo à 9 de Julho, o qual foi totalmente reformado e adaptado para cinema. A projeção utilizava aparelhagem de 16mm, a mesma do “Cineminha da Igreja” e a inauguração aconteceu em 12 de setembro de 1959, com a exibição do filme “O tesouro do Barba Rubra” (Moonfleet), drama e aventura com Stewart Granger, George Sanders, Joan Greenwood, Viveca Lindfors e outros. Distribuição da Metro Goldwyn Mayer, com projeção de 87 minutos, em cores e em CinemaScope. Direção de Fritz Lang, Produção 1955. Nessa estreia haveria duas sessões, às 19h e 21h, em benefício da Igreja São Benedito.



De Natal Buchignani foi tirado o “Na” e de Jaciro Crucello o “Já”, formando o nome Najá

O cinema possuía cerca de 300 poltronas de madeira. O piso era em declive, proporcionando melhor visibilidade. O palco, onde se situava a tela, também era usado para exibição

de peças teatrais. O prédio continha duas portas que davam para a Rua Barão do Rio Branco, sendo uma usada para a entrada do espectador em uma pequena sala onde se situava a bilheteria e eram colocados os materiais de propaganda dos filmes a serem exibidos. Sobre ela ficava a cabine de projeção, com dois aparelhos sonoros de 16 mm. A outra porta, maior, servia para a saída dos frequentadores do cinema. Ao lado do palco situavam-se os sanitários, masculino e feminino.

Era um cinema pequeno, sem conforto, mas acolhedor. Exibia principalmente filmes da Metro. **Antonio Marcos** conta que em 1959, por ocasião da reforma do Cine Rui Barbosa, que iria se transformar em Cine São José, ele costumava frequentar o Cine Najá. Apesar dos problemas que enfrentava, o cinema durou quase cinco anos, até sua transformação em Cine Roiam.



O Najá funcionava num prédio da Rua Barão do Rio Branco próximo à 9 de Julho, onde hoje existem vários estabelecimentos comerciais



“O Tesouro do Barba Rubra” (“Moonfleet”) inaugurou o Cine Najá

Publicadas na imprensa notícias sobre o surgimento do Cine Najá

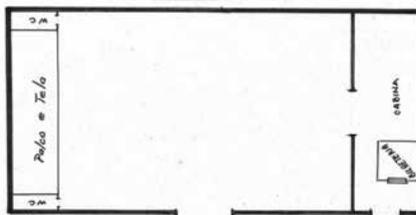
Sob o título “Projeta-se a instalação de mais um cinema em Salto”, o jornal “O Liberal” publicava em 14 de junho de 1959 que dentro de 30 ou 40 dias seria inaugurado um novo cinema na cidade, que seria “pequeno, sem luxo, mas confortável. Possuirá um declive, permitindo uma ótima visibilidade. Os filmes serão selecionados e atuais, projetados em tela panorâmica e Cinema-Scope. Os preços serão populares e ao alcance de todos”. Não era revelado o nome do cinema, o que só aconteceria futuramente.

Os homens só poderiam entrar nas sessões usando paletó

Em 23 de agosto de 1959, mais uma notícia era publicada pelo “O Liberal” sobre o novo cinema, anunciando que ele estava pronto para funcionar. Os proprietários Natal e Jaciro previam as vantagens sobre os outros cinemas da cidade: o escoamento do público seria rápido, não seriam permitidas algazarras, a censura oficial seria respeitada e só seria permitida a entrada de pessoas do sexo masculino com paletó, o que, na opinião dos proprietários, daria ao local “mais civilidade”. Também era publicado que o novo cinema teria capacidade para 300 pessoas sentadas, menos da metade dos outros dois cinemas da cidade.

Como era o Cine Najá: “pequeno e confortável”

Comentando a inauguração do Cine Najá, Espectador X do jornal “Taperá” dizia, em 20 de setembro de 1959, que, embora pequeno (como já fora dito), “o novo cinema é confortável, podendo mesmo fazer concorrência aos outros dois, bastando que sua linha de conduta seja de molde a agradar os espectadores”.



Esboço de como era o interior do prédio onde funcionou o Cine Najá

Inovando com a “Sessão Zig-Zag” aos domingos

O Cine Najá inovava, pois dois meses depois da inauguração, num domingo, promoveu a “Sessão Zig-Zag”, às 9h30, onde eram exibidos desenhos, comédias, faroestes, etc., com distribuição de pipocas. As primeiras sessões foram em benefício do Natal das crianças pobres.

Festival – Outra promoção do Cine Najá, esta em outubro de 1960: um Festival Cinematográfico com desenhos do Tom & Jerry. Esses filmes, todos em technicolor, foram exibidos em sessões especiais, nos dias 9, 10, 11 e 12, com duração de 80 minutos cada uma.

Cine Najá tinha uma “filial” em Elias Fausto

Espectador X dava a notícia em sua coluna em “O Liberal” de 17 de março de 1962:

“Vocês já sabem da novidade? O Najá a partir de domingo tem filial. Parecia que o Natal e o Ciro, donos do ‘Caçula’, estavam acomodados, mas não; foram pra Elias Fausto e inauguraram outro Najá. Devagar ainda um dia os dois inteligentes moços fundam aí uma Companhia Cinematográfica e vocês vão ver. Nossos parabéns a ambos e desejos sinceros de que continuem progredindo. Quem ganhará também com isso será nosso público que poderá ir ao cineminha da Rua Rio Branco ver filmes bons e novos”.

Um certo tipo de “viciados” no Najá

É o que escrevia Espectador X em sua coluna em “O Liberal”: “O Najá só é frequentado por viciados. Não maconheiros, nem morfinômanos (ver Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, 9ª edição, página 829), nem beberrões, mas por pessoas que mecanicamente lá comparecem por vício adquirido desde que o Ciro e o Natal ali passaram a exibir fitas. E que estômago tem a turma! Caramba! Tanto lhes importa filmes nacionais, como mexicanos, americanos, turcos, etc. Eles engolem tudo, desde comédia até drama, passando pelos faroestes. Muitos vão ao Najá sem saber que fita vão assistir. Apenas entram por vício. Não acreditam? Frequentem o Najá e reparem na cara dos que o cercam: sempre os mesmos. Por

isso que os proprietários do cinema não se importam em selecionar a programação e exibem fitas como essa ‘A Infame’, que a turma vai aguentar hoje. É com a Libertad Lamarque. Adivinhem quem é a infame?”.

Filme da Romaria de Salto a Pirapora exibido numa quarta-feira

Um filme sobre a Romaria de Salto a Pirapora, que já se realizava anualmente, foi exibido no Cine Najá numa quarta-feira do mês de maio de 1964. Ele tinha sido exibido pela TV Tupi, canal 4, e mostrava aspectos interessantes desse evento, do qual participavam cavaleiros, ciclistas, charreteiros, motociclistas, etc. A chegada triunfal dos romeiros a Salto também era mostrada pelo filme, sendo a renda auferida à Comissão que promovia a Romaria.

Encerramento das atividades com um filme de Tarzan

Depois de quase cinco anos de funcionamento (a inauguração foi em setembro de 1959), o Cine Najá encerrou as atividades em junho de 1964, com a dissolução da sociedade entre Jaciro Crucello e Natal Buchignani. O último filme exibido foi “Tarzan, o vencedor”. “Vitória de Tarzan, derrota do Najá”, publicava “Taperá”.



“Najá” encerrou as atividades com a exibição de um filme de Tarzan

CINE ROIAM

Após o fechamento do Najá, Jaciro Crucello voltava com outro cinema

Era tudo igual ao “extinto” Cine Najá: o mesmo prédio, o mesmo equipamento, as mesmas poltronas, os mesmos sanitários, enfim nada mudara. Ou melhor, mudara o nome, que passara a Cine Roiam. Por que Roiam: Jaciro, com mania de grandeza, pegou a expressão MAIOR e a inverteu, surgindo o Roiam.

Começou a funcionar no segundo semestre de 1964 e por muito pouco tempo, encerrando suas atividades no início de 1965, pois o cinema perdeu muitos dos seus frequentadores fiéis, que ficaram alguns meses sem poder frequentá-lo e perderam o “costume”. Assim que fechou suas portas, uma serralheria se instalou no prédio, que nunca mais voltou a ser utilizado como cinema. Como era amplo, foi dividido em várias lojas comerciais, o que ocorre até os dias atuais.

CINE SÃO JOSÉ

Sucessor do “Rui Barbosa” foi o melhor cinema saltense em todos os tempos

Em 3 de setembro de 1960 surgia o Cine São José, sucessor do Cine Rui Barbosa, que passou a funcionar no mesmo prédio, na Rua Rui Barbosa, 395, centro. Seu proprietário era também o mesmo que respondia pelo “Rui Barbosa”, João de Almeida, que dava nome à empresa responsável.

Na inauguração, segundo *Antonio Marcos*, filho do proprietário, foi realizada uma cerimônia singela, no período da tarde do dia citado, na qual compareceram autoridades, entre elas o prefeito municipal, Vicente Scivictaro, vereadores, padre Luiz Gonzaga de Melo Camargo, que benzeu as novas instalações, sendo a fita simbólica desatada pela esposa do proprietário, dona Marcolina Vander Velden de Almeida (Dona Zizinha), seguindo-se a projeção de jornais e trailers e servido um coquetel aos convidados. Finalizando, os presentes puderam visitar as novas dependências do cinema, sendo por todos elogiada, devido à grandiosidade da obra realizada pelo empresário.

O primeiro filme exibido no novo cinema foi “O Congresso Dança”, da Republic, em sessão que teve início às 19h30, naquele

sábado, estrelado por Johanna Matz, Rudolf Prack, Hannelore Bollmann, Marte Harell, Jester Naefe e Hans Moser, em CinemaScope e Trucolor, com a finalidade de testar todo o equipamento recém instalado. No domingo, dia 4/9/1960, aconteceu a exibição do filme “Viagem ao Centro da Terra” (*Journey to the Center of the earth*), do romance de Júlio Verne, lançamento de 1959, da 20th Century Fox, estrelado por James Mason, Pat Boone, Arlene Dahl, Diane Baker, Thayer David e outros, em CinemaScope, cor de luxo, exibido em duas sessões, às 19h e 21h15, inaugurando oficialmente o novo cinema.



Projeto original da fachada do cinema (que foi modificada)





Primeiro filme exibido na inauguração foi “O Congresso Dança” e o segundo “Viagem ao Centro da Terra”

Repercussão da inauguração nos jornais locais

Tanto “O Liberal” como “O Trabalhador”, os dois jornais que circulavam na cidade naquele ano, deram destaque à inauguração em suas edições do dia 11 de setembro de 1960:

“**O Liberal**” – “Perante um grande número de convidados, deu-se no último sábado, à tarde, a inauguração do Cine São José, situado na Rua Rui Barbosa. Pouco depois das 15h ocorreu o início das solenidades, quando o Revmo. padre Luiz deu a benção à nova casa de diversões. O Sr. João de Almeida, proprietário do novo cinema, fez uso da palavra agradecendo a cooperação de todos e de sua felicidade em dotar Salto de um local de diversões confortável e moderno. Depois dessas palavras, convidou o prefeito municipal a desatar a fita simbólica, convite esse que foi declinado pelo alcaide saltense para a esposa do proprietário que, sob uma salva de palmas, inaugurou solenemente o cinema. Depois desse ato, todos os presentes foram convidados a percorrer as diversas dependências do prédio, sendo unânimes as manifestações

de admiração pelo valor da obra. Logo em seguida, seguiu-se um coquetel e exibição de jornais.

Ao encerrarmos esta nota queremos deixar frisados os nossos ardentes aplausos a essa gigantesca iniciativa do Sr. João de Almeida”.

“O Trabalhador” – “A convite do Sr. João de Almeida, estivemos no sábado, dia 3, no Cine São José, afim de presenciar a singela cerimônia que marcou o início de funcionamento daquela casa de espetáculos, ou seja, a reabertura do antigo ‘Cine Rui Barbosa’, agora completamente remodelado. Compareceram ao ato os Srs. prefeito municipal, o presidente da Câmara, vários Vereadores; Revmo. Pe. Luiz Gonzaga de Melo Camargo, representantes de diversas instituições e da imprensa. Após rápidas palavras do Sr. João de Almeida, o Sr. prefeito, convidado a desatar a fita colocada na porta de acesso ao salão, declinou do convite em favor da Sra. D. Marcolina Vander Velden de Almeida, digníssima esposa do proprietário do cinema. Em seguida, o Revmo. Pe. Luiz procedeu a benção das dependências do prédio, sendo depois servida aos presentes uma taça de champanhe e exibido um ‘short’ nacional colorido. No final, foi ainda servida uma chopada, acompanhada de salgadinhos. Percorrendo as dependências do cinema, tivemos oportunidade de observar, além do que já descrevemos em outra ocasião, que o Cine São José é de fato soberbo. Tudo foi feito dentro da mais moderna técnica, no intuito de proporcionar ao público amante da 7ª arte um local confortável e em condições de agradar plenamente. O forro, as paredes, o piso, a tela, tudo enfim, demonstra de fato o esmero com que foi levada a termo a reforma do ex-‘Rui Barbosa’. Ao ensejo desta nota felicitamos o Sr. João de Almeida, por essa arrojada iniciativa, que veio dar à nossa cidade um cinema em ótimas condições. De parabéns está também a nossa cidade por possuir mais um melhoramento à altura de seu progresso”.



*A fachada do “São José” com o nome na vertical
(no projeto era na horizontal)*

Um relato detalhado sobre as características do prédio

Assim como fez com o Cine Rui Barbosa, **Antonio Marcos** apresentou um relato sobre o Cine São José, no qual também teve participação, juntamente com seu pai João:

Fachada – O imóvel mede de frente 19,48 metros e 39 metros da frente aos fundos, num terreno maior do que o do “Rui Barbosa”, pois foi adquirida uma faixa nos fundos para ampliação do prédio. No fundo, o imóvel mede 24,28 metros. Na parte frontal do cinema existiam cinco portas, sendo três pantográficas (sanfonadas); uma central maior e duas laterais menores, em frente a um corredor onde ficavam as bilheterias, uma em cada extremidade, e portas de madeira com grandes vidros, que o separavam da sala de espera propriamente dita, além de duas portas de enrolar nos corredores laterais, usadas para a saída dos espectadores. A marquise, que já existia no tempo do “Rui Barbosa”, foi ampliada, cobrindo agora toda a extensão da fachada e todas as portas ali existentes. Farta iluminação com plafons e lâmpadas foi instalada sob esta. As

paredes externas foram revestidas de pedras cor de cinza, artisticamente dispostas, em toda a extensão sob a marquise. Sobre a marquise, quatro grandes vitrôs: dois deles servindo à cabine de projeção, e os outros dois, um no corredor e o outro no sanitário para uso dos funcionários. Também sobre a marquise, fixado na parede, encontrava-se um grande luminoso com o nome do cinema, Cine São José, com letras iluminadas internamente por neon, sobre um fundo amarelo. Na parte mais alta da fachada foram projetadas quatro fileiras de tijolos vazados, servindo para ventilação entre o forro e o telhado de telhas eternit, como também para saída dos gases emitidos pela lanterna dos projetores, através de tubos especiais. As portas centrais serviam para a entrada no cinema e acesso às bilheteiras, uma em cada extremidade do corredor. Neste espaço (corredor) costumavam-se colocar as tabelas com as propagandas dos filmes do dia e da semana, pois as portas pantográficas permitiam a sua visibilidade. Inicialmente, neste corredor ficava apenas uma bilheteria e na outra extremidade um quadro com propaganda de filmes, frequentemente danificado à noite por vândalos. Em dias de grande movimento era aberta uma bilheteria improvisada no corredor de saída. Entre estas portas pantográficas e a sala de espera, propriamente dita, havia uma divisória de madeira envernizada, com grandes vidros e três portas que serviam para acesso à sala de espera, sendo a central usada para a entrada dos espectadores.

Sala de Espera – Ocupava toda a extensão da fachada do prédio, ampliada em sua largura em aproximadamente um metro a mais que no “Rui Barbosa”, onde, em uma das extremidades, localizava-se a gerência e a bilheteria e, na outra, uma porta com acesso ao corredor de saída. No piso, totalmente modificado, foram substituídos os antigos ladrilhos por cerâmica vermelha com desenhos geométricos decorativos em toda a extensão. Separando as portas de entrada daquelas da rua, uma divisória de madeira envernizada com três portas e grandes vidros, foi projetado um corredor de um metro de largura entre a sala de espera propriamente dita e a entrada, onde ficavam tabelas com materiais de propaganda dos filmes e o guichê da bilheteria. A porta central era usada para entrada

dos espectadores e onde ficava o porteiro. As outras duas portas geralmente ficavam fechadas, servindo apenas para entrada de funcionários. Do outro lado desse corredor, onde antes existia um quadro com publicidade, foi construída uma nova bilheteria, para agilizar a venda dos ingressos sempre que o movimento de público fosse maior. A sala de espera era decorada no teto com peças de gesso e por sancas com iluminação indireta, além de plafons instalados no teto. No topo das colunas existiam capitéis de gesso decorado. Mais tarde, os plafons do teto foram substituídos por conjuntos com lâmpadas fluorescentes, dando assim maior claridade, assim como a iluminação indireta das sancas na sala de espera. Também, na marquise, foram instaladas novas luminárias. Nas paredes, pintadas de verde claro e decoradas com losangos, inicialmente não havia quadros com publicidade na sala de espera, sendo mais tarde instalados dois grandes quadros, retirados do corredor de saída. O processo da pintura era igual ao usado no interior da sala de projeção (pó de mármore, cimento branco e corante, aplicados com máquina). Havia ainda a *bombonière*, explorada pelo Sr. Rino Ferrari, encarregado do serviço de limpeza do cinema e da entrega das tabuletas com propaganda dos filmes, colocadas em esquinas da cidade. Ao lado da Gerência foi inicialmente instalado um grande aquário decorativo, dando um aspecto mais alegre e bonito, encantando a todos os que ali compareciam. Posteriormente, esse aquário foi desativado, devido aos maus tratos sofridos por parte de indivíduos indesejáveis que colocavam materiais estranhos, tocos de cigarro e até mesmo veneno, causando a morte dos peixes. O escritório da gerência dava acesso à bilheteria, cabine de projeção e corredor de saída de emergência, usado para a saída em dias de grande movimento. A urna para recepção dos ingressos era metálica e com pintura decorativa, própria para cinema. Próximo à porta de acesso ao principal corredor de saída foi instalado um bebedouro de água, substituído mais tarde por outro elétrico, com água gelada. No escritório da gerência, além dos móveis normais de escritório, ficavam sofás, armários embutidos, o cofre e a bilheteria, com guichê de vidro, mesa e banquetas para o bilheteiro.



Fotos da sala de espera do novo cinema

Sala de Projeção – O acesso era através de uma larga porta, situada na parte central da sala de espera, permanecendo aberta até o início da sessão; quando fechada, a entrada dos usuários era feita pelo corredor lateral, para se evitar que o abrir e fechar desta porta incomodasse os espectadores que já se encontravam na sala de projeção, sentados próximos à entrada principal. O piso era de madeira (tacos) em toda extensão com declive acentuado, sendo na parte mais funda 1,20 metros (um metro e vinte centímetros), propiciando visibilidade total em qualquer ponto onde se estivesse, com perfeita visão da tela. Na entrada existia um pequeno corredor central, com piso de cerâmica vermelha contendo desenhos geométricos coloridos, que chegava até o início do piso de taco. Dois corredores laterais situados entre os parapeitos existentes atrás das últimas poltronas, revestidos com cerâmica vermelha, permitiam acesso aos corredores laterais da sala de projeção. A sala de projeção era dividida em quatro lances de poltronas de madeira, num total de 848 lugares, metade de cada lado, com um corredor central e dois laterais, além de um corredor intermediário, com saída para o corredor do lado esquerdo e o da direita ao corredor da saída de emergência. Sobre todas as portas havia indicadores luminosos, que funcionavam mesmo com falta de energia elétrica, e cortinas confeccionadas em tecido grosso vermelho com fios pretos entremeados. A saída de emergência era usada em dias em que o cinema estava com grande afluência de público, para facilitar o escoamento mais rápido. O corredor da esquerda dava

acesso ao sanitário masculino, sendo mais tarde aberta uma porta direta da sala de espetáculo; do lado direito situava-se o sanitário feminino. As cortinas sobre essas portas eram iguais às demais existentes no salão.



Sala de projeção, aparecendo, ao fundo, a cabine

Poltronas – Em número de 848, confeccionadas em madeira envernizada, modelo “Record”, levantamento automático, assento anatômico, adquiridas de Cadeiras e Móveis Pellicciari S/A – Indústria e Comércio, da cidade de Jundiaí. Foram fixadas no piso, em fileiras com curvatura especial para facilitar a visibilidade da tela em qualquer ponto da sala de espetáculo, além de espaço entre uma fileira e outra, proporcionando comodidade e passagem sem dificuldade pelos corredores. Além da instalação estratégica das poltronas, o declive do piso facilitava a perfeita visão em qualquer ponto da sala de projeção.



As confortáveis poltronas com levantamento automático e assento anatômico

Forro – Artisticamente construído pela firma especializada em cinema de São Paulo “Perobal“, de Froes & Mendes Ltda., o forro foi projetado em declive, partindo da tela para a frente do cinema, em degraus e sancas laterais, construído em madeira revestida de chapas de eucatex acústico bisotado formando quadrados, dando um aspecto magnífico na decoração da sala de projeção, além de acústica perfeita.

Cabine de Projeção – A cabine do “São José” foi projetada com bastante espaço interno, para melhor distribuição dos equipamentos. Os dois projetores “RCA Photophone” passaram por uma reforma total, com adaptação às novidades do mercado no ramo cinematográfico, tanto na parte sonora, como na projeção, além de pintura geral na cor cinza. A cor original destes aparelhos era preta. A cabine, ampla e arejada, revestida de azulejos brancos até a altura de 1,50 metro, media 5,20 metros de comprimento por 5 metros de largura, num total de 26 metros, e acomodava os projetores, retificadores de corrente, amplificadores de som, toca-discos, um balcão, usado na parte superior para colocação das partes de filmes, trailers, discos, enroladeira, coladeira, etc., e, na parte inferior, armários onde eram guardados equipamentos de reserva, óleo para o projetor, carvões, motores e peças para reposição, fusíveis, etc. Foi instalado um quadro geral de distribuição de energia elétrica onde se encontravam as chaves de acionamento dos aparelhos de renovação de ar e das demais instalações e equipamentos usados no cinema. Próximo à entrada da cabine havia uma bateria elétrica com recarregador automático, que a mantinha sempre carregada para a iluminação de emergência, instalada nas proximidades do palco, na parede lateral direita, constando-se de dois “selead-beans“, ligados sempre que faltava energia elétrica. Esta bateria também alimentava os indicadores de saída sobre as portas nas emergências. Uma campainha elétrica foi instalada entre a cabine de projeção e a gerência, servindo para informar quando estava sendo projetada a última parte do filme, para serem abertas as portas de saída ou para avisar quando ocorria algum eventual defeito na aparelhagem. Mais tarde, foi instalada uma caixa de som na sala de espera. Dois potentes amplificadores de som novos, totalmente transistorizados, retificadores de corrente com

placas de selênio, para melhor projeção, moderno toca-discos, retificador de corrente para alimentação da excitadora do som, instalação para microfone e toca-fitas, etc. Inicialmente foi instalado o sistema de som ótico, sendo, periodicamente reformado e modernizado, procurando sempre atender as inovações do mercado. Mais tarde o sistema de som passou a ser totalmente transistorizado (amplificadores). O sistema de som ótico, com amplificação totalmente transistorizada e cujos alto-falantes de 12 polegadas de diâmetro, filtros de som com cornetas importadas (da França) e caixas acústicas ficavam no palco, atrás da tela, dando sonoridade de alta qualidade, podendo ser complementada, quando necessário, por alto-falantes laterais instalados nas paredes da sala de projeção, que contribuía para melhor efeito sonoro. A aparelhagem de som foi confeccionada na “Oficina Filmsong” do técnico Jacob E. Grillo, em São Paulo, encarregado da manutenção dos aparelhos cinematográficos e equipamentos sonoros de cinemas na capital. Nas emergências, quem nos socorria era o Sr. Celestino Cremasco, de Itu, que também era proprietário de cinemas naquela cidade (“Cine Independente” e, depois, o “Cine Times”). Ao lado da cabine foi construído um sanitário com lavatório, além de um chuveiro elétrico para uso dos funcionários. Na parte superior havia um pequeno escritório, onde eram guardados materiais do cinema, como carvões, impressos, clichês de filmes, materiais não devolvidos, etc. Deste escritório podia-se fiscalizar a plateia do cinema ou assistir filmes através de uma janela que dava acesso à sala de projeção.



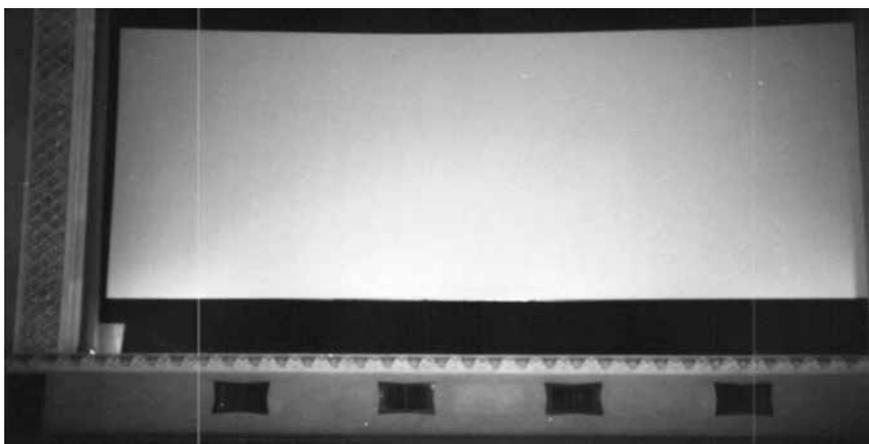
Cabine de projeção, com dois projetores reformados

Aparelhagem de som – No “São José” a aparelhagem de som foi programada e construída especialmente; os projetores passaram por revisão e total reforma e nos primeiros meses após a inauguração do cinema, como os amplificadores de som eram muito potentes, captavam certa estação de rádio que, principalmente em filmes mais silenciosos, ouvia-se simultaneamente a programação da rádio, causando algumas reclamações que constaram até nos jornais locais, dizendo que “o operador ligava o rádio tão alto que podia ser ouvido na sala de projeção”, o que não era verdade e que foi, posteriormente, ratificado pelo próprio jornal, explicando o caso. Esse “defeito” foi sanado com a blindagem de certos elementos do amplificador que serviam de retransmissor da rádio. Em 1978, esses amplificadores foram substituídos por outros mais modernos e mais eficientes, totalmente transistorizados, que melhoraram ainda mais o som do cinema. Nessa mesma época, foi substituída a tela existente por uma mais moderna e de melhor qualidade, sendo também substituída totalmente a armação de madeira que a sustentava.

Projeção – Os projetores RCA do “Rui Barbosa”, após a paralisação das atividades para o término da reforma do prédio (1959 a 1960), foram desmontados e remetidos a São Paulo, onde passaram por uma reforma e revisão total, até na pintura (a cor original preta foi substituída por cinza chumbo), retornando novos. A lanterna “Brenkert Senarc” foi reformada, adequando-a para possibilitar uma luminosidade excelente na projeção, passando-se a usar carvões cobreados nas bitolas 6 x 9 e 7 x 14, modificando-se inclusive o tamanho dos espelhos, uma vez que a distância da cabina até a tela fora aumentada, devido ao comprimento maior da nova sala de projeção. As objetivas CinemaScope Bell & Howell, importadas dos EUA, também foram encaminhadas para adequação à nova distância entre a cabina e a tela, além de uma limpeza geral. Os retificadores de corrente, alimentados, anteriormente, através de quatro bulbos cada, foram modificados e substituídos por placas de selênio, mais modernas e eficientes, o que veio proporcionar uma imagem ainda mais fixa e sem oscilações. A projeção do “São José”, bem como o som e a acústica do cinema

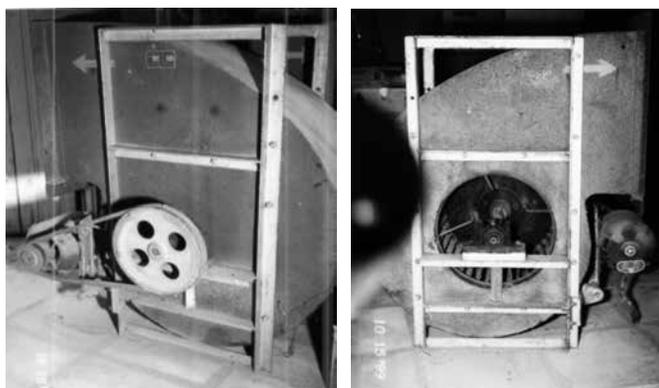
foram considerados um dos melhores da região, devido ao carinho com que foram planejados e cuidados pelo empresário e seu filho, que os inspecionavam para sempre poderem apresentar som e imagem perfeitos. Os espelhos das lanternas eram substituídos periodicamente e limpos diariamente para melhor projeção, além de o carvão usado ser sempre da melhor procedência (eram importados).

Boca de cena – Totalmente revestida com moldura de gesso com cerca de um metro de largura, decoração em forma de renda e pintura branca e azulada, decorava os lados e a parte superior da tela, ficando esta dentro de uma moldura preta para maior realce da projeção, iluminação indireta, através de pequenos “spots” instalados na ribalta, projetando iluminação colorida diretamente na cortina. A tela, de material plástico “Plastinil”, media 13 metros de largura por 6,50 metros de altura e com curvatura especial para projeção em CinemaScope. A tela, inicialmente, foi aproveitada do “Rui Barbosa”, sendo antes lavada, dada a excelente qualidade do material. Em fevereiro de 1978, durante os dias de Carnaval, essa tela foi substituída por outra mais moderna, tridimensional, com fundo azulado e metragem semelhante, montada sobre nova armação de madeira. A montagem ficou a cargo do especialista de São Paulo, Sr. Canhete. A qualidade do material desta tela veio realçar ainda mais a projeção.



*Tela supertridimensional panorâmica suspensa,
com os 4 aparelhos de renovação de ar*

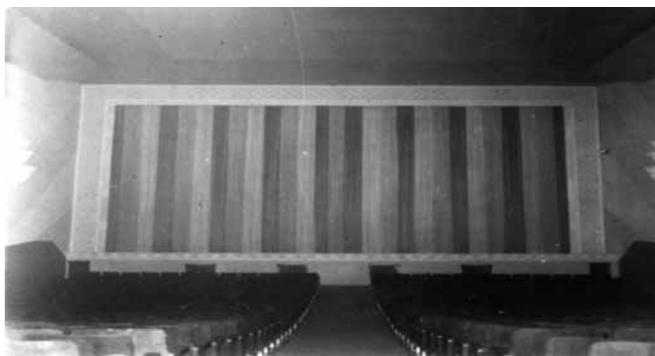
Ventilação – Instalados sob o palco, quatro potentes aparelhos de renovação de ar, em forma de caracol, foram instalados pela firma Vent-Ania Indústria e Comércio Ltda., com capacidade para 600 m³ metros cúbicos de ar por minuto (150 m³ cada um); quando acionados tornavam o ambiente agradável, principalmente na época do verão, pois o ar, saindo de baixo para cima, expelia o ar quente, refrescando toda a sala de espetáculo. Costumava-se colocar perfume de ambiente que era lançado através dos renovadores diretamente na sala de projeção. No início do funcionamento do cinema, houve reclamação por parte de usuários e também pelo jornal, devido ao barulho causado pelos aparelhos, ocasionado pela vibração das caixas condutoras do ar até a saída nas venezianas em frente ao palco, pois estes tubos eram de chapa com armação de madeira e fixados diretamente nos aparelhos. Achada a causa do ruído, foi solucionado o problema, tornando o sistema silencioso e eficiente.



Dois dos quatro potentes aparelhos de renovação de ar, que tornavam o ambiente agradável

Cortina do Palco – A cortina de boca de cena do palco foi confeccionada por firma de São Paulo (Alencar), especializada em decoração de cinemas e teatros, em cetim colorido, em faixas verticais, nas cores azul, rosa e cinza, revestindo toda a frente do palco; quando aberta, ficava oculta atrás da moldura de gesso decorado que revestia toda a extensão do palco. Era acionada através de comando elétrico, diretamente da cabina pelo operador, quando do início da sessão e fechada quando

do término da mesma. Na ribalta, revestida de conchas de gesso decorado, pintadas nas cores branca e azul, ficavam “spots” com lâmpadas coloridas que projetavam sua luminosidade diretamente na cortina, realçando as suas cores. Mais tarde essa iluminação foi modificada e substituída por lâmpadas fluorescentes claras. Na parede inferior da ribalta, encontravam-se quatro venezianas reguláveis que distribuíam o ar vindo dos aparelhos renovadores instalados sob o tablado do palco. Nas duas laterais do palco existiam portas para acesso aos camarins e ao palco, com galerias e cortinas vermelhas, iguais às demais instaladas no cinema.



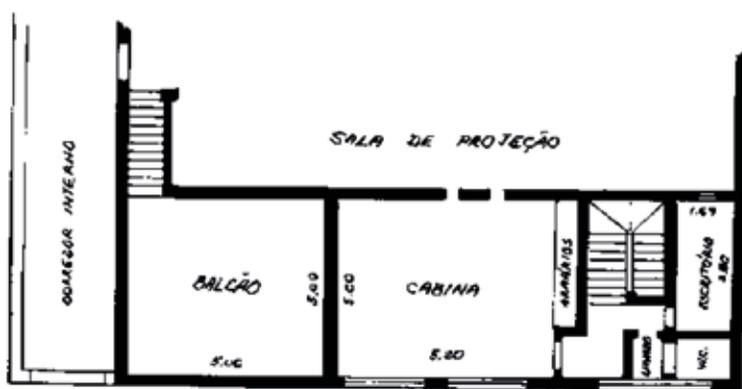
Cortina de palco, com faixas verticais azul, rosa e cinza

Sala de Projeção – Com faixas verticais oblíquas, nas cores verde claro, azul e rosa, separadas por cordões marrons, a pintura nas paredes internas da sala de projeção foi aplicada através de máquina, devido ao fato de sua composição ser pó de mármore, cimento branco e pigmento colorido, dando uma aparência rústica e em relevo, além de altamente acústica. Lambris na cor marrom, com altura de 1,80 metros (um metro e oitenta centímetros) revestiam toda a extensão das paredes laterais da sala de projeção; próximo ao piso, nas laterais, foram instaladas pequenas lâmpadas em toda a extensão, facilitando a passagem nos corredores. Na iluminação indireta da sala de projeção, foram instaladas seis “sanças” de gesso decorado com 2,50 metros de comprimento cada, sendo três em cada lado do salão, com lâmpadas incandescentes claras (mais tarde substituídas por fluorescentes), entremeadas com quatro

vasos de gesso decorativo de cada lado, em forma de pequenas fontes, composto de três peças cada, sendo a peça maior na parte inferior; cada um com lâmpadas coloridas diferentes (amarela, vermelha, verde e azul), sendo as de coloração mais intensa instaladas nos vasos mais próximos à entrada e as de tonalidade mais fraca próximas ao palco, a fim de não atrapalhar a projeção. Na parede do fundo, onde se situava a cabine de projeção, o revestimento foi feito com chapas acústicas brancas, formando desenhos decorativos, sendo este mesmo revestimento instalado também na parede do balcão e cuja iluminação era feita através de um pequeno vaso decorativo, no mesmo molde dos demais. Nessa parede também foi instalado um vaso decorativo com lâmpadas coloridas laranja. Nas paredes laterais, alto-falantes embutidos serviam para complementar o som e para destaque de efeito sonoro em determinadas cenas do filme. Sobre as caixas de passagem da fiação elétrica, nas paredes internas do salão, foram colocadas peças decorativas de gesso, em forma de conchas, semelhantes as da ribalta, contendo na parte interna a inscrição “JO-MAR”, iniciais dos nomes dos proprietários do cinema, João e Marcolina. Se o nome do cinema já não tivesse sido escolhido anteriormente e o luminoso não estivesse pronto com o nome de “Cine São José”, o nome mais provável teria sido este: “Cine Jomar”. Duas portas laterais davam acesso ao corredor de saída e ao sanitário masculino. Nessas portas existiam grandes cortinas de tecido vermelho listrado e luminosos com a indicação “Saída”. O conjunto de vasos coloridos era aceso após o sinal do gongo, apagando-se as demais lâmpadas, dando um belo visual ao ambiente. Ouvia-se a música do prefixo e iniciava-se a sessão cinematográfica.

Balcão – Diferentemente do “Rui Barbosa”, no “São José” o problema da passagem pela frente da cabina de projeção deixou de existir, pois o novo balcão, reduzido a somente 30 (trinta) lugares e com poltronas iguais às instaladas na sala de projeção, tinha acesso direto da sala de projeção, através de uma escada interna, sem passar pela frente dos projetores, com projeção direta à tela, através de janelas próprias. Com tamanho reduzido, para aproveitar espaço já existente, o

balcão media 5 metros de comprimento por 5 metros de largura, totalizando 25 metros quadrados, forro de eucatex e parede do fundo revestida de eucatex acústico, semelhante ao da parede em frente à cabine, sendo as paredes laterais pintadas com o mesmo sistema da sala de espetáculo. O piso (soalho) era em forma de degraus, para maior visibilidade e poltronas instaladas de forma que facilitasse a visão total da tela. A iluminação era indireta, através de pequenas sancas, igual às existentes nas dependências do cinema. O balcão era liberado para uso diariamente, sendo, posteriormente, fechado e liberado somente quando necessário devido à maior afluência de público. Em dias de grande movimento, até os degraus da escada de acesso serviam de assento para as pessoas que chegavam atrasadas e não encontravam poltronas disponíveis.



Planta do balcão, cabine e demais dependências da parte superior

Corredores de Saída – No lado esquerdo da sala de projeção havia um grande corredor interno, ocupando toda a extensão do prédio, usado para a saída dos espectadores após o término da sessão. No final deste corredor situava-se o sanitário masculino. As paredes, na cor verde clara e decorada com losangos, iguais aos da sala de espera, eram pintadas com o mesmo material das demais dependências do cinema (pó de mármore, cimento branco e corante, aplicados com máquinas). Em um dos lados existiam três grandes quadros de madeira envernizada, onde eram expostos materiais de propaganda de

filmes, iluminados por pequenos “spots”. A iluminação desse corredor era indireta, através de vasos idênticos aos demais instalados no prédio. O forro era de material acústico bisotado igual ao da sala de projeção, em dois lances. O piso era inteiramente de cerâmica vermelha. Duas grandes portas, com cortinas, separavam a sala de projeção deste corredor, servindo para a entrada dos espectadores após o início da sessão, quando a porta principal da entrada era fechada. A saída, após o término das sessões, era feita somente através deste corredor e pelo da saída de emergência, que davam acesso direto para a rua, e nunca pela porta principal de entrada. Após o incêndio ocorrido, devido a cigarro jogado sobre o forro, o que sempre acontecia e era descoberto a tempo de evitar-se maiores problemas, este corredor ficou fechado até ser totalmente reformado, devido à queima do madeiramento, revestimento acústico, instalações elétricas, telhas, etc. O forro de chapas acústicas foi substituído por outro de material duro, nova pintura, sendo retirados os quadros de publicidade e instalados na sala de espera. A partir da liberação do corredor, ficou proibido de se fumar nesse local, especialmente próximo às portas. Foram retiradas as cortinas e instaladas portas em seu lugar, continuando-se a usar o corredor para a entrada após o início da sessão, mas para saída somente em dias de grande afluência de público. A saída em dias de semana e aos domingos, quando foi abolida a segunda sessão, passou a ser feita também pela porta principal de entrada da sala de espera. A saída de emergência era usada sempre que necessário, especialmente durante o período em que eram exibidas duas sessões aos domingos, pois os espectadores para a próxima sessão já se encontravam na sala de espera, aguardando a abertura da porta principal para ingressar na sala de projeção.

Decoração interna – A decoração do novo cinema foi executada por firmas especializadas em cinemas de São Paulo. O forro, bem como todos os revestimentos acústicos foram projetados e executados pela firma “PEROBAL”, de Froes & Mendes Ltda. A cortina da boca de cena e as demais usadas no cinema, ficaram a cargo do Sr. Alencar. A do palco, confeccionada em cetim, com faixas verticais coloridas (rosa, azul e

cinza), era aberta e fechada com comando elétrico instalado na cabina. As demais portas (entrada, corredores, saída de emergência, sanitários e camarins) eram de tecido de cor vermelha com fios pretos, montadas em galeria de madeira envernizada. A decoração em gesso foi projetada e executada pela firma “Revestimentos Cometa“, de São Paulo (Vettore Minozzo), que confeccionou todas as peças da sala de projeção, corredores, balcão, boca de cena e palco (sancas, vasos decorativos, ribalta, boca de cena e outros), além da sala de espera (capitéis, sancas e anexos). Muitas dessas peças foram confeccionadas e moldadas no local por técnico da firma.

Tela – Armada sobre uma sólida base de madeira, com quase 12 metros de largura por 6,50 metros de altura, ladeada por uma bela moldura de gesso decorado e uma faixa preta, confeccionada em material especial, a tela se destacava e recebia a imagem projetada com grande clareza e nitidez.



*Porta de entrada da sala de projeção,
com revestimento acústico e vaso decorativo*

Cine São José fazia propaganda no cinema e nas ruas da cidade

Antonio Marcos diz que era comum ser projetada também propaganda de firmas comerciais antes da projeção dos trailers no Cine São José. O jornal “Diário de São Paulo” costumava fazer propaganda no início do ano, procurando atrair novos assinantes na cidade. A “Mobiliadora Itaguassu”, de Milioni & Milioni Ltda, efetuou publicidade de seus artigos e, no início das sessões, costumava-se também exibir avisos, como: “é proibido guardar lugares, fumar na sala de projeção e policiamento preventivo” para fiscalizar e garantir a ordem no

cinema. Estes avisos eram projetados sempre que houvesse necessidade, principalmente durante o tempo em que o cinema tinha grande afluência de público.

Havia ainda a propaganda através de tabuletas, colocadas nas esquinas por onde passava o povo, para chamar a atenção. Da mesma maneira eram pintadas grandes tabelas, fixadas nas paredes frontais do cinema. Quando seria exibido um filme de maior destaque, era pintada uma grande tabuleta, colocada na esquina da Rua 9 de Julho com a Rui Barbosa, como aconteceu na propaganda do filme “El Cid”.

As tabelas afixadas nas paredes externas do cinema eram pintadas com tinta látex, impossibilitando a alteração das palavras, porém, às vezes, eram arrancadas e desapareciam ou eram rasgadas por vândalos, à noite. **Antonio Marcos** revela detalhes sobre as tabelas: “Eu gostava de escrever nessas grandes tabelas, a exemplo de papai. Alguns painéis, durante o período em que trabalhamos em sociedade com a Francapa, foram feitos e pintados por pessoal especializado em publicidade”.

Inovando – O Cine São José inovou em matéria de publicidade dos seus filmes. **Antonio Marcos** passou a confeccionar tabuletas que eram colocadas na parte superior das portas de entrada, embaixo da marquise, anunciando os próximos lançamentos. Com isso, os espectadores ficavam sabendo que os filmes exibidos primeiro na capital já estavam programados para serem exibidos em Salto.



A propaganda dos filmes também era colocada na parte superior da porta de entrada



As tabuletas eram colocadas em esquinas no centro da cidade

Pra entrar no cinema era necessário usar paletó ou agasalho

No início das atividades do Cine São José exigia-se a entrada dos homens usando paletó, blazer ou algum tipo de agasalho. Sem essa peça de roupa não era permitida a entrada nas dependências do cinema. Essa exigência vigorou por pouco tempo, pois quando da inauguração o tempo colaborou para isso. Quando chegou o verão, foi abolida.

As muitas exigências das distribuidoras de filmes

Antonio Marcos relata que, após o término das reformas do Cine Rui Barbosa, já com o novo cinema em funcionamento, tentou nas Empresas Distribuidoras em São Paulo reformular os contratos para a exibição dos filmes anteriormente contratados e que ainda não haviam sido exibidos, procurando agilizar a exibição, para poder efetuar contrato com novas produções. Algumas distribuidoras – diz ele –, como a Fox Film, concordaram e seus filmes foram exibidos em dias diferentes dos do contrato anteriormente firmado. Outras, porém, como a Paramount Pictures, não concordaram e os filmes foram exibidos nas datas previamente contratadas. Isso fez com que seus filmes fossem exibidos em maior tempo, atrasando a contratação de novos filmes dessa distribuidora.

Espectadores não entendiam o porquê das interrupções

Segundo *Antonio Marcos*, no lançamento do filme “A Noviça Rebelde”, de longa metragem, da 20th Century Fox, na sessão do domingo à noite, uma engrenagem interna do projetor (obturador) apresentou defeito, sem possibilidade de conserto imediato, pois requeria a confecção de uma nova peça, ocasionando a interrupção da projeção. Com isso teve-se que projetar o filme com um único projetor, parte a parte, isto é, quando terminava a parte exibida, acendia-se a luz e após a colocação da nova parte, reiniciava-se a sessão.

A confecção dessa nova peça foi efetuada no dia seguinte, em Itu – prossegue *Antonio Marcos* – quando o operador na ocasião, Samuel Bueno de Oliveira, pessoa sempre dedicada e cuidadosa na manutenção dos aparelhos cinematográficos, desmontou o projetor no próprio domingo, durante a sessão e, constatado o defeito, retirou a peça danificada, providenciando, no dia seguinte, a confecção de uma nova peça em bronze, efetuando a montagem do projetor nesse mesmo dia, para que o público pudesse assistir ao espetáculo sem interrupção.

“Apesar da manutenção semanal ou quinzenal – prossegue –, o projetor apresentava defeito, na parte mecânica ou na sonora, pois máquina é máquina e apresenta defeito quando menos se espera e nas horas mais impróprias. Os espectadores não entendiam o ‘porquê’ da interrupção na projeção. Se o defeito era simples, como a troca de uma lâmpada excitadora (som) ou chaveta quebrada, era sanado de imediato. Mas, se o defeito era mais grave e dependia de confecção de nova peça, havia a necessidade de interrupção na projeção para a troca da parte seguinte, colocação de carvões novos, etc., pois trabalhar-se-ia com apenas um dos projetores. Procurava-se agilizar essas operações para que a interrupção fosse por menor tempo possível, a fim de não prejudicar ainda mais a exibição. Quando o defeito, porém, era mais grave, a peça ou peças danificadas eram retiradas e levadas para São Paulo, em oficinas especializadas em projetores cinematográficos, mas nem sempre eram solucionados no mesmo dia, apesar de todos os esforços por parte da empresa”.

Para **Antonio Marcos**, “apesar de os aparelhos cinematográficos serem tratados com todo zelo e carinho, muitas vezes os defeitos apresentados não dependiam de simples manutenção, acarretando enormes dores de cabeça para a empresa, que sempre desejou apresentar o espetáculo com ‘a casa em ordem’. Quando algum operador não cuidava bem dos aparelhos, deixando de fazer manutenção, lubrificação ou limpeza, era-lhe chamada a atenção pela falta de zelo”.

Outra vez – Antonio Marcos continua seu relato, citando que um outro espetáculo foi prejudicado por defeito na aparelhagem, no domingo em que se exibia o filme nacional “Coisas Eróticas”, em que não houve espetáculo, devido ao mecânico de São Paulo que esteve no cinema para manutenção (troca de juntas na parte do projetor onde estava o óleo) não ter conseguido evitar o vazamento na parte interna de um dos projetores e no outro por defeito mecânico surgido na hora do início da sessão, fazendo com que o público presente tivesse que deixar o cinema, recebendo um ingresso para voltar em outro dia, o que aconteceu normalmente, sem prejuízo dos espectadores presentes.



Na exibição de “Noviça Rebelde” o projetor apresentou defeito

Distribuidora não revisava a cópia, ocasionando a inversão das partes do filme

Antonio Marcos conta que na exibição da reprise do filme “Guerra nas Estrelas” num domingo, aconteceu uma inversão de partes. A cópia não foi revisada pela Distribuidora (Fox Film) que remeteu o filme. “Não havia numeração na ponta da película como era de praxe, tendo o operador seguido pela numeração indicada na etiqueta da tampa da lata. As partes estavam totalmente fora de ordem, ocasionando a inversão delas durante a projeção, pois, ao mudar de parte, a história se modificou completamente; a projeção foi interrompida para tentar colocar a parte correta, o que não foi fácil, devido à falta da numeração no início do rolo do filme. “Após o término da sessão, pois durante a mesma não foi possível acertar, o operador, o empresário e eu ficamos tentando acertar a ordem das partes para que, no dia seguinte, a exibição fosse correta, como de fato aconteceu. Foi feita reclamação à distribuidora, mas... O azar foi nosso em exibi-lo com as partes trocadas”.

Ele acrescenta que “As inversões de parte ocorriam, uma vez que não havia tempo hábil para revisão pormenorizada do filme, fazendo com que o operador seguisse a numeração indicada na tampa da lata e pela identificação no início do rolo do filme, pois normalmente as partes deveriam ter essas indicações, mas, às vezes estas não existiam, devido a outros cinemas, que costumavam emendar as partes, pois usavam lâmpadas xenon ao invés do carvão em suas lanternas, funcionando somente um projetor, e, após a exibição, ao separá-las, colavam números errados ou então as colocavam em latas erradas, por falta de revisão pela distribuidora, devido à proximidade da exibição em outro cinema. Isto era comum acontecer. O operador verificava sempre o número da parte antes da colocação na bobina do projetor, mas quando não havia uma das indicações tinha que arriscar pela indicação existente”.



“Guerra nas Estrelas”: cópia não revisada causou a inversão das partes

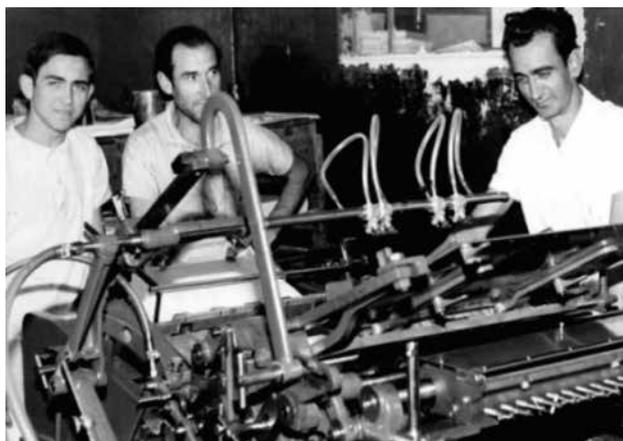
Ingressos eram confeccionados em gráficas da cidade

Como no “Rui Barbosa”, os ingressos eram mandados confeccionar pela própria empresa nas tipografias locais, principalmente na Gráfica Mirim dos irmãos Lara, geralmente em blocos de 1.000 ingressos, sendo 100 folhas com 10 ingressos cada, usando-se cores diferentes para as inteiras e meias. No início das atividades do “São José”, usaram-se ingressos ainda com o nome de “Cine Rui Barbosa”, devido à grande quantidade de ingressos existentes, mas com um carimbo identificador do novo cinema. Eles eram numerados e selados com estampilhas adquiridas na agência local do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), passando depois pela Coletoria Federal e, finalmente, para o agente do Instituto, Eugênio de Oliveira.

Os preços cobrados no início das atividades do Cine São José eram: Inteira Cr\$ 20,00 e a meia entrada Cr\$ 10,00. Os blocos de borderôs, como os ingressos eram mandados confeccionar pelo proprietário do cinema, eram usados, geralmente, somente em filmes exibidos com pagamento da porcentagem.

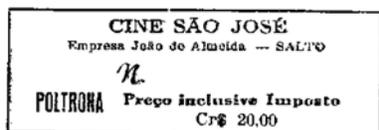
Antonio Marcos relembra que, além de trabalhar no cinema do seu pai, também ajudava na preparação dos ingressos ou

entradas para o “Rui Barbosa”. Ele conta que, em sua casa, geralmente aos sábados, ele e suas irmãs eram “convocados” pelo pai para ajudar na selagem dos ingressos para a semana seguinte. “Lembro-me que em certa ocasião – diz **Antonio Marcos** – minhas irmãs e eu selamos os ingressos com valores errados e levamos, é claro, ‘aquela bronca’, mas fomos recompensados, pois naquela noite foram vendidos todos esses ingressos”.



A gráfica Mirim, dos irmãos Francisco e José Lara (na foto com o funcionário Borges) era a responsável pela impressão dos ingressos

Padronizados – Com a criação do INC – Instituto Nacional do Cinema – relata **Antonio Marcos**, os ingressos deixaram de ser mandados confeccionar pelos proprietários dos cinemas, passando a ser padronizados e vendidos diretamente pelo INC. O valor do ingresso cobrado pelo cinema na bilheteria era o valor pago pelo empresário, pois eram adquiridos e controlados por aquele órgão. As empresas os adquiriam e pagavam antecipadamente pelos ingressos, sendo o valor unitário deduzido no borderô, de acordo com a quantidade vendida no dia. Inicialmente estes ingressos eram vendidos através de firmas credenciadas, passando-se depois a serem adquiridos no Unibanco, em Itu e, posteriormente, em São Paulo. Quando o filme era porcentagem, a distribuidora reembolsava a metade dessa despesa, mas quando o aluguel do filme era preço fixo (valor contratado entre as partes) o exibidor ficava com a despesa total.



*Inicialmente os ingressos eram confeccionados
sob responsabilidade do cinema*



*Impressos padronizados criados pelo
INC – Instituto Nacional de Cinema*

Cupons – Esses ingressos foram, posteriormente, substituídos por cupons emitidos por máquina registradora, (recebida no “São José” para início de seu uso a partir de 30/03/1975, ficando os ingressos como reserva para um eventual defeito na registradora. Para a emissão dos cupons eram vendidas bobinas numeradas, pagas antecipadamente à vista ao órgão controlador pelo exibidor, de acordo com o valor do ingresso cobrado pelo cinema, nos mesmos moldes dos ingressos. Os ingressos e as bobinas para as máquinas registradoras eram adquiridos diretamente do órgão controlador em São Paulo, pagos à vista pelo exibidor e descontado o valor unitário, correspondente aos ingressos vendidos no dia, deduzidos nos respectivos borderôs diários, juntamente com o custo do complemento nacional exibido e outras deduções autorizadas.

Na mesma época da implantação das máquinas registradoras, tornou-se também obrigatório o uso da roleta, (recebida no “São José” junto com a máquina registradora em 30/03/1975), instalada junto à porta de entrada, registrando o número de pessoas que ingressavam no cinema, sendo acionada igualmente para os ingressos de meia ou de inteira. Os números inicial e final deveriam ser anotados para constarem do borderô diário. Esses borderôs deveriam ser encaminhados, a cada quinze dias, dentro de envelopes especiais ao

responsável pela recepção do órgão, no escritório em Sorocaba, onde, inicialmente, eram aprovados também os programas cinematográficos.

Permanentes – Frequentar cinema fazia parte obrigatória da vida de todos os habitantes da cidade, pois o lazer em Salto era pouco ou quase não existia. Muitas pessoas adquiriam seus ingressos antecipadamente e outros adquiriam permanentes para vários dias, garantindo, assim, sua entrada no cinema. A Empresa João de Almeida também participou em várias ocasiões na premiação dos atletas, oferecendo permanentes como prêmios. Nas gincanas realizadas na cidade era frequente a empresa conceder permanentes do cinema de sua propriedade, como, por exemplo, em “A Volta de Salto”, prova pedestre patrocinada pelo Clube de Regatas Estudantes Saltenses (CRES), em 1952, quando foram concedidas três, sendo uma por três meses, outra por dois meses e uma para um mês, aos atletas da cidade colocados em primeiro, segundo e terceiro lugares, respectivamente, conforme noticiário publicado no jornal local “O Trabalhador”, de 27/01/1952.

Nomes errados – Os impressos usados no cinema, como ingressos, programas variados, borderôs, etc., eram confeccionados na tipografia pelos Irmãos Lara (Francisco e José), que passou de Gráfica Mirim para Primorgraf. **Antonio Marcos** conta que “A empresa também costumava, quando o filme merecia destaque por algum motivo, confeccionar programas extras, com clichês para melhor chamar a atenção dos frequentadores, distribuindo-os de casa em casa ou nas ruas da cidade. Num desses programas, essa tipografia cometeu um erro na impressão, colocando o nome do filme ‘Fúria do desejo’, com Jennifer Jones, como ‘Fúria do Deserto’, o que obrigou a gráfica a imprimi-los novamente e com o nome correto”. Um outro erro foi cometido num programa no qual um dos filmes se chamava “Pandemônio Político”, mas foi modificado para “Demônio Político”. Curiosamente, tratava-se de uma sátira sobre Hitler e o demônio”.



CINE RUY BARBOSA

Hoje — Sábado 27-12-58 sessão única às 7.30 hs. — Hoje
 Programa Duplo, o cinemascope com
 RICHARD EGAN - DEBRA PAGET e ELVIS PRESLEY

AÇÃO! ROMANCE! MUSICA! AVENTURA!

SEJA
 PRIMEIRA VEZ
 NO CINEMA
ELVIS PRESLEY
 EM UM FILME QUE
 NO FILME QUE
 DEBEM SER O
 PARA MULHERES
 QUE GOSTAM E
 QUE GOSTAM DO
**ROCK and
 ROLL!**

**RICHARD EGAN
 DEBRA PAGET
 ELVIS PRESLEY**
**LOVE ME
 TENDER**

**AMA-ME COM
 TERNURA**

e mais a comédia

O Demônio Político

Amanhã Domingo às 7 e 9.15 hs. a melhor comédia do século

O Bôbo da Côrte

com o enfiado DANNI KAIE
 colossal comédia Vistavision Tecnicolor

Dia 4 de Janeiro, às 7 e 9.15 hs. o sensacional cinemascope

**UMA MARAVILHOSA
 HISTÓRIA DE AMOR
 QUE POR SEUS
 MOMENTOS
 DE TERNURA
 E SUAVE
 ENCANTAMENTO
 JAMAIS SERÁ
 ESQUECIDA!**



**20
 CENTIMETROS**

CINEMASCOPE
 com o
 DIRETOR DE
 LEO MCCABREY
 Acom Com Noz
 em AMPLIAÇÃO

**Tarde
 Demais
 para
 Esquecer**

“Fúria do Desejo” (“Ruby Gentry”) virou “Fúria do Deserto” e
 “Pandemônio Político” apareceu como “Demônio Político”
 na publicidade do Rui Barbosa (erros da gráfica)

Mini crônica – Em 22 de janeiro de 1961, Espectador X publicava uma mini crônica em sua coluna “Falando de Cinema” no jornal “O Liberal”, que vale a pena reproduzir:

“Agora, antes de enfrentar a bilheteria do ‘S. José’ aos domingos, pense bem. Olhe detidamente o cartaz do filme. Leia com atenção esta sua adorada seção de cinema. Pense num outro uso provável e melhor aproveitável dos 25 mangos. Pense, pense bem. Depois, então, estufe o peito, chegue à bilheteria e peça triunfantemente: ‘Uma’. Ou então, role pelas ruas da cidade até bater num cinema onde o preço ainda não mudou. Você já deve estar preocupado com o filme de hoje, ‘Um certo sorriso’. Garantimos-lhe: hoje vale Cr\$ 25,00. Pode pagar com satisfação, pois hoje irá ver o conquistador Rossano Brazzi, casado com a Joan Fontaine. Verá como ele amará às escondidas a bela e deliciosa Christine Carére. Terá oportunidade de ver também o extraordinário Johnny Mathis, o colored cantor norte-americano. Verá tudo isso. Só que jamais verá as suas adoradas 25 manolitas”.

Imprensa reivindicava mudança no horário da 1ª sessão aos domingos

Aos domingos, as sessões cinematográficas eram iniciadas às 19h e 21h e, em dias de semana, às 19h30. Com a chegada do horário de verão, atendendo ao pedido feito através do jornal “O Liberal”, a empresa acatou a sugestão efetuando o início das sessões um pouco mais tarde, às 19h15.

O mesmo jornal, em 24 de dezembro de 1960, publicou uma nota reclamando que o Cine Verdi não aceitou a sugestão de mudança de horário, adotada pelo “São José”. Na mesma nota, era registrado que, no Cine Najá, as sessões aos domingos começavam às 19h30.

Durante um curto período (quatro meses) João de Almeida se associou à Francapa

Antonio Marcos revela que durante um curto período (cerca de quatro meses), a Empresa João de Almeida se associou aos arrendadores do Cine Verdi, a Francapa, ocorrendo um intercâmbio de filmes, cujos contratos e programação

ficaram a cargo dessa empresa, à qual também se associou o Cine Boni, da cidade de Itu. Após certo tempo, a sociedade foi desfeita, voltando cada cinema a programar e contratar os filmes para os seus cinemas.

A renda por cinema da cidade era somada, deduzidas as despesas com aluguel dos filmes e depois dividida em partes iguais. A intenção da Francapa não era melhorar a programação dos cinemas, mas sim passar a contratar os filmes em seu nome e assim apossar-se das distribuidoras que forneciam filmes a seus concorrentes, pois efetuavam os contratos em seu nome e, após a dissolução da sociedade, estariam de posse dos filmes que melhor lhes conviessem e pelos preços que queriam pagar por eles, uma vez que, ao invés de receberem os filmes por São Paulo, passavam a fazê-los por Botucatu.

Apesar de não possuir palco adequado vários e bons espetáculos foram apresentados

Apesar de o Cine São José não possuir espaço suficiente para espetáculos de palco como no “Rui Barbosa”, reconhece **Antonio Marcos**, muitos artistas se apresentaram durante os vários anos de funcionamento do cinema. Eram apresentadas peças infantis, artistas como “Torresmo e Pururuca” que se apresentaram várias vezes, espetáculos musicais como “Festivais da Juventude”, “Festivais de Música Popular”, além de formaturas de escolas, entre elas a da 1ª Turma da Escola Normal de Salto.

“Festival da Juventude” – Durante dois anos (1966 e 1967), foi apresentado o Festival da Juventude, organizado pelos “Pés Sujos”, grupo de jovens da comunidade católica. A renda reverteu para as obras assistenciais das paróquias e o acontecimento teve presença de cantores e conjuntos de Salto, Itu, Indaiatuba e cidades vizinhas.

Festival Mandi – Um evento de grande sucesso apresentado no “São José” foi o Festival Mandi da Música Popular, promoção do Lions Clube e Depto. de Educação e Cultura da Prefeitura. Ele aconteceu em 1971 e em 1972, atraindo grande público. Foram apresentadas 55 músicas das quais foram escolhidas 25 para a final. Os ingressos custavam Cr\$ 3,00 para

cada apresentação e Cr\$ 5,00 para as duas noites, com renda para as campanhas filantrópicas do Lions Clube de Salto. Foram convidados a fazer parte do júri o Maestro Gaó, Prof^a. Giselda S.W. Mello Almada (organizadora do 1º Festival realizado em Salto), além de professores de música de cidades vizinhas. Em 1971, o gosto do público não foi o mesmo do Júri que premiou uma música bonita, enquanto a plateia manifestava-se em favor de uma composição mais simples e comunicativa. No segundo, “Diploma de Sambista”, preferida do público, foi também a escolhida pelo Júri.



Em 1971 e 1972 o cinema foi cedido para o Festival Mandi de Música Popular

Salto Mais Humana – Um outro evento, denominado “Salto Humana com a sua Participação” foi realizado em junho de 1973 no “São José”. Foram feitas pesquisas pela Prefeitura, tendo o prefeito Josias Costa Pinto comentado os problemas e as sugestões apresentadas. O Uniclube de Salto organizou o evento.

Falsificação de carteirinhas levou juiz a exigir envio da censura ao Fórum

Antonio Marcos relata que houve um período em que havia necessidade de ser enviado o Certificado de Censura do filme ao Fórum local, para controle do MM. Juiz de Direito da Comarca, que fazia a escalação dos comissários de menores na fiscalização na portaria do cinema, uma vez que nem sempre as censuras oficiais dos filmes eram respeitadas. Isso foi

determinado devido aos abusos de frequentadores que insistiam em entrar no cinema, falsificando carteirinhas e outros documentos. Sempre que a censura era somente para maiores, um dos comissários era designado para fiscalizar a entrada de menores, permanecendo junto ao porteiro.

Golpe – A título de curiosidade, **Antonio Marcos** conta que no início das atividades do “São José”, apareceu uma pessoa – que comparecia sempre de terno e costumava frequentar as sessões aos domingos –, apresentando uma certa “carteirinha” ao porteiro e, este, sem conferir, deixava-o entrar sem pagar. Um certo dia, resolveram verificar a tal “carteirinha” e verificaram que não era nada que justificasse a entrada gratuita no cinema, passando, a partir daquela data, a ser cobrado o ingresso dessa figura. Se os funcionários verificassem com mais atenção, esse caso não teria acontecido.

Dificuldades do “São José” em programar filmes para crianças

Antonio Marcos relata as dificuldades em programar filmes para as crianças nas matinês: “Infelizmente, não dependia da empresa programar filmes livres para as crianças, pois cada vez mais se tornavam raros esses filmes, já que, excetuando-se os de aventuras (nem todos), as comédias do Gordo e o Magro, Carlitos, Tarzan, Walt Disney, Os Trapalhões e mais alguns, eram, além de terem poucos, às vezes não compensava para a empresa exibí-los somente nas matinês, pois se fossem exibidos em sessões noturnas, eram alvos de críticas por parte da imprensa, que alegava não serem filmes para exibição nas sessões noturnas. Muitos dos filmes de Walt Disney programados não tiveram retorno, pela falta de frequência de público, pois, apesar de serem filmes livres, os pais deixavam de levar seus filhos. Durante muito tempo, os filmes de Walt Disney eram considerados de pouco interesse, como ‘O drama do deserto’, ‘Fantasia’, ‘O leão africano’ e outros. Assim sendo, as matinês foram sendo canceladas por falta de filmes adequados e aos poucos desapareceram as sessões específicas para a criança”.

Havia ainda desenhos, como os de Tom e Jerry, mas a distribuidora, Metro Goldwyn Mayer, somente os alugava para os

chamados “Festivais Tom e Jerry” (série de cerca de dez desenhos cada), sendo os preços nem sempre compensativos para as empresas exibidoras.



Tom & Jerry: Metro só alugava para festivais do desenho

Cine São José foi o pioneiro na exibição de filme em 3ª dimensão

Em 1976, o Cine São José apresentou uma novidade para os saltenses: a exibição de um filme em 3ª dimensão. Tratava-se de “As 4 Dimensões de Greta”, distribuído pela Roma Filmes, com partes em 3ª dimensão, sendo necessário o uso de óculos especiais para as cenas nesse processo. Durante a exibição do filme eram sinalizadas as partes em que os óculos deveriam ser colocados.

A notícia foi divulgada no jornal “Taperá” de 18 de setembro daquele ano, informando tratar-se de um filme com Tristan Rogers, Karen Boyer e Alan Curtis. Segundo a publicidade da fita, tratava-se de uma película que mostrava o sexo na 3ª dimensão (com uso de óculos que seriam vendidos no cinema ao preço de Cr\$ 2,00 cada).



“Greta” foi o único filme em 3ª Dimensão exibido em Salto (no Cine São José)

Durante muitos anos o “São José” apresentou o “Corridinho” na Semana Santa

Na Semana Santa o “São José” sempre apresentava um filme que a imprensa (jornal “Taperá”) apelidou de “Corridinho”. Tratava-se de um filme muito antigo, que mudava de cor durante a exibição, com tipo de filmagem que fazia os personagens correrem, ao invés de andar, daí o apelido recebido. Ele era inclusive motivo para críticas e comentários humorísticos por parte de vários colaboradores do jornal. A exibição começou no Cine Rui Barbosa e continuou no “São José”, focalizava a “Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo” e tinha como título “A História da Humanidade”, produzido pela “Pathé Frères”, da França. A cópia, em celuloide, foi adquirida por João de Almeida e exibida durante muitos anos, em programa duplo, nas sessões das Quintas-feiras Santas.

Antonio Marcos conta que a cópia desse filme ficou guardada por ele durante muitos anos, até que um dia, quando ele foi verificar como ela se encontrava, constatou que não havia mais condições de exibi-la.



Publicidade do filme que ficou conhecido como “Corridinho”

Vejam alguns comentários nos jornais locais sobre o “Corridinho”:

– Espectador X – “Como é que foram de Semana Santa? Comeram muito peixe ou fizeram jejum para o almoço de domingo de Páscoa? E de cinema como foram? O jornal não saiu domingo e eu esqueci de preveni-los sobre a ‘Vida, Paixão e Morte de N. Sr. Jesus Cristo’, que o S. José desavergonhadamente exibiu na Quinta-feira Santa. Aquele ‘Corridinho’ é peça de museu, gente. Valiosíssima. Soube que o troço é original. Foi filmado por Judas, em pleno século 0, isto é, na época de Cristo. E pensar que a caipirada encheu o cinema para ver aquele negócio. Afinal, não dizem que cada povo tem o filme que merece?” (“O Liberal” de 08/04/1961).

– Espectador X – “Viram o castigo, pessoal? Na exibição do ‘Corridinho’ na Quinta-feira Santa, houve princípio de incêndio no São José. São os céus que também reprovam a exibição daquela pavorosa ‘Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo’, fita que é uma ofensa, um pecado e que ridiculariza história tão bela. Foi só um aviso o incidente de quinta-feira, seu Almeida. No ano que vem é capaz de cair o prédio”. (“Taperá de 24/04/1965).



O “Corridinho” contava a vida, paixão e morte de Jesus Cristo

Antonio Marcos esclarece: não foi princípio de incêndio, como o noticiado faz supor, mas sim, o aquecimento do motor da cortina que ficou ligado, devido a descuido do operador, ocasionando fumaça. No dia seguinte, para evitar-se novamente o fato, foi instalada uma lâmpada-guia na cabine e, sempre que o motor da cortina era acionado, a mesma se acendia, apagando tão logo o motor fosse desligado. Quanto ao comentário sobre “aquela pavorosa ‘Vida, Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo’”, **Antonio Marcos** transcreve dados sobre o filme:

“A respeito do famoso ‘Corridinho’, descobri na internet dados interessantes e que me ajudaram a tirar minhas conclusões, pois ‘La vie et la passion de Jésus Christ’, que recebeu no Brasil, entre outros, o nome de ‘Vida e Paixão de N. Sr. Jesus Cristo’, foi filmado entre 1902 e 1903, pela Pathé Frères, em Paris. Em 1903, a Pathé desenvolveu um sofisticado sistema aplicando quatro cores para cada filme. Finalmente, em 1905, acrescentou três cenas finais ao filme, resultando 31 quadros, com duração de 44 minutos. Esta edição foi restaurada de duas cópias originais do filme, sendo apresentada como ‘A vida e a paixão de Jesus Cristo’, cujo título em inglês era ‘Passion and Death of Christ’, que, em 1932, foi relançado nos Estados Unidos. Na programação do ‘Rui Barbosa’, a data da primeira exibição foi no dia 7 de dezembro de 1944. Creemos ter sido nesse ano que papai adquiriu uma cópia desse filme, narrada em português, pois a cópia original era muda

e continha somente letreiros das cenas. Segundo o comentarista, ‘trata-se de um dos mais importantes e pioneiros filmes sacros que mostram a vida, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo de Nazaré’. O filme é conhecido por muitos outros nomes, designadamente: ‘Passion and Death of Christ’, ‘The Passion Play’, ‘The Life and Passion of Christ’ e ‘Vie et Passion du Christ’. Quanto ao colorido mencionado no artigo do jornal, mencionando até que ‘o burrinho do São José’ mudava de cor, aqui está a resposta. Espero ter respondido às críticas recebidas”.

Filmes de arte não agradavam: muitos deixavam o cinema

O público saltense era adepto de filmes populares, ocorrendo, em cada época, preferência pelos épicos, em outras ocasiões pelas “chanchadas” nacionais, faroestes italianos, filmes mexicanos, etc. O que os espectadores não aceitavam eram os filmes chamados “de arte”, aplaudidos pela crítica, mas não aceitos pela maioria dos que selecionavam as películas e só iam ao cinema se o gênero lhes agradasse. Em 1957 o “São José” programou “Vidas Secas”, um dos primeiros produzidos pelo chamado “Cinema Novo”. No dia de sua exibição, segundo relata **Antonio Marcos**, pouquíssimas pessoas compareceram e, durante a sessão, muitos deles iam deixando o cinema pois não aguentavam mais assistir ao filme. Um casal, ao deixar a sala de exibição, conversando com o pai de Antonio sobre o filme, disse-lhe: “O senhor deveria mandar exibir esse filme para os presos da cadeia, pois é um verdadeiro castigo assisti-lo e, ainda mais, ter que pagar para isso”.

O cinema nacional foi alvo, na época, de uma crítica publicada em “O Liberal” de 23/06/1957, que dizia, dentre outras coisas: “A verdade nua e crua dói, mas precisa ser dita: O cinema nacional é um blefe, uma farsa. Queima-se milhões de cruzeiros em produções medíocres, apagadas de talento, salvo raríssimas exceções. Será que não sabemos fazer cinema sem escolas de samba, sem favelas e sem as ditas revelações que saíram do Morro do Esqueleto e hoje se dizem talentos?”.



“Vidas Secas”: filmes de arte não agradavam à maioria dos espectadores

Muita briga com a Paramount para exibir “Os Dez Mandamentos”

Segundo relato de **Antonio Marcos**, que acompanhou as negociações, depois de muita “briga” com a distribuidora Paramount, a exibição deste filme foi simultânea com Itu. Era um filme muito aguardado e, por isso, os cinemas se esforçavam para não passar a oportunidade de exibi-lo antes dos outros. Ele conta que o “São José” sempre foi exibidor da marca Paramount, programando e exibindo seus filmes. Tendo o mesmo sido programado para Itu, no Cine Marrocos, cuja empresa não exibia os filmes dessa marca já há muito tempo, ele e seu pai compareceram ao escritório da distribuidora, em São Paulo e exigiram que se exibisse – pelo menos simultaneamente – o filme, conforme havia sido combinado anteriormente entre a gerência da Paramount na capital, na pessoa do Sr. Miguel Mancini e do vendedor, Sr. Barreto. O filme foi programado para dez dias consecutivos, conforme contrato, e exibido com uma cópia novíssima, recebida do Rio de Janeiro, conforme até o jornal local “O Liberal” publicou nas suas páginas que “o filme estava inteirinho, não faltando um mandamento sequer”. A fiscalização coube ao fiscal de São Paulo, Sr. Passarini, que sempre acompanhava a exibição dos grandes filmes daquela distribuidora. A renda deste

filme no São José, segundo informações, foi superior a do Cine Marrocos de Itu, revela **Antonio Marcos**.

Antonio Marcos cita ainda que o filme “Os Dez Mandamentos” deu início à série dos grandes filmes bíblicos e épicos do cinema em Salto, sendo exibidos depois “Bem Hur”, “El Cid”, “Dr. Jivago”, “O Poderoso Chefão” e muitos outros.



“Os Dez Mandamentos”, um dos grandes filmes épicos teve dez dias de exibição

“Brigas” por meia entrada e vários danos ao “São José”, causados por estudantes

Houve diversas “brigas” com estudantes saltenses, devido às mais variadas causas, lembra **Antonio Marcos**. Dentre elas, cita a que aconteceu envolvendo a meia entrada: mesmo com a falta de carteirinha escolar do ano, muitos deles se achavam no direito de pagar meio ingresso a todo custo, sendo a empresa obrigada a aceitar a carteirinha velha, até que a escola lhes fornecesse a nova. A tolerância dada era de 45 dias após o início das aulas, ou seja, até meados de abril, pois as aulas se iniciavam em março, mas muitas escolas atrasavam demais a entrega da nova carteirinha, o que geralmente causava o atrito.

Outra causa era a falta de colaboração, não facilitando o troco, pois traziam dinheiro graúdo com a finalidade de irritar o bilheteiro (geralmente, era o próprio proprietário do cinema). Agiam desta forma para tumultuar a fila para a aquisição dos ingressos.

Também costumavam promover algazarra dentro da sala de espetáculo, perturbando aqueles que se propunham a assistir o filme. Faziam barulho, gritaria, soltavam gases fétidos, cortavam com gilete ou jogavam ácido nas cortinas, estragavam poltronas, etc., além de soltarem bombas de grande estrondo, causando danos a pias e sanitários do cinema. Sinal da educação que recebiam em casa ou para se mostrarem aos colegas, procurando cada um fazer o “melhor” com a única finalidade de aparecer.

Jornal publicava que os estudantes estavam “em pé de guerra”

Em sua edição do dia 13 de abril de 1968, o jornal “Tapeirá” publicava que “os estudantes de Salto declararam guerra ao proprietário do Cine São José” e prosseguia citando que “embora afirmem que a razão da revolta seja o fato daquele cinema continuar exibindo filmes de categoria inferior, podemos afirmar que ela tem motivos mais profundos. O estudante nunca mereceu daquela casa de espetáculos o respeito devido e ele também não se fez merecedor desse respeito. De parte da direção do cinema, sempre houve má vontade em relação aos estudantes e tudo tem sido feito para deixá-los saturados. É sabido, por exemplo, que a direção do ‘São José’ tem aversão por meia entrada e, por isso, nas ocasiões em que o cinema enche é comum ver-se o bilheteiro dizer para os que vão tirar meio ingresso que não tem troco, por menor que seja a nota, apenas para forçá-lo a tirar o ingresso inteiro. Daí o troco aparece. Outra coisa que deixa o estudante revoltado ocorre todo início de ano letivo. Como as escolas demoram um pouco para expedir as carteiras de estudantes, o porteiro exige que as carteiras apresentadas sejam do ano corrente e como isso não é possível, surgem as discussões e não raras vezes o estudante é obrigado a voltar até a bilheteria (às vezes enfrentando novamente a fila) para trocar o meio por um ingresso”.

Como consequência, de parte dos estudantes vinha a forra: “É aquele barulhão que a gente tem que aguentar durante o filme, como aconteceu no último domingo, na primeira sessão. Havia, pelo menos, uns 50 estudantes dispostos a fazer

bagunça, gritando, batendo o pé, fazendo ranger as cadeiras, tocando aquela gaitinha que faz piriri-piriri e emitindo até sons bastante comuns a banheiro. Como o cinema não conta com fiscalização repressiva, o proprietário foi obrigado a apelar para a Polícia. Quando ela chegou, porém, a bagunça estava no fim. Os estudantes haviam feito tudo que pretendiam, inclusive dado um ‘pique-pique’ ao proprietário em plena exibição do filme e ainda rasgando cortinas”.

Para finalizar, o jornal perguntava: “Até quando vai continuar essa briga? Os estudantes certamente se satisfarão quando filmes melhores passarem a ser apresentados e quando o proprietário do cinema entender que o meio ingresso deve ser respeitado e que o estudante merece uma atenção tão igual àquela proporcionada a qualquer espectador. Satisfeitas essas exigências, o proprietário verá a calma voltar em sua sala de espetáculos, voltando também aquele silêncio de antigamente. E é para isso que todos nós estamos torcendo”.

Antonio Marcos esclarece: O articulista menciona que “por menor que seja a nota”, o que não é correto, pois as notas apresentadas eram sempre de valor elevado e uma grande maioria fazia isso propositalmente, a fim de irritar o bilheteiro. Outro problema era a carteirinha. As escolas demoravam muito tempo para emitirem as novas e eles se achavam no direito de usar as velhas até quando quisessem, pois muitas vezes eram até rasuradas e repassadas a outros alunos.

Juiz de Direito interveio e houve uma trégua entre estudantes e o “São José”

Uma semana depois da nota entre o “pé de guerra” entre os estudantes e o Cine São José, o mesmo jornal “Taperá” publicava que houve uma trégua no desentendimento entre os estudantes e o Cine São José: “Na última terça-feira, no período da tarde, o MM. Juiz de Direito de nossa Comarca, dr. Clineu de Mello Almada, reuniu em sua sala de audiências os estudantes de Salto – representados no ato pela diretoria do Grêmio Estudantil do CENEPT e mais o Sr. João de Almeida, proprietário do Cine São José, a fim de solucionar a crise estabelecida entre estudantes e o principal cinema da cidade, por motivos

que todos já conhecem. Rememorando os fatos, lembramos que ultimamente vem acontecendo coisas desagradáveis no ‘São José’, com o público protestando contra irregularidades e maus tratos aos espectadores, consumados tanto pelo proprietário, como pelos famosos ‘lanterninhas’. A situação chegou a tal ponto que nas sessões de sábado e domingo a algazarra era tal, impossibilitando a todos de assistirem aos filmes”.

Segundo a nota, o dr. Clineu tomou conhecimento da crise e realizou a citada reunião, visando colocar um ponto final na questão, pedindo que o Sr. Almeida e os estudantes entrassem num acordo, pois entendia não ser possível conceber uma tal situação, claramente de guerra entre a mocidade e o cinema, com graves prejuízos para todos. “Depois de longas horas de palestras – dizia a nota –, ficou decidido o seguinte: haverá uma ‘trégua’, ficando o Sr. João de Almeida obrigado a proceder radicais transformações em sua sala de espetáculos, principalmente cuidando melhor dos sanitários; melhorando a programação (que é uma verdadeira calamidade!), tratando melhor os estudantes (inclusive na parte do troco), respeitando a censura oficial, educando melhor os ‘lanterninhas’ e dando condições mais favoráveis aos espectadores. Por seu turno, os estudantes prometeram cessar toda e qualquer manifestação contra o cinema, inclusive contribuindo para que a ordem seja mantida, a fim de que haja realmente paz e tranquilidade”.



Juiz, dr. Clineu de Mallo Almada, interveio para que as partes se entendessem

Antonio Marcos presta esclarecimentos sobre a falta de troco: “Era quase sempre o motivo alegado pelo bilheteiro (proprietário) aos estudantes, quando da compra do meio ingresso. Troco, na verdade, nunca faltou, porém os estudantes também dificilmente o facilitavam. Quase todos levavam cédulas com valor alto só para perturbar o andamento da fila e para irritar o bilheteiro. Sempre procuramos pegar troco nos bancos para servir os usuários, mas pedíamos também a colaboração de todos, quando possível, mas existiam aqueles que gostavam de ver ‘o circo pegar fogo’. Lembro-me que, em certas ocasiões, consegui nos bancos locais muito troco de baixo valor em moedas, que eram passados aos ‘engraçadinhos’, que também reclamavam do volume devolvido em moedas. Era uma maneira de, sem brigar, atender o público. Só que daí a reclamação era porque o troco era muito volumoso. Sempre era motivo de reclamação. O interessante é que, quando eu estava na bilheteria, nunca ninguém criou caso comigo, muito pelo contrário, quando solicitado se pudesse facilitar o troco era atendido de imediato, dentro das possibilidades. Havendo colaboração, tudo se consegue e ambas as partes ficam satisfeitas”.

Cinema fazia o recolhimento de guarda-chuvas antes das sessões

Antonio Marcos lembra que, no início das atividades do novo cinema, resolveu-se recolher os guarda-chuvas molhados, para evitar que fossem pendurados no encosto das poltronas da frente, estragando o verniz quando a água escorresse no piso (tacos) da sala de projeção. Ao entregá-lo na sala de espera, recebia-se um canhoto de talão de ingresso do cinema, com um número igual ao que era colocado dentro do guarda-chuva. Durante a sessão, funcionários, gerente e proprietário, pegavam os guarda-chuvas e, de acordo com a numeração, colocavam-nos em ordem numérica, para que, na saída fosse agilizada a devolução aos seus donos. Na saída, apresentava-se o comprovante e recebia-se o guarda-chuva de volta. “Muitas vezes fomos criticados por essa atitude pelos jornais locais, alegando que os guarda-chuvas eram entregues a quem primeiro os reclamasse, chegando a faltarem guarda-chuvas para

a devolução, o que não era verdade. Só não recebia a devolução quem não apresentasse o respectivo comprovante”.

Fazendo graça – Uma das publicações equivocadas e para fazer graça, foi lembrada pelo jornal “Taperá” em 29 de janeiro de 1994, dizendo que, numa noite chuvosa de domingo, o cinema estava lotado e, como o prédio do “São José” havia sido reformado recentemente, o proprietário não queria permitir que todos entrassem com o guarda-chuva molhado, pois iria estragar todo o piso de madeira e encerado. “Ele teve, então, a luminosa ideia de recolher os guarda-chuvas na entrada do cinema: as pessoas os entregavam e não recebiam nenhum comprovante, pois a ideia era de que ninguém iria pegar um guarda-chuva que não fosse o seu, na saída. Só que não foi bem isso que aconteceu: quem saiu primeiro pegou os guarda-chuvas mais novos, sobrando alguns arrebitados e furados para os últimos, que protestaram com veemência”.

Desmentida a notícia de proibição de se cruzar as pernas

Em sua coluna “Falando de Cinema”, no jornal “Taperá”, Espectador X fazia uma análise dos três cinemas então existentes (“se é que o Roiam pode também ser considerado cinema”, como ele assinalava). Ele se referia principalmente às proibições, como cruzar as pernas e até dar uma piscada pra moça do outro lado:

– “Dizer o número de lugares nesses cinemas será piada, pois ali não há limite. Enquanto houver um cantinho, a turma manda ir entrando. Sobre as características dos cinemas, digamos que o ‘São José’ é um belo cinema, mas os filmes que passa, Santo Deus, são uma ‘coisa’. Reprises ali é mato. E além disso tem lá uma equipe de ‘lanterninhas’ ou ‘vagalumes’ que dá medo. Pra começar, cruzar as pernas não pode. Diz que tem lá um negão que é um verdadeiro protótipo dos oficiais nazistas: é rigorosíssimo e nada lhe escapa. Outro dia um sujeito deu uma piscada para uma moça que estava lá do outro lado e o danado viu: botou os dois pra fora do cinema.

No Verdi, a coisa é diferente. Ali você pode colocar o pé em cima das cadeiras e ninguém lhe importuna. Pode também

berrar, dizer palavrão, pintar o sete que ninguém liga. Eles pretendem deixar o espectador à vontade, o que para muita gente é uma boa política. Quando o cinema enche (de gente, porque encher a paciência, enche sempre), aí então não se vê nada. Se na nossa frente senta-se um grandalhão, o jeito é mudar, mas o gozado é que estando a sala quase lotada, a gente pode mudar para onde quiser que não enxerga nada. Ou por outra: enxerga a cabeça do grandalhão na frente.

Conforto, graças a Deus, temos nos dois cinemas. Cadeiras estofadas, ar refrigerado e de vez em quando até cafezinho servem aos espectadores. Mentira? Bem, a gente tem que mentir um pouco, pois se fôssemos dizer toda a verdade sobre nossos cinemas, ia ficar chato, não acham? Afinal, estamos comemorando o aniversário da cidade”. (“Taperá” – 15/06/1965).

Desmentido – O filho do proprietário do Cine São José, **Antonio Marcos**, desmentiu a notícia de que era proibido cruzar as pernas durante as sessões. Segundo ele, o que era proibido era apoiar o bico do sapato na poltrona da frente, pois costumavam colocá-lo entre os encostos das poltronas, riscando-as, além de incomodar a pessoa sentada a sua frente. Houve muita reclamação em jornal local, mas também houve pessoas sensatas que concordaram com essa medida aplicada pela empresa, também publicada no mesmo jornal “Taperá”, em 21/06/1964.

Sob o título “Proprietário tem razão”, um leitor dizia que o proprietário do cinema tinha razão em exigir que os frequentadores do cinema não cruzassem as pernas, pois muitos que assim agem raspam a cadeira da frente. Afirmava ele ainda que o proprietário do “São José” e os “lanterninhas” não estavam impedindo que se cruze as pernas normalmente.

Crítica a filmes ingleses e fazendo graça com “Os 39 degraus”

O colunista Espectador X que publicava seus comentários em “Falando de Cinema”, era um costumeiro crítico do Cine São José, às vezes publicando comentários indevidos no jornal “O Liberal”, como aconteceu em 17 de fevereiro de 1962. Nesse dia, fez críticas às exhibições de filmes ingleses da Organização

Rank, procurando fazer graça com um deles, “Os 39 degraus”, como se pode ler na matéria sob o título “S. José britânico”:

“A turma já notou. Que negócio é esse do S. José só exhibir filmes ingleses da Organização Rank? Será que acabou o crédito com as outras companhias? Dá para desconfiar. Amanhã tem mais um: ‘Os 39 degraus’, com Kenneth Moore. As produções do cinema britânico, geralmente são de boa qualidade, mas do tipo desse a ser exibido amanhã, não se pode esperar muito. Melhor para os outros dois cinemas, que assim irão ficar superlotados. Quem preferir o S. José, porém, mesmo com filme pior, deve ir passando sebo nas canelas. Afinal, 39 degraus não são brincadeira”.



Filmes britânicos, como “Os 39 Degraus”, eram alvo de críticas

Quarta-feira era dia de exibição de filmes japoneses no “São José”

Às quartas-feiras, a Empresa João de Almeida, proprietária do Cine São José, normalmente alugava a sua sala de espetáculos para dois comerciantes japoneses (um de Salto e outro de Itu), a fim de serem exibidos filmes japoneses por eles alugados

em São Paulo, para serem apresentados para seus conterrâneos, que vinham acompanhados de seus filhos e familiares, a fim de assistirem os filmes. Quanto ao preço cobrado, nada tinha a ver com a empresa, uma vez que eram exibidos dois filmes de longa metragem a critério dos arrendadores.

“O Liberal” publicou, em 16/11/1963, que quando eram exibidos os filmes japoneses, o preço normal (80 cruzeiros) subia para 100 cruzeiros, mas **Antonio Marcos** desmente. Segundo ele, no tempo em que estes filmes eram alugados diretamente pela empresa, os preços dos ingressos cobrados eram os mesmos cobrados para os demais filmes.



Representantes da colônia japonesa alugavam os filmes que eram exibidos no “São José”

Documentário “Roteiro dos Pampas” foi exibido em várias sessões

Os representantes do jornal “O Estado de São Paulo” na cidade, Annibal Negri e Antonio Codo Filho, em entendimentos com a Empresa João de Almeida acertaram a programação de um documentário colorido denominado “Roteiro dos Pampas”, rodado no Rio Grande do Sul. A referida exibição foi gratuita, com sessão única no dia 27 do corrente, às 19h, no Cine São José e, durante o dia, aconteceram várias sessões para a garotada, no mesmo cinema.

A divulgação do documentário, feita no jornal “Taperá” em outubro de 1964, esclarece que ele “mostra fases do decorrer de uma viagem ao sul do Brasil e todas as fases de obtenção do mate, do café e do pinho (Paraná), do carvão (Santa Catarina), da carne, do trigo, da uva e do pescado (Rio Grande do Sul), além das mais características paisagens da região: as capitais e as cidades importantes, os arenitos de Vila Velha, a alcantilada serra do Paranaguá, as Sete Quedas e a Foz do Iguaçu, a imensa lagoa dos Patos, as vastas planícies gaúchas e o arroio Chuí”.

Uso do chapéu no cinema causa bate-boca com Polícia, “lanterninha” e dono

Houve também um caso de uso de chapéu dentro da sala de projeção, com a alegação de frio e por ser a pessoa careca, causando um bate-boca entre o proprietário da empresa e o usuário, no caso um dos diretores do jornal “Taperá”, Edmur Ignácio Sala. A notícia, publicada em 9 de maio de 1964, dizia que Edmur foi à sessão de uma quinta-feira no “São José” usando chapéu e foi chamado a atenção, inclusive ocorrendo uma discussão com a Polícia, “lanterninha” e o proprietário do cinema.

A respeito, **Antonio Marcos** comenta: pelo que me consta, por educação, em ambientes públicos ou dentro da casa dos outros não se deve usar chapéu, boné ou algo equivalente.



Edmur queria usar chapéu dentro do cinema porque estava muito frio (ele era careca)

Jornais de São Paulo eram consultados para a futura programação

Relato de **Antonio Marcos** sobre a programação de filmes no “São José”: eram consultados principalmente os da Fox Film do Brasil (que era a distribuidora com quem o cinema estava em dia), aos domingos nos jornais “Folha de São Paulo” e “O Estado de São Paulo”, que publicavam nesse dia, em cadernos especiais, as fotos dos filmes em exibição em São Paulo. Ele aproveitava para anotar os filmes em lançamento para efetuar a programação para o Cine São José, pois “a Fox Film era a distribuidora com que estávamos em dia com os lançamentos”.

“Seguíamos também a Bolsa de Cinema que era publicada diariamente, na ‘Folha’, para uma melhor orientação quanto à qualidade dos filmes e sua cotação”, explica o filho do proprietário. Ele lembra que também existia um jornal semanal dedicado aos exibidores, que publicava as cotações dos filmes lançados, chamado “Cine Repórter”. Eram publicados comentários, resumos dos filmes, cotações, etc., enfim, uma orientação para as programações. De acordo com a cotação eram preenchidas as poltronas.

Bolsa de CINEMA E TEATRO					
Resultado das classificações, em porcentagem segundo o numero de pessoas que opinaram sobre os filmes, em espetáculos realizados nas casas lançadoras. A classificação dos aparelhos na primeira coluna baseia-se na soma dos índices "Ótima" e "Bom".					
Class.	FILMES	Ótima	Bom	Regular	Mau
1.º	— "Os Dez Mandamentos" (Epitran)	55,5%	3,5%	0,5%	0,5%
2.º	— "Início da Vida" (Harmon)	77,5%	15,5%	2,5%	0,5%
3.º	— "Remerécia" (Rival)	60,5%	22,5%	3,5%	0,5%
4.º	— "A Ponte do Rio Kwai" (Columbia)	61,5%	22,5%	2,5%	0,5%
5.º	— "A Catedral" (Coral)	49,5%	41,5%	2,5%	0,5%
6.º	— "Da Terra Nascem as Nuvens" (Republic)	61,5%	44,5%	7,5%	2,5%
7.º	— "Bom e Mau" (Bandwagon)	50,1%	38,5%	10,5%	0,5%
8.º	— "Jornal Internacional" (Regina)	59,5%	34,5%	11,5%	0,5%
9.º	— "Jogo Arriscado" (Normandie)	30,7%	53,5%	12,5%	3,5%
10.º	— "Assassinato de Mitter" (Mars)	54,5%	21,5%	20,5%	3,5%
11.º	— "O Amor Como a Mulher e Deus" (Mistral)	24,5%	24,5%	32,5%	16,5%
12.º	— "Bela Como Você Errou" (Art)	14,5%	11,5%	32,5%	32,5%
13.º	— "De Amorosa de Dom Juan" (Cidade)	12,5%	11,5%	32,5%	32,5%
14.º	— "O Dia, a Noite e o Mundo" (Cidade) ..	12,5%	20,5%	32,5%	32,5%
REPRESSES		74,5%	22,5%	2,5%	0,5%
— "Festa de Cabaré" (Rodriguez)		11,5%	11,5%	32,5%	32,5%
— "Festa de a Detorjo" (Jupia)		11,5%	11,5%	32,5%	32,5%
CINEMA		45,5%	22,5%	14,5%	4,5%
— "Oito e Cinquenta" (Comodoro)		45,5%	22,5%	14,5%	4,5%
FICHA					
1.º	— "Frodo" (Nova Compañia)	41,5%	42,5%	8,5%	1,5%
2.º	— "A Impossível" (Arma)	42,5%	39,5%	8,5%	1,5%
3.º	— "Sua" (Ola Vida)	42,5%	39,5%	10,5%	4,5%
4.º	— "Dona" (Sente Miranda) (Ola Artilaria) ..	42,5%	39,5%	10,5%	4,5%

NOTA — As operações são públicas e realizam-se em nossa redação a partir das 12 h 30 do dia do Inquérito.

A “Folha de São Paulo” publicava a “Bolsa de Cinema e Teatro”, que era sempre consultada

Como funcionava o Cine São José nas sessões da semana

Antonio Marcos faz um resumo do funcionamento do Cine São José, na época em que ele atuou como gerente, ajudando seu pai nos vários setores:

“Aos domingos eram exibidas três sessões: matinê e duas sessões à noite. Na matinê, geralmente às 14h ou 14h15, era exibido o mesmo programa do sábado à noite, exceto quando tratava-se de filme proibido para menores, sendo então projetado o filme da noite ou outro filme apropriado. Quando no sábado era exibido programa duplo, escolhia-se o filme que mais poderia interessar ou era mais adequado para as crianças. À noite, em sessões, às 19h ou 19h15 e 21h ou 21h15, exibia-se um filme inédito, reprisado na segunda-feira, em sessão única às 19h30 ou 19h45.

Às terças e quartas-feiras, sessão única, novo filme entrava em cartaz. Às vezes, reprisava-se o filme do domingo, devido à exigência contratual da distribuidora ou por se tratar de grande sucesso. Nas quintas e sextas-feiras, sessão única, era projetado um filme novo. Aos sábados, sessão única ou duas sessões, era exibido um filme de ação, aventura ou programa duplo, sendo às vezes um filme inédito e uma reprise de algum grande sucesso. Às vezes, o filme exibido era o mesmo programado para o domingo.

Esse tipo de programação ocorreu durante muitos anos, sendo modificado posteriormente, devido à diminuição de público e ao elevado preço dos alugueis dos filmes, passando a ser exibidos durante maior número de dias e modificando-se o sistema de programação, passando a ter sessão única todos os dias, às 19h30 ou 19h45, inclusive aos domingos, cancelando-se a matinê e a segunda sessão aos domingos.

Às vezes, um filme era programado de sábado a terça-feira e outro de quarta a sexta-feira; apenas dois filmes, quando anteriormente eram exibidos quatro ou cinco filmes semanalmente. Com a obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais durante 133 dias no ano, a programação piorou muito, pois estes filmes deveriam seguir o mesmo padrão de programação dos filmes estrangeiros, exigindo-se sábados e domingos. Como os filmes nacionais eram em sua maioria pornográficos, colaboraram para o fim do cinema em todo o país, pois grande parte dos espectadores deixou de frequentar cinema, principalmente com a família.

Os únicos filmes nacionais livres que existiam eram os de Mazaropi, Os Trapalhões, além dos de Walt Disney, entre outros, o que dificultava muito uma programação de filmes para as crianças. No ‘São José’, durante o tempo em que houve segunda sessão aos domingos, era fornecido um lanche quente e um refrigerante para todos os funcionários em serviço, como gentileza da empresa”.

Programas duplos – A reprise de filmes causava críticas por parte da imprensa: “o ‘S. José’ tem uma mania incorrigível de reprises. Filme, que faz sucesso naquele cinema, volta a ser exibido em menos de cinco meses. Foi assim com ‘História de Ruth’, ‘Reis do Riso’, etc”. (“O Liberal” de 03/02/1962).

Comentário de **Antonio Marcos**: “O interessante é que consta na programação do Cine Verdi a exibição do filme “Dio come ti amo” inúmeras vezes e nunca vi comentário no jornal mencionando o fato. Coisas da imprensa, talvez, ou porque não era do Cine São José. Se o filme era reprisado, deixava de ser reprise, porque era exibido no concorrente?”.



“Dio come ti amo” foi muitas vezes exibido no Cine São José

Relançamento – Certos filmes, devido ao grande sucesso quando de sua exibição nos cinemas, a critério das distribuidoras, eram relançados e exibidos nos cinemas. Entre esses filmes pode-se citar: “David e Betsabá”, “O Cisne Negro”, “Sangue e Areia”, “A Canção de Bernadete”, “Os brutos também amam”, “Os dez Mandamentos”, “...E o vento levou”, entre muitos outros. Às vezes, o cinema era criticado por exibir esses “filmes antigos” quando, na verdade, tratavam-se de relançamento pelas distribuidoras.

Os prefixos musicais e as músicas executadas nos intervalos

Praticamente até o encerramento das atividades no “São José”, as pessoas chegavam cedo ao cinema e, para distrair os espectadores, eram apresentadas músicas que faziam sucesso na época, orquestradas. **Antonio Marcos** se recorda que “após o primeiro toque do gongo, apagavam-se as lâmpadas brancas, acendendo-se as coloridas dos vasos decorativos, dando um belo colorido ao salão, quando executava-se o prefixo: o compact disc ‘S Music’, com ‘Ray Conniff, Orquestra e Coro’, com as músicas ‘Tema Favorito do Bailado dos Cisnes’ (Tchaikovsky), ‘Serenata’ (Schubert), ‘Tema Favorito do concerto Nº 1 para piano’ (Tchaikovsky) e ‘On the trail’, da suite ‘Grand Canyon’. Eram tocadas duas destas músicas; soava o 2º toque do gongo e iniciava-se a sessão. Posteriormente, outras músicas foram usadas como prefixo, entre elas ‘The Medic Theme’ (Blue Star), com a orquestra Les Baxter, ‘Unchained Melody’ e ‘El Presidente’, com Herb Alpert’s Tijuana Brass. Depois de algum tempo, deixou-se de usar prefixo musical, apenas os toques do gongo”.

Músicas nos intervalos – “Após a inauguração do Cine São José, em 3 de setembro de 1960 – relembra **Antonio Marcos**, as músicas executadas antes do início das sessões eram de ‘Ray Conniff, Orquestra e Coro’, contidas no LP ‘S Hollywood’ e do compact ‘S Music’, que se constituíram nos primeiros discos adquiridos e executados no novo cinema. No long play ‘S Hollywood’, as músicas eram as seguintes: Lado A – 1 – Love is a many splendored thing, 2 – Thanks for the

memory, 3 – Easy to love, 4 – Pacific sunset, 5 – Cheek to cheek, 6 – My heart stood still. Lado B – 1 – Please, 2 – Love letters, 3 – Laura, 4 – Stella by Satarlight, 5 – Yesterdays, 6 – It Might as well be spring”.

Os discos foram adquiridos em A. Milioni & Cia. Ltda., em data de 05/09/1960. Antes do início das sessões, passaram a ser executadas músicas orquestradas de Ray Conniff Orquestra e Coro, Billy Vaughn, Mantovani, Frank Pourcel, Silvio Mazucca e outras da época, da coleção particular do filho do empresário. Estes discos, geralmente, eram lançamentos das orquestras, que chegavam às lojas da cidade ou adquiridos em outras cidades.



Discos da Orquestra de Ray Conniff eram os preferidos

Nova razão social a partir de 1974 incluiu esposa e filho

A partir de janeiro de 01/01/1974, houve alteração na razão social do Cine São José, passando de “Empresa João de Almeida” para “Empresa Cinematográfica São José Ltda”, em virtude da entrada de novos sócios titulares, sendo composta por João de Almeida, Marcolina Vander Velden de Almeida e **Antonio Marcos de Almeida**, cabendo a este exercer as funções de Gerente e Administrador da nova empresa.

Foi uma alteração natural, principalmente porque **Antonio**

Marcos dividia com seu pai praticamente todas as atividades do cinema, que tomavam todo seu tempo os 7 dias da semana.

Cine São José foi alvo de vândalos durante sua existência

Foram vários os danos causados a dependências durante o funcionamento do Cine São José, como relata **Antonio Marcos**. As cortinas das portas eram frequentemente danificadas por ácido, cortes com gilete, etc., até serem retiradas e, em seu lugar, colocadas portas de madeira, o que foi feito após o incêndio que ocorreu no corredor lateral do cinema, causado por pessoas irresponsáveis. Uma das pias do sanitário masculino, em certa ocasião, foi destruída por bomba colocada sob ela, sendo necessária a sua substituição. O forro do corredor de saída, por ser de chapa acústica, era constantemente danificado, através de tocos de cigarro nele jogados, até que, em data de 25/11/1974, um incêndio, durante a madrugada o destruiu inteiramente, incluindo o telhado, sendo necessário reconstruir não só o forro como o madeiramento do telhado, substituição das telhas de eternit, instalação elétrica, etc., ficando o corredor fechado por algum tempo.

Devido a esse incidente, ficou proibido fumar nesse corredor, bem como junto às portas de acesso à sala de projeção. Sem dúvida, este foi um dos piores danos causados ao prédio do cinema.

Depredação – Conforme publicação no jornal “Tapeirá” de 11 de abril de 1970, na noite do sábado anterior, o Cine São José sofreu ação de vândalos que quebraram vidros e atiraram pedras na sala de espera, causando prejuízos ao seu proprietário. Na mesma semana, um açougue foi também roubado e esses fatos revelavam da necessidade urgente de passar a funcionar a Guarda Municipal, cujos trabalhos de organização estavam sendo realizados pela Prefeitura Municipal. Segundo ainda a notícia, “tanto um como outro fato não foram levados ao conhecimento da Polícia, pelos proprietários dos estabelecimentos, conforme nos declarou o dr. Delegado de Polícia, talvez porque os prejuízos não foram de grande monta”.

Cine São José exibiu o polêmico “Pesadelo sexual de um virgem”

Sob o título “Filme colocou Salto nas manchetes”, o jornal “Taperá” publicou em 5 de junho de 1976 uma notícia de grande repercussão: a exibição de um filme rodado em Salto, bastante polêmico e da “safra” das produções nacionais de segunda ou terceira categoria, que explorava também o sexo, embora não fosse pornográfico. A repercussão foi grande na cidade porque dela participavam o prefeito Josias Costa Pinto, o seu chefe de gabinete, Fernando de Noronha e até o vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat, padre Mário Negro. A grande mídia abriu espaço para o fato que teve repercussão em todo o país, inclusive sendo levado a um programa de grande audiência, o “Jornal Nacional” da Rede Globo, além do “Programa Silvio Santos”, que na época era apresentado na TV Record. Os jornais de grande circulação, como “Folha da Tarde”, “Jornal da Tarde”, “Notícias Populares” e outros, também publicaram reportagens sobre o assunto.

No “Jornal Nacional”, além de entrevistas com o prefeito e presidente da Câmara, foram mostradas vistas de nossa cidade. Na TV Record, o chefe do Executivo saltense concedeu uma entrevista explicando sua participação na película. O pe. Mário Negro também teria sido convidado para participar do referido programa, mas segundo se divulgou, ele preferiu não se manifestar.

Enquanto isso, a fita continua sendo exibida em São Paulo, já em sua terceira semana, no Cine Marrocos. E a cotação na “Bolsa de cinema” do jornal “Folha de S. Paulo” não era das piores: alcançou 16,7 por cento de ótimo, 40,0 por cento de bom, 23,3 por cento de regular e 10,0 por cento de mau. Em Salto o filme foi apresentado, possivelmente no Cine São José, com renda destinada à APAE, que custeou a despesa dos artistas.



“Pesadelo Sexual de um Virgem” contou com a participação de vários saltenses, como o prefeito Josias Costa Pinto e o monsenhor Mário negro

Defesa do diretor – O diretor do filme, Roberto Mauro, foi entrevistado pelo jornal “Folha de S. Paulo” na época, e afirmou que “é lamentável que, numa época em que o Governo Federal envia todo um patriótico esforço para moralizar a política brasileira, maus políticos envolvam um trabalho profissional, suado e batalhado, como é o nosso cinema, para angariar votos”. Sobre o filme, ele disse que é, antes de tudo, uma sátira à “Divina Comédia” e, em relação à participação do padre, declarou não ter visado a fé ou a religião e que o mesmo apenas realizou o ‘casamento’ porque esse é o seu mister, e nenhum

ator faria como ele”. Inquirido do porquê da participação do prefeito e de seu chefe de gabinete, explicou que os convidou porque “são dois homens bem apessoados, de excepcional fotogenia. Os três, como eu previa, possibilitariam uma cena esteticamente perfeita. Não vejo nenhum mal na participação deles. Agora eu não poderia era colocar o vereador Corinto A. da Silva no filme, porque ele não tem fotogenia”.

Sobre Corinto, aliás, que fez as mais severas críticas ao filme, Roberto assim se manifestou: “O vereador está se valendo de oportunismo político, porque antes já houve provocações no jornal ‘Taperá’, de Salto, quando fui acusado de estar fazendo turismo na cidade e explorando a boa fé das autoridades. Tudo porque houve atraso nas filmagens, coisa normal em nossa profissão”. Ele termina agradecendo o povo de nossa cidade e às autoridades, “pelo apoio dado a nossa equipe durante as filmagens, bem como a aceitação do filme, que antes de ser pornochanchada, é uma obra satírica, que coloca no inferno todas as pessoas que lá deveriam estar. Se o vereador imaginou-se no inferno e, por um momento, temeu sofrer as provações satânicas dos que estão lá, problema dele e da sua campanha contra o cinema nacional”.

A matéria foi publicada no jornal “Taperá” de 12 de junho de 1976.

Exibição – O filme que tanta polêmica provocou, foi exibido em nossa cidade nos dias 23, 24 e 25 do mês de junho, em benefício da APAE. O local de exibição foi o Cine São José, que recebeu, naqueles dias, um grande público, apesar de muitos saltenses já terem ido a S. Paulo e a Campinas para assistir a película. Até os corredores do cinema foram tomados pelos espectadores interessados em ver pessoas de Salto participando, dentre eles o prefeito Josias, Fernando de Noronha, padre Mário Negro e outros.

O presidente da APAE, em Salto, Waldomiro Tavernari, informou à imprensa que contou com a colaboração do Departamento de Cultura, Esportes e Turismo de nossa cidade, além do apoio de muitos saltenses.

Antonio Marcos revela que realmente houve grande afluência de público em todos os dias de sua exibição, com

preço único para todos os que colaboraram com a referida entidade, nos dias programados. Ele acrescenta que ele foi exibido normalmente nos dias subsequentes (26 e 27 de junho), com renda para a empresa, como filme normal, a fim de compensar as despesas com funcionários, ingressos, equipamentos, etc., pois, durante a exibição em benefício da APAE a renda total foi destinada a essa entidade.

Como foi o incêndio que causou muitos prejuízos ao “São José”

A notícia do incêndio ocorrido no Cine São José, em 24 de novembro de 1974, teve a seguinte publicação no jornal “Tapeirá” de 30 daquele mês e ano:

“Por volta das 7h da manhã de 2ª feira, populares notaram que grossos rolos de fumaça saíam do telhado do Cine São José. Imediatamente a Polícia e o Corpo de Bombeiros da Brasital, Eucatex e do 2º Batalhão de Sorocaba foram comunicados, chegando minutos depois a guarnição da Brasital, composta por oito homens chefiados por Alexandre Costa. Cerca de uma hora após a sua chegada, o fogo estava completamente debelado, notando-se, então, que ele atingiu todo o corredor lateral causando prejuízos calculados de 10 a 20 mil cruzeiros. Essa importância terá que ser desembolsada pelo proprietário, pois o prédio não estava no seguro.

Causas – O proprietário do cinema, Sr. João de Almeida, atribuiu a frequentadores, especialmente menores, a culpa pelo incêndio. São frequentes naquela casa de espetáculos incidentes entre funcionários e esses frequentadores, que fazem algazarra e perturbam os que ali vão para assistir a um filme. Dentre as coisas que essas pessoas gostam de fazer é atirar bolas de papel incendiadas ou mesmo “tocos” de cigarro acesos no forro do corredor, por uma abertura ali existente. Ainda na noite do domingo isso aconteceu e o “lanterninha” Norberto Gilberti, por volta de 20h30 evitou que um incêndio de autoria de menores se propagasse naquele mesmo local. Provavelmente tenham restado algumas chamas que foram queimando o forro de eucatex, causando o incêndio de 2ª feira.

A hipótese de que tenha havido curto circuito está afastada, pois o proprietário do cinema afirmou à Polícia que toda noite desliga a chave geral e que essa providência foi tomada também no domingo à noite.

Suspeitos – No domingo, a frequência ao cinema foi muito grande e isso, talvez, tenha impedido uma fiscalização mais eficiente por parte dos funcionários. O Sr. João de Almeida, porém, tem uma lista de suspeitos, a qual, inclusive, já apresentou à Polícia por ocasião da correição anual realizada na Delegacia local, quando ele ali esteve para solicitar providências das autoridades, tendo em vista os sucessivos incidentes que acontecem em sua sala de espetáculos.



Da esquerda para a direita: bombeiros apagando o fogo; caminhão dos bombeiros em frente ao cinema e o telhado do corredor, atingido pelo fogo

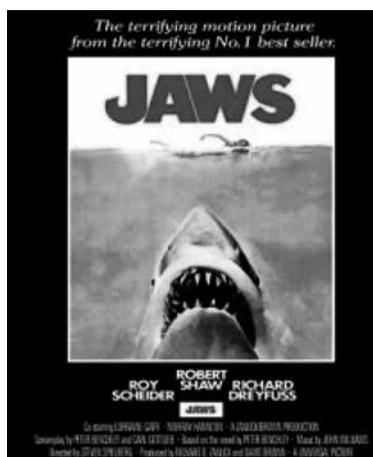
Com “Tubarão”, a volta das filas em frente ao Cine São José

O jornal “Taperá” registrava em 4 de março de 1978 que “Há muitos anos atrás quase todos os fins de semana em frente aos cinemas de nossa cidade, formavam-se filas que atravessavam quarteirões, principalmente quando o filme que seria exibido era com Mazzaroppi. Mas, de um tempo para cá, não aconteceu mais isso e os cinemas ficam quase que desertos. No último fim de semana, porém, com a exibição de ‘Tubarão’, pudemos recordar aquela época, vendo tanta gente em frente ao cinema em todos os dias de sua exibição. Concluimos, vendo tal situação, que os nossos cinemas precisam realmente exibir filmes de renome para então serem frequentados por quase toda a população”.

Para a exibição deste filme – informa **Antonio Marcos** – a Empresa João de Almeida efetuou o pagamento de uma garantia mínima de aluguel, além dos 70% da renda líquida de bilheteria, com um valor nunca antes efetuado, nem mesmo para outros grandes filmes, como “Os Dez Mandamentos”, “Ben Hur”, “El Cid”, ou outro qualquer, mas, felizmente, o resultado foi satisfatório. “Este filme foi um dos recordistas de público na história do Cine São José”, revela ele.

Parabenizando – Em sua coluna “Na Cidade”, Flip Top parabenizou nossos cinemas:

“Com toda franqueza, queremos parabenizar os nossos cinemas pelo entusiasmo que vêm demonstrando nestes últimos meses, exibindo bons filmes, produções já consagradas internacionalmente. O ‘São José’ teve a honra de exibir ‘Tubarão’, ‘Terremoto’, ‘Rocky, um Lutador’ e agora ‘Guerra nas Estrelas’, o primeiro na região a exibir este último. O ‘Verdi’, ‘Fundo do Mar’, ‘Orca, a Baleia Assassina’, ‘Exorcista II – O Herege’ e outros. Não há dúvida que alguns desses filmes não são novos, mas podemos afirmar que são as melhores produções do cinema atual. Tudo isto fez com que a grande parte da população voltasse aos cinemas, fazendo reviver aqueles áureos tempos que as filas atravessavam quarteirões. Senhores proprietários, se continuarem assim, podem ter certeza que nestes dias, a casa estará sempre cheia”. (“Taperá” de 22/04/1978)



Filas para assistir “Tubarão” atingiam todo o quarteirão

Até rojões soltavam no corredor lateral do cinema

Segundo **Antonio Marcos**, era comum também soltarem rojões no corredor lateral, além de bombas, pois os colocavam na porta que dava acesso à rua, usando pontas de cigarro para acendê-los, sem que se percebesse tal atitude. O estrondo causado assustava todos os que assistiam à sessão cinematográfica.

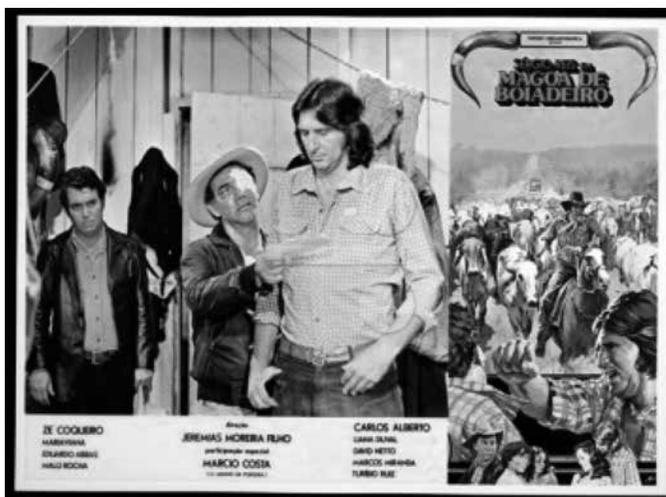
Estudantes também costumavam, nas sessões de domingo, soltarem gás sulfídrico (cheiro de ovo podre) no salão. Às vezes era necessário interromper a sessão e ligar os renovadores de ar para eliminar o mau cheiro. Os vidros da sala de espera e da bilheteria eram também danificados (quebrados) por malfeitores durante a madrugada, além do material de propaganda que era rasgado, tabelas com propagandas de filmes fixadas nas paredes externas eram rasgadas ou simplesmente desapareciam.

Frequentemente a sala de espera e paredes externas do prédio eram alvo de ovos atirados por vândalos.

Em toda sua existência o Cine São José foi furtado apenas uma vez

Em seus 23 anos de existência, o Cine São José foi furtado apenas uma vez: em dezembro de 1978, quando elementos desconhecidos entraram pelo muro da casa vizinha, que se encontrava em reforma (propriedade de Gentil Barrios), usando uma escada. Quebraram telhas do corredor lateral e entraram durante a noite no prédio, arrombaram o cofre, levando a quantia de Cr\$ 20.781,28, referente a renda da noite anterior de Cr\$ 18.000,00 e o restante referente ao troco que se encontrava no cofre. Estava sendo exibido o filme “Mágoa de Boiadeiro” com Sérgio Reis.

Foi lavrado o respectivo boletim de ocorrência com o comparecimento da Polícia Técnica de Sorocaba, chegando-se à conclusão de que foram ladrões especializados que efetuaram o furto, devido à técnica usada. Nenhum deles, porém, foi preso ou até mesmo identificado.



Toda a renda do filme “Magia de Boiadeiro” foi furtada do cofre

Direção do Cine São José foi sempre grata a funcionários e a colaboradores

Antonio Marcos conta que quase a totalidade das pessoas que trabalhavam à noite nos cinemas da cidade, durante o dia trabalhavam em emprego fixo, em indústrias locais, como Brasital S/A., Textil Assad Abdalla, Emas, Picchi, Sivat, Eucatex, etc., enquanto outros trabalhavam em oficinas próprias (autônomos), dedicando-se a trabalhar no cinema à noite, uns para complementar a renda familiar, outros porque gostavam de cinema. Nas horas livres, ou seja, à noite, período em que funcionava o cinema, aproveitavam para fazer “bico” e, assim, garantirem um rendimento extra em seus vencimentos ou apenas para se distraírem.

Na época, era interessante trabalhar em cinema, pois dava para assistir a todos os filmes exibidos, tanto operadores, ajudantes, fiscais de salão ou os simples entregadores de tabuletas nas ruas, além dos familiares que entravam gratuitamente, como gentileza da empresa.

Ele revela que no “São José”, eram tantos os pedidos de emprego, que às vezes era preciso anotar os nomes para chamá-los no futuro, tal era a quantidade de pessoas para as funções de operador, ajudante, “lanterninha”, faxineiro, etc. Para operador, por exemplo, havia sempre candidatos.

Durante certo tempo, foi preciso fazer escala de operadores, para não congestionar a cabine, pois, normalmente se usavam dois operadores e um ajudante, e se houvesse mais pessoas, um atrapalharia o outro. É que cada um cuidava de “sua máquina” colocando as partes, o carvão, efetuando limpeza e manutenção, além de desenrolar a parte após a exibição quando não havia ajudante.

Dentre os funcionários e colaboradores do Cine São José, a direção destacou alguns que, realmente, a seu ver merecem um agradecimento especial, na opinião de **Antonio Marcos:**

Samuel Bueno de Oliveira – Trabalhou como operador em várias ocasiões, dependendo da mudança de sua residência para outras cidades, mas sempre que retornava a Salto, voltava a trabalhar na cabine do cinema, no “Rui Barbosa” e no “São José”. Além de operador, era mecânico muito competente, providenciava o conserto dos aparelhos quando apresentavam defeito, na montagem ou desmontagem do projetor e na confecção da peça avariada.

Quando da exibição de “A Noviça Rebelde”, um dos projetores apresentou defeito, obrigando a ser feita a projeção através de um único projetor, e durante a sessão, enquanto o filme era exibido na outra máquina, ele desmontou o projetor defeituoso, retirou a peça avariada (engrenagem de celeron que sofreu quebra na denteação), levando-a, no dia seguinte, a Itu, para ser confeccionada outra em bronze, e à tarde, montou novamente o projetor, que passou a funcionar perfeitamente, não havendo necessidade de se interromper a projeção do filme.

O Sr. Samuel foi o último operador do “Rui Barbosa” quando as atividades foram paralisadas para o término da obra e deveria ser o primeiro do novo cinema, o que não foi possível na ocasião, vindo a sê-lo novamente após algum tempo.

Antonio Odemar Speroni – Durante o dia, trabalhava na Têxtil Assad Abdalla, depois York durante muitos anos e, à noite, no cinema. Pessoa de muita confiança, além de grande amigo, merece destaque neste trabalho, pois nos ajudou muito, sem receber remuneração alguma, estava sempre a postos para ser porteiro, bilheteiro, mecânico, enfim, no que fosse preciso colaborar. Confeccionava peças para reposição nas máquinas

e objetos de uso no cinema sempre que preciso. Auxiliava na troca de material de propaganda, ficando responsável pelo fechamento do cinema quando o proprietário ou o gerente precisavam se retirar antes do término da sessão.

Trabalhou no Cine Verdi também por muitos anos, como gerente.



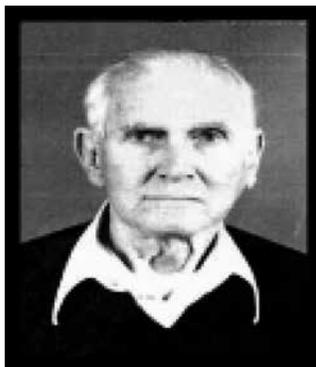
Antônio Odemar Speroni

Antônio Guilhardi – “Tuna”, como era mais conhecido na cidade, além de ser um excelente profissional, nos auxiliou como mecânico, consertando as máquinas, confeccionando peças e chavetas, socorrendo-nos em qualquer hora de necessidade. Era chamá-lo que, de imediato, comparecia e resolvia o problema. Durante muitos anos foi o responsável pela parte mecânica dos aparelhos cinematográficos, sempre com muito zelo e enorme competência não só nos tempos do São José, mas também no do Rui Barbosa.



Antônio Guilhardi (Tuna)

Marcelo Grossi – Nasceu em 05/04/1900, na cidade de Jundiáí, vindo para Salto em 1902. Casou-se com Rosalina Hyppolitto, teve vários filhos. Trabalhou na Brasital S/A. e no cinema, desde que papai começou no ramo cinematográfico, como gerente do Cine Verdi, da Empresa Jorge Caracante, de Sorocaba. Com a desistência do Sr. Caracante, papai assumiu o contrato do Cine Verdi. O Sr. Marcelo trabalhou como porteiro até o encerramento das atividades desse cinema em 1942. Quando meu pai adquiriu do Sr. José Silvestre o “Rui Barbosa”, o Sr. Marcelo transferiu-se também para aquele cinema. No “Rui”, o Sr. Marcelo, além das atividades de porteiro, exerceu as funções de bilheteiro e substituiu o proprietário em seus impedimentos. Além de ser de total confiança do empresário e um funcionário exemplar, o Sr. Marcelo gozava de grande simpatia, sendo sempre atencioso e respeitoso com todos os frequentadores, além de uma grande amizade. Trabalhou no “Rui Barbosa” de 1942 a 1957. Era mais conhecido como “Seu Barcela”.



Marcelo Grossi (“Seu Barcella”)

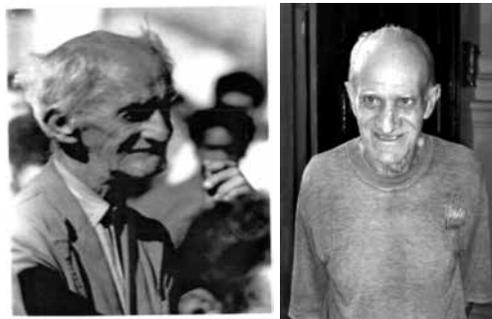
Colaboradores diversos – Dentre os que exerceram alguma atividade durante o funcionamento do cinema, **Antonio Marcos** cita os seguintes:

Izidoro Roveri (Dorinho) – 1º operador do novo cinema; Antonio Campitelli (Nino) – 1º ajudante de operador do novo cinema); Ailton Pereira – pintor, cartazista e zelador; Albertino de Almeida – zelador e porteiro; Agenor – operador; Anvarde Bedin – operador; José Liberalesso (Pica-fumo) – fiscal de salão, 1º do novo cinema; José Bizan (Zeca) – encarregado;

João Sombini – porteiro; Carlos Roberto da Rosa (Beto) – operador; João Francisco Pinheiro – operador; Antonio Trintadue – fiscal de salão; Wilson do Amaral (Careca) – fiscal de salão; Antonio do Amaral (Toninho) – fiscal de salão; Cardoso – fiscal de salão; Laerte Melchor – operador; Jaci – operador; Martinelli – operador; Luiz Antonio – operador; Norberto Gilberti (Bertinho) – fretista e outros serviços; Rubens do Amaral – fiscal de salão; Wilson Barros – fiscal de salão; Gentil Canova – fiscal de salão; Antonio Roberto Mazzi – fiscal de salão; Sérgio Baldi – zelador; Mercedes Moro – zeladora; Celso de Carvalho Lima (Celsinho preto) – zelador; Maria Sarita Leme de Santana (Sarita) – zeladora; Ester – zeladora; Orlando Calegari – operador; Pinheiro (Repórter) – zelador e porteiro; Maria José – zeladora; Angelo Augustinho Guido – operador; João Guido – fiscal de salão; Olímpio Antonio da Silva – fiscal de salão; João José Boaventura Neto (Café) – fiscal de salão; Emilio Machado – fiscal de salão e ajudante de operador; Manoel; Joaquim; Francisco Singulani – operador e muitos outros.

Um dos zeladores, que também trabalhava como porteiro, cujo sobrenome era Pinheiro, alcunhado “Repórter”, certa noite se apresentou com terno preto e gravata borboleta para mostrar como se apresentava para trabalhar no Cine São José, de Sorocaba, cinema este em que diz ter trabalhado anteriormente.

Houve ainda pessoas, tipos populares da cidade, como Belarmino de Almeida Souza, o “Bibi Fon-Fon” e o Edgar Martins Piron, que ajudavam a recolher tabelas nas ruas ou faziam algum “servicinho” em troca de assistir filmes graciosamente.



Belarmino de Almeida Souza (“Bibi”) e Edgar Martins Piron ajudavam a recolher tabuletas nas ruas

Apelidos de muitos que trabalharam no “Rui Barbosa” e no “São José”

Muitas pessoas que trabalharam no cinema, principalmente no “Rui Barbosa”, receberam apelidos dos seus colegas, quer pela semelhança com personagens de filmes, seriados, etc., ou pela sua personalidade ou gênio. O próprio empresário João de Almeida, segundo Chiquito Guarnieri, tinha apelido. Era chamado de “Homem de Aço”.

Dentre as muitas pessoas que trabalharam no Rui Barbosa, desde as funções mais simples até as mais complexas, **Antonio Marcos** lembra-se de alguns, cujos nomes citamos a seguir (alguns fornecidos por parentes):

Marcelo Grossi (Barcela), José Moura (Zé-Pé-no-Chão), Albertino de Almeida (Veinho e Paredão de Asilo), Atalia Pellis (Chó), José Roberto Rodrigues (Neguita), Ivo Dionísio (Bastião Raposa), Vitorio Terrassan (Jácomo), José Amadeu Vicente (Gepe), Emílio Hinojo (Cascavel); João Macor (Azeitona), Hélio Fabri (Severino), Aristóteles (El Shaitan), Irineu (Mulher Tigre), Júlio (Escorpião), Olavo (Samba).

Bomboniere e vendedor de pipoca faziam parte

Informação de **Antonio Marcos**:

Na abertura do “São José”, a bomboniere foi de propriedade do Sr. Rino Ferrari, responsável pelo serviço de limpeza do cinema e colocação de tabelas nas ruas. Posteriormente, vendeu-a para a Sra. Berenilda C. da Rosa, cujos filhos, Beto e Cláudio, cuidavam da bomboniere. Por último, adquirida em 12/03/1976, passou para o filho do empresário, sendo que o neto, Marcos Vinícius, era quem cuidava do atendimento dos clientes, sendo ajudado por sua mãe em dias de maior movimento do cinema.

Por ocasião da inauguração do novo prédio, era comum um pipoqueiro permanecer com seu carrinho em frente ao cinema. Muitos eram os que, além de doces e balas, costumavam adquirir também pipoca para ser degustada durante a sessão cinematográfica, como acontece hoje. O nome do pipoqueiro era Antonio Garcia Leme, conhecido por “Toninho Pipoqueiro”.

Programa Semanal anunciava os filmes a serem apresentados

Antonio Marcos informa: No início das atividades do cinema, os programas semanais, distribuídos na entrada do cinema eram patrocinados, exclusivamente, pela firma local “R. Dalla Vecchia S.A.”, atual “Lojas Cem”, que durante algum tempo manteve o patrocínio. Mais tarde os programas semanais passaram a ser responsabilidade da própria empresa cinematográfica, com colaboração de firmas locais e da cidade de Itu, entre elas: Sim Supermercados, Casas Pernambucanas, Foto Katahira, Eletro Paraíso, Armazém Popular, Art Foto Hibari, Mercearia Taperá, Bar e Restaurante São João e Casa Alegre.

Essa programação, algum tempo antes do encerramento das atividades do cinema, passaram ser impressos com a programação mensal, além da semanal. Os serviços tipográficos eram executados pela “Indústria Gráfica Saltense”, de propriedade de Onofre Causo, que imprimia os programas semanais e mensais, além de programas extras e impressos usados pelo cinema.

Comece o Ano Novo com o pé direito.
Entre o Ano Novo economizando de verdade.
Tudo o que você precisar para o seu lar ou para presente, o endereço certo é



SIM
Supermercados

Temos os artigos das mais conceituadas marcas e pelos melhores preços da Região.

Faça-nos uma visita e verifique nossos preços.
Avenida da Saúde, 155 ✦ ITU
Amplio estacionamento às suas ordens

CINE SÃO JOSÉ
Programação de 01 a 17 - 01 - 61

Dias 1 a 7 - 5.a feira a 4.a feira às 19,45 hs.
A Dama do Lotação
c/ Sonia Braga - Nuno Leal Maia - Claudio Marzo
Tecnicolor - Super sexy nacional.
A trauma de sua primeira experiência sexual faz Solange ter um terrível pesadelo no qual ela percorre estranhas lugares em busca de amor, desde a garagem de um loteação até as grades de um portão de fábrica onde ela termina sempre escarregada e violentada. Agora liberada pela censura, sem cortes.
12 minutos a mais de sexo.

Dias 8 a 12 - 5.a feira e 2.a feira, às 19,45 hs.
Os 3 Mosqueteiros Trapalhões
c/ Renato Aragão - Dedê Santana - Músson - Zaccarias
Tecnicolor - super espetacular
Os trapalhões em sua mais recente comédia, trazendo alegria para sua família.

Dias 13 a 17 - 3.a feira e sábado, às 19,45 horas
O Menino Biônico
c/ Johnson Yop - Steve Nicholson - David Fry
Tecnicolor - super aventura
Primeira: Cyborg; Depois: A Mulher Biônica e agora: O Menino Biônico.
Sonny See, campeão mundial de karatê juvenil após defender seu título sofre um acidente e é operado, sendo preciso substituir partes de seu corpo por metais e plásticos, diodos e transistores, tornando-se biônico, passando a trabalhar do lado da lei contra os bandidos.

Aí vem:
PIXOTE - A Lei do Mais Fraco

Programas semanais tinham o patrocínio de empresas de Salto e região

Em 31 de dezembro de 1983, o Cine São José encerrava suas atividades

Antonio Marcos anunciava no início do ano de 1984 o encerramento das atividades do Cine São José, em Salto:

“Em data de 31 de dezembro de 1983, o Cine São José, que durante vinte e três anos consecutivos funcionou sob o comando de João de Almeida e seu filho, **Antonio Marcos de Almeida**, encerrou definitivamente suas atividades no ramo cinematográfico, sendo o imóvel alugado à rede Pão de Açúcar – Empresa Brasileira de Distribuição, para adaptação do prédio a fim de ser instalado no local um Supermercado Minibox.

João de Almeida iniciou a atividade no ramo cinematográfico em 1936, como gerente do Cine Verdi, da Empresa Jorge Caracante, de Sorocaba, assumindo o cinema após a sua desistência e funcionando até 1942, quando adquiriu o Cine Rui Barbosa, então de propriedade de Alexandre Silvestre e seu filho José Silvestre (Empresa J. Silvestre), passando a funcionar com seu próprio cinema (Empresa João de Almeida) até 8 de dezembro de 1959, quando fechou-o para o término das reformas.

Em 3 de setembro de 1960, retomou as atividades cinematográficas no novo cinema, com a nova denominação “Cine São José”, encerrando-a definitivamente no dia 31 de dezembro de 1983 com a razão social de Empresa Cinematográfica São José Ltda., alteração feita a partir de 01/01/1974.

João de Almeida, meu saudoso pai, desejava que eu continuasse a funcionar o cinema, como deixou gravado em entrevista feita a Ettore Liberalesso e Thalma Di Lelli, do Museu de Salto. Essa também era a minha intenção, mas, infelizmente, por problemas familiares (cunhados e irmãs também coproprietários do imóvel, porém sem participação na sociedade do cinema) ficou resolvido o encerramento das atividades cinematográficas.

Foi emitida carta comunicando o encerramento das atividades à Empresa Brasileira de Filmes – Embrafilme, em data de 31 de dezembro de 1983, protocolada nesse órgão em data de 2 de janeiro de 1984, sob nº 0004.



O gongo tocou pela última vez em 31 de dezembro de 1983



Da esquerda para a direita: trabalhador exhibe o quadro de avisos do cinema; outros retirando as últimas poltronas no fechamento do cinema

A notícia do fechamento repercutiu na imprensa

Como não poderia deixar de ser, o fechamento do Cine São José repercutiu na imprensa local e regional:

“Taperá” de 31 de dezembro de 1983:

“Salto perde hoje um dos seus dois cinemas: o mais tradicional deles, Cine São José, que já se chamou Cine Rui Barbosa até 1960, quando foram inauguradas as novas instalações. Segundo seus proprietários, João de Almeida e seu filho Antonio Marcos de Almeida, o motivo é a baixa frequência, principalmente quando são exibidos bons filmes, que custam mais caro e cujas receitas às vezes não pagam o aluguel. Depois de resistirem por muitos anos, eles resolveram alugar o prédio localizado na rua Rui Barbosa para o Grupo Pão de Açúcar, que instalará ali um supermercado, depois de realizar as reformas necessárias.

O prédio existe desde 1939, sendo construído por Alexandre Silvestre, especialmente para servir de cinema. Chamava-se Cine Rui Barbosa, denominação que manteve até 1960,

quando o atual proprietário João de Almeida reformou-o completamente, transformando-o no Cine São José, que atraía um grande número de espectadores, quando a televisão ainda não era a mania que é hoje. Aos poucos a frequência foi caindo, até que seus atuais proprietários sentiram que não era mais possível mantê-lo, pois deixara de ser uma atividade rendosa.

Último filme – “Depois de muitos anos de funcionamento, o Cine São José fechará suas portas para sempre. Neste sábado, às 19h45, a última exibição do cinema, com o filme ‘Calcinhas Provocadoras’, produção sexy. No local deverá funcionar um estabelecimento da organização ‘Pão de Açúcar’. Aqui termina o Cine São José, que em 1960 inaugurava suas amplas e majestosas instalações com o filme ‘Os Dez Mandamentos’”.



“Calcinhas Provocadoras” foi o último filme exibido no Cine São José

Antonio Marcos corrige o jornal: A notícia publicada está incorreta, pois o filme de inauguração (teste) em 03/09/1960 foi “O Congresso Dança”, no sábado e “Viagem ao Centro da Terra”, no domingo, lançamento da 20th Century Fox, inaugurando oficialmente o cinema. O filme de encerramento no dia 31/12/1983, foi “Calcinhas Provocadoras”. O filme “Os Dez Mandamentos” foi exibido somente em 1962, no período de 4 a 12 de novembro, isto é, dois anos após a inauguração do novo cinema.

Fazendo graça – Em sua coluna humorística, Boca-de-Siri, do jornal “Taperá” insistiu em dizer que o Cine São José

foi inaugurado com a exibição do filme “Os Dez Mandamentos”, que o filho do proprietário, também um dos sócios do cinema, esclareceu que a inauguração foi com um outro filme. Talvez aproveitando a ocasião para fazer graça, o Boca-de-Siri publicou em sua coluna “Cá Entre Nós” um comentário sobre um fato que não ocorreu. Por curiosidade ele é reproduzido:

“Dos Mandamentos às Calcinhas – O Cine São José poderia ter paralisado suas atividades de uma maneira bem mais digna. Ele foi reinaugurado em 1960 com ‘Os Dez Mandamentos’, filme bíblico que arrastou multidões, mas terminou com ‘Calcinhas Provocantes’, uma pornochanchada nacional. Esses filmes representam cada um sua característica, duas distintas: ‘Os Dez Mandamentos’ o período áureo do cinema, ‘Calcinhas Provocantes’ a decadência, a apelação. Enquanto na reinauguração do cinema, em 1960, a afluência de público foi enorme, no último dia 31 não houve sequer condições de exibir o filme, por falta de ‘quórum’. Isso, possivelmente, deve ter deixado constrangido o funcionário encarregado da exibição, que com as ‘calcinhas’ na mão, não teve outra saída a não ser guardá-las, mesmo porque elas não se mostraram tão provocantes como se esperava”.

PREVISÃO CINEMATOGRAFICA



Haverá uma pequena mudança na programação de um cinema local.

Charge de Valdir Sbrissa publicada no jornal “Taperá” quando o salão do cinema passou a ser usado como supermercado

Outra correção – Também nessa publicação foi necessária a correção feita por **Antonio Marcos**: ele garante que no último dia de funcionamento do “São José” houve sessão, normalmente, embora com poucas pessoas, conforme borderô desse dia. Inclusive, ele acrescenta que os últimos ingressos vendidos nesse dia foram os de números 727997107 (inteira) e 637457651 (meia), sendo os preços de Cr\$ 600,00 e Cr\$ 300,00, respectivamente, conforme consta do Programa e do Borderô do dia.

“O Trabalhador” – O jornal “O Trabalhador” também publicou matéria sobre o fechamento do Cine São José, em sua edição de 24 de dezembro de 1983:

“O Cine São José fecha suas portas definitivamente, no dia 31 de dezembro. Foi o que confirmou à nossa reportagem o Sr. João de Almeida. No local, vai funcionar um estabelecimento da organização Pão de Açúcar. O prédio ficará fechado por algum tempo, para as adaptações que se fizerem necessárias. O Sr. João de Almeida dedica-se à atividade de exibição cinematográfica, desde 1938 (já antes, em 1936, trabalhara para a Empresa Caracante, de Sorocaba). Em 1939, o Sr. Alexandre Silvestre e seus filhos José e João (este o Jota da Televisão Bandeirantes), deixavam o Cine São Bento (hoje o Clube Ideal), para a arrojada construção do Cine Rui Barbosa.

E quantos episódios marcantes, poderiam ser assinalados, inclusive o do locutor, jovem ainda, que já mandava o seu recado e mostrava o seu talento: o Jota Silvestre. Em 1960, já de propriedade do Sr. João de Almeida, a modernização do ‘Rui Barbosa’, que passaria a denominar-se Cine São José.

E agora o Cine São José chega ao final de sua ‘carreira’. Vai dar lugar a outro tipo de estabelecimento, o do ‘Pão de Açúcar’. São as marcas que a cidade de Salto vai recebendo, modificando-a, assim como se modificaram seus hábitos, seu comportamento”.

Comentário – Uma jovem saltense (Rita C. Modesto) publicou na época um comentário sobre o fechamento, sob o título “Os Cinemas estão Desaparecendo”:

“Nos últimos anos o cinema (arte) brasileiro e até mundial vem deparando com um grave problema: a falta de público

em suas salas de projeção. Por este motivo muitos cinemas de bairro e do interior estão fechando suas portas e consequentemente deixando uma lacuna na cultura e lazer. Mas como o problema vem do próprio público que já não procura mais a arte da tela (do cinema, é claro!) para sua diversão e cultura, os exibidores de filmes estão preocupados com o futuro dos cinemas.

Atualmente, com a crescente invasão da televisão nos lares, especialmente por suas programações selecionadas, com o vídeo-game que também já conquistou seu espaço e com as discotecas que oferecem à moçada maior diversão, o cinema perde seu público e entra em decadência. Os exibidores estão preocupados pois essa evasão de público acarreta sérios problemas como os custos de manutenção: água, luz, aluguel, salários, equipamentos de som, ar condicionado, lâmpadas e ainda os constantes custos dos equipamentos de projeção, etc. Com tudo isso, se o público não comparece não há dinheiro e não se consegue conservar os equipamentos e mesmo o prédio. Aí a deterioração aumenta, o público se afasta ainda mais e se estabelece um círculo vicioso e se torna difícil reverter a situação.

Além da televisão, considerada maior inimigo do cinema, pode-se verificar como dito acima, que com os custos elevados, os preços dos ingressos tendem a subir, provocando ainda mais o afastamento do público, que prefere ficar em casa e assistir um filme entre seus familiares, de forma mais barata e confortável.

De acordo com Natal Severino, diretor do Sindicato das Empresas Exibidoras Cinematográficas de São Paulo, 'as perspectivas de sobrevivência são sombrias, e somente aqueles que são proprietários do prédio é que permanecerão'. Mas há ainda outro ponto a ressaltar: o de que o público compareça, pois esta é uma das grandes empresas exibidoras, para se conseguir com que o um cinema possa ser realmente 'arte' no sentido global. E finalizando, o público precisa mesmo é encher as salas de projeção para que os cinemas não desapareçam e não fiquemos sem essa expressiva obra que é o cinema". (Publicado em 23/02/1985).

PROGRAMA CINEMATOGRAFICO
 SECRETARIA DE CULTURA - SECRETARIA DE CULTURA

FORMA DE SOLICITAÇÃO Nº 06/93

EMPRESA: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

EMPRESA: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

PERÍODO: 23.12.83 - 24.12.83 Nº DE MANEIRAS POR DIA: 4 VALOR DA: 500,00
 VALOR: 18,43 VALOR DA: 30,70

PROGRAMA DE MANEIRAS: MANEIRA NORMAL MANEIRA ESPECIAL MANEIRA ESPECIAL

PROGRAMAS DE MANEIRAS: MANEIRA NORMAL MANEIRA ESPECIAL MANEIRA ESPECIAL

PROGRAMA	VALOR	QUANTIDADE	TOTAL	ESTADO
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP

PROGRAMA DE MANEIRAS: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

PROGRAMA DE MANEIRAS: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

EMBRAFILME BORDERO FUNDACIONADO Nº 01-4210578

FORMA DE SOLICITAÇÃO Nº 06/93

EMPRESA: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

EMPRESA: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

PERÍODO: 23.12.83 - 24.12.83 Nº DE MANEIRAS POR DIA: 4 VALOR DA: 500,00
 VALOR: 18,43 VALOR DA: 30,70

PROGRAMA DE MANEIRAS: MANEIRA NORMAL MANEIRA ESPECIAL MANEIRA ESPECIAL

PROGRAMAS DE MANEIRAS: MANEIRA NORMAL MANEIRA ESPECIAL MANEIRA ESPECIAL

PROGRAMA	VALOR	QUANTIDADE	TOTAL	ESTADO
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP
PROGRAMA DE MANEIRAS	23,62	MANEIRA	407,53	SP

PROGRAMA DE MANEIRAS: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

PROGRAMA DE MANEIRAS: **EMBRASIL** (CNPJ: 07.000.000/0001-90) ENDEREÇO: **SALTO** ESTADO: **SP**

Último programa aprovado e o borderô do último espetáculo

CINECLUBE ANSELMO DUARTE
Começou a funcionar cinco anos depois do fechamento do “Verdi”

Salto ficou cinco anos sem sala de exibição de filmes, pois o último cinema a fechar foi o “Verdi”, em dezembro de 1984. Em 1989, um grupo de pessoas interessadas resolveu fundar um Cineclube, que logo levou o nome de Anselmo Duarte, que ainda estava vivo e residia na cidade.

Uma Comissão Provisória foi formada em outubro de 1989, integrada por Geraldo Garcia (presidente), Josias Costa Pinto (vice-presidente), Antonio Oirmes Ferrari (secretário), Gilson Roveri (vice-secretário), Francisco Vanucci (tesoureiro), Valter Lenzi (vice-tesoureiro) e Victor Schiffel (programador). A reunião foi realizada no Conservatório Maestro Henrique Castellari.

Fundação – A fundação do Cineclube aconteceu no aniversário da cidade, em 22 de junho de 1990, no Auditório Maestro Gaó, com a presença de Anselmo. O cineasta saltense foi homenageado pelo prefeito Eugênio Coltro, que fez a abertura oficial do evento, seguindo-se a exibição de um documentário canadense, em homenagem ao Consulado do Canadá, que doou o projetor e um acervo de filmes para o Cineclube. Ele

também foi homenageado pelo vice-prefeito João Guido Conti e pelo secretário da Cultura, Geraldo Garcia, recebendo uma placa de prata, além dos aplausos de uma seleta plateia.

Também foram exibidos na oportunidade três filmes: “Fragmentos da Vida”, que marca o início dos filmes de ficção no Brasil e dois filmes de Charlie Chaplin: “O Aventureiro” e “Rua da Paz”.



Anselmo Duarte usa da palavra quando da inauguração do Cineclube que levou seu nome e recebe uma placa do prefeito João G. Conti

Comentário na imprensa sobre a fundação do Cineclube

O jornal “Taperá” publicou em 30 de junho de 1990, dias após a fundação do Cineclube Anselmo Duarte, um comentário sobre o novo cinema da cidade:

“A cidade passou a contar desde o último dia 22, com mais um importante centro cultural. Neste dia, após mais de um ano de estudos e preparativos, foi inaugurado o Cineclube Anselmo Duarte, que funcionará no Anfiteatro Maestro Gaó, no Conservatório Municipal Maestro “Henrique Castelari”. Na inauguração, estiveram presentes, além do cineasta saltense homenageado, autoridades e um ótimo público (o salão do anfiteatro esteve quase que totalmente tomado). Foram apresentados três filmes: primeiramente, o curta-metragem ‘Flagrantes da Vida’, filme que o cineasta José Medina dirigiu em 1928, indicado pela Cinemateca por ser ecológico. Posteriormente foram

apresentados mais dois curtas, ambos de Charles Chaplin. Anselmo Duarte fez pequenas intervenções, explicando detalhes e curiosidades específicas sobre cada filme, além de aspectos gerais sobre técnicas cinematográficas.

“A próxima atração do Cineclube será no dia 18/07, às 20h, quando será apresentado o filme ‘Gunga Din’, de George Stevens, filmado em 1939”.



O 1º presidente do Cineclube, Geraldo Garcia, entrando com Anselmo, no dia da inauguração



Prefeito Eugênio Coltro cumprimenta Anselmo na inauguração do Cineclube

Cineclube definia programação até agosto

A diretoria do Cineclube Anselmo Duarte, reunida no dia 4 de julho, deliberou sobre várias questões relacionadas ao

centro cultural. Segundo o presidente Geraldo Garcia, uma das deliberações tomada foi a de que, nos três meses seguintes, a programação será feita com uma sessão a cada 15 dias com apresentação de filmes de estilos variados (aventura, drama, comédias, etc.) sendo que, posteriormente, será feita uma avaliação desse período, a fim de que possa ter uma orientação de quais rumos tomar a partir de então.

A notícia, publicada no jornal “Taperá” em 14/07/1990, acrescentava que: “Quanto à parte de equipamentos existentes no Cineclube, Geraldo informou que o cinema possui um projetor de 16 mm (em muito bom estado, doado pelo Consulado do Canadá) e uma tela provisória, feita de madeira maciça. Adiantou também que estão sendo realizados levantamento de custos, uma vez que é de interesse da diretoria, na medida do possível, dotar o Cineclube de todos os equipamentos necessários. Sendo assim, mais um projetor, uma tela apropriada e uma coladeira (talvez o mais urgente de ser adquirido), são equipamentos que estão sendo pesquisados, principalmente com a assessoria de Anselmo Duarte”.

Ainda quanto à programação, o presidente revelou que “a mesma ficou assim definida até o final de agosto: dia 18/07 ‘Gunga Din’; dia 01/08, ‘Roma Cidade Aberta’; dia 15/08, ‘No Tempo das Diligências’ e dia 29/08, ‘A Ilha dos Mortos’. Detalhe: as sessões serão sempre às quartas-feiras, no horário das 20h, sempre com a apresentação de um documentário antes de cada filme. A partir de quarta-feira próxima, as pessoas interessadas em se associarem, poderão preencher uma ficha de inscrição. Ficou definido que sócios familiares pagarão uma mensalidade de Cr\$ 200,00 e sócios individuais Cr\$ 100,00. Os não associados pagarão uma taxa a ser estipulada, que será cobrada em cada sessão”.

O presidente Geraldo falou também sobre projetos futuros: “disse que é pensamento fazer do Cineclube um ponto de discussão cultural, principalmente entre escolas e estudantes. Para isso, salientou que é importante que a população participe e associe-se ao Cineclube, que já está sendo registrado como Associação Civil, a fim de que possa ter força jurídica”.

SALA VIP

Funcionava no Shopping Center Salto e exibia filmes em vídeo

Em março de 1991, para suprir a falta de um cinema em Salto, foi criada a Sala Vip, também chamada na época de “Vip Hall”, que funcionava no Shopping Center Salto (atual Galeria Shopping). Nesse local eram exibidos filmes em vídeo, num telão colocado numa das salas.

O primeiro filme exibido foi no dia 16 de março: o policial “Justiça Cega” (Internal Affaire), produção de 1990, da Paramount Pictores, com duração de 115 minutos.

A notícia foi publicada no jornal “Taperá” no dia da inauguração e estava assim redigida:

“Salto agora conta com uma sala de exibição – Foi apresentada à imprensa sexta-feira a mais nova sala de espetáculos de nossa cidade, que funcionará como uma espécie de cinema de fitas em vídeo. Trata-se da Vip Hall, que funciona no Shopping Center Salto, ocupando metade do espaço que era destinado ao Restaurante Macarronada Italiana. Após a apresentação pelo locutor Antônio Cláudio, tivemos a exibição do filme ‘O lado desconhecido do Pantanal’, produzido e dirigido por Sérgio Baldassarini Júnior, da S.R.J. Produções, que se encontrava presente.

A Sala Vip conta com 80 lugares, cujos frequentadores poderão assistir os filmes num telão de 200 polegadas, dotado de canhão Asteca com 500 watts. Ali serão exibidos filmes de 3ª feira a domingo, com sessões às 19h30 diariamente e às 19h30 e 21h30 aos sábados e domingos, com matinês aos domingos às 15h. O preço do ingresso é de Cr\$ 350,00 e a partir de 3ª feira já começarão as exibições, que deverão prosseguir de hoje, com esta programação:

Hoje e amanhã – Justiça Cega, com Richard Gere, policial;
3ª e 4ª feira – Caça-fantasmas II, dublado, comédia;
5ª e 6ª feira – Dick Tracy, com Madonna, aventura.



Edson Piron, (à direita), um dos proprietários da Sala Vip, na apresentação da sala de exibição



“Justiça Cega” foi o primeiro filme apresentado na Sala Vip

CINEMA PARADISO

Novo cinema foi instituído pela Secretaria da Cultura do Estado

Salto ganhou um presente da Secretaria da Cultura do Estado em março de 1994, o Cine Paradiso, nome de um filme franco-italiano de Giuseppe Tornatore, de 1988, bastante aplaudido pelas plateias de todo o mundo. Ele veio suprir a falta de um cinema na cidade, juntamente com o Cineclube

Anselmo Duarte, que ainda estava em atividade. O projeto foi da referida Secretaria de Estado, visando a instalação de cinemas em cidades interessadas, onde os municípios forneceriam os locais para a montagem do cinema e o Governo do Estado forneceria o aparelho projetor.

Como a cidade se interessou pelo projeto, iniciaram-se as tratativas com a finalidade da implantação do Cinema Paradiiso, em 18 de novembro de 1993, quando uma técnica da Secretaria de Estado da Cultura foi enviada a Salto, para conhecer e fotografar os locais apontados para a instalação de um cinema na cidade. Foram apontados quatro locais pelo secretário da Cultura, Esportes e Turismo de Salto, Célio de Campos Vendramini: o auditório Maestro Gaó, o Teatro Municipal Giuseppe Verdi, a sede da Sociedade Instrutiva e Recreativa dos Casados e a sede da Sociedade de Danças da Saudade.

As duas sociedades particulares foram descartadas, pois a instalação do cinema nesses locais exigiria da Prefeitura um alto investimento em poltronas, cabine de projeção e bilheteiras. A técnica se prendeu aos dois próprios municipais, sendo que, com relação ao auditório Maestro Gaó, foi constatado que seria necessária apenas uma ampliação na cabina de projeção. Quanto ao Teatro Verdi, foram apontados como inconvenientes a falta de um sistema de ar condicionado e a necessidade de aquisição de uma tela de 5 x 7,5 metros para projeção.

“Numa reunião realizada recentemente – dizia a nota publicada no jornal “Taperá” em 04/12/1993 – da qual participaram representantes da Secretaria de Cultura local, do Cineclube Anselmo Duarte e outros convidados, foi discutida a possibilidade da instalação de um cinema em Salto, mas alguns problemas surgiram, dentre eles a escolha de um local adequado para tal fim. O Teatro Verdi, além dos inconvenientes apontados pela técnica, é muito usado para a apresentação de peças teatrais, espetáculos de música e dança, etc. e por isso as exibições teriam que ser sempre suspensas. O auditório Maestro Gaó seria o local ideal, mas muitos levantaram a hipótese de suas poltronas estofadas e demais dependências virem a sofrer dos que sentem prazer em destruir as instalações, em especial as das salas de espetáculo. É que o público de cinema

é mais heterogêneo do que aquele que costuma frequentar o local, havendo maiores riscos de ocorrer danos ao patrimônio”.

40 Projetores – “O projeto Cinema Paradiso da Secretaria de Estado da Cultura – prosseguia a nota – pretende atender 40 municípios, pois conta com 40 projetores de 35 mm para serem instalados em locais que já tenham infraestrutura. Salto poderá ser um dos municípios beneficiados. Dos 40 projetores, quatro serão instalados ainda este ano. O projeto Cinema Paradiso visa proporcionar aos municípios que não contam com cinema, a exibição de filmes lançados em circuito nacional. Nos próximos dias, a Secretaria de Estado da Cultura deverá enviar outros técnicos para uma análise mais detalhada do auditório Maestro Gaó e do Teatro Verdi”.



Nome do cinema foi dado em homenagem ao filme “Cinema Paradiso”, que fez grande sucesso

Marcada para março de 1994 a inauguração do Cine Paradiso

Em 15 de janeiro de 1994 o jornal “Taperá” anunciava a inauguração no mês de março do Cine Paradiso, que iria funcionar no Teatro Verdi, inicialmente:

“A partir de março próximo, depois de vários anos, Salto poderá voltar a ter um cinema. Isso será possível com a inclusão de nossa cidade no projeto ‘Cinema Paradiso’ da Secretaria

da Cultura do Governo do Estado. A notícia foi transmitida pelo secretário Ricardo Ohtake ao prefeito Jesuíno Ruy, na última segunda-feira, dia 10. O projeto pretende instalar salas de cinema em municípios com mais de 40 mil habitantes que não possuem cinema. A Secretaria estadual tinha duas opções em nossa cidade: o Teatro Municipal ‘Giuseppe Verdi’, onde já funcionou o Cine Verdi até alguns anos atrás, e o Anfiteatro ‘Maestro Gaó’, do Conservatório Municipal, onde funciona o Cineclubes ‘Anselmo Duarte’. A escolha recaiu o Teatro Municipal, onde foi inspecionado por técnicos da Secretaria da Cultura, só faltando a visita de outro técnico que orientará pequenas reformas a serem realizadas para a implantação do cinema. A utilização do teatro como cinema não impedirá que nele continuem a ser apresentadas peças teatrais.

O prefeito Jesuíno Ruy pretende inaugurar o Cinema Paradiso no dia 4 de março, o que quer dizer que as exigências da Secretaria devem ser prontamente atendidas pela municipalidade. O Projeto Cinema Paradiso custou à Secretaria de Estado da Cultura US\$ 200 mil (70 milhões de cruzeiros reais) dinheiro doado pelo Banespa, Nossa Caixa e Metrô. A Secretaria entra com o projetor, a Prefeitura com as instalações e uma comissão formada por pessoas da cidade administrará o cinema. Essa comissão terá também a responsabilidade de escolher os filmes que serão exibidos. O projeto Cinema Paradiso foi inspirado em uma experiência realizada na cidade de Taquaritinga, que também não possuía sala de espetáculos cinematográficos e agora possui um cinema administrado por uma associação composta por profissionais liberais”.

“Perfume de Gardênia” escolhido para a inauguração do Cine Paradiso

A Secretaria da Cultura, Esportes e Turismo de nossa cidade confirmou para o dia 5 de março, um sábado, a inauguração do Cinema Paradiso, escolhendo inclusive o filme a ser exibido nesse dia: “Perfume de Gardênia”. Tratava-se de uma produção nacional, dirigida por Guilherme de Almeida Prado, com Christiane Torloni, José Mayer, Walter Queiroz, Claudio Marzo, Betty Faria, José Lewgoy e Raul Gazzola.

Estava sendo anunciada a presença do diretor para um debate com a população.

Outros três filmes já estavam acertados para serem exibidos em março: de 12 a 15 – “Drácula”; de 17 a 21 – “Risco Total”, com Sylvester Stallone e de 24 a 28 o desenho “Aladim”.



O filme nacional “Perfume de Gardênia” foi o escolhido para inaugurar o Cine Paradiso

Formada a Associação Amigos do Cinema de Salto

A Secretaria da Cultura do Estado escolheu o Teatro Verdi para nele funcionar o Cinema Paradiso, que seria inaugurado no dia 5 de março de 1994. Salto foi incluída no Projeto Cinema Paradiso, da referida secretaria e das 40 cidades beneficiadas com o projeto, naquele ano, nossa cidade integrava o grupo das 12 primeiras, além de ser a precursora na região de Sorocaba.

Para cuidar da programação e fazer a gestão administrativa e financeira do cinema, estava sendo formada a Associação Amigos do Cinema de Salto. Alguns interessados no assunto realizaram a primeira reunião no dia 21 de fevereiro, oportunidade em que escolheram os três primeiros filmes a serem exibidos após a semana de inauguração: “Drácula”, de 12 a 15 de março; “Risco Total”, de 17 a 21 de março; e “Aladim”, de 24

a 28 de março. Os integrantes da futura associação informaram que as peças teatrais agendadas para dias que coincidirem com esses períodos acontecerão normalmente, sendo suspensa a exibição do filme, nos dias de apresentação.

O Projeto Cinema Paradiso previa que a Secretaria de Estado forneceria os projetores 35 mm Xenon, com amplificador de som e promoveria cursos para a formação de programadores e projetionistas locais. As cidades beneficiadas, por sua vez, forneceriam o espaço físico: sala com poltronas, caixas de som e tela para projeção.

A primeira diretoria da Associação Amigos do Cinema de Salto foi formada numa reunião realizada no dia 2, nas dependências da Secretaria Municipal da Cultura, onde aconteceu a eleição. Ela estava composta pelas seguintes pessoas: presidente – Silvio Ferreira Teijeira; 1º vice – Laerte Sonsin Júnior; 2º vice – Célio de Campos Vendramini; 1ª secretária – Ana Cristina Paula; 2º secretário – Edvar Monteiro Nogueira; 2º tesoureiro – Marcos Martins; Conselho Fiscal – José Teófilo Cavalheiro e João Batista L. Lammoglia; suplentes – Norma Maria Lima de Carvalho e Olézia Garcia Leal. Na reunião foi apresentado e discutido o estatuto da entidade, o qual seria votado na próxima assembleia.



Silvio Ferreira Teijeira foi o 1º presidente da Sociedade Amigos do Cinema de Salto

Cobrança de ingressos – Nota publicada no “Tapeirá” anunciava que “o secretário de Cultura, Célio de Campos

Vendramini, informou que serão cobrados ingressos dos espectadores, cujos valores serão fixados pela Associação Amigos do Cinema de Salto, a qual também fará a escolha dos filmes. Todo o dinheiro arrecadado será administrado pela Associação, a qual deverá apresentar, mensalmente, um balançete à Prefeitura, à Câmara e ao Ministério Público. Deduzidas as despesas com a manutenção, o lucro será destinado às instituições filantrópicas. Inquirido sobre o movimento contrário à instalação do cinema no Teatro Verdi, Célio disse que ‘esse grupo não tem sido muito feliz nas colocações que vem fazendo. Concordo com eles quando dizem que o espaço precisa ser preservado. Temos que educar o público para o uso, mas temos que abrir o espaço para a população. Precisa ficar bem claro que o cinema não obrigará os que fazem teatro e dança a desocuparem o prédio, como tem sido apregoado pelos contrários. Vamos repartir o espaço entre todos e quem ganhará serão os 80 mil habitantes de Salto’. Ele acrescentou que, quanto a eventuais danos que poderão ocorrer no teatro, todos os lugares estão sujeitos à ação dos vândalos e o cinema não será uma exceção. “No entanto – afirmou – procuraremos vigiar e reprimir ao máximo tais atitudes, mas no caso de ocorrerem a Prefeitura será obrigada a realizar a manutenção do local”.

Criador do Projeto Cinema Paradiso explicava o funcionamento

Conforme publicação no “Taperá”, “o autor e responsável pelo Projeto Cinema Paradiso, Guilherme Franco, presidiu a reunião e comentou as experiências realizadas em Taquaritinga e nas cidades que já inauguraram o projeto. Guilherme salientou a necessidade da Associação ser um elo entre o cinema e a população, divulgando sempre que o trabalho é sem fins lucrativos. O responsável pelo projeto sugeriu que apenas os projetionistas sejam remunerados. Para o Cinema Paradiso saltense foram escolhidas três pessoas que já possuem experiência e que serão treinadas por um técnico da Secretaria de Estado da Cultura. Os interessados em integrar a Associação Amigos do Cinema deverão registrar seu nome e endereço num livro criado especialmente para esse fim e à disposição

em todas as sessões de cinema. Essas pessoas posteriormente serão convocadas para as assembleias”.

Era anunciada também a inauguração do cinema saltense, quando seria exibido o filme nacional inédito, “Perfume de Gardênia”, do diretor Guilherme de Almeida Prado, que realizaria, após a exibição do filme, um debate com os presentes. O preço do ingresso, inicialmente, seria de 600 cruzeiros reais, um terço do praticado atualmente na maioria dos cinemas.

Cerimônia de inauguração do Cine Paradiso foi muito prestigiada

A inauguração do Cine Paradiso ocorreu no dia 5 de março de 1994, um sábado, e contou com a presença de cerca de 250 pessoas e de diversas autoridades, como o prefeito Jesuíno Ruy, vice-prefeito José Carlos Rodrigues da Rocha; Carlos Dias, representando o secretário de Estado da Cultura Ricardo Ohtake; vereadores Djalma Neri e Rosi Mari Ferrari; Olavo Volpato, presidente da Câmara Municipal de Itu; representantes de autoridades da região e o diretor do filme “Perfume de Gardênia”, exibido na ocasião. Discursaram na cerimônia o apresentador Antônio Oirmes Ferrari, que destacou o fato de Salto voltar a contar com um cinema, graças à Secretaria Estadual de Cultura, diversas empresas e da Prefeitura Municipal de Salto; vice-prefeito José Carlos Rodrigues da Rocha, que, em nome do prefeito, ressaltou a importância do projeto; Carlos Dias, da Secretaria Estadual da Cultura, que comentou a ausência de cinema nas cidades do interior e o objetivo do projeto: criar salas de cinemas em 40 cidades do Estado; o presidente da Associação Amigos do Cinema de Salto, Silvio Ferreira Teijeira, que ressaltou que a Associação administrará o cinema sem fins lucrativos, pedindo a colaboração de todos na divulgação do projeto.

Após os discursos, foi exibido o filme “Perfume de Gardênia”, uma produção muito bem cuidada, belo colorida, embora com ritmo um tanto lento. Após a exibição, o diretor Guilherme de Almeida Prado respondeu a algumas perguntas dos presentes, explicou detalhes do filme e também ouviu diversas opiniões.

Comentário – Dias após a inauguração, o jornal “Tapeirá” publicou o seguinte comentário de uma leitora: “Acabo de

vir do Cine Teatro Verdi, onde fui assistir à inauguração do Cine Paradiso, um prêmio que a cidade de Salto recebeu e deve prestigiar com muito carinho e frequentando sempre e prestigiando o novo cinema. O filme 'Perfume de Gardênia', muito bonito, o colorido maravilhoso, tudo muito bom, mas Salto não tem contribuído muito para a propagação da cultura desses filmes, de teatro, de festivais. Espero que, de agora em diante, todos prestigiem, comparecendo nas ocasiões em que forem projetados esses filmes, pois o preço é baratíssimo e, além disso, o dinheiro arrecadado vai para instituições de caridade”.



Diretor da Secretaria Estadual da Cultura, Carlos Dias (na foto com o professor Antonio O. Ferrari) prestou esclarecimentos sobre o Projeto Cinema Paradiso na inauguração

Novo cinema passava a ter sessões normais

Uma semana após sua inauguração, o Cine-Teatro Verdi, passou a ter sessões normais a partir do sábado seguinte e em todos os sábados, domingos, segundas e terças-feiras às 20h. Eram apresentados semanalmente filmes novos, recentemente lançados na capital, atraindo um bom público. Estavam programados filmes como “Drácula”, “Risco Total” e “Aladim”

Em virtude do Cinema Paradiso ainda não contar com a tela e a lente em CinemaScope, foi anunciado que não seria

exibido no final de semana seguinte o filme “Risco Total”, com Sylvester Stallone, que estava programado. Em seu lugar estreou “Aladim”, produção dos estúdios Walt Disney. No último final de semana tinha sido exibido o filme “Drácula” e, nos quatro dias de exibição, o cinema contou com a presença de 657 pessoas, um número que foi considerado bom. O ingresso custava 600 cruzeiros e o dinheiro arrecadado seria empregado na administração do cinema, em gastos como: manutenção do equipamento, confecção de ingressos, divulgação, aluguel dos filmes e pagamento do projectionista, único funcionário que era remunerado. As outras funções, como bilheteiro, lanterninha e programadores são desempenhadas por integrantes da Associação Amigos do Cinema, gratuitamente.

Programação de filmes melhorava no mês seguinte

Um mês após a inauguração, o Cine Paradiso programou bons filmes para abril. Os quatro programados para os quatro finais de semana eram novos, sendo que dois foram produzidos em 1993 e um em 1992, e haviam exibidos há pouco tempo nas grandes capitais e pelo menos dois ainda continuavam em cartaz. O primeiro era “O Fugitivo”, com Harrison Ford e Tommy Lee Jones (ganhador do Oscar de melhor ator coadjuvante naquele ano). Tratava-se de uma versão para o cinema da antiga série de TV. O filme foi apresentado até o dia 4 de abril, sempre às 20h.

De 9 a 12 de abril, foi apresentado “Sintonia de Amor”, com Tom Hanks, Ross Malinger e Meg Ryan. O filme aborda de maneira aberta e divertida o destino de duas pessoas que foram feitas uma para a outra. O terceiro programado de 15 a 19 de abril, foi “Vencer ou Morrer”, com Jean Claude Van Damme, Rosanna Arquette e Kieran Culkin. Conta a história de um presidiário fugitivo que encontra na família de uma viúva de dois filhos o lar perfeito. Finalmente, de 21 a 24 de abril, “Dennis, o Pimentinha”, com Mason Gamble e Walter Matthau.



“O Fugitivo” foi um dos bons filmes exibidos no Cinema Paradiso

Cinema Paradiso começava a encontrar suas primeiras dificuldades

Ainda no segundo mês, o Projeto Cinema Paradiso já começou a enfrentar as primeiras dificuldades, como publicava o jornal “Taperá”:

“Na semana passada, a única máquina de projeção apresentou problemas técnicos impossibilitando a exibição do filme ‘Sinfonia de Amor’, que estava em cartaz. A Secretaria de Cultura de Salto, através do secretário Célio de Campos Vendramini, afirmou que a sessão não aconteceu porque a lâmpada do reator queimou poucos minutos antes do horário previsto para o início da exibição. “Não tínhamos outra para pôr no lugar e por isso não aconteceu a sessão. Uma lâmpada dessas custa cerca de US\$ 1.000 e a Secretaria não dispõe deste dinheiro”, afirmou Célio.

“O presidente da Associação dos Amigos do Cinema, Silvio Ferreira Teijeira, responsável pelo Programa Cinema Paradiso em Salto, disse que o Estado também só forneceu para a cidade uma máquina projetora, usada e retificada, de uma bobina, dificultando o trabalho do operador Edvard Monteiro Nogueira, que emenda todas as partes do filme num só carretel.

As sessões que acontecem no Cine Verdi estão levando de volta a população saltense ao cinema, coisa que não acontecia há nove anos, desde a década de 80, quando houve o fechamento dos únicos cinemas da cidade: Cine São José e do

próprio Cine Verdi. A média de público nos finais de semana é de 500 pessoas, independente do filme exibido.

Para quem desconhece, o Projeto Cinema Paradiso foi criado pela Secretaria de Cultura do Estado para recuperar o cinema nas cidades do interior de São Paulo. É um projeto amador que conta com o trabalho solidário dos moradores das cidades onde é implantado. O secretário de Cultura de Salto disse que tem muitos planos para continuar com o projeto do Estado. – ‘Queremos adquirir uma tela CinemaScope, de 9,50 metros de extensão para não alterar o funcionamento do teatro. Mas ela custa US\$ 9.000’”, diz Célio”.

Paralisação – Aviso publicado na imprensa local informava que não haveria sessões cinematográficas durante o mês de dezembro de 1994, em virtude de reformas na máquina e instalação de tela. Em 11/01/1995, foi publicado outro aviso com a informação de que as sessões cinematográficas voltariam a ser apresentadas no dia 21 e não mais no dia 15 de janeiro, como estava previsto.

A Agenda Cultural de 14 a 20 de janeiro de 1995, por sua vez, avisava que o Cine Paradiso voltaria a funcionar no dia 20, com a apresentação do filme “Stargate”, que vinha fazendo sucesso de bilheteria.

Cinema voltava a funcionar depois de breve paralisação

Notícia publicada na imprensa local em janeiro de 1995:

“Nos últimos dois meses, o Cinema Paradiso, único cinema em funcionamento em nossa cidade, paralisou suas atividades, tendo em vista a necessidade de realizar algumas reformas. A máquina de projeção foi reformada pela Prefeitura Municipal de Salto, sendo adquirida uma nova tela CinemaScope, o que proporcionará maior qualidade na exibição dos filmes, pois anteriormente a projeção era feita na parede dos fundos do palco. Com a tela CinemaScope, os espectadores terão uma imagem muito melhor, além de haver a opção de escolha, pois muitos filmes podem ser exibidos nesse tipo de tela.

Na noite de ontem, sexta-feira, aconteceu a reinauguração do cinema, às 20h, com solenidade de abertura e breve histórico

do Projeto Cinema Paradiso em Salto. A seguir, houve uma síntese dos ‘100 Anos de Cinema’, com a participação especial do ator e diretor saltense, Anselmo Duarte, encerrando-se com a exibição do filme ‘Stargate’. De hoje até a próxima terça-feira, sempre às 20h, o cinema apresentará esse filme, que está sendo lançado atualmente nos cinemas. Trata-se de uma produção de 1994, com direção do alemão Roland Emmerich, com Kurt Russel, James Spader e Jaye Dadidson”.

Cerca de 20 filmes – O Projeto do Cinema Paradiso, da Secretaria de Estado da Cultura, tinha sido iniciado em nossa cidade no dia 5 de março de 1994 e tem quase um ano de funcionamento. Foram apresentados cerca de 30 filmes, durante sessões semanais. Foram também realizadas sessões gratuitas para excepcionais, escolares e crianças. O projetor foi doado pela Secretaria de Estado da Cultura e a Associação Amigos do Cinema de Salto é a administradora do projeto.

COMUNICADO

DESDE 29/09/2006 ESTAMOS TRABALHANDO
COM APENAS UMA SALA DE EXIBIÇÃO
CINEMATOGRAFICA (SALA ANSELMO
DUARTE), TENDO EM VISTA QUE A SALA 2
ESTÁ PASSANDO POR ADAPTAÇÕES PARA
EM BREVE APRESENTAR PEÇAS TEATRAIS,
TENDO ASSIM MAIS UMA OPÇÃO DE LAZER E
CULTURA EM NOSSA CIDADE.

AGUARDEM.

Seg., ter. e quinta	Sex., sáb. e dom.	Quarta - Promoção
Inteira - R\$ 7,00 Meia - R\$ 3,50	Inteira - R\$ 8,00 Meia - R\$ 4,00	R\$ 4,00 para todos (exceto feriados)

Programação sujeito a alterações. Confirmar pelo fone 4029-0671

*Quando paralisou as atividades de uma das salas de exibição,
foi publicado um aviso na imprensa*

Comentário sobre a volta do Projeto Cinema Paradiso

Em 25 de janeiro de 1995, o “Taperá” publicava um comentário sobre a volta a funcionamento do Cine Paradiso:

“Depois de uma breve paralisação, o único cinema da cidade reabre suas portas para o público. A reinauguração aconteceu na última sexta-feira, dia 20 de janeiro, e contou com a presença de autoridades saltenses e a participação especial do ator e diretor de cinema saltense Anselmo Duarte, que deu nome a uma das salas do cinema. O responsável pela abertura da solenidade foi o atual secretário da Cultura, Célio de Campos Vendramini, que explicou para a plateia presente o projeto Cinema Paradiso, iniciado em Salto no dia 5 de março de 1994. Depois, Anselmo Duarte falou um breve histórico sobre os ‘100 Anos do Cinema’ e lembrou dos antigos cines existentes em Salto. ‘Jamais esquecerei o cinema do Sr. Lopes, o Cine Pavilhão, o qual tentei reproduzir em um dos meus filmes – O Crime do Zé Bigorna’, comentou o diretor. Além desses fatos, Anselmo comentou sobre o desaparecimento de salas de projeção no Brasil e a falta de público nas sessões. ‘Atualmente, temos apenas 500 cinemas em todo o território nacional, infelizmente. Ainda bem que, aqui em nossa cidade, os políticos, no que se diz respeito à arte, não discordam’, afirmou o diretor.

Após a síntese sobre o histórico do cinema, foi exibido o filme ‘Stargate’, de direção do alemão Roland Emmerich. Mas a maior atração da reinauguração foi a tela de CinemaScope, adquirida pela Prefeitura Municipal, e a reforma executada na máquina de projeção de filmes, utilizada no projeto Cinema Paradiso. Com essa reformulação nos equipamentos, a Prefeitura pretende atrair os saltenses para o único cinema existente na cidade”.



Anselmo usa da palavra na reinauguração do Cinema Paradiso, em 1995

Destacada a qualidade do som e imagem do Cinema Paradiso

As pessoas que frequentavam, em janeiro de 1995, o Cinema Paradiso, elogiavam a qualidade do som e da imagem que aquela sala de espetáculos apresentava depois dos trabalhos ali realizados. É que o projetor foi todo reformado, sendo ainda instalada uma nova tela CinemaScope e melhorado o sistema de som. O secretário da Cultura, Célio de Campos Vendramini, declarou na época que “a cidade resgatou uma atividade cultural que não tinha. O cinema está excelente, pois o som e a tela são de primeira qualidade”, acrescentando que a Secretaria está satisfeita em conseguir harmonizar as atividades culturais que ocupam o espaço, pois ninguém foi prejudicado e Salto cresceu culturalmente.

A fim de não prejudicar outras atividades culturais, ficou estabelecido que o cinema funcionaria em dois finais de semana, sendo que, nos outros dois, poderiam ser realizados espetáculos teatrais, de dança, etc. Quando não ocorresse outro tipo de apresentação, ou ela se realizar num dos dias, entre sexta e terça-feira, as sessões cinematográficas seriam realizadas nos dias que sobram.

A reforma recentemente realizada no equipamento – prosseguia a nota –, deu melhores condições da única máquina projetora funcionar com maior efetividade. O tempo de rebobinamento do filme foi bastante reduzido e a projeção melhorou. A tela, que possui cerca de 8 metros de largura, apresenta uma imagem excelente, podendo ser recolhida com um simples toque de botão. Na sessão de domingo houve um problema que impediu a exibição da fita: a tela não pode ser colocada em sua posição normal, em virtude de uma pane no sistema, mas o problema foi solucionado na segunda-feira.

Destaque-se a colaboração que os integrantes da Sociedade Amigos do Cinema vêm dando para que Salto continue a ter cinema. Toda semana cada um dos membros é escalado para trabalhar na bilheteria ou portaria, economizando para que a Sociedade possa adquirir mais uma máquina projetora. Já foram mantidos contatos com proprietários de cinema que

fecharam, em nosso Estado, podendo as negociações chegarem a bom termo”.



Secretário Célvio Vendramini, destacou as qualidades do som e da imagem do cinema

Incrível: filme nacional fica um ano em cartaz em Salto

Na coluna “Cotidiano Pitoresco”, de Valter Lenzi, foi publicada uma notícia incrível: um filme nacional ficou um ano em cartaz em Salto. Vejam a matéria:

“Até mesmo nas grandes capitais, como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, etc. os filmes nacionais não ficam mais de uma, duas ou três semanas em cartaz. Em Salto, no entanto, um filme ficou nada menos que UM ANO, ou seja 53 SEMANAS ou 365 DIAS sendo exibido num cinema local. Quem garante isso não somos nós, um simples jornal bissemanal interiorano, mas o poderoso e influente ‘Estadão’. É que desde o dia 5 de março de 1994, ele vem publicando em seu ‘Guia de Cinema’ do caderno ‘Cidades’ esta frase: SALTO – Cineteatro Giuseppe Verdi (Rua José Galvão, 104) – Perfume de Gardênia, às 20h”.

“Quem assina o jornal dos Mesquita como nós – prossegue o colunista – de vez em quando dá uma olhada na programação e lá está o ‘Perfume de Gardênia’ sendo anunciado para ser exibido em Salto, embora ele só tenha inaugurado o Cinema Paradiso, em 5 de março do ano passado, numa solenidade que inclusive contou com a presença do diretor do filme, Guilherme

de Almeida Prado, que fez uma palestra aos presentes sobre o cinema nacional”.

O colunista enviou uma carta ao crítico de cinema de “O Estado de S. Paulo”, Luiz Carlos Merten, achando que “certamente agora serão tomadas as devidas providências para corrigir o lapso”.

“Forrest Gump” batia recorde de público no Cinema Paradiso

Em maio de 1995 era publicada a seguinte nota no jornal “Taperá”:

“O filme ‘Forrest Gump – O Contador de Histórias’ foi, até o momento, a maior bilheteria no Cinema Paradiso, desde a idealização e realização do Projeto Cinema Paradiso. Vencedor de seis Oscars e exibido com exclusividade em Salto, o filme conseguiu atrair mais de 2.400 pessoas em duas semanas de exibição.

Conforme Edward Monteiro Nogueira, projetista do cinema, o sucesso está acontecendo ‘graças à programação que Marcos Martins vem fazendo. Não adiantaria trazer um Mazaropi, ou um bang-bang daqueles antigos, que não teríamos público’. Marcos, diretor de programação e 2º tesoureiro da Associação Amigos do Cinema de Salto (que mantém as atividades do cinema), afirma que a escolha dos filmes é feita através de uma pesquisa entre os jornais e distribuidoras, procurando trazer para a cidade os que são campeões de bilheteria no interior do Estado.

‘Procuro trazer filmes também que possuam artistas conhecidos’, afirmou. Para Marcos, o público das grandes cidades e do interior são diferentes: ‘O público do interior gosta mais de filmes populares, que não obrigam muito a pensar. Um exemplo disso foi quando eu trouxe o ‘Nell’, que foi campeão de bilheteria em outras cidades e aqui não foi bem recebido pela população.

Devido ao bom público que vinha prestigiando a programação, algumas distribuidoras estavam exigindo uma porcentagem sobre a bilheteria, que variava entre 50 e 60%, não mais estipulando um valor fixo para o filme. Para Marcos, este novo sistema beneficiava os pequenos cinemas, que muitas vezes não atingem grandes bilheterias. No ‘Forrest Gump’, por

exemplo, foi 70% da bilheteria para a distribuidora e 30% para o cinema. Já o ‘Debi e Loide’, foi 50% para a distribuidora e 50% para o cinema. ‘Essa porcentagem é diferenciada, devido ao custo da produção’, afirmou Marcos”.



*Exibido com exclusividade no Cine Paradiso,
“Forrest Gump” atraiu grande público*

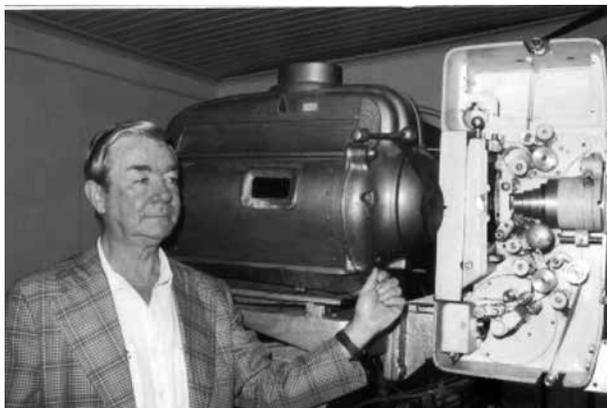
Até bambu foi usado para melhorar projeção

Um dos problemas enfrentados pela diretoria do cinema e também pelo público era a má condição da máquina de projeção de filmes, doada pelo Governo do Estado. Para o início de seu funcionamento foram necessárias algumas adaptações, como, por exemplo, aumentar a bobina. “Fomos até o campo da Avenida e pegamos uns pedaços de bambu para aumentar as bobinas, que não comportavam todo o filme”, explicou Edward Monteiro, projetista. “Hoje nós estamos operando com 80%, graças a uma torre e também ao eletricitista Bonin, que acertou alguns detalhes”, disse Edward.

Um dos objetivos da diretoria era a compra de uma nova máquina de projeção, que na época custava cerca de R\$ 18.000,00. “Hoje temos cerca de R\$ 12.000,00. Acredito que até julho nós teremos dinheiro em caixa para comprar um projetor novo”, informou o projetorista. Para arrecadar dinheiro para a compra, Marcos Martins estava preparando uma programação especial que incluiria “True Lies”, “Lendas

da Paixão”, “Tempo de Violência” e “Street Fighter”, com Jean Claude Van Damme.

De pai para filho – O projetorista Edward, 57 anos, era o responsável pela projeção dos filmes na tela de CinemaScope, arte que aprendeu em projetores de 16 mm, com seu falecido sogro Oscar Baptista. “Depois, quando eu mudei de Buri para Angatuba, arrendei o Cine Vera Cruz, passei cerca de 12 anos convivendo e aprendendo projetorismo no cinema de lá. Tudo o que eu fiz liga muito ao filme ‘Cinema Paradiso’, que idealizou o projeto do qual eu faço parte”, disse na época. Edward, que já ocupou o cargo de gerente de cinema, estava passando todo seu aprendizado para seu auxiliar, seu filho João Nogueira, de 27 anos, que estava aprendendo a operar as máquinas do cinema desde a primeira sessão, ocorrida no ano passado.



Edward Nogueira trabalhava como projetorista e era grande colaborador do cinema

Cinema Paradiso com projetor novo e som estereofônico

Cinema Paradiso recebia do jornal “O Estado de São Paulo”, na edição de 07/01/96, Caderno 2, elogio ao sucesso que vinha fazendo na cidade. Segundo o jornal “Taperá” essa “colocação realmente procede, pois após enfrentar muitos obstáculos para sua implantação, inclusive com opções de pessoas e entidades de Salto que batalharam para que o cinema não ocupasse o recinto do Teatro Verdi, a Associação Amigos de

Cinema seguiu em frente com apoio da Prefeitura Municipal e de pessoas gradadas da comunidade. O projetor inicial, que não era de boa qualidade, foi reformado. O sistema de refrigeração da cabine de projeção também foi implantado, evitando o superaquecimento do projetor que podia levar o filme a partir-se. Solucionados os problemas mais prementes, a diretoria da Associação decidiu investir em uma tela e uma lente CinemaScope, para que pudessem ser exibidos filmes mais novos, últimos lançamentos. O custo foi levantado e em pouco tempo o nosso cinema estreava os novos melhoramentos”.

“Sentindo a receptividade do público – prossegue a nota – o passo seguinte foi abrir espaço dentro de distribuidoras que não tinham vínculo com o nosso cinema. As dificuldades eram muitas, principalmente porque iríamos concorrer com casa de exibição da região, que não tinham interesse em nosso crescimento. Porém, esta etapa também foi vencida. Paralelamente ao crescimento na infraestrutura, a seriedade com que a diretoria vinha tratando das locações junto às distribuidoras fez com que filmes novos e até lançamentos passassem a ser exibidos em Salto. Cada vez que novos melhoramentos eram implementados no cinema, maior era a afluência do público, o que levou a Associação a lançar-se em um projeto mais arrojado – nova máquina de projeção. A mesma foi adquirida e está por chegar, sendo que, presentemente, está em serviço uma máquina cedida provisoriamente pela empresa que vendeu a nova.

Ainda de forma empreendedora, a Associação não dormiu sobre os louros das vitórias e decidiu adquirir uma completa aparelhagem de som estereofônico, que foi instalada neste final de ano e inaugurada agora com o filme ‘Morte Súbita’. Quem esteve no cinema, neste ano de 1996, sentiu realmente que estamos com um cinema digno da sétima arte, e que, sem favor algum, é um dos melhores de toda região.

Vale ressaltar que o preço do ingresso, em que pese todo o conforto, qualidade do som e dos filmes, é de apenas três reais, tornando-se o mais popular de todos os cinemas da região, inclusive incluindo-se alguns das grandes cidades. Ontem, dia 12 entrou em cartaz, em lançamento conjuntamente com todo o Brasil, o grande sucesso de bilheteria e de público ‘Toy Story’,

que em apenas seis meses de exibição nos Estados Unidos, já ocupa o terceiro lugar em recorde de bilheteria. A diretoria da Associação de Amigos do Cinema de Salto trabalha graciosamente, com seus membros se revezando na bilheteria, portaria, agendamento de filmes, etc”.

Associação dos Amigos do Cinema prestava esclarecimentos

A Associação dos Amigos do Cinema, através do seu presidente Silvio Ferreira Teijeira, prestou esclarecimentos sobre problemas que ocorreram por ocasião de uma das últimas exibições, motivo de uma reclamação pública na coluna da “Secretária Eletrônica”. Silvio considerava que o espectador tinha toda razão quando reclamava de um produto ou serviço pelo qual pagou e não recebeu em sua totalidade. A nota, publicada em 20 de abril de 1996:

“O presidente da Associação diz que ‘o prezado espectador deve ter saído muito aborrecido do cinema, na quinta-feira, dia 28 de março, quando tivemos um problema com a desbobinadeira da fita, pois não conversou com o projetorista, quando este estava dando as devidas explicações, desculpando-se com as pessoas que lá estavam e até contando como seria o final do filme, que algumas pessoas compreensivas aceitaram com muita graça’. Para Teijeira, o reclamante poderia e poderá em qualquer ocasião ter seu ingresso devolvido, quando acontecimentos alheios à vontade dos exibidores venham a ocasionar a interrupção de uma projeção”.

“A A.A.C.S. – continua – vem lutando com muita força e determinação para que tal fato não aconteça, e esse espaço de lazer não termine ou seja desativado em Salto, como muitos outros já aconteceram. Nossa luta tem sido árdua e o retorno desse trabalho gratificante ocorre principalmente quando recebemos elogios e críticas construtivas pelo que estamos realizando, pois isso faz com que nos orientemos na verdadeira razão de termos um cinema em Salto, que é o entretenimento e o lazer de muitos saltenses”. Ele pede que o espectador faça uma visita ao Cinema Paradiso, quando de uma próxima exibição (de preferência numa sexta-feira, quando Teijeira trabalha

na bilheteria), para que possa conhecer o trabalho executado e para que possa trocar ideias.

O presidente da Associação aproveitava para convidar o espectador a fazer parte do quadro de “colaboradores voluntários” da entidade, tendo em vista sua preocupação com o cinema. “As pessoas com disposição de lutar pelos direitos de seus semelhantes serão sempre bem-vindas para juntar-se aos membros desta Associação, que voluntariamente e com sacrifícios trabalham para trazer mais uma opção de lazer para a cidade de Salto”, concluiu o presidente.

A publicação – A publicação feita por um leitor na coluna da “Secretária Eletrônica” do jornal “Taperá”: “O que anda acontecendo com o nosso cinema, que fica mais de um mês sem passar filme? Afinal o Cinema Paradiso tão comentado é mesmo pra valer? No mês passado só tivemos a apresentação de um filme e neste nada até agora foi anunciado, ao contrário do que acontecia na administração anterior, que dava muito maior apoio ao cinema. Será que a atual diretora de Cultura ou o secretário de Cultura, Esporte e Turismo não gostam de cinema? Afinal, cinema também é cultura. Se não for possível funcionar o cinema no ‘Verdi’, que escolham outro local, pois se isso não acontecer, as pessoas que gostam de cinema como eu e muito mais gente, vai ter que procurar cinemas de Itu e Indaiatuba, como já vem acontecendo”.

Projektor – Outra publicação feita na coluna da “Secretária Eletrônica” do jornal “Taperá”: “Gostaria que a Secretaria de Cultura e a Sociedade Amigos do Cinema de Salto tomassem providências quanto ao Cinema Paradiso. Na quinta-feira, quando da exibição do filme ‘Fogo contra fogo’, voltou a acontecer o mesmo problema de sempre, o projetor. Nos momentos finais do filme deu um problema e como não conseguiram solucioná-lo, simplesmente interromperam a exibição do filme, em seus minutos finais e não deram a menor satisfação quanto ao final do filme e se nosso dinheiro seria devolvido. Isso é um desrespeito para nós, que pagamos e vamos lá para assistir a um bom filme. Como já não é a primeira vez que isso acontece, estamos perdendo a paciência”. (J.A.A.M.)

Publicação elogiosa no “Estadão” sobre o Cinema Paradiso

Sob o título “Cinema mantido por entidade faz sucesso”, o jornal “O Estado de São Paulo” publicava a seguinte matéria, assinada por Egle Oliveira:

“SALTO – Um projeto criado há dois anos pela Secretaria da Cultura do Estado conseguiu resgatar o gosto pelo cinema em Salto, a 98 quilômetros da Capital. Casais, estudantes e famílias inteiras disputam os 450 lugares da sala de exibições criada pelo Projeto Cinema Paradiso no prédio do antigo Teatro Verdi. Com uma média de 20 sessões mensais, a sala dá lucro. ‘O cinema voltou a ser uma atração na cidade’, disse a diretora municipal de Cultura, Vânia Barcella. Depois que o antigo Cine São José fechou, em dezembro de 1983, os 90 mil habitantes da cidade ficaram sem essa opção de lazer. Salto ganhou uma dezena de locadoras de vídeos, mas os cinéfilos passaram a viajar para Campinas ou Sorocaba. ‘Um bom filme perde bastante em vídeo’, disse uma das frequentadoras do Cinema Paradiso, Marina Candioto.

O projeto é mantido pela Associação Amigos do Cinema, entidade sem fins lucrativos. A verba arrecadada com o ingresso, no valor de R\$ 3,00, destina-se ao pagamento dos operadores e do aluguel dos filmes. Parte do excedente é reinvestido em máquinas e instalações. O resto é repassado a entidades assistenciais. O prédio foi cedido pela Prefeitura, em troca da exibição de filmes, em sessões especiais, para o público atendido por essas entidades.

De acordo com a diretora de Cultura, a média de público nas sessões é de cem pessoas, o que está acima da lotação média das salas de exibições do circuito comercial. ‘Procuramos atender todos os gostos’, afirmou Vânia. ‘Quando exibimos lançamentos ou bons filmes de ação, os ingressos se esgotam’.

Associação procurava outro lugar para instalar o cinema

Em 5 de agosto de 2000, a Sociedade dos Amigos do Cinema de Salto estava à procura de parceiros que pudessem ceder, ou ajudá-la a adquirir um prédio ou terreno, para a construção

de um cinema em Salto, tendo em vista que não havia condições do Cinema Paradiso continuar no Teatro Verdi. Segundo o presidente Silvio Teijeira, o dinheiro que a Sociedade possuía não dava para comprar um prédio e montar as instalações. “Temos que optar por uma das alternativas”, explica.

Silvio falou que no ano anterior recebeu um convite do Shopping Center Salto, mas a proposta foi inviável porque os custos para a adaptação da sala era elevado e não tinha nenhum incentivo. “Além de custear o valor das obras, ainda teríamos que pagar taxas de condomínio e promoções de eventos”, afirmou o presidente da Sociedade.

Também, no ano anterior, o Magazine Rio Branco ofereceu uma área do seu prédio, onde teriam de fazer as reformas e adaptações do local, sem nenhum custo com aluguel ou taxas. Porém, após um estudo do projeto, a sociedade verificou que o número de pessoas que a sala comportaria era pequeno para a demanda. “Teríamos aproximadamente 70 assentos, enquanto bons filmes projetados em Salto costumam atrair mais de 100 pessoas”, disse Silvio.

Na época, a Sociedade Amigos do Cinema de Salto projetava seus filmes no Teatro Verdi, mas o presidente lamentava a falta de um espaço só para ela. Não podia oferecer acomodações adequadas para os visitantes e nem ter uma programação definida, pois tinha que revezar as sessões de cinema com as peças teatrais.

CINEMAS NO SHOPPING

Depois da Sala Vip, outras salas funcionaram na hoje Galeria Shopping

Quando ainda era denominado Shopping Center Salto, a atual Galeria Shopping abrigou vários cinemas. Inicialmente foi a Sala Vip, que exibia filmes de vídeo e, em 2001, o Cine Paradiso se transferiu para esse local, após um acordo da Associação dos Amigos do Cinema e a direção do Shopping, representadas, respectivamente por Silvio Teijeira e Dilermando Frenhane. Ambos revelaram, na época, que pretendiam inaugurar duas salas de exibição, no final de junho, época em que começam as férias.

A nota publicada no jornal “Taperá” em 24/02/2001, acrescentava que “o cinema vai ser instalado no piso superior do Shopping, onde funcionou um restaurante e recentemente uma escola de informática. Uma das salas de exibição vai ter capacidade para 136 pessoas e a outra 115. Também haverá espaço para deficientes físicos que utilizam cadeiras de roda. Ainda não está definido se o nome do cinema continua como ‘Cine Paradiso’. A Associação do Cinema já está fazendo o orçamento dos materiais necessários para a instalação, como poltronas, som, forração e parte dos equipamentos que serão trocados. No prédio, já tiveram início as obras de adaptação, como a troca do telhado e instalação de forro acústico. Existe também a possibilidade do trânsito ao redor do Shopping ser modificado: um dos pedidos é que na Rua Antonio Vendramini, atrás da escola ‘Leonor Fernandes’, sejam feitas faixas para que os motoristas estacionem na vertical, aumentando a capacidade do estacionamento”.



*Fachada do Shopping Center Salto (hoje Galeria Shopping),
que abrigou vários cinemas*

Anunciava-se a inauguração dos cinemas do Shopping

Notícia publicada no jornal “Taperá” em 02/06/2001:

“A diretoria do Shopping Center Salto revelou que, até o final deste mês, as duas salas de cinema que estão sendo

construídas no andar superior do seu prédio serão inauguradas, provavelmente com a exibição do filme ‘Jurassic Park 3’, que será lançado nessa ocasião. As obras de adaptação das salas estão em ritmo acelerado e a intenção era inaugurar os cinemas no aniversário da cidade, mas isso não será possível. O mais provável é que aconteça no dia 30 de junho. A obra está sob a responsabilidade de uma empresa que já projetou cinemas em grandes shoppings da capital. Além das salas, com capacidade para 110 e 132 pessoas, respectivamente, estão sendo construídas a bilheteria e duas bombonieres. ‘A cidade, enfim, terá um cinema de qualidade, que não deixará nada a desejar para os melhores cinemas do país’, disse um dos diretores. A planta, com toda infraestrutura que haverá no local, está exposta na rampa de acesso ao piso superior do Shopping”.

Definida a data – Notícia publicada na semana seguinte, no mesmo jornal:

“A administração do Shopping Center Salto programou para o dia 6 de julho a inauguração das duas salas de cinema no seu piso superior. Segundo informações da administração, as salas serão no formato ‘stadium’, com rampas, ar condicionado, poltronas com porta-copos e lugares reservados para pessoas com necessidades especiais e obesos. ‘Vamos trabalhar com filmes de ponta, contando com som estéreo e qualidade de imagem igual ou superior a qualquer grande cinema da região. Escolhemos essa data para poder encerrar as obras tranquilamente e conseguir um filme lançado no início de julho’, revelou Benedito Antunes. Cerca de 200 mil reais foram investidos para o funcionamento das duas salas, que terão capacidade para 132 e 110 pessoas. ‘Vamos convidar o cineasta Anselmo Duarte para dar seu nome a uma das salas. A outra ainda estamos estudando para saber que nome colocar’, disse um dos conselheiros do Shopping. O público que frequenta o shopping está na faixa etária entre 13 e 40 anos, da classe média, média-baixa e baixa. ‘O público não vai se convencer se não existirem lojas âncoras e, agora que estamos conseguindo os cinemas, existe a previsão de ter, mais ou menos, 30 mil pessoas circulando pelo Shopping, por semana’, concluiu o conselheiro Benedito Antunes”.

Projetos – Em entrevista publicada na última edição do “Jornal de Quarta” do “Taperá”, o síndico Dilermando Frenhane, o vice-síndico José Carlos Gentile e os conselheiros Benedito Antônio Antunes, Francesco Lentini e Emílio Vasquez Claro, afirmaram que, com a inauguração dos cinemas, todo o local será valorizado, pois a previsão é de que até 30 mil pessoas passem a frequentar as lojas, atraídas pela novidade. “Quando se fala em Shopping, pensamos em grandes locais. Nunca seremos um Plaza Shopping ou um Esplanada. Somos um shopping aconchegante, que visa atender a família toda, desde a criança até o adulto. Embora seja pequeno, ele já está na memória do povo. O Shopping está bem localizado, perto de avenidas grandes e é comum ver as pessoas descendo no centro da cidade. Quanto ao período noturno, já estamos criando uma agenda de eventos para atrair o público e, aos poucos, estamos tendo um retorno disto”, afirmou Dilermando Frenhane, síndico do Shopping. Além dos cinemas, a diretoria do Shopping também estava prevendo a instalação de caixas eletrônicos, lanchonetes na praça de alimentação, pizzaria, fast-food e algumas lojas âncoras”.

Cinemas começariam a funcionar inicialmente em uma sala

Notícia publicada no “Taperá” em 30/06/2001, informava que inicialmente funcionaria uma sala das duas previstas no Shopping Center Salto:

“Será inaugurada na próxima quinta-feira, dia 5, uma das duas salas dos cinemas que estão sendo implantadas no Shopping Center Salto. No dia seguinte, sexta-feira, serão iniciadas as sessões reservadas ao público, pois na quinta-feira a solenidade será reservada apenas aos convidados. A Sala Azul, que homenageará o cineasta saltense Anselmo Duarte, está equipada com 130 poltronas, tela de 7 x 3 metros, sonorização e projeção totalmente novas, ar condicionado, bomboniere e bilheterias”.

A programação para a inauguração seria feita apenas para convidados, conforme foi noticiado: “A cerimônia contará com a participação do cineasta saltense Anselmo Duarte, que é homenageando com a sala azul, que leva o seu nome. Está

previsto um coquetel de recepção aos convidados, a benção do cinema pelo monsenhor Mario Negro, descerramento da placa de inauguração da Sala Anselmo Duarte, apresentação das novas dependências e projeção de trailers de filmes que serão exibidos em Salto. As sessões abertas ao público começam no dia seguinte, sexta-feira. Segundo o presidente da Associação dos Amigos do Cinema de Salto, Silvio Teijeira, eles estão em contato com a distribuidora para abrir o cinema exibindo um lançamento, possivelmente o 'Pokemon'. 'Se não conseguirmos um lançamento para a data de inauguração, vamos exibir um filme bastante recente', declarou Silvio. De imediato vai funcionar apenas uma das duas salas existentes no Shopping. O presidente da Associação dos Amigos do Cinema de Salto explicou que optaram por oferecer acomodações confortáveis em apenas uma sala, ao invés de inaugurar as duas salas com menos conforto. O outro motivo é a questão do racionamento de energia elétrica. Na primeira sala vai ser utilizada a instalação elétrica já existente, mas para que a segunda comece a funcionar, deverá ser feito um contato com a empresa Bandeirante, para estudar essa possibilidade, segundo declarações de Silvio. A Sala Azul, que vai ser inaugurada quinta-feira, está equipada com cadeira de categoria classe 1, 130 poltronas, inclusive algumas para deficientes físicos, tela de 7 m x 3 m, sonorização e projeção completamente novos, ar condicionado, bomboniere e sala de recepção ao público. Os valores dos ingressos vão variar de R\$ 3,00 (nas quartas-feiras) e R\$ 5,00 (aos sábados, domingos e feriados). Nas segundas, terças e quintas-feiras, os ingressos vão custar R\$ 4,00. Os menores de 18 anos e os estudantes vão pagar a metade do valor.

“Uma outra opção para os frequentadores vai ser o plano de associados contribuintes. Quem se associar vai pagar uma mensalidade fixa de R\$ 10,00 que dará direito a dois ingressos e uma carteirinha de associado com direito a desconto de 50% em todas as sessões, sem limite de vezes, datas e horários. Além dos filmes comerciais com lançamento nacional e estadual, o cinema do Shopping vai exibir filmes de artes, nacionais e sessões especiais para escolas e entidades. Para o próximo dia 20, está prevista a projeção do filme 'Jurassic Park 3'. O lançamento deve

atrair um grande público. Silvio explicou que, com uma sala, conseguirá atender a demanda em várias sessões. A principal ideia é realizar 3 sessões diárias e 4 nos sábados, domingos e feriados. Inicialmente será exibido um filme por semana, provavelmente às 15h, 19h e 21h”.



Inicialmente iria funcionar apenas uma sala das duas previstas

Opinião sobre as duas novas salas de cinema no Shopping

Em editorial, o jornal “Taperá” publicou em 30/06/2001 um comentário sobre as duas salas de cinema a serem inauguradas em 5 de julho de 2001:

“A inauguração, na próxima quinta-feira, da primeira das duas salas de cinema que foram construídas no Shopping Center Salto marca a concretização do sonho de um grupo de idealistas desta cidade. O sonho norteou a criação da Associação dos Amigos do Cinema no longínquo março de 1994, que é ter uma sala em tempo integral para a exibição de filmes. Desde aquele ano, o Cine Verdi convive com a necessidade de ceder espaço para o teatro, pois ambos estão instalados em um mesmo prédio. Esta situação tem consumido cada vez mais as chances de se ver lá as últimas produções da tela grande, o que tem feito com que ele esteja mais para teatro que para cinema.

A falta de uma sala local de exibição constante provoca um afastamento natural para quem gosta de cinema, como o que se observa no Verdi nas poucas vezes que são apresentados filmes

lá. Sem poder ter várias datas seguidas para funcionar como tal, as distribuidoras só repassam produções que já estão fora do circuito. Ao longo dos últimos sete anos, desde o restabelecimento daquele espaço que chegou a ficar nove outros anos fechado, o que se viu foi o público de cinema se afastar dele. É comum encontrar moradores locais em salas de Itu e Indaiatuba, onde são mostrados filmes do momento, simultaneamente com as grandes cidades.

Já foi dito neste espaço o quanto esta lacuna é inadmissível, sobretudo se for levado em conta que Salto tem uma vocação nata para estar ligada ao cinema, despertada desde a invenção dele. Como registra o historiador Ettore Liberalesso em seu livro ‘Salto, História, Vida e Tradição’, a cidade ganhou sua primeira sala de exibição em 1903. O Salão Giuseppe Verdi surgiu apenas oito anos depois dos irmãos August e Louis Lumière terem promovido a apresentação inaugural do cinema no Grand Café, em Paris. Depois, é daqui também o ator e diretor Anselmo Duarte, o único brasileiro a ter ganhado a Palma de Ouro da história, um dos mais importantes do cinema.

Nem mesmo iniciativas isoladas como a criação do cineclube em uma das salas do Conservatório Municipal, com uma seleção de filmes de arte, foi suficiente para manter o interesse na cidade. Não que as pessoas tenham deixado de gostar das produções da tela grande, mas porque não havia local adequado em tamanho, localização e em sintonia com os lançamentos. A Associação dos Amigos do Cinema lutou nesse tempo todo para conseguir repor a oportunidade àqueles que apreciam assistir a um bom filme. Não foi um trabalho fácil, posto que falta dinheiro para investir, além do apoio das autoridades que seria fundamental para se conseguir mudar.

A parceria com a administração do Shopping acabou por se tornar uma solução que ataca dois problemas de uma só vez: a falta da sala para exibição constante em si e o próprio desenvolvimento do centro de compras. Como dizem os diretores do condomínio, o cinema vai funcionar como uma âncora para atrair os consumidores. Preveem que deverá impulsionar o movimento de público no local para algo em torno de 30 mil pessoas por mês, o que certamente significará um retorno financeiro

considerável aos lojistas. Quando as duas salas estiverem em funcionamento, a cidade viverá uma realidade que já existiu no final do século passado: a de ter duas salas ao mesmo tempo.

A sala de exibição a ser inaugurada quinta-feira terá 132 lugares, a maior das duas. Na outra serão mais 110 poltronas. A obra completa custará R\$ 200 mil. Esse primeiro espaço vai se chamar 'Anselmo Duarte'. Trata-se de uma justa homenagem àquele que continua sendo o mais representativo filho da terra no cinema nacional. Como novidade, as duas terão assentos e acessos especiais para deficientes físicos e obesos, uma preocupação inédita nessa área na região. Por isso tudo, espera-se que os amantes do cinema e aqueles que procuram essa diversão em shoppings de Itu e de Indaiatuba, apenas pelo conforto e pelos lançamentos, que passem a ficar em Salto. Pode valer a pena”.

Finalmente uma das salas de cinema do Shopping era inaugurada

Matéria publicada em 7 de julho de 2001 sobre a inauguração de uma das salas de cinema do Shopping Center Salto, que finalmente acontecia:

“Desde a noite de ontem, sexta-feira, uma das salas do cinema do Shopping Center Salto está funcionando. A inauguração aconteceu na noite de quinta-feira, numa solenidade programada pela Associação dos Amigos do Cinema de Salto, que contou com a presença do cineasta Anselmo Duarte (cujo nome foi dado a uma das salas), prefeito Pílzio Nunciatto Di Lelli, vice-prefeito José Carlos R. da Rocha, presidente da Câmara Geraldo Garcia, empresário Agostinho A. Rodrigues (proprietário das salas dos cinemas), administração do Shopping, lojistas e demais convidados. O diretor da Associação dos Amigos do Cinema, Silvio Teijeira, abriu a cerimônia homenageando seus companheiros de diretoria, o ex-secretário de Cultura, Célio de Campos Vendramini e o ex-prefeito Jesuíno Ruy, em cujo governo foi instalado o Projeto 'Cinema Paradiso', que originou o cinema agora instalado. A seguir, o cineasta Anselmo Duarte procedeu ao corte da fita e ao descerramento da placa alusiva, tendo usado a palavra para falar da importância de Salto voltar a ter um cinema.

O monsenhor Mário Negro procedeu a bênção das instalações, seguindo-se a entrada dos convidados para conhecer a nova sala, sendo exibido na ocasião trailers dos filmes a serem exibidos. Neste fim de semana haverá 4 sessões, devendo ser exibidos dois filmes: ‘Pokémon 3’ (às 14h, 14h45 e 17h30) e ‘Rede de Corrupção’ (às 19h45 e 22h). Os ingressos custam R\$ 5,00 (estudantes e menores de 16 anos pagam meia entrada). Às segundas, quartas e sextas-feiras, o preço do ingresso é de R\$ 4,00 e na quarta-feira R\$ 3,00”.

De parabéns – Outra nota publicada no mesmo dia no jornal “Taperá”:

“Desde quinta-feira, quando foi inaugurada a Sala Anselmo Duarte, no Shopping Center Salto, nossa cidade voltou a ter um cinema funcionando a semana toda, coisa que não vinha acontecendo no ‘Verdi’. Esse pessoal da Associação dos Amigos do Cinema, que há tempos vem lutando para que Salto tenha uma sala de espetáculos, está de parabéns, assim como o empresário Agostinho A. Rodrigues, proprietário do imóvel, que deu todo apoio, inclusive financeiro, para que houvesse a adaptação das instalações, contribuindo de forma decisiva para que Salto tenha um cinema à altura. É de gente assim que a cidade está precisando, em todos os seus setores”.



Anselmo corta a fita na inauguração do novo cinema, tendo à sua direita o proprietário das salas (Agostinho A. Rodrigues) e o diretor da Montécnica



O presidente da Associação Amigos do Cinema, Silvio Tejeira, usa da palavra durante a inauguração no Shopping



Publicação da inauguração da primeira sala no jornal “Taperá”

Previsão: cinema poderia aumentar as vendas no Shopping

Matéria publicada em 14 de julho de 2001:

“A instalação de uma sala de cinema no Shopping Center Salto certamente vai servir para alavancar as vendas das lojas instaladas naquele local. Conforme o ‘Jornal de Quarta’ publicou, em sua última edição, houve um considerável aumento no

movimento daquele centro de compras, o que está entusiasmando os lojistas. Existem diversas lojas desocupadas, o que é explicável, pois apesar das medidas adotadas, estava difícil atrair os compradores. Agora, porém, já se anuncia que será inaugurada uma pizzaria e choperia no piso superior e que diversas pessoas demonstraram o interesse em se instalar no local. Essa melhora do Shopping com certeza terá reflexos em nosso comércio como um todo”.

Outra sala – Os responsáveis pela implantação do cinema do Shopping agora vão cuidar da conclusão da segunda sala, que poderá fazer com que a Associação dos Amigos do Cinema de Salto possam oferecer uma programação de filmes mais variada, competindo com cinemas de shoppings de cidades vizinhas. Aliás, sobre essa nova sala, está sendo sugerido que ela leve o nome de J. Silvestre que, depois de Anselmo Duarte, foi o saltense que conseguiu maior fama nos meios artísticos. A ideia é excelente, pois J. Silvestre, antes de iniciar a carreira artística, foi locutor do antigo Cine Rui Barbosa, que era de propriedade do seu pai. Ou seja: como Anselmo, ele tem ligações com o cinema.

Nome da sala – “Um recado para a Associação dos Amigos do Cinema: por que não colocar o nome no segundo cinema de João de Almeida, que ‘tocou’ os cinemas de Salto por muitos e muitos anos?” (Um leitor na coluna da Secretária Eletrônica).

“Achei excelente a ideia de se dar o nome de J. Silvestre à Sala 2 do cinema do Shopping Center Salto, pois ele realmente foi, ao lado de Anselmo Duarte, um dos saltenses mais famosos. Além disso, ele começou sua carreira artística como locutor, no cinema do seu pai, quando contava com apenas 18 anos”. (Um saltense também na coluna da Secretária Eletrônica).

Em agosto de 2001 era inaugurada a 2ª sala do cinema do Shopping

Publicação em 1º de setembro de 2001, no jornal “Taperá”:

“Em data de 31 de agosto de 2001, a Associação dos Amigos do Cinema de Salto inaugurou sua segunda sala de cinema no Shopping Center Salto, porém sem fazer nenhuma solenidade especial para este fim. Apenas iniciou as atividades com a exibição de filmes e sem dar nome especial para esta sala, pois,

conforme cogitou-se através da Secretária Eletrônica do jornal ‘Taperá’, alguns desejavam que o nome fosse do J. Silvestre, importante personalidade saltense que se destacou desde os tempos em que seu pai, Sr. Alexandre, inaugurou o Cine Rui Barbosa até sobressair-se em programas de rádio e televisão, enquanto outros desejavam que a sala tivesse o nome de João de Almeida, que também se destacou no ramo cinematográfico, sendo proprietário de dois cinemas nesta cidade”.

Outro comentário no mesmo jornal e na mesma data:

“Desde ontem a Sala 2 do cinema do Shopping Center Salto está funcionando e exibindo novos filmes. Nenhuma solenidade especial ou discursos foram feitos para o início das atividades desta sala. Com a nova sala, entraram em cartaz os filmes ‘A Senha’ e ‘Doce Novembro’. ‘Tomb Raider’ e ‘Planeta dos Macacos’ continuam a ser exibidos. Em ‘A Senha’, John Travolta é um hacker que, com velocidade inumana nos teclados, é contratado por um agente da Cia para roubar via internet, nove bilhões de dólares.

Em relação aos ingressos serem vendidos a todos os estudantes pela metade do preço, um dos diretores do cinema, Silvio Teijeira, informou que estão sendo aceitas todas as carteirinhas emitidas pelas escolas aos estudantes dos ensinos fundamental e médio. Silvio explicou que são aceitas apenas as carteirinhas emitidas pelas escolas em 2001, porque tanto o RG como o RG escolar não comprovam que o menor está frequentando a escola. Os valores da bilheteria estão em promoção: de segunda a quinta-feira R\$ 3,00 e de sexta-feira a domingo, incluindo feriados R\$ 5,00. O valor da meia é referente ao preço da bilheteria fora da promoção, que são: R\$ 6,00 e R\$ 4,00”.

Eram feitas promoções especiais para atrair espectadores

“O Cine Clube Salto está com uma promoção para os meses de setembro, outubro e novembro. Quem for ao cinema ganhará descontos. Os ingressos de segunda a sexta-feira custam R\$ 4,00 (inteira) e R\$ 2,00 (meia). Já aos sábados, domingos e feriados, o valor das entradas será de R\$ 6,00 (inteira) e R\$ 3,00 (meia)”.

Mais uma – “A Associação dos Amigos do Cinema, que administra os dois cinemas do Shopping Center Salto, está realizando promoções para atrair um número maior de espectadores e assim poder continuar oferecendo a exibição de filmes novos aos saltenses. A partir desta edição está sendo publicado um cupom oferecendo um desconto de 50% (cinquenta por cento) aos que apresentarem na bilheteria, com exceção das quartas-feiras, quando o preço do ingresso é reduzido”.

Outras promoções –

- 2ª feira – mulher acompanhada de pagante de ingresso “inteira” não paga;
- 3ª feira – Na compra de ingresso “inteira” acompanhante paga 1/2 ingresso;
- 5ª feira – aniversariante do mês paga R\$ 2,00, acompanhante paga 1/2 ingresso;
- 6ª feira – traga dois amigos e você não paga;
- Sábado e domingo – as 15 primeiras pessoas da fila da 1ª sessão do dia apagam só R\$ 2,00.



Para atrair espectadores, o cinema fazia várias promoções, como a distribuição de ingressos gratuitos

Novos preços – “Além das promoções, a Associação está cobrando novos preços, bem menores que os cobrados por cinemas da região e que são os seguintes: Segundas, terças, quintas, sextas, sábados e domingos – Inteira R\$ 6,00; Meia entrada – R\$ 3,00; Quartas-feiras – preço único, R\$ 3,00”. (Publicação no “Taperá” em 12/03/2005)

Havia o risco de os dois cinemas do Shopping serem fechados

Na coluna “Cá entre nós”, o “Taperá” publicava em 12/03/2005 que Salto corria o risco de ficar sem seus dois cinemas, que funcionavam no Shopping Center Salto, se não houvesse a colaboração dos saltenses. A entidade que os dirige não tinha fins lucrativos, pretendia apenas conseguir o número suficiente para enfrentar as despesas, que eram muitas, oferecendo à população uma programação de alto nível. Isso, porém, só seria possível se a frequência fosse boa, o que não vinha acontecendo. “Nesta semana o grito de alerta foi dado e se não obtiver a devida resposta, os cinemas podem fechar. Depois não adianta reclamar”, dizia a nota.

Assembleia – Uma outra nota era publicada sobre o possível fechamento: “Como os responsáveis pelo cinema já explicaram, a frequência dos saltenses às duas salas de exibição de cinema do Shopping é mínima e não permite que sejam exibidos lançamentos, que custam caro. Aliás, hoje será realizada uma assembleia onde se discutirá o fechamento do cinema, tendo em vista a falta de condições para continuar”. (“Taperá” em 25/03/2006)

Antonio Marcos aproveita para desabafar

Comentário de **Antonio Marcos** aproveitando o possível fechamento das salas de cinema do Shopping para desabafar:

“Na qualidade de sócio do Cine São José e filho de João de Almeida, proprietário dos Cines Rui Barbosa e São José, venho aproveitar este assunto para ‘desabafar’ o que sentíamos na pele, como proprietários de cinema. Quantas e quantas vezes não fomos criticados na imprensa local pelos filmes que exibíamos ou deixávamos de exibir. Não sabiam das dificuldades enfrentadas.

No nosso tempo, tínhamos cinemas concorrentes, o ‘Verdi’ (que era explorado pelos empresários dos Cines Marrocos e Sabará, de Itu) e que tinham peso para contratar filmes, pois eram três cinemas contra apenas um, o nosso. Ocorria que muitas vezes o nosso contrato firmado com certas distribuidoras eram cancelados mesmo após a assinatura com as mesmas

e repassados ao concorrente sem qualquer comunicação e sem motivo para esse procedimento.

Os outros eram o São Francisco, o Najá ou Roiam, que apesar de pequenos, muitas vezes exibiam bons filmes. Isso sem falar dos frequentadores, que já naquela época, se dirigiam a cidades vizinhas para assistir filmes, quando esses mesmos filmes seriam exibidos em Salto alguns dias após Itu ou outra cidade. Aqueles que realmente, gostavam de cinema assistiam filmes em Itu e Salto, revezando aos domingos, assistindo a primeira ou segunda sessão aqui ou em Itu.

Todas as despesas do cinema saiam do bolso do empresário, quer o cinema lotasse ou ficasse às moscas”.

Assembleia iria definir os rumos das duas salas

O jornal “Taperá” publicava em 25 de março de 2006:

“Será realizada hoje uma assembleia geral para definir os rumos dos dois cinemas do Shopping Center Salto. O assunto em pauta é o encerramento das atividades e alguns dos motivos alegados são a queda do público e o pagamento da taxa de condomínio. A reunião extraordinária – aberta aos sócios da Associação Amigos do Cinema de Salto e demais interessados – acontecerá no Shopping e terá duas convocações: a primeira, às 19h, com 2/3 dos associados, e a segunda, com qualquer número de presentes. Na oportunidade, os membros da entidade votarão a favor ou contra o fechamento das salas de exibição. Caso optem por fechar as portas, também será estudada a retirada dos equipamentos e determinado um local para guardá-los”.

Sugestão – Uma sugestão apresentada no jornal uma semana depois:

“Causou tristeza a notícia da possibilidade do fechamento das duas salas de cinema do nosso Shopping. É triste ver fechado um local onde existe lazer sadio, ao passo que bares abertos todos os dias na cidade... O povo reclama que não tem aonde ir, mas acaba preferindo os cinemas de fora, causando o fechamento dos nossos. Eu não sei se quando esta matéria for publicada já terá sido definida a situação do cinema, mas gostaria de sugerir que, caso ele permaneça aberto, que sejam feitos dias de programação especial, como: dia de Charles

Chaplin, dia de O Gordo e o Magro, dia de Mazzaropi, dia de filmes mais antigos (para as pessoas com mais idade), dia de filmes de ‘bang-bang’, enfim, filmes mais velhos (que acredito serem mais baratos) e que muita gente gostaria de ver outra vez. Talvez isso leve as pessoas de novo ao cinema local. Fica aqui minha sugestão, desejando com sinceridade que o cinema não feche suas portas”.

Tesoureiro apontava as causas do fechamento das duas salas

Em entrevista ao jornal “Taperá”, o tesoureiro e ex-presidente da Associação dos Amigos do Cinema de Salto falava sobre as causas do provável fechamento das duas salas de cinema no Shopping Center Salto. Ele dizia que os dois principais motivos alegados eram a queda do público e o pagamento da taxa de condomínio. Os cinemas estavam há cinco anos ocupando o espaço, era feita uma franquia e até aquele momento “o proprietário nem nos cobra aluguel. Precisávamos pagar 40% da renda líquida”, afirmou o tesoureiro Silvio Ferreira Teixeira, dizendo inclusive que o valor não está sendo pago faz algum tempo, assim como os direitos dos funcionários. Ele ainda comentou sobre a posição dos donos do prédio em querer cobrar uma quantia entre R\$ 1.700,00 a R\$ 2.300,00 referente ao condomínio mensal. “Eles têm direito de receber, mas não temos condições de pagar”.

A reunião extraordinária seria realizada no Shopping e, na oportunidade, os cerca de 18 sócios e os 9 membros da diretoria votarão a favor ou contra o fechamento das salas de exibição. “Queremos ouvir o que a maioria pensa – dizia Silvio. Faremos uma reavaliação e veremos a possibilidade de tentar negociar as dívidas”. Caso optem por fechar as portas, também será estudada a retirada dos equipamentos e determinado um local para guardar os equipamentos.

Outras declarações – Na época Silvio fez outras declarações, dizendo, por exemplo, que “foi grande a luta para o único cinema da cidade continuar aberto. Foram feitas divulgações em jornal, rádio, panfletos, escolas, etc., além de pesquisas e redução de preço”. Com relação aos filmes em cartaz,

o tesoureiro disse que as distribuidoras não facilitam a entrega. “As fitas são arrendadas por 50% do valor bruto e mais as despesas de remessa. Os lançamentos são leiloados por 15 a 30 mil cada um. Por não termos condições, somos obrigados a aceitar o que oferecem”, confessou, alegando a dificuldade de colocar em cartaz as novidades na telona.

Associação de Amigos do Cinema pedia ajuda aos vereadores

Notícia publicada no jornal “Taperá” em 15 de abril de 2006:

“O tesoureiro da Associação da Cultura e do Meio Ambiente de Salto, Silvio Teijeira, usou a tribuna da Câmara na noite da última segunda-feira, para pedir ajuda aos vereadores. Ele explicou todas as dificuldades pela quais a Associação passa no momento e solicitou para que os vereadores tomem medidas e que apoiem essa entidade que administra o cinema no Shopping Center Salto, a fim de que as portas da única sala de exibição que ainda funciona na cidade, não sejam fechadas. ‘Vamos tentar por mais seis meses e se a situação não melhorar encerraremos as atividades’, resumiu o tesoureiro da entidade.

Teijeira pediu para que os vereadores tomem alguma iniciativa que contribua com o cinema e reconheceu que o cinema só tem sobrevivido por causa do programa firmado com a Secretaria da Educação da Prefeitura e escolas particulares, que levam estudantes para algumas sessões. E divulgou que mantém o projeto de ‘Sócio Ouro’ e ‘Sócio Prata’, pelos quais o ‘Sócio Prata’ paga R\$ 10,00 ao mês para assistir quantas sessões desejar de segunda a quinta-feira. Já o ‘Sócio Ouro’ paga R\$ 20,00 para assistir quaisquer sessões em qualquer dia da semana.

O vereador Edival Pereira Rosa sugeriu que, como outras entidades, que essa Associação tente conquistar subvenções da Prefeitura. Outros vereadores também afirmaram que o secretário da Cultura e Turismo, Valderez Antônio da Silva, precisa se empenhar a fim de evitar com que a cidade de Salto fique sem cinema”.



Silvio, presidente da Associação dos Amigos do Cinema, foi à Câmara pedir ajuda aos vereadores

Decisão foi fechar uma sala e realizar campanha de sócios

Na assembleia programada para o dia 25 de abril de 2006, a Diretoria da Associação Amigos do Cinema de Salto optou por mais uma tentativa quanto ao funcionamento das duas salas de cinema. A intenção era fechar uma das salas e lançar uma campanha a fim de aumentar o número de sócios. A discussão era sobre o encerramento das atividades no Shopping Center. E, segundo o tesoureiro Silvio Ferreira Teijeira, os oito meses seguintes seriam decisivos. “O proprietário do espaço nos deu esse prazo para isenção da taxa de condomínio. Faremos um apelo à sociedade para conseguirmos uma receita fixa”, esclareceu.

Uma campanha seria lançada em 7 de abril daquele ano com divulgação na mídia, em folders, cartazes, nas escolas, etc. O objetivo era atrair mais 500 sócios, que poderiam escolher entre as categorias prata ou ouro. A primeira daria autonomia de segunda a quinta feira. A segunda, era para livre acesso, em qualquer sessão. No dia 10, a Diretoria faria uso da Tribuna Livre da Câmara Municipal e, na oportunidade, seria pedido o apoio e a colaboração do Poder Público para reerguer o cinema. “Também estamos sendo questionados pelo que fizemos ou deixamos de fazer. Iremos prestar contas à população”, afirmou o tesoureiro.

O fechamento sem previsão da sala dois era uma alternativa para a obtenção de condições mínimas de receita. O

equipamento de projeção estava à venda, avaliado de R\$ 60 a R\$ 80 mil. “Com esse valor esperamos desafogar as dívidas e investir em melhorias”, explicou Teijeira. Com a desinstalação, o local deveria ser aproveitado para outro fim, ainda em estudo.

A Associação estava disposta a continuar lutando pelo funcionamento do cinema. “Estamos batalhando para levantar essa bandeira e oferecer mais uma opção de lazer na cidade. Vamos externar nossas dificuldades e solicitar a ajuda da sociedade. Ou ela adere ou não temos mais porque trabalhar”, finalizou o tesoureiro.

Depois de ameaçar fechar as portas, cinema do Shopping adquire novo ânimo

Notas publicadas no jornal “Taperá” de 13/05/2006:

“Depois de ameaçar fechar suas portas, o cinema de Salto parece que adquiriu novo ânimo e faz diversos planos. Acertou com as distribuidoras a exibição de dois grandes lançamentos; firmou um acordo com as Secretarias da Educação e da Cultura e planeja utilizar uma das salas para a apresentação de peças teatrais. É preciso lembrar que o cinema atual teve suas raízes no Cineclubes Anselmo Duarte, que sempre recebeu o apoio do Poder Público e deve continuar recebendo, pois a entidade que o dirige não tem fins lucrativos. Basta-lhe apenas arrecadar o numerário suficiente para não perecer o que seria lamentável.

A Associação Amigos do Cinema de alto continua lutando para manter as salas do cinema do Shopping Center abertas. Recentemente foi anunciada a vinda de filmes em lançamento, um acordo com a Prefeitura e divulgada a campanha para adquirir nossos sócios. São algumas alternativas para evitar o fechamento. Um contrato foi firmado com a companhia Fox, detentora da distribuição do filme ‘X-Men’ no Brasil. O filme entrará em cartaz no dia 26 de maio, quando será lançado em circuito nacional. Segundo o tesoureiro Silvio Teijeira, o valor gasto será de R\$ 7 mil para as seis semanas obrigatórias de projeção. Outro longa-metragem aguardado é ‘O Código Da Vinci’, distribuído pela companhia Columbia Pictures, que deve estreiar em 9 de junho e virá para Salto três semanas após o lançamento nacional.

Quanto ao apoio da Prefeitura, as Secretarias da Cultura e Turismo e da Educação prometeram ajuda. A primeira está divulgando o cinema de Salto na Agenda Cultural. A segunda, está empenhada em formalizar contatos com a Cinemateca do Estado de São Paulo para exibir filmes culturais e produções independentes. Está nos planos da diretoria a locação de uma sala para peças teatrais. Os orçamentos para a confecção de palco, montagem da coxia e dependências para artistas, mudança de posição do ar condicionado, instalação de luzes adequadas, mesa de som e iluminação, estão sendo feitos. ‘Tudo isto gera um custo. A partir daí estaremos conversando com possíveis investidores para levantamento de fundos, porque o cinema não tem verbas suficientes para tal disponibilização’, afirmou Teijeira. Quanto à venda dos equipamentos, eles foram avaliados e continuavam à venda.

Com todo este desempenho, a diretoria da entidade espera uma resposta maciça dos saltenses. ‘A população pediu e traremos lançamentos mundiais. Estamos investindo muito trabalho e dinheiro para trazer o público ao cinema de Salto’, finalizou o tesoureiro”.



Reabilitação do cinema começou com a exibição do filme “X-Men”

Só uma sala funcionando, a partir de setembro de 2006

Conforme informações dos responsáveis pelas salas de cinema do Shopping Center Salto, “a partir de 29/09/2006,

estaremos trabalhando com apenas uma sala de exibição cinematográfica (Sala Anselmo Duarte), tendo em vista que a Sala 2 passará por adaptações para em breve apresentar peças teatrais, tendo assim mais uma opção de lazer e cultura em nossa cidade. Agradecemos a compreensão de todos”.

A Sala 2 passou a funcionar como teatro tão logo terminou a sua adaptação, sendo a Montécnica a encarregada da programação e apresentação das peças nessa sala. A partir de 27 de janeiro de 2011, a sala 2 passou novamente a funcionar como cinema, conforme publicação na imprensa local.

COMUNICADO

DESDE 29/09/2006 ESTAMOS TRABALHANDO
COM APENAS UMA SALA DE EXIBIÇÃO
CINEMATOGRAFICA (SALA ANSELMO
DUARTE), TENDO EM VISTA QUE A SALA 2
ESTÁ PASSANDO POR ADAPTAÇÕES PARA
EM BREVE APRESENTAR PEÇAS TEATRAIS,
TENDO ASSIM MAIS UMA OPÇÃO DE LAZER E
CULTURA EM NOSSA CIDADE.

AGUARDEM.

Seg., ter. e quinta	Sex., sáb. e dom.	Quarta - Promoção
Inteira - R\$ 7,00 Meia - R\$ 3,50	Inteira - R\$ 8,00 Meia - R\$ 4,00	R\$ 4,00 para todos (exceto feriados)

Programação sujeito a alterações. Confirmar pelo fone 4029-0671

Comunicado informava que a partir de 29 de setembro de 2006 só uma sala continuava funcionando

Salto voltaria a ter duas salas de cinema a partir de janeiro de 2011

Cinco anos depois de uma das salas de cinema do Shopping Center fechar, Salto voltou a ter novamente duas salas de cinema. É que o espaço antes ocupado pelo Teatro Montécnica (que deixou de existir) foi adquirido pelos empresários Reginaldo Kormann e Manuel Pereira.

“Na coletiva realizada na manhã da última quinta-feira, no Shopping Center Salto, local onde ficam as salas – dizia a nota publicada no “Taperá” – Kormann e Silvio Teijeira, presidente da Associação Amigos da Cultura e do Meio Ambiente de Salto, deram os detalhes das mudanças. Na parte estrutural somente

os equipamentos de luzes foram retirados e foi inserido no local um telão e reinstaladas as aparelhagens do cinema. As poltronas e todo o restante das mobílias continuarão os mesmos”.



Uma cerimônia simbólica marcou a volta ao funcionamento das duas salas no Shopping. Da esquerda para a direita: proprietário Korman, vereador Pacheco, Silvio e prefeito Juvenil

Aluguéis – Além da sala ser usada como cinema e assim oferecer ao público saltense mais opções de filmes, o espaço adquirido poderia também, conforme agenda, ser alugado para apresentações, ensaios, palestras, reuniões, etc.

Reclamação – Na coluna da Secretária Eletrônica, de 16/07/2011, o Jornal “Taperá” publicou a seguinte reclamação: “Na semana passada vi a divulgação dos filmes em cartaz no cinema do Shopping Center Salto e, interessada em assistir dois deles, cheguei no horário para comprar os ingressos. No guichê fui avisada que, ‘caso não chegassem pelo menos mais três pessoas, os filmes não poderiam ser rodados, para não gerar o prejuízo de duas apresentações exclusivas’. Sem ter outra escolha, esperei por outros interessados, mesmo não concordando com essa condição não divulgada, imposta pela administração do cinema. Chegada a hora dos filmes começarem, a responsável veio me comunicar, talvez por pena ou compaixão que, ‘por eu ter me deslocado de casa para ir ao cinema, ela iria rodar um dos filmes, mesmo que só para mim’. Perguntei para tal pessoa e me fiz essa pergunta: ‘se sabem que a procura

é pouca, que o movimento é baixo, por que anunciar que os filmes estão disponíveis? Por que também não deixar bem evidente essa condição imposta, seguindo-se sabe lá qual regulamento, para que os consumidores não criem expectativas de um evento que só poderá ser cumprido se um número mínimo de pessoas estiver disposto a gerar lucro para uma administração que, pela falta de vontade, logo se vê fadada ao prejuízo? Estou indignada”. (Cláudia Junqueira, por e-mail)

O jornal deu uma resposta, procurando defender os responsáveis pela manutenção do cinema: “A leitora tem razão em sua reclamação, mas devemos ponderar que apesar dos esforços da diretoria dos Amigos do Cinema de Salto, que tem como presidente o Sr. Silvio Teixeira, a população saltense não prestigia as apresentações, mesmo quando filmes lançados na capital são exibidos, como aconteceu com o filme ‘Rio’, recentemente. Nessa oportunidade a diretoria chegou a fazer anúncios pagos nos jornais da cidade e as exibições foram um fracasso. São comuns as sessões, principalmente durante a semana, que atraem poucos espectadores e, por isso, a direção do cinema está arcando com os prejuízos, como iria acontecer no dia em que a leitora se dirigiu a um dos cinemas (haveria gastos com energia, por exemplo, sem contar o aluguel do filme). Infelizmente, a dedicação do Sr. Silvio e seus esforços e de outras pessoas para manter os cinemas em funcionamento podem um dia chegar ao fim e, por isso, seria interessante se os saltenses, ao invés de se dirigir para cidades vizinhas, a fim de assistir aos filmes do seu interesse, dessem sua preferência aos dois cinemas do Shopping Center Salto, para que ele não venha a interromper suas atividades, deixando a cidade mais uma vez sem salas cinematográficas”.

Antonio Marcos comenta: “Como ex-proprietário de cinema em Salto, posso concordar com a reclamante, pois o cinema na cidade foi muito pouco prestigiado por uma grande maioria, que sempre preferiu assistir aos filmes em cidade vizinhas ao invés de prestigiar as nossas salas exibidoras. Sentimos isso na pele durante muitos anos, desde os tempos do Cine Rui Barbosa e até no ‘São José’. Mas, infelizmente, nada pudemos fazer para melhorar a participação do povo saltense,

que, quando o filme era exibido ao mesmo tempo em Salto e em cidade vizinhas, sempre preferiu os vizinhos.

Quanto às despesas, trata-se de uma associação, com uma digna diretoria, mas que também não opera milagres. Os alugueis dos filmes, pelo menos no nosso tempo, eram cobrados por um determinado período (três a quatro dias, uma semana, etc.), enquanto que hoje, normalmente, são programados para uma semana ou mais. Isto, a meu ver, em certos casos é benéfico e em outros prejudiciais. Se o filme for do agrado do público, o movimento será bom, mas, caso contrário...

Em muitas ocasiões, enfrentamos prejuízo, mesmo exibindo grandes produções, devido a participação do público, obrigando-nos a, muitas vezes, a devolver o filme antes do prazo para evitar prejuízo maior. Faz parte do negócio.

Concordamos que a cidade não volte a ficar sem cinema, como quando ocorreu o fechamento do Cine São José e, no ano seguinte, do Cine Verdi”.

Após 20 anos, a Associação Amigos do Cinema de Salto encerrava as atividades

O jornal “Taperá” de 25 de abril de 2015 dava a triste notícia: a Associação dos Amigos do Cinema de Salto, que começou com o Cineclube de Salto, encerrava as atividades das duas salas de exibição que mantinha no Shopping Center de Salto:

“Com poucos associados e frequentadores, a Associação dos Amigos do Cinema encerrou suas atividades no início deste mês após mais de 20 anos de atividades, contando o Cineclube. Nos últimos anos, apesar de contar com uma estrutura acolhedora e os esforços de Silvio e Mercedes Teijeira para manter o local, a falta de público afetava os rendimentos para seguir com a manutenção.

Em 2013, os cinemas, numa reportagem especial no ‘Taperá de Quarta’, já enfrentavam a presença diminuta de espectadores. Silvio citava que, no ano de 2015, muitas companhias forneceriam longas apenas digitalizados e a Associação necessitaria de recursos para digitalizar seus equipamentos, com custo aproximado de R\$ 70 mil. Para arrecadar dinheiro e atrair o público, a Associação oferecia vagas para novos

associados. Cada associado tinha acesso direto a todos os filmes exibidos no local por um pequeno valor mensal.

Os cinemas do Shopping foram inaugurados em 2001, após arrecadações de voluntários em sessões realizadas no antigo Teatro Verdi. A solenidade, que ocorreu em 5 de julho de 2011, teve a presença de autoridades, convidados e do cineasta saltense Anselmo Duarte, que fez o corte da fita de inauguração”.

Comentário pessoal – Antonio Marcos faz um comentário pessoal sobre o fechamento das salas de cinema do Shopping Center Salto:

“Estivemos presentes, como convidado, na inauguração da Sala 1 – Anselmo Duarte, em 05/07/2001, e nos sentimos felizes por Salto voltar a ter cinema de qualidade. Hoje, como proprietário de cinema até 1983, sinto pesar pelo fechamento do cinema, da mesma maneira que senti quando em 31 de dezembro de 1983, pela última vez, percorri os corredores do ‘São José’, pensando ‘esta é a última vez que percorro estes corredores que não mais existirão e que, por anos, tive a felicidade de participar ativamente no ramo cinematográfico’. Fez parte de minha vida desde 1957 quando assumi, junto com meu saudoso pai João de Almeida, a incumbência de procurar divertir a população saltense, apesar das muitas dificuldades que enfrentamos. Mas, valeu. Missão cumprida”.



Com o fechamento do cinema (que ainda era conhecido como Cineclube), Salto ficava sem sala de exibição

Presidente Silvio, da Amigos do Cinema, relembra, em entrevista, os 20 anos de dificuldades enfrentadas

Em entrevista concedida em junho de 2022 aos autores deste livro, o ex-presidente da Associação Amigos do Cinema, Silvio Teijeira, relembrou as dificuldades que enfrentou durante 20 anos em que lutou para que Salto tivesse um cinema em substituição aos que tinham encerrado suas atividades até o ano de 1984. A partir de 1994, primeiro como colaborador do Cineteatro Anselmo Duarte por seis anos, depois como presidente da Associação dos Amigos do Cinema de Salto, dando um total de cerca de duas décadas, ele se dedicou integralmente ao seu objetivo, conseguindo alguns êxitos, mas sofrendo com a falta de colaboração e de verbas para manter em funcionamento as salas de espetáculo, primeiro no Teatro Verdi e posteriormente no Shopping Center Salto (hoje Galeria Shopping).

Até um movimento de saltenses que defendiam que o Verdi fosse utilizado apenas para espetáculos teatrais ele teve que enfrentar, sendo obrigado a procurar um outro local para funcionar. Na época em que funcionava no Verdi, praticamente não tinha despesas, pois a Prefeitura pagava todas elas para a manutenção do cinema e as obrigações, como tarifas de água e esgoto, energia elétrica, impostos e taxas, etc. Quando se transferiu para o Shopping, porém, teve que pagar aluguel de uma ou duas salas, além das despesas normais de uma empresa, com funcionários, tributos, água, energia, além de diversos outros gastos.

Numa época, manteve em dia as despesas obrigatórias, porém, poucas vezes conseguia pagar o aluguel, mas felizmente contou com a compreensão do saltense Agostinho Rodrigues, que também era um defensor da ideia de Salto contar com um cinema e deixava de receber o que tinha direito. Inclusive, quando o cinema se mudou para o Shopping, Agostinho adaptou as salas, realizando as reformas necessárias para funcionarem como cinema. A Associação teve que comprar poltronas, telas e outros equipamentos (possuía projetor), mas guardou algum dinheiro com a renda que tinha no Verdi, que utilizou nessas compras. A situação foi se agravando no novo local e, com o aumento das despesas e receita insatisfatória, a cada dia

os problemas se avolumavam. A Associação chegou a ser alvo de um processo trabalhista impetrado por uma ex-funcionária, que recebeu todos os seus direitos, mas não tinha carteira assinada, por isso a entidade perdeu o processo.

Situação difícil – Silvio lembra que no início os cinemas mantidos pela Associação funcionavam apenas nos finais de semana, mas aos poucos passou a exibir filmes em outros dias. A receita, porém, era insuficiente e novas despesas surgiram, como o pagamento de 50% da receita da bilheteria para as empresas exibidoras e os restantes 50% eram insuficientes para enfrentar os outros gastos. Ele procurou ajuda em vários setores da cidade, inclusive foi à Câmara pedir o apoio dos vereadores para a manutenção do cinema. Ele e os voluntários que formavam a Associação faziam o possível, mas a situação se tornava cada vez mais problemática.

Colaboradores – Além dos integrantes da Associação, Silvio contou com algumas colaborações importantes, que contribuíam para a manutenção do Cine Paradiso. Ele destaca o comerciante Agostinho Rodrigues, que foi proprietário das salas utilizadas pelo cinema; revela que um grande colaborador foi Edward Nogueira, que trabalhava como projetorista e foi substituído pelo seu filho João Nogueira. Além de seu trabalho como projetorista, Edward colaborava como programador de filmes, função que tinha sido executada por um indaiatubano, dono de salas em sua cidade, de nome Paulo Lui e também executava outras tarefas.

Fechamento – Em 25 de abril de 2015, Silvio chegou à conclusão que não dava mais para manter o cinema e anunciou o fim das atividades da Associação e do próprio Cine Paradiso. A maioria dos membros dessa Associação tinha se demitido, pois não havia condições de continuar e ele enfrentou sozinho e com o apoio sempre presente de sua esposa Mercedes, que sempre colaborou com ele, os problemas enfrentados com o fim das atividades. Foi registrado um déficit de 30 mil reais, que ele pagou com a venda de poltronas, tela e outros materiais, mas, como não alcançou o total necessário, teve que dispor também de suas próprias economias.

Também pesou mais seriamente no fechamento do Cine Paradiso a necessidade de passar para a exibição de filmes digitalizados, mas, para isso, seria necessária a disponibilidade de uma vultosa quantia que ele ou o cinema não possuíam.

Dedicação – O trabalho de Silvio Teijeira deve ser ressaltado, pois ele dedicou cerca de 20 anos de sua vida em defesa de um projeto visando proporcionar aos saltenses uma sala de cinema, mas, infelizmente, chegou uma hora que não dava mais para continuar. Ele relembra que foi um “faz tudo”, principalmente no Cinema Paradiso, quando ele funcionou no Shopping: nos últimos tempos foi programador e quase sempre atuou como mecânico, eletricista, projecionista (quando o titular faltava), confeccionava os cartazes e procurava as pessoas para solicitar apoio, nem sempre sendo atendido. Ele afirmou que nada ganhou por essa dedicação elogiável, pelo contrário, teve que dispor do seu dinheiro e do seu tempo, mas nem por isso se arrepende. Considera que cumpriu o seu dever e se sente orgulhoso por realizar um trabalho tão dignificante, que merece o elogio de todos que sabem reconhecer pessoas que lutam por um ideal, apesar de nem sempre serem vitoriosos.



Silvio Teijeira foi um exemplo de dedicação em favor do objetivo de Salto manter um cinema

MOVIPLEX CINEMAS

Depois de três anos sem cinema surgiu mais um na galeria shopping

Novo cinema começou já com o sistema digital e equipamentos modernos

Depois de cerca de três anos que Salto não teve cinema funcionando, em 7 de julho de 2019, nos mesmos locais onde funcionaram outros cinemas que encerraram suas atividades (o último foi o Cine Paradiso), foi inaugurado o Moviplex Cinema, de propriedade de Adriano Silva. Desde que surgiu, esse cinema funciona em apenas uma sala, pois quando se preparava para ocupar a outra, que também já serviu como sala de espetáculos, veio a pandemia.

O primeiro filme a ser exibido no primeiro dia de funcionamento foi “O Homem Aranha – Longe de Casa”, que atraiu muita gente. O segundo, exibido duas semanas depois, foi “Rei Leão”, que proporcionou uma renda ainda maior, lotando a sala em várias sessões. Não houve solenidade de inauguração, pois a pandemia impedia a aglomeração de pessoas.

Adriano conta que teve que suspender as atividades do seu cinema durante a pandemia, permanecendo oito meses fechado, constituindo-se na primeira empresa da cidade a não funcionar. Nesse período, continuou pagando as despesas, de aluguel, tarifas, funcionários, parcelas da compra de equipamentos, etc. e só pôde reabrir em outubro de 2021, um domingo. No entanto, teve que obedecer as determinações sanitárias, sendo obrigatório o uso de máscaras, distanciamento entre as poltronas, uso do álcool gel principalmente.

Quando começou a funcionar, o Moviplex passou a utilizar os equipamentos digitais, que substituíram os analógicos. Em época anterior, os filmes chegavam atrasados: cerca de um mês e meio depois de lançados no país. Agora eles são lançados ao mesmo tempo em que estreiam em outras cidades brasileiras. No dia que estivemos em visita ao cinema, estavam sendo exibidos “Top Gun II” e “Jurassic Park”, ao mesmo tempo em que eram exibidos em todos os cinemas nacionais.

Adriano considera que 2019 foi um ano bom para o cinema,

mas a melhora maior se verificou em dezembro de 2021, após a exibição de um outro “Homem Aranha”. Aliás, os filmes que mais atraem espectadores são os que contam com os heróis Homem de Ferro, Thor, Homem Formiga, Capitão América, etc.

Atualmente são realizadas em média três sessões de segunda a sexta-feira e quatro nos finais de semana. A atual sala comporta poltronas para 162 espectadores e a outra para mais 110, dando um total de 272 pessoas. Varia o início das sessões, durante a semana às 15h e, aos sábados e domingos, às 13h ou 14h.

Quanto aos filmes nacionais, não há exigência para um número mínimo, como acontecia antigamente, mas alguns bons filmes do cinema brasileiro atraem muita gente, como “Minha Mãe é uma Peça”, que teve várias sessões lotadas. Varia muito o número de espectadores, mas nunca deixou de ser exibido um filme em virtude de não haver ninguém na plateia.

Sessões especiais – O Moviplex realiza sessões especiais para estudantes, geralmente no período da manhã, com preços menores, inclusive para a compra do ingresso inteiro. Também acontecem aos sábados pela manhã sessões especiais para a 3ª idade. No início, compareciam 20 ou 30 idosos, mas hoje, esse número se aproxima de 70 ou 80, que tomam o café da manhã e assistem a um filme, pagando um valor baixo.



Adriano da Silva é, há três anos, o proprietário do cinema que funciona na Galeria Shopping



Os filmes lançados no país, como “Top Gun” e “Jurassic Park”, são lançados ao mesmo tempo em Salto



Fachada do Moviplex, um cinema que se classifica entre os mais modernos do país, usando a tecnologia digital

Acontecimentos em destaque nos cinemas de Salto

Anselmo lembrava do Cine Pavilhão em seus tempos de criança

Anselmo Duarte contava que, na porta de entrada do Cine Pavilhão, existia uma campainha que ficava tocando até o início da sessão. Enquanto estava tocando era sinal de que a sessão ainda não havia se iniciado e que as pessoas ainda poderiam entrar no salão. Quando se iniciava a sessão, a campainha era desligada e não se podia mais entrar.

Ele lembrava ainda que na entrada do cinema ficavam os vendedores de amendoim com casca (como era costume na época), o que significava que os frequentadores os descascavam dentro do cinema, durante a sessão. Imaginem o estado do salão após a sessão. O policial que comparecia para fiscalizar os espectadores chamava-se “Tibúrcio”, que portava na cintura o “refe”, uma espécie de espada pequena.

Molhava-se a tela por trás, onde se encontrava o projetor, antes do início da sessão, sob a alegação de que ela aquecia muito e por isso era preciso molhá-la. Anselmo começou no cinema como “molhador de tela”, aos 10 anos de idade. Nesse tempo, os filmes eram mudos e o projetor ficava atrás da tela, fazendo com que ela se esquentasse, precisando jogar água com um equipamento feito com bambu, chamado “estoloque”, para evitar um incêndio, sendo esta medida repetida após a exibição de cada duas partes do filme.

Anselmo, como ele mesmo mencionou, era quase sempre auxiliado pelos espectadores com gritos de “mais para a esquerda” ou “mais para baixo, seu burro”. Seu grande sonho era ser projetorista (operador de projetor cinematográfico), o que não conseguiu.

Ele se lembrava que, no seu tempo de criança (aos 10 anos de idade), assistiu alguns filmes, como “O Barqueiro do Volga” e seriados, como “O Homem da Meia Noite”, estrelado por James Jim Corbert e Sam Polo, no qual o bandido se escondia dentro de um relógio para praticar suas maldades.

Segundo alega outra pessoa consultada, o dr. Adriano Randi, a tela ficava no meio do salão. O projetor ficava de um lado (atrás da tela) e o público do outro lado. O cinéfilo Chiquito Guarnieri confirmou essa informação, dizendo que a projeção era atrás da tela e não em cabines como nos tempos atuais.



Anselmo, quando era criança, molhava a tela do cinema



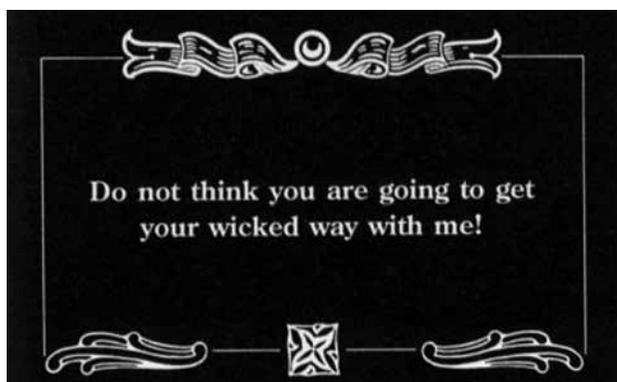
“O Barqueiro do Volga” foi um dos primeiros filmes exibidos na época

Pianistas e letrados explicativos nos filmes mudos

Na época, os filmes eram mudos. Havia um violinista ou uma pianista que acompanhava a exibição tocando músicas. As músicas executadas eram de acordo com o tema do filme.

O pianista assistia ao filme antes de ser exibido, para que pudesse escolher o repertório a ser executado. Um dos pianistas era Acylyno do Amaral Gurgel, pai do maestro Odmar Amaral Gurgel (Gaó); uma outra chamava-se Dinorah Lopes, filha de Adriano Lopes, que foi proprietário de cinemas, dentre eles o Cine São Bento.

Nessa época, após a cena projetada, aparecia um quadro com um letreiro explicando o que acontecia. Esse tipo de letreiro apareceu quando da exibição de comédias antigas, como “Os Reis do Riso”, “Risos e mais risos”, “Risos e sensações de outrora”, em filmes de Carlitos e do Gordo e o Magro, exibidos muito tempo após, em relançamentos de algumas distribuidoras de filmes em épocas mais recentes.



Os filmes mudos tinham letreiros e eram acompanhados por um pianista

Um mesmo filme era exibido em três cinemas numa noite

Numa publicação feita no jornal “O Saltense”, de 03/09/1922, sob o título “Cinema em Benefício”, era anunciada nos três cinemas locais “a extraordinária película sacra da Universal ‘Carrascos de Sta. Maria’, em benefício das festas da Padroeira”.

A cidade recebia apenas uma cópia do filme e, graças a um entendimento entre os proprietários dos cinemas Verdi, Pavilhão e Rio Branco, eles iam passando cada parte para o cinema seguinte. O espetáculo cinematográfico iria começar às 19h no Verdi, 20h no Pavilhão e 21h no Rio Branco. O preço do bilhete seria de 1\$000.

Filme sobre Salto era exibido em sessão especial, em 1928

O jornal “O Saltense” noticiava que, em 30/05/1928, foi exibido no Cine Rio Branco, em sessão especial, um filme feito pela Helios Film sobre a cidade de Salto de Ytu (sic), onde aparecem o rio, a saída dos alunos do Grupo Escolar Tancredo do Amaral, o Jardim Público, a Chácara Roma, a Padaria Aliança, a quermesse com as barracas, moças premiadas em concurso de beleza, além de outros assuntos.

Na edição seguinte do mesmo jornal (03/06/1928) era divulgada uma outra notícia sobre o filme:

“Salto em filme” – Na quarta-feira, assistimos no Cine Rio Branco, em sessão especial, a exibição do importante filme Salto de Ytú. O operador, Sr. Victor del Picchia, é um verdadeiro artista no gênero, focalizando com pericia e mão firme os pontos mais pitorescos de nossa Salto. Ali vemos a cascata despencando no abismo; logo abaixo vemos o rio marulhante, a saída dos alunos do grupo escolar, o nosso jardim movimentado, a Chácara Roma, a Padaria Aliança com o seu pão de oito quilos por tostão, a quermesse com as suas diversas barracas, as moças premiadas em concurso de beleza e muitos assuntos, mas é impossível, no pequeno espaço que temos, descrever todos. A nitidez do filme é impecável. À Hélios Film, representada nesta cidade pelo Sr. Aladim Gomes, nossos aplausos e ao Sr. Del Picchia, habilíssimo operador, nossos parabéns”.

Antonio Marcos comenta que chegou a ver partes desse filme, pois em sua casa havia vários deles, que depois levou até ao Cine Rui Barbosa e tentou colar as partes para exibição, mas, devido ao fato de ter sido produzido em celuloide, era difícil aceitar cola e também devido ao mau estado dessas partes, pois a perfuração estava muito danificada. Ele se lembra da cena da cascata, saída do Tancredo do Amaral e de pessoas (moças) saltenses que apareceram na filmagem. Tentou projetar pedaços, mas, infelizmente, não conseguiu, devido ao perigo de incêndio e do mau estado das perfurações, essenciais para a exibição. Considera isso uma pena, pois poderia ter guardado essas relíquias, mas elas foram incineradas.



Saída dos alunos do Grupo Escolar era uma das cenas exibidas pelo filme

“Salão Arzília Silva” abrigou diversos cinemas

Silvio Brenha era proprietário de quase todo o quarteirão que vai da Rua 9 de Julho até a Rua 23 de Maio. No final do século XIX, construiu o prédio e seus familiares resolveram homenagear a Srta. Arzília Silva, irmã do proprietário, colocando no frontispício do imóvel o nome “Salão Arzília Silva”.

Este local serviu para a realização de sessões cinematográficas, como consta em um jornal da cidade, datado de 07 de agosto de 1910, que dizia: “Continua o trabalho neste elegante salão, o excelente aparelho cinematográfico Pathé Freres, de propriedade do Sr. Capitão Manuel de Franco”, sem porém anunciar os nomes dos filmes nele exibidos.

Em 15 de abril de 1928, Augusto Mazza adquiriu o imóvel de Antonio Peres e, três meses depois, a Empresa Augusto Mazza se fundiu com a Empresa Adriano Lopes do Cine Pavilhão, passando a funcionar o cinema com o nome de Cine São Bento, no mesmo local, sob a razão social de Empresa Lopes & Mazza.

Dentre as empresas que dirigiram o cinema, além da Empresa Lopes & Mazza, a Empresa Corporação Musical “Giuseppe Verdi” também funcionou nesse prédio, sendo posteriormente vendido ao empresário sorocabano Jorge Caracante, que depois o vendeu a João de Almeida. Este último alugou o imóvel para a Sociedade Instrutiva e Recreativa Ideal – SIRI, ocorrendo em 1958 a venda de João de Almeida para a mesma sociedade.

O imóvel, em 1962, foi reformado para dar lugar ao novo prédio da Sociedade Instrutiva e Recreativa Ideal – SIRI, sendo a inauguração da nova sede realizada em 12/02/1963. Com o encerramento das atividades do Ideal, o salão foi cedido para a Sociedade São Vicente de Paulo. Hoje, nesse local, funciona uma casa de eventos denominada Ideal Lounge.

Grande número de espetáculos teatrais eram apresentados na década de 1930

Eram apresentadas frequentemente peças teatrais por diversos grupos da cidade e outras. Grupos como Grêmio Dramático “Filhos de Thalma” e “Grupo Dramático Rui Barbosa”, apresentavam-se sempre, levando à cena dramas e comédias, muitas vezes em espetáculos beneficentes.

– Em data de 16/04/1931, o “Grupo Dramático Filhos de Thalma” apresentou duas peças teatrais, denominadas “O último adeus” em um ato e “A caipirinha”, peça em três atos, espetáculo este organizado por Antonio Boarini.

– Em 14/05/1931, o “Grupo Dramático Rui Barbosa” apresentou o drama “Os milagres de N. S. da Luz” em três grandes atos.

– Em 24/05/1931, o jornal “O Povo” anunciava que no dia 04/06/1931, o Grupo Dramático “Filhos de Thalma” deveria apresentar um grande espetáculo.

– Em 18/06/1931, um grande festival foi apresentado em benefício das obras da nova Matriz, onde foram apresentadas

duas peças, intituladas “O Filho Natural” e “Por causa duma clarineta” apresentadas pelo “Grupo Rui Barbosa”.

– Em 11/07/1931, foi apresentado um espetáculo pelos “Filhos de Thalma” com “Os filhos da canalha” e um ato de “Variedades”.

– Em 11/10/1931, em benefício do Grêmio Rui Barbosa, foi apresentada a comédia em três atos “Mosquitos por cordas” e o esquete “O carregador”.

– Em 26/06/1932, um grupo de atores apresentava o espetáculo chamado “Cururu” que acabou virando um sururu. Os atores foram vaiados devido a não terem agradado o público presente.

– Em 15/05/1932, o Grêmio Rui Barbosa apresentou a peça em três atos, intitulada “Rifa da Sogra” e um show de variedades.

– Em 16/08/1932, realizou-se um espetáculo apresentado pelo Grêmio D. Rui Barbosa, em prol dos soldados constitucionistas, encenando uma comédia “Mosquito por cordas” e um ato avariado.



Um espetáculo teatral apresentado no Cine Teatro Verdi, na década de 1930

Festival Dançante – Além dos espetáculos teatrais, aconteciam também outros eventos, como um Festival Dançante, que ocorreu na véspera do Natal de 1934, no Cine São Bento, conforme noticiou “O Povo”. No início do ano seguinte, na edição de 6 de janeiro de 1935 o jornal comentava o Festival, classificando-o como “bom espetáculo. Eis a nota:

“No dia de Natal, o ‘São Bento’ proporcionou bom espetáculo aos amantes da difícil arte de Thalma. O ator Pereira de Souza, coadjuvado pelo Grêmio local, levou muito bem ‘O Segredo de um médico’. Salientaram-se o beneficiado e Guerino Lui, no drama e a galante Naná Braga, no ato variado, fazendo jus aos merecidos aplausos”.

Noite de Arte – Também no Cine São Bento, que era local da apresentação de festivais, espetáculos teatrais e outros, além das exibições cinematográficas, aconteceu uma Noite de Arte, assim divulgada pelo “O Povo” de 27/09/1936:

“Viany, o consagrado artista, deu no ‘São Bento’, o seu anunciado Espetáculo de Arte, auxiliado pelos batutas Garcia, Pietrini e Pozzato e pelos esforçados amadores Adelino Garcia, Rodolpho Nardelli e Rosália Mendes. Dizer o que foi essa noitada é supérfluo, pois as palmas da numerosa assistência foram o atestado vivo de quanto ela agradou. Viany e o ‘seu Juquinho’ foram o ‘great attraction’, revelando-se Viany o artista consumado no gênero, aplaudido em todas as plateias. O desenho de Nossa Senhora do Monte Serrat correspondeu bem à expectativa. Foi, enfim, uma noite de verdadeira arte”.

“Alvorada do amor” trouxe o cinema falado a Salto em 1931

O cinema falado ainda não tinha chegado em Salto, mas como havia a curiosidade de saber como era a novidade, uma caravana de saltenses se dirigiu até a cidade de Tietê, conforme foi publicado na imprensa local em 31/05/1931. É que a Empresa Lopes & Mazza desejava introduzir essa novidade no seu cinema em Salto (São Bento), mas o desfecho da viagem não foi muito favorável: os apreciadores de cinema que foram até Tietê opinaram desfavoravelmente sobre a novidade, o que provocou retardamento na instalação do aparelho sincronizado nos cinemas saltenses. Demorou uns três meses até que, na edição de 09/08/1931 do jornal “O Povo”, a Empresa Lopes & Mazza informava que iria dotar seu cinema com a aparelhagem que propiciava o som nos filmes exibidos, o que era novidade.



Primeiro filme do cinema falado exibido em Salto foi “Alvorada do amor”

“Suspirado dia” – A exibição do filme falado merecia este comentário em “O Povo”, em 20 de setembro de 1931: “Finalmente chegou o grande dia, o suspirado dia em que Salto dá mais um passo na senda do progresso. Dia 26, estreia dos melhores aparelhos de som – o verdadeiro cinema falado e sonoro, com os melhores filmes do Mundo. Para a estreia foi escolhida a super fita da Paramount ‘A Alvorada do Amor’, em 12 partes, com Maurice Chevalier e Janette Mac Donald – Um colosso – O melhor reclame é ir assisti-lo”.

Dr. Zigomar comenta – O colaborador de “O Povo”, Dr. Zigomar, também comentava a primeira exibição do cinema falado, dizendo que a Empresa Lopes & Mazza iria dotar a cidade com mais esta conquista do moderno engenho humano. “Qual o que... Salto está mesmo supimpa”, dizia e acrescentava: “Ele (o cinema falado) aí vem para o progresso de Salto, gaudio de muitos e satisfação geral”.

O mesmo colaborador, Dr. Zigomar, foi assistir ao cinema falado e disse que gostou: “Não é a última palavra de perfeição, porque está ainda por nascer quem invente um aparelho ‘comme il faut’, mas dentre os melhores do gênero, pode ele ser classificado. O Vitaphone é possante e todos seus pertences e acessórios são de ótima qualidade. A fita de estreia ‘Alvorada de Amor’, agradou bastante, mesmo ‘pour cause’ da ‘pimentinha...”. Ele aproveitava para anunciar que, “para favorecer a

classe operária, vão ser feitas carteiras com direito a quatro espetáculos, ao preço de 1\$000 ‘per capita’, sendo a garotada beneficiada com carteiras a 1\$500 pelos quatro espetáculos. As entradas nesse dia vendidas avulsamente custarão 1\$500, de modo que quem comprar a carteira gozará de boa diferença e como esta não é nominal poderá o adquirente vender as entradas dela constantes, uma vez não desejando mais dela se servir”. Voltando a falar da estreia, considerou que “o que mais agradou no Cine São Bento, foi o ‘aplomb’ com que se apresentou. Só as cadeiras deram um tom de cinema chic... Sem falar no mais que foi ali remoçado. Eu até nem conheci o São Bento com sua nova ‘encadernação”.

“Bravura” – Num outro comentário, o articulista dizia que a fita de estreia seria a produção da Paramount, “A Alvorada do Amor”, com Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald, “dividida em 12 volumosas partes”. Acrescentava que “os aparelhos adquiridos para tal são os melhores possíveis, de tal forma que a nossa plateia vai ver, ouvir e sentir, pela primeira vez em nossa cidade, no Cine São Bento, o legítimo desenrolar do progresso cinematográfico, através do moderno, que é o verdadeiro”. Parabenizava a empresa Lopes & Mazza “pela bravura de tal empreendimento, que coloca Salto em reflexos de glória e ao dr. Gustavo R. de Mendonça, a quem se deve a vitória de tal progresso”.

Como foi a estreia – No dia 27 de setembro de 1931, o mesmo jornal publicava: “Como noticiamos, inaugurou-se ontem o cinema falado. O São Bento passou por algumas reformas, melhorando o seu aspecto geral e o seu mobiliário. Foi adquirido um possante Vitafone e acessórios, tendo o espetáculo de ontem agradado imensamente. Para hoje será levado, novamente, atendendo a diversos pedidos, ‘A Alvorada do Amor’, em matinê e soirée, o extraordinário filme que dispensa qualquer reclame. Parabéns a Salto por essa inovação e votos de franca prosperidade à digna Empresa Lopes & Mazza que não mediu esforços para tal melhoramento”.

Em “A Palavra” – Num outro jornal da cidade, “A Palavra”, em 4 de outubro de 1931, a estreia do cinema falado era também comentada: “Como estava anunciado, inaugurou-se

em 26 do corrente, o cine falado, cuja estreia coube à ‘Alvorada do Amor’, uma película cheia de emoções e de rica montagem. Pela feição da plateia, observamos que a curiosidade era bem arejada e o ar de agrado entrava e saía quando queria... Enfim, pela transformação por que passou o Cine São Bento, a nossa opinião é que, os Srs. Lopes e Mazza, dadas as impossibilidades do lugar, não podiam fazer cousa melhor”.

O dr. Mário Dotta lembrava como eram as sessões de cinema de antigamente

Utilizando o pseudônimo “João de Franckfort”, o dr. Mário Dotta, advogado e colaborador dos jornais locais lembrava a existência do Cine São Bento, em artigo publicado em 29/01/83, no jornal “Taperá”:

Ele lembrava que “nossa geração não conheceu o supérfluo. Convivíamos com o essencial, nem por isso nos considerávamos infelizes. Só poucos, muito poucos, tinham geladeira; automóvel contava-se nos dedos da mão. O único divertimento popular era o cinema, cujo ingresso custava dois tostões. Assim mesmo, só uma pequena camada social podia se dar ao luxo de frequentá-lo uma vez por semana. Uma concorrência desenfreada entre os proprietários do Cine São Bento e do ‘Rui Barbosa’ acabou propiciando a distribuição de senhas nas sessões de sábado e domingo para espetáculos gratuitos na semana. Mesmo assim, nem todos frequentavam os cinemas. Não havia dinheiro, mesmo os disputados tostões. Por isso, os mais ativos entre os garotos de meu tempo, sem intervir usavam de expedientes audaciosos para assistirem às sessões do Cine São Bento, instalado no velho casarão Arzilia Silva, família antiga e abonada da cidade, localizado à rua Dr. Barros Jr. Os mais pacatos carregavam cartazes de propaganda dos filmes da semana, colocando-os nas esquinas bem visível do público, e assim faziam jus à entrada gratuita. Outros, ao contrário, se aventuravam à operação arriscada de ‘varar’ o portão, ou seja, ludibriar a vigilância dos empresários, pulando o muro fronteiro e se esgueirando sorratamente pelo vasto quintal lateral à sala de espetáculos, no escuro, para adentrar pelas frinchas quando se apagavam as luzes para início do espetáculo.

Esta manobra era tarefa das mais audazes. Entrar nos salões de espetáculos, primeiro vencendo a barreira dos altos muros fronteiriços e, depois, a vigilância do porteiro que, de antemão, conhecia a manha dos ‘penetras’, era empresa que exigia coragem pessoal e dotes atléticos excepcionais”.

Ele cita um fato que aconteceu certa feita, quando surgiu na tela um trole tirado por um cavalo marchando compassado: “Um gaiato do ‘poleiro’ iniciou a cantarolar a canção do momento: ‘Lá vai o meu trolinho, vai rodando de mansinho, pela estrada, além’ – “Vai levando pro seu ninho, meu amor e meu carinho, que não troco por ninguém’... Daí a instantes, toda plateia passou a cantar o estribilho e, em pouco tempo, a impressão era de que, ao invés de um filme, ali nos achávamos ouvindo um enorme e eufônico coral... Entre os assobios e desordem, um burburinho ameaçador e inusitado: ‘Acendam as luzes!’, gritava o dono. ‘Polícia!, Polícia!’. O filme interrompido bruscamente, os policiais vasculhando a sala atônita à procura dos culpados, sob um silêncio tumular. Após alguns minutos, nervosos da busca inútil, entre a cínica matula dos cantores, subitamente emudecidos, as luzes de novo se apagaram aos gritos de ‘Apaga!, Apaga!’ e o espetáculo recomeçava”.

O dr. Mário termina dizendo que “O cinema, a esse tempo, era um espetáculo fascinante. Na tela os atores desfilando no celuloide e nas câmaras de projeção; na plateia, os biltres provocando um show à parte, muitas vezes mais interessantes que o das telas”.



Dr. Mário Dotta relembrou a existência do Cine São Bento

A bagunça nos cinemas da cidade já existia em 1935

Já em 1935, o jornalista Xisto, do jornal “O Povo” reclamava de atitudes pouco comuns na época, onde a criançada já demonstrava a pouca educação em público. Eram gritos, assobios, além de outras demonstrações “ruidosas” e pouco educadas, perturbando as sessões do cinema. Os beijos dos artistas na tela eram comemorados pela gurizada, sendo que muitos jovens aproveitavam para imitar os artistas na plateia.

O jornal “O Povo” publicou o seguinte noticiário a respeito:

Pratos Leves (Xisto) – “Fui assistir à sessão cinematográfica no Verdi, no domingo transato. Fiquei com o meu aparelho auditivo em petição de miséria. A criançada se manifestava de um modo que depunha bastante contra seus foros de educação. Gritos, assobios, ‘patadas’ e outras demonstrações ruidosas e muito pouco educadas. Não digo que se assista a um filme cômico com a unção de quem está acompanhando defunto. Mas acredito que a jovialidade não seja sinônimo de mal criação. Perto de mim estava um garoto que não sabia de que modo pudesse externar sua má educação. Excedia-se em gestos, expressões e ruídos impróprios do lugar e da sociedade. Caí na asneira de lembrar ao garoto a inconveniência do seu procedimento e ele me mimoseou com uma palavra que não era propriamente do ‘flos sanctorum’. Ouvimos dizer que vão ser tomados os nomes dos meninos, mais ‘espirituosos’, afim de serem chamados à ordem os seus pais por intermédio da Delegacia. Não seria mau, mas não seria eficiente, mesmo porque muitos deles parece que nem têm pais para lhes ensinar a devida educação”.

Além das exposições de filmes eram promovidos outros eventos

Os locais onde eram exibidos filmes poderiam ser chamados adequadamente de “casas de espetáculo”, pois também promoviam outros eventos, como se pode constatar nas publicações feitas em jornais locais. O jornal “O Povo”, de 10/03/1935, por exemplo, anunciava que na quinta-feira no Cine Theatro Giuseppe Verdi, às 20h, estrearia o célebre filme “Achimista de Satan”, na primeira parte e que, na segunda parte seria exibido

um ótimo filme e haveria a estreia do celebre Mantovani, “o ilusionista mais rápido e alegre que aqui tem se apresentado”. Era registrado que Mantovani visitara o jornal e mostrou um álbum completo de cartas, fotografias, programas, etc., das localidades que vem trabalhando.

Na edição seguinte, “O Povo” comentava o espetáculo realizado e dizia que o mesmo tinha sido “muito concorrido” e que “os trabalhos apresentados agradaram imensamente a plateia, arrancando da mesma frenéticos aplausos”. Acrescentava que Mantovani fizera ainda trabalhos de quiromancia, lendo as mãos dos espectadores “como se fosse um livro aberto” e que estava hospedado no Hotel Saturno, onde permanecia à disposição dos interessados.

Cine Th. S. Bento
EMPRESA MAZZA & LUI - SALTO
 HOJE | sábado 20 de Dezembro de 1937 | HOJE

Às 9 horas em ponto

A corporação scenica do Gremio Dramatico Bandeirantes de Indaikatuba, sob a direcção dos snrs. Guerino Lui e João Bernardo, realizará um grande festival em beneficio da Matriz de Salto, com a representação da bellissima e formidavel peça do genial auctor patricio Paulo de Magalhães que a dividiu em 3 grandiosos actos com o suggestivo titulo:

O Interventor

Personagens por ordem de apresentação

<small>Tenente</small>	<small>Escritão</small>	<small>Senhor</small>
<small>Luis</small>	<small>Luis</small>	<small>Giuseppe Carlo</small>
<small>Felipe Flores</small>	<small>Anna</small>	<small>Giuseppe Carlo</small>
<small>Genesio de Viçente</small>	<small>Rosa</small>	<small>Maria Gomes</small>
<small>Agostinho Sposito</small>	<small>Orsola</small>	<small>X. R. (Luis)</small>
<small>Proctor</small>		

Ação Rio de Janeiro - Época actualizada

Esta grandiosa peça foi representada pela primeira vez em São Paulo em 1931, pela grande Companhia Proctor Pereira, alcançando extraordinario sucesso. A peça "O Interventor" está traduzida em diversas linguas, prova incontestavel de seu alto valor.

N. B. - **1 renda deste festival será destinada em beneficio da Nova Matriz.**

Preço 1\$500 e \$500

Abrilhantará o espectáculo a Orchestra Magalhães, sob a regencia do maestro José Marques de Oliveira.

Além de filmes eram apresentados outros eventos nos cinemas locais, como peças de teatro

Festival – Segundo ainda “O Povo”, de 30/05/1937, estava sendo organizado “por um grupo de distintas senhoritas”, um festival dramático a ser apresentado no Cine Verdi, com renda para o Colégio Sagrada Família. Constaria do programa “o lindo drama em três atos, de autoria da senhora Amélia Rodrigues que o intitulou ‘Abelha e a Borboleta’, sendo os principais papéis confiados às senhoritas Itália Manfredini, Jandyra Couto e Dolores Antunes da Silva, além de ótimos números para o ato variado, a cargo da senhora Marcolina de Almeida”.

Observação do autor – D. Marcolina de Almeida (Marcolina Vander Velden de Almeida), mais conhecida como Dona Zizinha, foi a querida e saudosa mãe de **Antonio Marcos** Almeida, um dos autores deste livro, que participou de inúmeros festivais na cidade, como pianista, principalmente os realizados pelo Coleginho das mães, na época Escola Paroquial Sagrada Família.

Espetáculo de Palco – “O Povo” de 24/11/1935 anunciava que o Cine Verdi iria apresentar no seu palco a comédia “Adio Giovenezza” (Adeus Mocidade), em três atos, apresentada pela Cia. Filodramática O.N.D., no dia 30 de novembro de 1935. Essa companhia, segundo a nota, “obteve um clamoroso sucesso com a sua estreia, tendo representado a peça em três atos de D. Nicodemi “La Nemica”.

Leitora reclamava ao ouvir manifestação da gurizada em cenas de beijo

No jornal “O Povo” de 3 de novembro de 1935, uma reclamação sobre a vibração da plateia, inclusive com cenas de beijos, era comentada pelo cronista Xisto:

“Abrimos esta seção com uma nota que vem em contraposição ao assunto visado: É apenas um parênteses para dar acolhida a uma carta que recebemos. Anônima, trescalando a essências caras, letra miudinha, denotando representante de Eva... Reclama a missivista sobre os filmes dos cinemas: ‘Uma verdadeira escola de sentimentalismo piegas’. Diz ela que não vai mais ao cinema porque fica nervosa ao ouvir os apartes da gurizada por ocasião dos ‘beijos’. De fato, tem havido um excesso de espírito por parte de frequentadores dos nossos salões. E não somente crianças... Perto da cadeira onde estava, eu vi um ‘taludinho’ a torcer, juntamente à ‘zinha’ que era o seu flerte. Não garanto se depois da sessão não tentaram reproduzir as lições ‘beijativas’ recebidas... A minha missivista lembrou que o soldado de serviço tomasse nota dos que mais se excediam e, no outro dia, o ‘cujo’ e o pai fossem intimados, para uma lição de ‘sociabilidade’. Isso é difícil mesmo, porque a policia não é e nem pode ser a palmatoria dos menos educados. Os pais é que deviam compenetrar-se dos seus deveres e ensinar aos filhos

como ser ‘gente’ em frente de gente. Infelizmente se vê, quando se trata de filmes impróprios para menores, os próprios pais conduzindo os filhos para as lições à Kay Francis. Ademais a gente já vê aí pelos lados da Ponte Pênsil e algures muita cena natural – edição ampliada – da que se passa na tela”.



Cenas de beijo, como essa, faziam a “gurizada” vibrar

Jornalista fazia uma análise sobre o comportamento do público

Sob o título “Cinema”, o jornalista Oswaldo de Souza Aguirre, grande colaborador dos jornais que existiam em Salto durante um longo período, fazia uma análise a respeito do que acontecia nas exhibições em “O Povo”, de 27/06/1937. Ele dizia que o cinema estava evoluindo, lembrando que antigamente se ia ao cinema e gozava com as fitas na tela, que apesar de “mudas”, “falavam eloquentemente, reproduzindo dramalhões de capa e espada, em que os atores como Francisca Bertini, Rouleaux e outros se exibiam em gestos e atitudes melodramáticas. “As ‘cômicas’ de Chico Boia – escrevia – eram a delícia da gurizada e os dramas de amor da Pathé ‘marca gallo’ faziam muita mocinha sonhar com a realidade do futuro”.

Prosseguia afirmando que “a atenção na tela tirava o tempo da gente prestar atenção no que se passava na plateia. Os assistentes se mostravam menos ‘irrequietos’. É verdade que, às vezes, quando a luz acendia de repente, algum assistente ‘distráido’, que ‘ouvia estrelas’ junto a alguma ‘zinha’ era

pilhado em flagrante. Assisti mesmo, certa ocasião, uma cena edificante: um parzinho alheio ao meio ambiente, parecia estar num ‘oásis’ – na tela uma fita da Nordisck, com aqueles beijos clássicos, tipo ‘ventosa’... De súbito, o casalzinho, por mal atavismo, sente-se contagiado pela cena da fita e a reproduz, aproveitando o escuro. Nisso, um defeito no aparelho e a projeção se interrompe. Foi a conta, o casalzinho espera nova escuridão e ‘cai no mangue’. Quando novamente a luz se acende, ‘cadê xentes’? O público que antegozava o prato da maledicência, ficou com ‘água na boca’. Mas hoje, os assistentes são mais civilizados e não fazem ‘dessas coisas feias e atentatórias do decoro público’”.



Jornalista Oswaldo de Souza Aguirre fazia comentários no jornal “O Povo”

Anúncios feitos nos cinemas eram também motivo de reclamação

Os anúncios que eram divulgados nos intervalos dos filmes também eram motivo de reclamação, conforme publicações nos jornais locais. Isso aconteceu, por exemplo conforme publicação do jornal “O Povo”, de 28/02/1937, na coluna “Miscellanea”, do professor João da Rua:

“Cines – É preciso que os Srs. empresários cinematográficos e anunciantes compreendam que a repetição dos mesmos anúncios, nos intervalos de cada filme, é demasiado ‘cacete’ e por demais fastidioso. Eu, por exemplo, que fui só algumas vezes aos cinemas daqui, já sei de cor e salteado onde posso

encontrar nesta cidade tudo o que neles vem sendo anunciado, não sei há quanto tempo. Ora, se para mim que fui apenas algumas vezes, esses anúncios já se tornaram uma nota dissonante, qual não será o efeito dessa xaropada para os antigos e assíduos ‘habitués’. Numa cidade pequena, os frequentadores dos cinemas são poucos e quase sempre os mesmos, sendo por isso mais do que suficiente que na tela, tais anúncios saiam durante uma semana, no máximo duas. O que for além desse tempo, é demais. O novo, o inédito, é o que todos vão procurar nessas casas de diversões, mas, ao invés disso, se encontram as mesmas e impertinentes velharias”.

Antonio Marcos explica que esses anúncios eram confeccionados em lâminas de vidro e fixados em um quadro de metal e, após, inseridos na frente da objetiva do projetor e projetados na tela. **Antonio Marcos** relata que em sua casa havia várias dessas lâminas e chapas usadas para publicidade, mas não sabe se quando seu pai adquiriu o Cine Rui Barbosa esse tipo de publicidade ainda era usado. Quando criança, ele diz ter brincado muito com essas chapinhas.

Cinemas colaboravam realizando sessões beneficentes

Principalmente nos primeiros 20 ou 30 anos de funcionamento dos cinemas da cidade, eles colaboravam com a Festa da Padroeira, com entidades, escolas, etc. “O Povo” de 20/06/1937, por exemplo, anuncia um Festival Beneficente, organizado pela Pia União das Filhas de Maria, em benefício do Colégio Sagrada Família (Coleginho). As mães contaram com a colaboração dos alunos, que apresentaram diversos números, sendo citado ainda a participação da senhora Zezinha de Almeida, esposa de João de Almeida, que executou ao piano trechos da serenata de Schubert.

Também foi apresentado o drama “Borboleta e Abelha”, com direção de Antonio Fonseca.

Outras publicações sobre espetáculos beneficentes:

“Um grande baile de beneficência foi realizado no dia 14/11/1931, nas dependências do Cine São Bento, gentilmente cedido pela Empresa Lopes e Mazza, em benefício da Árvore de Natal da Criança Pobre”.

Em 06 de janeiro de 1935, “O Povo” divulgava um espetáculo beneficente, a ser realizado pelo Grupo Dramático Rui Barbosa em prol do Altar de Nossa Senhora da Conceição, encenando a comédia “Feitiço”, em 10/01/1936.

Um outro foi apresentado pelo Grupo Dramático Bandeirantes, da cidade de Indaiatuba, no dia 26/12/1936, no palco do São Bento, com a peça intitulada “O Interventor”, em três atos, em benefício da construção da Nova Matriz de Salto.

Em 26/05/1935 “O Povo” informava que “Realizou-se ontem, no Cine São Bento, um lindo festival beneficente, em benefício de dois irmãos que se acham em tratamento”.

Festival Beneficente – Um outro espetáculo aconteceria no Cine Theatro Verdi no dia 10/10/1935, patrocinado pela Banda Giuseppe Verdi, com um ato variado em que tomaria parte “o formidável ventríloquo e desenhista Sr. Viany, o extraordinário grupo regionalista do Sr. Pozzato e ainda um grupo de meninas de nossa cidade. Terminado o ato variado terá início um grande baile que promete revestir-se de excepcional movimento”. Na edição seguinte o espetáculo era comentado, no qual dizia que o ventríloquo consumado Viany fez com que o Juquinha (um dos seus personagens) tivesse as honras da noite. “Viany – escrevia o jornal – viu, mais uma vez, consagrado o seu renome de artista, nos muitos aplausos da numerosa assistência”.

Concorrência desleal entre cinemas já existia em 1937

Já naquele tempo, a concorrência desleal existia. Não é somente nos tempos modernos que faziam sabotagem com os concorrentes. Um exemplo disso foi mostrado numa nota de “O Povo” de 18/07/1937:

“Parece incrível – Não há quem não reprovasse o sistema adoptado pelo distribuidor de cartazes de propaganda do Cine São Bento, na madrugada de domingo. Um pouco antes tinham os encarregados da distribuição dos programas do ‘Verdi’ colado alguns de seus pequenos cartazes em determinados pontos da cidade; logo depois, sobre esses mesmos cartazes, foram acintosamente colados os do ‘São Bento’, ficando dessa

forma inutilizados os do ‘Verdi’. É de justiça que o autor desse atrevimento seja convenientemente advertido, a fim de evitar a reprodução de semelhante ato e evitar também, dessa forma, que tenhamos de registrar coisas assim entristecedoras e que constituem verdadeira negação à reputação que gozamos, como família ordeira. Processos dessa natureza, venham eles de onde vier, merecem a nossa repulsa”.

Os eternos “engraçadinhos” continuavam agindo durante as sessões

Num comentário do “Urso Branco”, na edição de 12/09/39, de “O Povo”, se referia aos eternos “engraçadinhos” que eram figuras sempre presentes nas seções cinematográficas:

“No cinema alguns ‘sabidões’ leem em voz alta, parecendo que estão fazendo uma ‘pregação’, tornando-se tal leitura destoante com o silêncio que deve reinar durante a filmagem. O pior é que, enquanto a leitura é de um B com A, beabá, tudo vai bem, mas quando topa numa palavra ‘inglesa’, virge, Nossa Senhora! Ninguém suporta o nó que fica na garganta, do ‘suplicante’ que está lendo. É melhor ler silenciosamente, como eu, amigo...”

Dias atrás exibiu-se no Cine São Bento um belo filme, intitulado ‘Setimo Céu’. Gostei do Chico, ‘homem notável’, como ele mesmo se dizia, e também admirei Diane, deixando um ambiente de desonra, pela dignidade de um lar de pobre, de simples lava-ruas. A vida é assim, mas ninguém quer compreender”.

Cine Rui Barbosa inaugurou microfone para o “mocinho metido”

Na coluna “Lobadas” de o Lobo da Noite, no jornal “O Correio de Salto”, era publicado em 31/03/1940 que um microfone tinha sido instalado no Cine Rui Barbosa. “Progresso Ok”, dizia o autor da notícia, que completava:

“Após a estreia desse microfone, surgiram os anúncios antes das sessões, comandadas pelo filho do Sr. Alexandre, que ‘incomodava’ os ouvintes, com sua voz maravilhosa, pronunciando corretamente os nomes dos artistas dos filmes a serem proximamente exibidos”.

O locutor era chamado de “mocinho metido” porque pronunciava os nomes dos artistas americanos com uma pronúncia impecável e os que frequentavam o cinema não aceitavam essa “metidagem”.



Jota Silvestre era o “mocinho metido” que usava o microfone do Cine Rui Barbosa

Juiz de Direito restringia a presença de menores nos cinemas

Em março de 1940, o juiz de menores da comarca, que tinha sede em Itu, baixou uma portaria regulamentando a presença de menores nos cinemas, durante a exibição dos filmes. O juiz dr. Henrique Pont Medeiros, determinou aos comissários de menores saltenses que permitissem a permanência nos cinemas até às 22h, de menores até 14 anos, embora acompanhados dos seus pais ou responsáveis. Estabelecia ainda que filmes censurados ou classificados pelos comissários com a única expressão “proibido” para menores até determinada idade, não poderiam em caso algum ser por eles assistido nem mesmo em companhia de seus pais e, se fossem também “impróprios”, isso deveria constar expressamente num cartaz afixado na bilheteria em local bem visível, além dos anúncios e tabuletas espalhadas pela cidade.

A não obediência dessas determinações seria punida com multa de Rs. 50\$000 a Rs. 200\$. nela incidindo os empresários, gerentes, bilheteiros e porteiros, além dos próprios pais ou responsáveis.

“Parzinho” copiava a cena de beijo na tela

Publicação em 8 de dezembro de 1940, também no jornal “O Povo” sobre o comportamento do público nos cinemas (não foi citado qual):

“Numa das sessões da semana finda, os ‘habitués’ do cinema estavam assistindo a uma deliciosa película, quando um ruído característico se fez ouvir... Um ‘parzinho’ esquecido do meio ambiente, punha em prática o que na tela se passava: um sonoro beijo era na fita, o epílogo de uma cena de amor. Na cadeira o prólogo de uma cena de desrespeito à sociedade. Assim o entendeu o praça de serviço [*soldado*] que interrompeu a exibição ‘amantética’ e intimou os ‘cujos’ a um ‘sabonete’ com a autoridade, no dia seguinte. Esta fez ver ao parzinho que ‘aquilo’ era um rigoroso ‘of-side’ no joguinho do flerte... E isso é mesmo perigoso, como diz o poeta da rua (não sei quem seja o autor, desta sentença de peso: ‘O beijo é fósforo aceso, na palha seca do amor...’”.

Programação era sempre criticada pela imprensa local

A programação de filmes era também sempre criticada pela imprensa local, devido a sua ‘nacionalidade’. Se fosse exibido filme italiano, reclamava-se; se a procedência era mexicana, eram chamados “dramalhões”, principalmente os de Libertad Lamarque; os franceses eram sempre “filmes de sexo” e raramente eram de outro gênero, policial ou suspense. Foram raros os filmes franceses elogiados. Dentre estes, “Rififi” e “As diabólicas”. Em resumo: todo e qualquer tipo de filme, fosse da procedência que fosse, era sempre motivo de crítica. Só era bom o filme que o “crítico” considerava ou gostava.

Algumas dessas críticas: “O nosso único cinema ultimamente tem exibido somente filmes italianos. Por que será? É porque a população só gosta de tais filmes ou porque o Sr. empresário não encontra mais filmes americanos? Em todos os anúncios, nas paredes e nos cartazes do cine, só vemos o nome de Gino Becchi! Será que isso vai durar muito? Se for, paciência...” (Enéas, em “Um Giro Semanal” de “O Trabalhador”, em julho de 1950)

“Apesar de não ser frequentador assíduo de cinema, num sábado destes, quando fazia meu habitual ‘giro’, depois de muita insistência de um amigo... da onça, fui ao ‘Rui Barbosa’ assistir à exibição de um filme (‘Última Noite de Glória’). Não sei se por falta de hábito ou porque sofra realmente dos nervos mas o fato é que fiquei atordoado com a infernal algazarra da molecada nas filas da frente: palavrões, gritos, batidas de pé no soalho e, por que não, até brigas alarmando os presentes. Pudera, o guarda do cine é o popular Bastião... Quando este pretendia impor a ordem à gurizada, a algazarra crescia em virtude das vaias”. (Eneas em “Um Giro Semanal” de outubro de 1950)

“Por que será que, quase todos os domingos, existe uma fila de meio quilometro em frente ao Cine Rui Barbosa, para a compra de ingressos em nosso único cinema? Não podia o seu digno proprietário colocar duas bilheterias e abrir um pouquinho mais cedo, evitando dessa forma tamanhos sacrifícios dos habituais, para muitas vezes assistirem a uma fita tão boazinha como esta: ‘A professora se diverte?’” (Alar em “O Trabalhador” de outubro de 1949)

Empresa pagava para a imprensa local e ainda era criticada

A Empresa João de Almeida divulgava sua programação na imprensa local, numa época em que se dizia que aquele que anunciava estava colaborando com os órgãos de imprensa. Eram divulgados clichês dos filmes semanalmente, em espaço de destaque no rodapé da página do jornal para o filme do domingo. Isto ocorreu de 1949 a 1952, aproximadamente, no jornal “O Liberal”. A partir de 1952, a empresa deixou de efetuar a publicidade, uma vez que pagava pela publicação e era, semanalmente, criticada pelo jornal. “Pagar para fazer publicidade do filme numa das páginas e ser criticado em outra? Isso é justo?”, perguntava o proprietário do cinema.

“O mais interessante disso tudo – recorda **Antonio Marcos** – é que várias pessoas comentavam com o empresário que, em conversa com funcionários do jornal, estes disseram ‘estranhar o cancelamento da publicidade’, alegando ‘não saber o porquê dessa atitude’. As críticas, porém, continuaram até o

encerramento das atividades do jornal em 1964, com propaganda paga ou não.

Segundo **Antonio Marcos**, “a população quando lia as críticas publicadas dizia sempre: ‘hoje o cinema vai lotar, porque o jornal criticou o filme’. Era sinal de que o mesmo era bom, o que irritava ainda mais o ‘crítico’ ou ‘os críticos’ do jornal, vendo a grande afluência de público para assistir o ‘abacaxi’ que eles tanto criticaram. O próprio articulista dizia em alguns de seus comentários: ‘Hoje o cinema vai lotar’ e até mesmo o que vendia os exemplares nas ruas pronunciava frases sobre o cinema como propaganda para vender o jornal. O empresário, porém, ignorava tais críticas, pois estavam fazendo propaganda gratuita dos filmes exibidos no seu cinema, e além do mais, quando o filme a ser exibido era elogiado, por tratar-se de grande produção, ‘o cinema ficava às moscas’, isto é, pouquíssimos espectadores compareciam”.

Antonio Marcos lamenta ainda que “raríssimas vezes o jornal fazia um elogio sobre filmes exibidos e, quando o fazia, sempre achava algum motivo para ser criticado o cinema, o proprietário ou alguma outra coisa”.



Anúncios eram publicados no jornal “O Liberal”, suspensos depois das seguidas críticas

Proprietário era sempre vítima de críticas, justas ou não

O Sr. João de Almeida, proprietário do Cine Rui Barbosa, era muitas vezes criticado ora com razão e em outras vezes sem merecer. Em 30 de maio de 1954, um articulista de “O Liberal” (C.F.) dizia que “quando apresenta um filme nacional nos faz rir duplamente. Rimos à valer com as piadas e comicidades do Oscarito, Grande Otelo e outros impagáveis artistas. Ainda assim o

fazemos ao vermos o nervosismo do proprietário do cinema, trabalhando então como porteiro. O salão meia hora antes do filme, já está lotadíssimo e o povo continua entrando. As entradas são vendidas em números muito superiores aos lugares existentes no cinema. Quem não conseguiu um lugar, já vai reclamando, esbravejando; com razão, e quase sempre o dono da renomada casa de diversões não reconhece e também se exalta”.

Prossegue suas observações dizendo: “Gosto imensamente quando passa um desses filmes, ou outro, ‘meio afamado’, porque a pantomima começa na bilheteria ou na porta. Os estudantes com a calma e características que lhes são peculiares, compram meio ingresso e vão em frente. Se por ventura, não é advertido na bilheteria, na portaria não passará sem chumbo. O proprietário faz o eterno aviso: ‘Em filmes nacionais não haverá meia entrada’ ou ‘Este filme é preço único’. O estudante, vai entrando, mas sua caderneta é mais revista que pelo próprio pai, e nunca sem uma palavrinha de advertência”.

Dentre as críticas injustas, pode-se citar o que acontecia algumas vezes no “Rui Barbosa” quando algumas pessoas menos cultas ou com pouca escolaridade procurava o proprietário ou seu filho **Antonio Marcos** para pedir que o “letreiro” do filme (querendo se referir à legenda) fosse passado mais devagar, pois “não estava dando tempo para ler”. **Antonio Marcos** justifica: “Como poderíamos atender a pedidos como estes, se o letreiro vinha inserido no filme, acompanhando a fala dos atores? Se o filme vinha ‘cortado’ (com falhas de cenas), a legenda também vinha faltando ou passava mais depressa”. Completava explicando:

“A gravação do som vem inserida na cópia do filme e a parte é rodada no projetor com rotação correta e constante. Se essa rotação for alterada, a imagem fica mais lenta e o som fica deturpado (a voz fica mais grossa). Como convencer o reclamante? Se fôssemos explicar-lhe isso, o filme terminaria sem que fosse entendida a técnica”. Ele acrescenta que muitas vezes mostramos a essas pessoas “in loco” como era a projeção do filme e do letreiro, levando-as até a cabina de projeção, mostrando-lhes um pedaço de filme e como era a projeção, o som e o letreiro.

Delegado “Dr. Gravatinha” participava do policiamento

Na década de 1950, o delegado de Polícia, apelidado de “Dr. Gravatinha”, por usar sempre gravata borboleta, era o terror dos namorados e de pessoas que cometiam alguma infração, mesmo as de pouca importância. Ele frequentava o “Rui Barbosa” e pessoalmente exercia o policiamento durante as sessões, auxiliado por dois policiais militares, que compunham o efetivo da Polícia local e que impunham ordem no recinto, quando necessário.

Eles ficavam na sala de espera até o início da sessão e, durante a exibição, fiscalizavam os espectadores e, sempre que havia necessidade, tomavam as providências cabíveis, convidando os que não se portavam direito a se retirarem da sala de exibição. Conforme o caso, a empresa aplicava também uma punição ao infrator, suspendendo-o temporariamente de frequentar o cinema.

Entre os policiais que faziam esse policiamento, **Antonio Marcos** se lembra do Bueno (Benedito Bueno), Valini (Luiz Valini), “João Soldado” (João P. Rodrigues), Damasceno (José Damasceno), Durvalino, Aristides (Aristides da Silva), Valdomiro, Paulo (Paulo Marchesani), Bruno (Bruno Zanetti) e José, que geralmente eram os que mais compareciam ao cinema.

Com o passar do tempo, este policiamento passou a ser feito por apenas um policial e, posteriormente, esse policiamento deixou de existir. Se houvesse necessidade, era preciso solicitar a presença do policial na Delegacia de Polícia local.

Censura – Os programas semanais, contendo os nomes dos filmes, trailers e complementos a serem exibidos, com seus respectivos certificados da Censura Federal eram, semanalmente, apresentados à Delegacia de Polícia local para aprovação. Eram anexados os comprovantes de censura juntamente com os programas a serem aprovados pela autoridade policial da cidade (delegado). Isto ocorreu durante muito tempo, sendo depois abolido. A programação para exibição dos trailers dos filmes da semana era determinada pelo empresário ou o seu filho, pois era necessário verificar a sua censura. Se a censura do filme do dia era livre, somente poder-se-ia exibir trailers

de filmes livres; se até 4 anos, se até 14 anos ou até 18 anos, poder-se-ia exibir todos os trailers, além da obrigatoriedade da exibição dos jornais nacionais, que somente não eram exibidos quando o filme em cartaz era uma produção nacional.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

IDENTIFICAÇÃO: A-07398 GÊNERO: CINEMA CORES: 35-COLORIDO

TÍTULO: DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

AUTOR: DONA FLOR E SEUS DOIS MARIDOS

GRUNO BARRETO

CLASSIFICAÇÃO: 18 IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

DATAS: 12 DE OUTUBRO DE 1987
18 DE OUTUBRO DE 1982

CENAS DE SEUS DOIS MARIDOS

Assinatura: Douglas M. F. Fernandes

Antes do início da exibição dos filmes era apresentado o certificado da Censura Federal

“Engraçadinhos” faziam bagunça e perturbavam os demais frequentadores

A presença nos cinemas saltenses dos chamados “engraçadinhos” era algo que perturbava os demais frequentadores, que gostariam de assistir sem problemas aos filmes exibidos. Eles faziam parte do público que sempre comparecia aos cinemas, participando das sessões com a finalidade única de “aparecerem”, pois adoravam soltar suas piadinhas durante as sessões, especialmente quando a cena era triste. Isso, porém, não era novidade para a época, pois isto já ocorria desde há muito tempo, conforme encontramos notícias em jornais antigos. Ao invés de darem bom exemplo aos mais jovens, queriam se destacar em todos os lugares onde estivessem, principalmente no “escurinho do cinema”.

Vejam algumas das reclamações, objetos de noticiário nos jornais locais:

“O Liberal” de 25/09/1949: “Já é tempo do Sr. proprietário do Cine Rui Barbosa por termo às irregularidades que se notam todos os dias naquela casa de diversões. Inúmeras queixas

nos tem sido feitas e, nós mesmos, frequentadores assíduos do único cinema da cidade, temos notado a falta de consideração para com o público.

Em quase todas as sessões notam-se falhas inconcebíveis que fazem o mais calmo dos espectadores perder a paciência. É comum ficarmos minutos intermináveis a espera do início do filme e recebermos a notícia que o mesmo não veio e que será exibido outro.

Enumerar fatos desagradáveis registrados quotidianamente seria um nunca acabar. Um dia atrasa-se o início do filme porque o mesmo não chegou a tempo; outro, porque o operador resolveu tirar umas férias por conta própria; outro dia ainda, porque os 'abacaxis' (filmes), quando são exibidos nesta cidade já estão com várias cenas cortadas e muitas vezes durante a projeção é necessário fazerem-se as emendas.

Os empregados do referido cinema ganham a 'fabulosa' importância de oitenta ou cem cruzeiros mensais para trabalharem todas as noites. É natural, portanto, que trabalhem de acordo com o seu salário e não façam como seria justo uma revisão nas partes do filme antes do início da projeção.

Sábado ultimo, na sessão das 21h15, o operador inverteu as partes do filme e, quando notou o engano, por incrível que pareça, colocou-a com as imagens invertidas. E quando o povo protestou com vaias e assobios, lá estava um soldado exigindo ordem por parte do público. E por que, perguntamos nós, esse mesmo soldado não exige também mais respeito, mais consideração do senhor proprietário?

No dia em que este mesmo povo, cansado de ser ludibriado em sua boa fé, cansado de ser explorado, provocar distúrbios dentro daquela casa de diversão, haverá muitos dissabores que podem e devem ser evitados.

Quando, por motivo de força maior, não for possível a execução do programa, é dever do responsável pelo cinema avisar com antecedência os frequentadores; quando as máquinas de projeção não estiverem em perfeitas condições de funcionamento, é preferível adiar a sessão cinematográfica para evitar esses constantes aborrecimentos.

Se o senhor proprietário não está em condições de pagar

uma pessoa de capacidade para ser operador do cinema, seria melhor fechá-lo, fazendo assim um benefício à coletividade. Seria melhor deixar esse ramo de atividade para ser explorado por alguém que pense menos em dinheiro e mais no bem estar e na comodidade de seus amigos e fregueses.

N.B. – “As instalações sanitárias do Cine Rui Barbosa estão exigindo uma visita dos fiscais do Centro de Saúde”.

“O Liberal” de 02/10/1949 – “Rui Barbosa, se descesse à terra e aqui aportasse, voltaria no mais rápido meio de condução (não nos ônibus de Salto a Itu), assim procedendo se dispusesse a apreciar a exibição de um filme no ‘Cine Teatro’ que ostenta, no cimo de sua fachada, às vezes pouco iluminada, o seu nome luminoso e respeitado.

Esse foi o diálogo que ouvimos à saída do cinema, quando da exibição de ‘Chega de milhões’... de falhas.

Arguiam os habitués daquela casa de diversão, devido tão somente a umas tantas coisas que faltam para que a arte do celuloide em nossa cidade, apreciadíssima e comercialmente maravilhosa, adquira a preferência e prestígio que merece. É que, como se não bastasse alguns maus filmes, impingem-nos, ainda, como complemento, um mau, um péssimo serviço de projeção... Coisas de técnica, quiçá.

O aparelho é bom. Moderno, sabemos. Todavia, ao que nos parece, clamam tais anomalias por um operador hábil, que entenda do ‘riscado’, pondo assim um meio de cura àqueles achaques, para gáudio dos espectadores. Esse sintomas variam. Ora a projeção foge de foco. Ora os letreiros, como por encanto, desaparecem. Indignados os astros, os personagens da película, emudecem... Os espectadores exaltam. Batem os pés nervosamente, assobiam estridentemente, fazem assuada enfim. Coisa incrível, enervante. A fiscalização policial, como é natural e louvável (porque no cinema deve existir respeito, silêncio) intervém, chama a atenção dos ‘barulhentos’. Restabelece a calma e a coisa continua até o ‘FIM’... Somente o empresário que é responsável pelos incidentes não foi chamado a atenção.

Deveria o Sr. João de Almeida, fervoroso aficionado no ramo, como demonstra ser, localizar a causa desses desarranjos e corrigi-los, agradando, destarte, o seu numeroso e assíduo

público. Esperemos pelas providências, que destas colunas pedimos sejam tomadas”.

“O Trabalhador” de 21/08/1951 – “Todos nós temos a nossa distração predileta. Uns gostam de futebol, outros de bailes, outros ainda de passeios, e raríssimos hoje em dia, são os que não apreciam uma boa exibição cinematográfica.

Você, estimado leitor, se é um apreciador de bons filmes, já notou o quanto é aborrecido e irritante assistir a uma sessão cinematográfica e precisar aturar algumas pessoas que não sabem como se portar em público? Já observou a falta completa de educação de certos rapazes e moças que frequentam o único cinema da cidade?

São, em sua maioria, pessoas de famílias conceituadas e que, por ignorância, por falta de educação ou de atrativos pessoais, procuram por todos os meios chamar a atenção dos frequentadores do cinema sobre si e só o conseguem pelo modo como se comportam durante a exibição dos filmes. Falam alto, comentam atitudes deste ou daquele personagem; dão gargalhadas durante as cenas mais dramáticas; levantam-se e saem da sala para voltarem minutos após; viram de um lado, voltam-se para o outro, prejudicando visivelmente os espectadores que ali vão no intuito de distrair-se com o filme que está sendo exibido.

Temos por obrigação, os que julgamo-nos educados, de portarmos convenientemente em todos os lugares, principalmente onde há maior número de pessoas. Devemos ser notados e admirados pelo nosso bom comportamento, pelos nossos bons costumes e não pela falta desses princípios que enobrecem o homem.

Esperamos que essas pessoas saibam para o futuro portar-se melhor, evitando assim o aborrecimento de certos frequentadores do cinema, que reclamam mui justamente, contra a atitude desses elementos, no Cine Rui Barbosa”.

“O Trabalhador” de 26/08/1951” – “Uma das questões que maior número de reclamações tem suscitado, é a concernente aos cães vadios; dela, porém, não nos ocuparemos hoje, mas da que lhe segue em importância, se considerarmos a frequência das solicitações a respeito; trata-se da referente à algazarra reinante nos cinemas.

Contra essa anormalidade, que dia a dia se agrava, tem se batido a imprensa local. Entretanto, como dissemos, a coisa vai de mal a pior. Gritos, assobios, vaias, ‘grilinhos’ que encham até recipientes sem fundo, são pratos comuns nos cinemas; e, ainda, há coisas piores para completar os ‘menus’ extraordinários... Nem falemos da inovação introduzida há tempos, de se fumar durante os espetáculos. (Não concordamos com a justificação de que esse é ótimo sistema para afugentar o sono dos espectadores...)

Evidentemente, esse estado de coisas nos desmerece no conceito dos eventuais visitantes; não há dúvida, portanto, que é preciso por-lhe um paradeiro.

Arriscamos, pois, lembrar a certos marmanjos vezeiros em promover algazarra nas casas de diversões, que essa atitude é superlativamente ridícula; e não só ridícula como nociva e covarde: covarde porque se processa no anonimato favorecido pela escuridão.

E aproveitamos lembrar também que, aos recalcitrantes, uma vez descobertos (isto não seria difícil), devem ser aplicadas, quanto antes, por quem de direito, as preconizadas medidas drásticas”.

“O Liberal” de 17/02/1951 – “Não é a primeira vez que este semanário volta as suas atenções contra o proprietário do cinema local, em virtude das reclamações que temos recebido, e também não será a última.

Este povo bom, pacífico, que tem sofrido as maiores privações, ou melhor, provocações, vinha sofrendo calado até que estourou o clamor contra a antiga Auto Viação São Paulo, empresa essa que fazia a ligação Salto–Itu, e do resultado todos já sabem. Agora continuam as queixas contra o proprietário do Cine Rui Barbosa, pois aquele tem experimentado a paciência do povo em todos os sentidos. Aquela casa, aliás, a pior que já conhecemos, tem por norma fazer tudo para contrariar os frequentadores.

Quando não é uma parte trocada, é o filme que está em péssimo estado, além do barulho quase infernal. Porém o pior aconteceu quinta feira quando, faltando duas partes para o término, ascenderam-se as luzes. Os assistentes julgaram que talvez houvesse acontecido alguma coisa ao projetor e

esperaram pacientemente o reinício. Mas qual não foi a surpresa de todos quando um dos empregados abrindo as cortinas fez um gesto como dizendo que o filme havia acabado. E o público sempre conformado com as injustiças que sofre, retirou-se calado. Por aí vemos que mais uma vez o povo foi embrulhado em seus direitos.

Não faria o Sr. proprietário um gesto muito mais decente dando uma permanente para outro dia ou devolvendo o dinheiro? Porém nada disso foi feito. Agora perguntamos: é ou não é um caso de polícia?”

“O Liberal” de 19/04/1953 – “Quarta feira estive em nossa redação o jovem Heitor Conti, que nos declarou estar revoltado contra a conduta de certos indivíduos que comparecem aos espetáculos, quer nos cinemas, quer no circo, com o único objetivo de fazerem barulho e anarquia, prejudicando aqueles que realmente desejam assistir às funções. Esses abusos precisam ter um fim, pois só concorrem para rebaixar o conceito que temos de gente civilizada”.

“O Liberal” de 31/02/1954 – “É inútil batermos na mesma tecla, porque em nada adiantará falarmos seguidamente à respeito do Cine Rui Barbosa. Ninguém toma providências, há um descaso por parte das autoridades.

Somente o povo e ninguém mais, nem mesmo seu proprietário (?), sabe que as instalações sanitárias dessa casa de diversão estão em situação precária, sem falarmos da falta de higiene das mesmas, que exalam gases pútridos e tóxicos. Uma visita da Higiene bastaria para verificar que existem outras irregularidades pertencentes à mesma alçada.

Além de passar filmes já prescritos pela censura, como o nacional ‘É com esse que eu vou’, cuja data de extinção foi dezembro de 1953, ainda temos que aturar os cafajestes que fazem daquele cinema uma pocilga. Quem vai aos sábados e domingos na segunda sessão, fica horrorizado. Ali não existe respeito; a dignidade, os princípios de moral e civilidade são postos à margem e cedem lugar aos desajustes desses indivíduos sem escrúpulos e relaxados”.

“O Liberal” de 18/07/1954 – “Rui Barbosa, além de ser bem pouco conhecido como brasileiro ilustre, é ultrajado

constantemente, tendo seu nome numa casa onde se desrespeita tudo e a todos. Esses mesmos desavergonhados estão querendo implantar o gérmen do abuso e da desordem no Cine São Francisco, como aconteceu segunda-feira última enquanto se exibia o jornal futebolístico filmado aqui em Salto, durante o jogo do Ipiranga da Capital vs. Guarani Saltense.

Saibam esses ‘engraçadinhos’ que o ‘Cineminha da Igreja’ sempre foi um ambiente familiar e seleta, e não uma ‘espelunca’ como o Cine das Pulgas, digo ‘Rui Barbosa’. Urge que as providências sejam tomadas, os abusos e a civilidade melhor observada. Para isso, apelamos mais uma vez ao proprietário do ‘Rui Barbosa’, para que tome as medidas necessárias, exigindo respeito e ordem, porque aquilo está uma vergonha.

As reclamações se avultam e, se essas irregularidades não terminarem, gritaremos ainda e continuaremos a protestar à altos brados.

“O Liberal” de 16/11/1958 (Segunda Página) – “Podemos dizer sem medo de errar que muita gente pensa que a imprensa local tem verdadeira obsessão pelos nossos cinemas e, principalmente, pelo Cine Rui Barbosa. Aliás, a imprensa tem batido continuamente na mesma tecla apenas com o propósito de corrigir certas anomalias que se verificam e que depõem contra os nossos costumes de gente civilizada e ordeira, mas que sabe perfeitamente quais são os seus direitos.

Obsessão, irmão, deve ter o proprietário do cinema em foco contra nós, que nunca deixamos de lembrar-lhe que o seu cinema está pior do que certos comícios políticos, está pior, pior mesmo, do que o prédio de nossa redação, está pior do que o prédio do Grupo Escolar, está pior, enfim, do que a mudança de pobre.

Irmão, conosco dá-se aquilo que costuma dar àqueles que estão longe da família. Nostalgia é o negócio que se apossa de nós toda vez que vemos o prédio que tem o nome de Cine Rui Barbosa. Mas, irmão, não é somente essa casa de espetáculos que deve entrar na dança. O Cine Verdi entra, por que anda exibindo filmes de péssima categoria por preços fabulosos e o prédio não possui o desnível necessário para que os espectadores possam ver o filme com um certo conforto.

Dizem por aí que o proprietário do ‘Rui Barbosa’ não tem os ‘cabrais’ para concluir a reforma. Vamos acreditar que seja isso, irmão. Mas, também a conclusão já está mais demorada do que soluções de requerimentos de auxílio no IAPI.

Irmão, se a história é verdadeira, está, entretanto, bem contada. O caso é que o prédio está em péssimas condições de ‘saúde’, não oferece conforto algum, tem ‘moléculas vivas’ em tudo quanto é cadeira, exala um aroma característico e os filmes que exhibe são danados de ruins com algumas raríssimas exceções.

Como aqui neste Brasil a maioria das autoridades só funciona no dia do pagamento, o caboclo vai levando o cinema como Deus ajuda. Vamos ver até quando vai isso”.

“O Liberal” de 25/12/1959 – “Nossa cidade, ultimamente, apesar de não possuir cinemas que ofereçam conforto aos seus frequentadores, têm sido premiada com a exibição de bons filmes. Tanto o ‘Verdi’, o ‘Rui Barbosa’, como o ‘Najá’ têm oferecido aos espectadores bons programas. Domingo passado, por exemplo, o Cine Verdi exibiu uma boa película, ou seja, a dirigida e interpretada pelo espetacular Vittorio de Sica, intitulada ‘Ana de Brooklyn’.

Fomos à segunda sessão assistir ao filme. Mas, para a nossa infelicidade e de outros espectadores, tivemos mais uma vez a desagradável presença dos eternos ‘engraçadinhos’, aos quais temos combatido por intermédio das colunas deste jornal. E que fazem esses desequilibrados nas sessões cinematográficas? É fácil responder.

Os que vão ao cinema poderão endossar nossas palavras. Como são elementos ignorantes, semianalfabetos e metidos a ‘playboys’, querem fazer gracinhas rindo e proferindo frases muitas vezes até imorais. Na sessão de domingo aconteceu o mesmo.

Em certas cenas do filme, quando não existia a comicidade, os ‘palhacinhos’ faziam-se presentes na plateia e, de certa forma gratuita, pretendiam fazer-nos rir. E que fazem as autoridades para breçar o impulso cômico desses ‘playboys’ de fraldinha e topete iriçado?

Nada, absolutamente nada!

A tudo contemplam talvez até gozando interiormente o

fato. É preciso o quanto antes que os proprietários dos cinemas, bem como as autoridades tomem severas providências para acabar com essa molecagem. Que se façam retirar do salão os que importunam os frequentadores, aplicando-lhes depois as penas que a lei prevê.

Salto é uma cidade civilizada e não pode ter, num ambiente social, indivíduos de baixa espécie e de pouca ou nenhuma educação. Os que não têm capacidade sequer para compreender o enredo de uma película devem ficar em casa, onde irão rir muito mirando-se num espelho”.

Desfile de Bonecas Vivas foi uma promoção que fez sucesso

Em 17/01/1958, foi realizado o 1º Desfile de Bonecas Vivas, com a participação de meninas de 3 a 12 anos de idade, em benefício da Obra das Vocações Sacerdotais, contando com a apresentação de vários artistas da cidade e cidades vizinhas, sendo o prédio cedido graciosamente pelo seu proprietário. Segundo o jornal “O Liberal”, o festival original “despertou a atenção do público que ocorreu em bom número para presenciar o interessante desfile de crianças e jovens em trajes representativos de personalidades e passadas épocas. Diversos artistas locais e de outras cidades deram a sua contribuição ao festival, o que acabou por torná-lo um acontecimento de gala e sadio entretenimento”.

Depois deste primeiro concurso, seguiram-se outras fases, pois as candidatas após este primeiro desfile passaram a vender votos para a escolha da candidata vencedora, sendo publicados os resultados nas edições dos jornais locais, até a escolha da vencedora.

Entre os espetáculos, pode-se citar ainda o “Festival do Centenário da Fundação da Congregação das Filhas de São José”, realizado no dia 21/04/1950, com a apresentação de um drama e números variados interpretados por alunos da “Escola Paroquial Sagrada Família”, mais conhecido na cidade como “Coleginho”.

Cine Rui Barbosa

DIA 17 DE JANEIRO DE 1958 - Sexta-Feira - Às 20 hs.

Pela primeira vez nesta cidade, será promovido um desfile de **Bonecas vivas**, acompanhado de um espetacular **Show**.

A renda desse festival reverteter-se-á em benefício das Obras das Vocações Sacerdotais da Paróquia.

O programa está assim organizado:

PRIMEIRA PARTE
Desfile das bonecas menores.

SEGUNDA PARTE
Números de canto pela apreciada dupla L.O.; Conjunto Odeon, de Itu, e seus apreciadíssimos cantores; Archimedes Prandini, de Indaiatuba, e seus gosadíssimos bonecos; Ivonete Rigolin e sua harmônica.

TERCEIRA PARTE
Meacir Vitorino de Almeida e a sua bela voz; Fábio Ambiel, de Indaiatuba; Boneca de Pixo, por uma dupla; Dupla Garcia e mais Rita Garcia, interpretando lindas canções.

QUARTA PARTE
Desfile das bonecas vivas, maiores.

Ingressos: Numerados Cr\$ 20,00
Geral Cr\$ 10,00

Crianças ocupando lugares pagando ingressos.

Espectáculo das Bonecas Vivas foi anunciado na imprensa saltense

Internados – O Cine Rui Barbosa também foi cedido, por diversas vezes para apresentações teatrais e outras, em benefício dos internados no Sanatório de Pirapitingui, na vizinha Itu. Grande número de saltenses e de pessoas de cidades vizinhas internados eram beneficiados com a renda auferida com esses espetáculos, que aconteciam geralmente após a exibição cinematográfica.



Palco do Cine Rui Barbosa foi utilizado para a apresentações em favor dos internados em Pirapitingui

“Absolutamente Certo” foi exibido em “avant-première” em Salto

O filme “Absolutamente certo”, que contou com a participação de Anselmo Duarte como diretor e ator, graças à sua gentileza, foi exibido numa “avant-première” em Salto, no Cine Verdi. A exibição foi assim comentada pelo jornal “O Liberal” de 19 de janeiro de 1958:

“Por uma especial deferência do ‘astro’ conterrâneo Anselmo Duarte, quinta-feira última, em duas sessões, no Cine Verdi, foi exibido o filme ‘Absolutamente Certo !’, em sua primeira apresentação no interior paulista. Mesmo sem consideramos o aspecto beneficente da exibição – outra gentileza de Anselmo – o filme despertou o interesse popular de tal forma, que acreditamos, jamais houve em Salto afluência de público tão enorme como nessa ocasião.

Na verdade, incentivado pela crítica paulistana, pela presença de Anselmo Duarte e pelo caráter beneficente ao Asilo ‘Frederico Ozanan’, o público saltense superlotou duas sessões, sem se importar com a chuva e todas as outras dificuldades. E, acreditamos, ninguém se arrependeu. Como afirmou o próprio Anselmo (diretor e astro), o filme não tem pretensão a superprodução e nem mesmo de ser ‘a maior película brasileira’, porém é agradável, divertida, humana, bem interpretada e dirigida sob novos padrões pelo nosso conterrâneo.

‘Absolutamente Certo!’ foge aos sistemas rotineiros da produção nacional, o que já é de grande importância. Sem carnaval e nomes radiofônicos famosos como atrativo, o filme não obstante tem excelentes números musicais, bem encaixados na história. Com um elenco bem escolhido e consequente segura interpretação geral, com uma história original e bem tratada, ‘Absolutamente Certo !’ é realmente um bom filme e está fadado a um sucesso sem precedentes em todo Brasil.

Anselmo Duarte está de parabéns e merece nossa gratidão pela delicadeza em dar a Salto a honra de ser a primeira cidade interiorana a assistir seu primeiro filme como diretor e ator”.



Publicidade e cena de “Absolutamente Certo”, de Anselmo Duarte

Anselmo homenageado – Após a apresentação do filme “Absolutamente Certo !”, o nosso conterrâneo diretor-ator da película recebeu uma merecida homenagem da Diretoria da Sociedade Italiana, em uma reunião íntima das mais cordiais. Durante o “drink” oferecido ao “astro”, conversou-se sobre cinema, a cidade e seu povo. O Sr. Leone Camerra, presidente da Sociedade, em belíssimo improviso, saudou e exaltou as qualidades artísticas de Anselmo e a oportunidade que nos acabava de oferecer, dando-nos a primeira apresentação de seu filme, homenageando assim a terra que lhe serviu de berço.

Outro comentário – O autor da coluna “Segunda Página” de “O Liberal”, que assinava A. Lincoln, também comentou a exibição de “Absolutamente Certo!”, na edição de 02/02/1958):

“O maior ‘astro’ do cinema brasileiro, Anselmo Duarte, fez exhibir na tela do Cine Verdi, o filme que teve sua direção, ‘Absolutamente Certo!’, cuja renda foi destinada ao Asilo ‘Frederico Ozanan’. Irmão, ao executar Anselmo Duarte esse gesto nobre, duas coisas aconteceram para todos nós saltenses. Primeiramente, a certeza (absolutamente certa) de que a fama não tirou do seu coração o ideal de Ser Saltense. Em segundo lugar, a prova de que ele mesmo vivendo da arte de representar, vivendo num mundo quase de sonho, não se esquece de que é terreno e, ainda mais, não se esquece daqueles pobres velhinhos que aguardam a chegada do ponto final de suas vidas, não de todo esquecidos porque há os que olham por eles diariamente e há os que, como Anselmo Duarte, dão o fruto daquilo que de melhor possuem para que os seus últimos dias sejam minorados.

Sentimo-nos felizes em registrar esse gesto de solidariedade humana, praticado por um saltense que orgulha e leva ao conhecimento de todos o bom e sempre leal nome de Salto. O que fez Anselmo Duarte no dia 16 último, deve servir de exemplo àqueles que se dizem caridosos mas que, realmente, não passam de rufiões, de mercadores da infelicidade alheia. Que o dia 16 de janeiro fique gravado na memória desses rascunhadores, desses rafaeis às avessas da caridade, desses que, no quadro da solidariedade humana, não passam de jogadores medíocres e, à falta de melhor técnica, substituem-na por botinadas.

Que no cérebro desses infelizes, quando forem cobrar os juros da esmola, haja um lampejo de luz e vejam o que Deus disse: – Que o que a tua mão esquerda fizer, que a direita não saiba nunca”.

Filmes imorais e violentos eram exibidos nos cinemas locais para crianças

Em “O Liberal” de 15/03/1959, era denunciada a exibição de filmes impróprios para crianças, nos cinemas da cidade:

“E as crianças saltenses continuam a assistir, à noite e nas matinês, filmes imorais, violentos e impróprios, sem que ninguém dê pela coisa. Que acham os exibidores de tudo isso? Porque não exhibir-se um em que constassem desenhos, comentários, comédias, etc.? A censura para os nossos cinemas não

existe. Pagando, qualquer um entra, tenha idade ou não tenha. Pois até crianças de colo frequentam as sessões! Vamos dar um jeito nisso, ou não? Há duas semanas o Cine Verdi apresentou o filme ‘A filha de Mata-Hari’. A película foi exibida num sábado, dia em que muitas crianças vão ao cinema. Cenas reservadas a um público adulto foram vistas pela garotada naquele filme, que deveria ser proibido, pelo menos até 14 anos”.



*Críticas à exibição do filme “A Filha de Mata Hari”,
que teria sido assistido pelas crianças*

Apesar de medida, ainda se ouvia berreiros de crianças

Primeiro o jornal “O Liberal” de 12/04/1959 elogiava o Cine Verdi por tomar acertada medida, proibindo, nas “soirées” (sessões noturnas) a entrada de crianças menores de cinco anos.

“Por lei, nenhum cinema deve deixar crianças menores de cinco anos entrar. No entanto, os dois cinemas locais nunca seguiram tal lei e via-se então berreiros de crianças de colo, nas sessões noturnas. O ‘Rui Barbosa’ também deve seguir os passos do ‘Verdi’, pois as crianças menores além de atrapalhar os demais espectadores podem presenciar cenas, em alguns filmes ‘livres’, que poderão influir em sua formação moral. Aplausos ao Verdi”.

Na edição seguinte, porém, “O Liberal” retificava a notícia que dera:

“Numa nota que demos, no número passado, dissemos que o ‘Verdi’ havia proibido a entrada de menores de cinco anos, nas ‘soirées’. Nada disso, porém, está acontecendo. Os berreiros de crianças em cinemas continuam e a lei (ora, a lei) foi

relegada a segundo plano (em primeiro está uma coisa muito importante, que o vulgo chama de ‘gaita’).

“Coquetel de Notícias” de “O Liberal” focava nos cinemas locais

A coluna “Coquetel de Notícias”, de Edmur Ignácio Sala, publicava em “O Liberal” várias notícias durante o ano de 1959, com comentários sobre nossos cinemas:

2ª Categoria – “E os nossos cinemas continuam exibindo filmes de segunda categoria, e dando o mínimo de conforto aos seus frequentadores. Será que o público saltense não merece maior consideração?”.

Cinemas fecham – “Anunciam que grandes cinemas paulistanos estão em vias de serem fechados, em virtude de irregularidades. Se o Mônaco, Jussara e Boulevard e outros luxuosos e confortáveis, não oferecem a segurança de vida, o que dirão as autoridades ao verem os nossos cinemas? Faz-se necessária, o quanto antes, uma normalização em nossas casas exibidoras. O público está cansado de assistir a filmes de má qualidade, sentados em poltronas desconfortáveis e sentindo odores estranhos. Vamos mudar ou não?”.

Forte calor – “Gostamos do filme ‘A Família Trapp’, grande exemplo de dedicação feminina, história verídica da grande baronesa Trapp. Não gostamos do ‘ar condicionado’ da sala exibidora. Quem aguenta assistir a um filme com aquele calor? Isso é contra a todas as medidas sanitárias. Faz-se necessário tomar uma providência contra as irregularidades dos nossos cinemas. Quem não puder dar conforto aos espectadores que cerre suas portas. Vamos ou não solucionar essa situação?”.

Outra vez? – “Tivemos novamente o ‘Absolutamente Certo!’, do nosso conterrâneo Anselmo Duarte. Não seria melhor ter esperado passar mais o tempo para uma nova exibição dessa película? Muita gente ainda não esqueceu as quatro exibições do citado filme. Outra irregularidade em nossos cinemas: menores assistem filmes impróprios, sem que as autoridades competentes tomem uma providência. Que despertará, na mente infantil, fitas obscenas e violentas? Que respondam os responsáveis”.



Filme “A Família Trapp” foi elogiada na coluna do jornal “O Liberal”

Como era frequentar os cinemas locais em 1959

Em sua coluna “Falando de Cinema”, Espectador X comenta como era frequentar os cinemas locais no ano de 1959 (“O Liberal” de 08/03/1959):

“Apesar do alto preço dos ingressos e do mínimo conforto que oferecem as casas exibidoras, em sua maioria, o cinema é no Brasil, como em todo o mundo, uma das diversões preferidas. Salto não foge à regra. Temos dois cinemas (o São Francisco cerrou suas portas) e apesar de suas precárias condições, recebem, quase sempre, bons públicos. Isso acontece porque, sendo o cinema uma das únicas, ou senão a única diversão da cidade, para ele convergem as pessoas que procuram distrair-se e que se sujeitam a voltar para casa com torcicolo ou apanhar chuva em plena sala de espetáculos.

Nossos dois cinemas, é com pesar que confessamos, não oferecem o mínimo conforto ao espectador. O ‘Verdi’, por exemplo, não proporciona boa visibilidade. Quando o salão está ‘cheio’, poucos são os que podem ver toda a tela e, assim mesmo, com muito esforço. Sobre o ‘ar condicionado’ desse cinema nem é bom falar. Não se aguenta assistir a um filme no verão. Há outras irregularidades, mas essas são as maiores e que estão a exigir providências imediatas.

O ‘Rui Barbosa’, atualmente sendo reconstruído a passos de lesma, tem também suas deficiências e talvez em maior número. A principal delas é a desorganização. Isso pelo menos o Verdi não possui. Não há no ‘Rui Barbosa’ uma pessoa para cuidar do comportamento de certos espectadores e, por isso, os mais comportados têm que sujeitar a ouvir berreiros e ‘gracinhas’. Outra irregularidade diz respeito à falta de refrigeração. Esse

problema poderá ser resolvido quando o cinema for totalmente reformado. Até lá iremos sofrendo. Nos dias de chuva o espectador não pode assistir comodamente aos filmes porque várias goteiras o incomodam, principalmente na parte a ser reformada. Isso poderia ser o cúmulo, mas o assistente, já acostumado com as irregularidades e desconforto, ‘engole’ também essa e vai para casa quase molhado, pensando na Marylin Monroe ou Brigitte Bardot que aparecerá no filme do domingo”.

“Depois ele dá” virou nome do filme no jornal

Um fato engraçado aconteceu em 24 de junho de 1959: a publicidade do filme a ser exibido no final de semana era entregue a um funcionário do jornal “O Trabalhador”. Só que nessa ocasião a propaganda foi entregue para publicação, mas faltou colocar o nome do filme. O funcionário, então, prevendo que esse nome seria fornecido posteriormente, colocou no seu lugar o aviso: “Depois ele dá”, querendo dizer que posteriormente o fornecimento seria feito. Só que um outro funcionário, que montou a publicidade, achou que “Depois ele dá” fosse o título da película e o colocou, sendo feita a publicação no jornal, o que provocou muitos risos.

Pedidos para casais se portarem bem. E a censura?

Em “O Liberal” de 15/12/1960, um colaborador do jornal (pseudônimo Euxinus) comentou a advertência feita pela Polícia aos casais de namorados, mas também aproveitou para criticar a não obediência da censura estabelecida:

“Notamos nos cinemas locais, afixados logo na entrada, cartazes advertindo o público contra o barulho durante as sessões cinematográficas, e ainda aos casais de namorados para que se portem corretamente na sala de espetáculos. É uma louvável iniciativa da Polícia local, a qual aplaudimos. Porém, uma coisa permaneceu sem solução. É o caso da censura oficial dos filmes. Os proprietários não querem obedecê-la de forma alguma. Quando o filme é proibido até 18 anos, ou menos, eles colocam na porta o surpreendente aviso: Censura Livre. E quando proíbem a fita, assim mesmo relaxam a proibição deixando crianças penetrarem na sala de exibições.

Domingo último, no Verdi, assistimos ao filme ‘A mulher e o fantoche’. Por incrível que pareça, vimos menores assistindo à exibição sabedores que somos da proibição oficial dessa película até 18 anos. Os responsáveis pelo Cine Verdi proibiram-no até 14 anos, desrespeitando a censura e, além disso, permitiram a entrada de menores de 14 anos, e com isso nossa juventude vai se promiscuando cada vez mais por culpa da cobiça de alguns irresponsáveis.

O que mais revolta é ver que ninguém toma providências e os infratores agem a bel prazer. Quem será o responsável por isso? O fiscal cinematográfico? O delegado? O juiz de menores? Não sabemos, só temos conhecimento do total alheamento das autoridades por essa grave falta cometida constantemente pelos exibidores locais. E ninguém se mexe!”.



Cine Verdi exhibia filme para até 14 anos “A Mulher e o Fantoche”, que era proibido até 18 anos

Artistas famosos se apresentavam no palco do Cine Rui Barbosa

Era comum o uso do Cine Rui Barbosa, além dos espetáculos cinematográficos, para a encenação de peças teatrais, números de mágica, cantores, palhaços, comemorações festivas das escolas locais, etc. Numa época (década de 1950, principalmente), era quase sempre exibido um filme e, a seguir, a apresentação no palco, tendo se apresentado diversos artistas famosos.

Um humorista que se apresentou diversas vezes no “Rui Barbosa” foi Napoleão de Aguiar, cognominado “Imperador do Riso”, contando suas piadas e anedotas, sempre com grande sucesso e público. O mágico “Rocamble”, com sua equipe, apresentava-se na cidade e se exibia logo após a sessão cinematográfica, permanecendo durante a semana inteira, atraindo grande público pela variedade de seus números, entre eles serrar uma mulher ao meio, desaparecimento de joias que reapareciam dentro de caixas colocadas nas mãos de pessoas da plateia, etc.

Dentre os artistas famosos poder-se-ia citar:

Mazzaropi – Ele, em mais de uma ocasião, se apresentou no palco do cinema, inclusive ainda no início da carreira. O Mazzaropi se tornou amigo do Sr. João de Almeida, proprietário do “Rui Barbosa”, que com seu filho **Antonio Marcos**, várias vezes o visitou em São Paulo. Mais tarde, ele passou a produzir seus próprios filmes e ter sua distribuidora em São Paulo, tornando-se um grande sucesso de bilheteria.

Elvira Pagã – Em 4 dezembro de 1951, após a exibição do filme “Ritmo e melodia”, no palco, foi apresentado um show com a participação da Rainha do Carnaval Carioca, Elvira Pagã, espetáculo que atraiu grande número de pessoas do sexo masculino, pois ela se apresentava quase nua com suas cobras. Esse espetáculo provocou muitos comentários na cidade, principalmente com publicações nos jornais locais, como em “O Trabalhador” de 31 de dezembro de 1951:

“Continua péssimo o comportamento de certos indivíduos durante as exibições no Cine Rui Barbosa. Aliás, para isso concorre a empresa oferecendo espetáculos ‘abacaxíticos’ e pagã... nizantes!”.

Alvarenga e Ranchinho – A famosa dupla caipira Alvarenga e Ranchinho também se apresentou no Cine Rui Barbosa, como em 20 de agosto de 1954, lotando as dependências do cinema.

Osny Silva – Vários grandes cantores da época se apresentavam naquela época, podendo-se citar os nomes de Osny Silva, que fazia muito sucesso, apresentando músicas como “Jura-me” e “Catari Catari”.

Carlos Galhardo – Em mais de uma vez o cantor Carlos

Galhardo, que era muito famoso na época, se apresentou no “Rui Barbosa”, atraindo sempre um grande público. Certa feita, depois do show, o cantor foi jantar na residência do deputado Archimedes Lammoglia.

Humberto Aponte e Bonecas – Um cantor saltense também muito aplaudido em suas apresentações era Humberto Aponte, que interpretava músicas italianas, principalmente. Ele era a atração de apresentações que ocorriam principalmente na década de 1950. Certa feita, ele se apresentou com o famoso Carlos Galhardo, num Show Beneficente realizado no cinema, com duas sessões lotadas pelo público saltense. Segundo o autor da matéria no jornal “O Liberal”, que utilizou o pseudônimo Ozinei, Humberto foi considerado como o destaque da noite, inclusive teria superado o grande cantor.

José Lopes e outros – Também era comum o Cine Rui Barbosa ser cedido graciosamente pela empresa para festividades escolares, formaturas, além de espetáculos de arte. Conforme publicação no jornal “O Liberal” de 04/12/1949, estava marcada, para o dia 9 daquele mês, a realização do festival “Pró-infância”, às 19h30, no Cine Rui Barbosa, cedido gentilmente pelo seu proprietário, Sr. João de Almeida. Esse festival foi organizado pelos professores Alcides de Campos, Horácio Ribeiro, Antonieta de Campos Buldrin, Branca R. Castro Fontenele e d. Alzira Soares Frias. A grande atração da noite foi o cantor José Lopes, chamado “O Rouxinol Saltense”, que fez muito sucesso nacionalmente. Além dele, se apresentaram: Gema Grossi, “A Patativa de Salto”, “Conjunto da Saudade”, uma famosa dupla caipira da cidade, conjunto teatral de crianças e de outros valiosos elementos que foram divulgados posteriormente.

Artistas saltenses – Em junho de 1954 aconteceu um grande show, com renda destinada à construção da igreja São Benedito, que teve a participação de artistas saltenses. Ele foi promovido pelo empresário Armando Peres, citado pelo jornal “O Liberal” como “o mais jovem empresário do Brasil”. Nessa ocasião se apresentaram os cantores Humberto Aponte e Moacir Vitorino e a Orquestra Itaguassu. Vieram da capital para se juntar a eles e se constituírem em atração Carlos Galhardo, Nilcea Rogers e J. Silva.



Artistas famosos no “Rui Barbosa”: Mazaroppi, Elvira Pagã, Osni Silva, Carlos Galhardo, Alvarenga e Ranchinho e os cantores saltenses Moacir Vitorino e José Lopes

Às vezes as atrações anunciadas não apareciam

Em várias ocasiões, o cantor ou cantores anunciados não compareciam para se apresentar no “Rui Barbosa”. A responsabilidade pela contratação e apresentação dos cantores não era do cinema, mas do empresário saltense Armando Peres, sendo que o cinema apenas recebia um aluguel pela cessão das suas dependências. Uma das ausências foi da cantora Maysa e o povo, já acostumado ao não comparecimento dos cantores

anunciados pelo contratante, ficava aguardando a chegada dos artistas nas imediações do cinema, para só quando eram confirmadas a presença deles adquirir os respectivos ingressos.

Outra bagunça nos cinemas, agora na “Cacarecolândia”

Kass Cavel, que escrevia uma coluna de humor, em “O Liberal”, criticava os cinemas existentes na “Cacarecolândia”, apelido que deu a Salto tendo em vista que o jornal dera ao prefeito da época o apelido do rinoceronte “Cacareco”, que tinha recebido muitos votos na eleição realizada em São Paulo. Isso ocorreu anos depois, na edição do dia 24/07/1960:

“Em ‘Cacarecolândia’ tudo é ‘bagunça’. As obras públicas quase sempre paralisadas; verbas ‘fantasmas’ são votadas, para que sejam nomeados novos funcionários; e o povo é aviltado sob todos os aspectos. Porém, não é só nisso que a ‘Cacarecolândia’ destoa. Hoje vamos falar de um assunto sobejamente conhecido, e que outros colegas nossos, aqui do jornal, tem trazido à tona com certa constância. Trata-se da ‘questão cinema’, assunto de muito celeuma, delicado, e que não tem merecido muita atenção por parte dos responsáveis. E assim mais uma vez, voltamos a derramar ‘água mole em pedra dura’, na esperança de que esta fure.

Como todos sabem, Salto tem apenas dois cinemas. O Cine Najá nem pode ser chamado de cinema, pois possui exígua lotação e opera com máquinas de 16 mm. O outro salão de projeções é o Cine Verdi, explorado pela Cia. Cinematográfica Ituana. Quando o ‘Verdi’ foi inaugurado, notamos o carinho e desvelo com que os proprietários cuidavam do cinema. Tudo era feito de acordo com a lei e com esse respeito o cinema era respeitado. E hoje, o que acontece? Os proprietários não contando com o ‘fantasma’ da concorrência, levam aquilo na mais perfeita desordem.

A censura não é respeitada, na ânsia de embolsar o dinheiro que vem a rodo. Filmes que assistimos na capital e que eram rigorosamente proibidos até 18 anos, quando exibidos aqui são assistidos até por crianças de colo. Um absurdo, uma falta de honestidade para com os espectadores. Outro grave erro: aos

sábados e domingos, quando a frequência é maior, eles vendem mais entradas do que a lotação comporta. E o que presenciamos? Gente em pé, gente sentada pelas escadas, gente que deveria estar fora e está mal instalada lá dentro. E se ocorre um incêndio? Já pensaram na catástrofe que irá ocorrer? Quanta gente não perecerá, pois as saídas estão todas tomadas de público.

Mas só isso não é o bastante. Nas matinés, quando é permitida a entrada de menores, eles passam aqueles filmes proibidos até 10 anos. Parece-me que as vesperais são para menores e como é que exibem filmes proibidos? É o cúmulo do relaxo, da desorganização, da balbúrdia. E ficamos raivosos em ver que as autoridades continuam de braços cruzados, esperando que aconteça algo para que se tome uma providência.

Bem, vamos chegando ao final. Não vamos atacar os engraçadinhos e ignorantes que fazem barulho nas sessões, pois achamos que já o fizemos bastante. Se o ambiente é péssimo, se os proprietários não ligam e só querem embolsar o astronômico lucro, não irão eles também relaxar mais ainda o ambiente? Mas isso é a ‘Cacarecolândia’. A terra onde tudo é feito às claras e todo mundo acha que está correto. O povo deste solo merece mais atenção, enfim, ser tratado com mais consciência. Esperamos que os proprietários dos cinemas encarem este nosso apelo com a devida atenção, e que façam um esforçozinho para melhorar as coisas. Não custa nada; só boa vontade”.

Pedido para mudar o horário da sessão de domingo

Nos últimos meses de 1960 “O Liberal” reclamava a mudança do horário da 1ª sessão do Cine São José e do ‘Verdi’ para às 19h15. Em “O Liberal” de 24/12/60 era noticiado que o São José havia atendido o pedido, mas o Cine Verdi mantinha o horário das 19h e o Cine Najá às 19h30.

As previsões cinematográficas para o ano de 1961

O colunista Espectador X procurava utilizar o humor em seus comentários sobre os cinemas da cidade. No primeiro dia de 1961 ele apresentou suas previsões cinematográficas para o ano que nascia:

“1 – Mazzaropi continuará a realizar grandes filmes e o Verdi, antes mesmo deles serem exibidos em São Paulo, os apresentará aos saltenses, com sessões diárias. Haverá mortes e lutas por causa dos ingressos; 2 – A afluência do público nos filmes nacionais será tão grande, que um vereador (H.M.) irá alertar os companheiros na Câmara sobre o problema do analfabetismo na cidade; 3 – O Najá exibirá ‘A carrocinha’, ‘Candinho’, ‘Jeca Tatu’, ‘O noivo da girafa’ e outros sucessos de Mazzaropi. Os filmes de Bomba também deverão voltar; 4 – O proprietário do São José continuará a recolher os guarda-chuvas em dias de mau tempo e devido ao fato de oito pessoas saírem com quatro guarda-chuvas cada, e 12 ficarem sem nenhum, ele continuará a estudar um meio de resolver o problema, o que levará o ano todo; 5 – Os ‘engraçadinhos’ que no ano passado perturbaram as sessões do Verdi, felizmente desapareceriam. Em seus lugares surgirá a nova safra de ‘engraçadinhos’, versão 61. Bem, chega de previsões senão eu vou ter que contar umas coisas que vocês não acreditariam. E, não acreditando, dirão que isso de prever o futuro é besteira. No que concordamos”.

Antonio Marcos desmente a notícia de que os guarda-chuvas eram recolhidos e não era dado nenhum comprovante, pois cada guarda-chuva entregue recebia um comprovante (um ingresso antigo) com um número igual ao que era entregue ao seu dono, e, na saída, apresentando o comprovante, recebia seu guarda-chuva de volta. Só não recebia quem não apresentasse o comprovante.

Rigor do cinema e da polícia: “tira a mão daí”

No início de 1961, aumentou a rigorosidade dos cinemas locais e da Polícia com os casais que frequentavam as sessões cinematográficas, como comenta Espectador no jornal “O Liberal”:

“Os proprietários de cinema e a Polícia estão rigorosos agora. Domingo no Cine São José (como no ‘Verdi’), antes do início das seções o ‘vagalume’ (*como também eram chamados os ‘lanterninhas’*), ao que parece a mando da Polícia, dirigia-se a todos os casais (casados, solteiros, ajuntados, etc.) e pedia que tirassem a mão das costas da moça. Houve gente educada que, chamada à atenção, não gostou e com razão, notadamente porque eram

casados. Tá certo que, por serem casados, não é que podem ir ao cinema trocar carinhos. Mas o braço nas costas nada tem de mais. Pior seria se, às escondidas, botassem a mão noutros lugares. Como no bolso do espectador ao lado, por exemplo. O ‘vagalume’ e a Polícia devem chamar a atenção dos que não se comportam devidamente no cinema mas não por qualquer coisinha”.

Recado para os “engraçadinhos”

Em sua coluna “Falando de Cinema”, em fevereiro de 1961, Espectador X mandava um recado para os “engraçadinhos”:

“Você aí, seu sem vergonha, mal educado, sem educação. Sim, é você mesmo. Vê se quando vai assistir filme proibido até 18 anos não fica dizendo em altas vozes piadinhas maliciosas e ruídos pouco recomendáveis durante a projeção. As senhoras que vão ao cinema nesses dias têm de sofrer vexames por causa de ‘engraçadinhos’ pouco civilizados como você”. (Campanha do “Jogo Bruto”, patrocinada pelo Espectador X, pela moralização dos cinemas locais)

Proprietário do “Rui Barbosa” possuía outros dois cinemas

O Sr. João de Almeida, proprietário do Cine Rui Barbosa e posteriormente do Cine São José, possuía dois outros cinemas em cidades vizinhas. **Antonio Marcos** lembra que, num deles, no Morro Vermelho, a energia era fornecida através de um gerador de sua propriedade, alimentado por óleo diesel importado, da marca Ursa; à noite, era acionado pelos Irmãos Veronezzi, residentes e proprietários de um armazém no local, encarregados do funcionamento do cinema. Esse gerador era ligado no horário da sessão, pois não havia energia elétrica no local, e desligado, por volta das 22h, aproximadamente, após o término da sessão cinematográfica.

Os filmes e seriados exibidos nesses cinemas eram os mesmos que se exibiam na cidade de Salto, sendo levados e trazidos pelo empresário ou pessoas autorizadas, que muitas vezes vinham retirá-los ou devolvê-los usando charrete, automóvel e até caminhão. As estradas eram de terra vermelha, passavam pelo meio dos canaviais, e, em dias de chuva, ficavam intransitáveis e

escorregadias, obrigando o motorista a dirigir com muito cuidado, a fim de não se acidentar. “Muitas vezes fui com papai até lá e participei dessa maratona”, afirma **Antonio Marcos**.

Ele também se recorda que, quando criança, por volta de 1948, acompanhou, como espectador, a sessão de instalação do cinema na Fazenda Conceição, juntamente com seu pai e com o técnico instalador. “O pessoal residente na Fazenda estava muito curioso para ver a novidade. Este cinema (Fazenda Conceição – Morro Vermelho) funcionou até fins de 1955, quando foi desativado pelo proprietário, devido às irregularidades surgidas com o aparelho gerador de energia”.

O outro aparelho retirado do Rui Barbosa foi instalado na Fazenda Capuava, no município de Porto Feliz e, assim como os do Morro Vermelho, os filmes e seriados exibidos também eram os mesmos programados para o cinema de Salto (“Rui Barbosa”). Também eram levados e retirados pelo próprio proprietário ou pessoas de sua confiança, usando os meios já citados.

“Choviam” filmes nacionais nos cinemas locais

Em 11/03/61, Espectador X comentava a grande quantidade de filmes nacionais que eram exibidos nos cinemas locais:

“Anda ‘chovendo’ filmes nacionais nos cinemas locais. A gente critica os proprietários dos cinemas, mas, pensando bem, maior culpa cabe a essa gentinha que tem gosto estragado e enche as salas de projeção (a turma não é pequena). A maior parte é analfabeta, caipira ou idiota. Não somos contra filmes nacionais. Nosso cinema, apesar de ainda estar engatinhando, já produziu bons filmes, mas eles dificilmente são trazidos a Salto. Para cá só vem Mazzaropi, Zé Trindade, Ankito e outros caras que só tem admiradores entre a gente baixa, bebês ainda em matéria de cinema. E o pior é que esses filmes medíocres são reprisados às vezes com o espaço de um mês somente. É o cúmulo, não acham? Muito mais sabendo-se que não adianta a gente escrever ‘metendo o pau’. Analfabeto não lê jornal”.

Antonio Marcos justifica o grande número de filmes nacionais exibidos nos cinemas locais, lembrando que havia a exigência de uma quantidade razoável terem a obrigação de serem programados.

Sem comentários – Algum tempo depois o jornal “O Liberal”, através do Espectador X, tomava a decisão de não comentar qualquer filme nacional exibido nos cinemas locais.



Além de Mazzaropi, Zé Trindade e Ankito atraíam grande público

Comissários de menores considerados eficientes

Dois comissários de menores eram elogiados no jornal “O Liberal” pelo Espectador X, em 1960 e em 1961:

“Finalmente apareceu um Comissário de Menores que não usa do cargo somente para entrar de graça no cinema: José Messias Ticiani, moço que está agindo, a ponto de merecer o integral apoio de todos que gostam de ver a coisa direita”.

“Há pouco tempo nossa cidade possuía dois comissários de menores. Até então entrava-se em cinema com 10 anos em filme proibido até 14; menores de cinco anos podiam ir berrear durante as sessões; garotos ainda assistiam folgadoamente filmes proibidos até 18; não se respeitava censura de cinema, etc. Era, enfim, uma verdadeira ‘casa de Noca’. Ultimamente, porém, foi nomeado um terceiro comissário, Sr. Benedito Meneghini. As coisas pioraram para os que infringiam a lei. A fiscalização tem sido eficaz por parte do novo comissário que não usa o cargo só para entrar em cinema de graça. Ainda outro dia num filme proibido até 18 anos, menores foram postos fora do cinema pela autoridade. Maior culpa cabe ao porteiro que os deixou entrar, pois não conhecemos outra entrada a não ser a da frente. Perguntarão vocês: onde estavam os outros dois comissários? Muito certamente estavam assistindo de graça a um outro filme noutro cinema qualquer”.



*José Messias Ticiani e Benedito Meneghini
eram elogiados como comissários de menores*

Era anunciada a exibição de “O Pagador de Promessas” na cidade

Em sua edição de 20/04/63, o jornal “O Liberal” anunciava a exibição em Salto do filme “O Pagador de Promessas”, de Anselmo Duarte, vencedor do Festival de Cannes, ainda sem data marcada:

“O aplaudido e laureado filme ‘O Pagador de Promessas’ que conquistou no ano passado a ‘Palma de Ouro’ no Festival Internacional de Cinema em Cannes, na França, além de outros numerosos prêmios, será exibido em nossa cidade, talvez na próxima semana.

O diretor da película, nosso conterrâneo, Anselmo Duarte, a trará a Salto, exibindo-a no Cine Verdi com renda destinada à Comissão do Cinquentenário do Grupo Escolar ‘Tancredo do Amaral’ e ao Grêmio ‘Antonio Vieira Tavares’ do G.E. ‘Prof. Paula Santos’, em virtude das associações beneficentes locais, ligadas à Igreja, não poderem receber o benefício já que o filme foi condenado pelo clero.

A princípio, pensou-se em projetar a película no Cine São José, por ser mais espaçoso e confortável. Diante, porém, da recusa de seu proprietário em ceder sua casa de espetáculos, a comissão conseguiu junto à gerência do Cine Verdi a cessão de seu cinema, para que o público saltense pudesse ver a obra máxima do cinema nacional, dirigida por um filho da terra. Dessa forma, os nossos leitores devem aguardar os folhetos que serão espalhados pela cidade, anunciando a data certa da projeção do filme, a qual deverá ser, com toda certeza, dia 24, no Cine Verdi”.



Anúncio no jornal “O Liberal” e cenas de “O Pagador de Promessas” e a publicidade feita quando o filme foi exibido em Salto

Sobre a recusa – A respeito da recusa do proprietário do Cine São José em exibir o filme “O Pagador de Promessas”, duas notícias foram publicadas pelo jornal “O Liberal”, ambas de autoria de Espectador X, as quais foram depois consideradas injustas:

Tela continuará pura – “Que belo papel fez o proprietário do São José, não permitindo que fosse exibido em seu cinema um filme que é um orgulho de todos os saltenses, porque venceu graças à capacidade de um filho seu: ‘O Pagador de Promessas’, de Anselmo Duarte, nosso conterrâneo. O motivo foi sublime: não cedeu o salão porque o filme é condenado pela Igreja. ‘O Pagador’ em meu cinema? Virgem Maria! Credo! E os filmes imorais assistidos por menores, seu Almeida, exibidos na tela branca e imaculada do ‘São José’? E as sessões só para homens, seu Almeida?’ Ah, essa mania de apontar erros dos outros com os dedos sujos...” (“O Liberal” de 27/04/1963)

“Pagador não, transviada sim” – Vocês viram a fita exibida no Cine São José quarta, quinta e sexta-feira última, ‘Os Amores de uma Transviada’, rigorosamente proibido até 18 anos? Cadê os escrúpulos do proprietário daquele cinema, que negou-se a permitir que fosse ali exibido ‘O Pagador de Promessas’, por ser este filme condenado pela Igreja? Quando a renda lhe pertence inteirinha, cobrando inclusive a exorbitância de 100 cruzeiros o ingresso, a Igreja que vá para o diabo, não?”. (“O Liberal” em 13/07/1963)

Antonio Marcos esclarece – Na verdade a recusa de passar o filme no Cine São José não foi do proprietário João de Almeida. Ele apenas atendeu um pedido feito pelo vigário da Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat, monsenhor João da Silva Couto, que transmitiu opinião das autoridades eclesiásticas brasileiras, que entendiam que o filme era ofensivo à religião católica, o que foi descartado anos depois.

Data marcada – No dia 27 de abril, a data da exibição era anunciada, no Cine Verdi, em duas sessões, as quais ficaram completamente lotadas.



Após a conquista da Palma de Ouro, com “O Pagador de Promessas”, Anselmo foi homenageado na Câmara de Salto

Espectador X prosseguia com as críticas aos cinemas

Em 15 de novembro de 1964, Espectador X continuava com as críticas aos cinemas locais, agora fazendo parte da Revista Taperá, que foi a sucessora de “O Liberal”:

“Os proprietários de cinema de Salto acho que pensam que tudo quanto é espectador é trouxa. O do São José, por exemplo, entope sua programação com reprises e se a gente não se des-cuidar, logo o aparelho de som é desligado, só sendo exibidos filmes da época do cinema mudo. Ah, por falar em aparelho de som, o do Verdi anda tinindo. Ainda outro dia Espectador X fez a bárbara besteira de ir ali assistir a um filme do Cantinflas, o que já era uma atitude heroica. O aparelho de som de uma das máquinas, porém, parecia-se com certos vereadores da nossa Câmara Municipal: não dizia nada e a imagem era tão má que nem o Cantinflas a gente distinguia. A tortura ia nessa marcha quando dá um ‘estalo’ no operador: resolve trabalhar com uma máquina só. Ai, então foi o máximo: após o término de cada parte acendia-se a luz, igualzinho como se fazia no cineminha da Igreja há uns cinco ou seis anos. Mas a coisa não gira só em torno dos aparelhos de som, não. No São José, por exemplo, domingo passado não sei como não morreu ninguém. O cinema cheio, o calor bárbaro e o ventilador desligado. Gente! Onde estamos? Com um filme comprido, como ‘El Cid’, os espectadores sofreram mais do que se fossem atravessar o Saara de ponta a ponta. Ah, mas o proprietário do cinema economizou quinhentos mil réis de energia elétrica, e isso é o que interessa”.



*Assistir aos filmes de Cantinflas, segundo o jornal, era besteira;
“El Cid”, filme longo e calor bárbaro*

Cinema contribuía para a venda de aparelhos de TV

Espectador X comentava, em 30 de janeiro de 1965, o avanço da televisão sobre os cinemas. Estes perdiam terreno, pois a população preferia adquirir aparelhos de televisão em vez de ir para as salas de exibição saltenses:

“A televisão roubou dos cinemas inúmeros espectadores. Coisa lógica. Ninguém vai sair de casa à noite para assistir a essas porcarias que nossos cinemas andam exibindo, quando em sua própria residência podem assistir confortavelmente aos mais variados programas, a maioria deles de qualidade bem superior aos filmes apresentados pelo São José e Verdi. Quem, por exemplo, vai deixar de ver amanhã em seu aparelho de TV ‘Bibi sempre aos domingos’ e ‘A cidade se diverte’, para citarmos somente um canal de televisão, indo sofrer duas horas no Verdi onde será apresentado ‘As 7 Magias de Ali Babá’? Só quem não tem televisão, claro. Para estes é que somos obrigados a dizer que o filme é pra lá de ruim, apesar de filmado em CinemaScope e em cores. Os astros principais são completamente desconhecidos. Rod Flash, Bella Cortez, Furio Meniconi, Liliana Zagra. A história é primitiva. Coisa que envolve Ali Babá, com 40 ladrões e tudo.

Quem for ver o filme é quase certo que não irá gostar. De uma coisa, porém, temos certeza: os proprietários de R. Dalla Vecchia S/A e da Eletro São Jorge ficarão radiantes. Cada vez que nos cinemas são exibidos filmes desse tipo, a venda de aparelhos de TV aumenta consideravelmente”.

Volta do cinema – Quando foi anunciado que Salto teria novamente um cinema, o “Taperá” publicou a seguinte matéria:

“A notícia de que Salto voltará a ter um cinema nos trouxe à lembrança alguns fatos que ocorreram quando nossa cidade era mais moderna e desenvolvida que hoje, na década de 50 ou 60, a ponto de ter três salas de espetáculos (Cines São José, ‘Verdi’ e ‘Najá’), contra nenhum de hoje. Naquela época, praticamente a televisão não existia, pois havia alguns poucos aparelhos na cidade, que captavam todos os tipos de chuvisco e sons de várias espécies. A imagem só aparecia às vezes, mas logo em seguida sumia, para desespero dos que viravam botões e mudavam as antenas de posição. O jeito, então, era recorrer

ao cinema, duas ou três vezes por semana, que era uma diversão mais ou menos barata e onde a gente podia assistir a um filme completo, sem aquelas idas e vindas das imagens da TV”.

“O Trabalhador” também fazia críticas aos cinemas

O jornal “O Trabalhador” não destinava grandes espaços como “O Liberal” para as notícias e comentários sobre os cinemas locais, mas de vez em quando, através do colaborador Bat abordava o assunto, como em 05/06/1966:

“Cinema também é outro ‘negócio’. Além da troca de partes durante a exibição, verifica-se a falta de educação de certos indivíduos, que insistem em ‘furar’ a fila, para a aquisição de ingressos. Aliás, ‘O Trabalhador’ já focou tal fato: o cidadão que se mantém na fila, colaborando para a disciplina, acaba passando por bobo, enquanto os engraçadinhos, folgadoamente adentram à casa de espetáculos, ainda fazendo ‘gozação’ contra os ordeiros. Até quando vão continuar esses abusos?”

Em agosto de 1966, mais uma análise da situação dos cinemas saltenses

O jornal “Taperá” publicava em 6 de agosto de 1966 uma análise sobre os cinemas saltenses, registrando que eles estavam tendo “uns sintomas de adultos”: “Não se fale no Verdi, completamente marginalizado, em virtude da cegueira de seus proprietários que não se importam em fazê-lo ressurgir das cinzas. Mas o São José, por outro lado, melhora surpreendentemente a cada dia. Com as indefectíveis exceções, aquele cinema tem proporcionado ultimamente uma programação bem cuidada, notadamente às quintas-feiras e domingos, muito embora o público nem sempre corresponda, preocupado que está com o desfecho de sua novela preferida, um dos motivos determinantes das salas vazias que temos visto ultimamente nos cinemas desta terra de Tavares. Mas os ‘sintomas de adulta’ a que aludimos, não se refere somente a isso. Tivemos noutro dia, por exemplo, por estas bandas, um encontro de jovens e de outros que passam, pomposamente, pelo apelido de ‘Cine Fórum’. Embora muitos jurem que de cinema pouco se falou, soubemos por terceiros que certos aspectos da sétima arte

foram discutidos, como por exemplo o fato do povo saltense ser ‘um povo quadrado, que nasce, vai ao Grupo, entra na Brasital, casa, tem filhos, que vão ao Grupo, à Brasital, casam, etc’. Qual o aspecto cinematográfico disso?”.

Em 1966, já surgia a ideia da fundação de um Cineclube na cidade

Durante um curso denominado “Cine-Fórum”, realizado no “São José”, surgiu a ideia da criação de um Cineclube na cidade, o que só iria se concretizar anos depois. O evento foi organizado pelo Grupo da Juventude, supervisionado pelo padre Nelson Carlone, e aconteceu nos dias 23 e 24 de julho de 1966. Contou com a presença do crítico cinematográfico José Wolf, saltense na época radicado na imprensa do Rio de Janeiro.

No sábado à noite, no galpão do Externato, houve a abertura do curso, com o comparecimento maciço dos cursandos. Domingo, pela manhã, no Cine São José, foi exibida a película nacional “Deus e o diabo na terra do sol”, dirigida por Glauber Rocha, cujo enredo serviu para temas de debates durante a tarde e a noite. Depois das explanações finais dos grupos (isso tudo no galpão do Externato) aconteceu o encerramento do Cine Fórum, com um coquetel musical que fechou a iniciativa dos jovens saltenses.

“Durante o curso – diz a nota publicada pelo “Taperá” – surgiu a ideia da fundação de um Cineclube em nossa cidade, o que esperamos venha a tornar-se realidade, abrindo assim novos horizontes nessa matéria tão controvertida e obscura que é a arte cinematográfica”.

Censura nos cinemas era tema para muitas opiniões e controvérsias

Havia na época em que a afluência de espectadores nos cinemas saltenses era grande, a preocupação com a censura dos filmes, que era determinada, na época da ditadura, pelo Serviço de Censura de Diversões Públicas, órgão federal. Os cinemas recebiam um certificado e, antes da exibição dos filmes, aparecia na tela esse certificado, o que perdurou por muitos anos.

A imprensa local se preocupava com a censura, pois os cinemas locais nem sempre respeitavam a censura estabelecida, como se pode deduzir na leitura de algumas matérias divulgadas, principalmente nas décadas de 1960 e 1970.

“O Liberal” de 15/12/1960 – O articulista citava que nos cinemas locais eram afixados, logo na entrada, cartazes advertindo o público contra o barulho durante as sessões cinematográficas, e ainda aos casais de namorados para que se portem corretamente na sala de espetáculos. No entanto, uma coisa permaneceu sem solução: o caso da censura oficial dos filmes. “Os proprietários não querem obedecê-la de forma alguma. Quando o filme é proibido até 18 anos, ou menos, eles colocam na porta o surpreendente aviso: Censura Livre. E quando proíbem a fita, assim mesmo relaxam a proibição deixando crianças penetrarem na sala de exibições”. Era citado um caso ocorrido no Cine Verdi, por ocasião da exibição do filme “A mulher e o fantoche”, que foi assistido por menores, apesar da proibição oficial dessa película ter sido estabelecida para maiores de 18 anos e foi reduzida para 14 anos.



Antes dos filmes era exibido o certificado da Censura Federal, nem sempre obedecido

“O Liberal” de 29/04/1961 – Um comentário envolvendo os comissários de menores foi publicado nesse dia, lembrando que a cidade possuía dois comissários e, até então, entrava-se em cinema com 10 anos em filme proibido até 14, menores de cinco anos podiam ir berrar durante as sessões, garotos ainda assistiam folgadoamente filmes proibidos até 18, não se

respeitando a censura de cinema. “Era, enfim, uma verdadeira casa de Noca”, dizia a nota, mas citava que “ultimamente, porém, foi nomeado um terceiro comissário, Sr. Benedito Meneghini e as coisas pioraram para os que infringiam a lei. A fiscalização tem sido eficaz por parte do novo comissário que não usa o cargo só para entrar em cinema de graça. Ainda outro dia num filme proibido até 18, menores foram postos fora do cinema por ele. Maior culpa cabe ao porteiro que os deixou entrar, pois não conhecemos outra entrada a não ser a da frente”.

“O Liberal” de 19/01/1963 – Depois de dizer que o jornal vinha batalhando contra as irregularidades que se notavam nos cinemas locais, como venda excessiva de entradas, péssima qualidade dos filmes e algazarras, o articulista se referia ao fato de menores estarem assistindo filmes proibidos. “Eis, porém, que, abismados – continuava a nota – vimos um aviso na porta do Cine Verdi, com os seguintes dizeres: ‘É proibida a entrada de menores de cinco anos’. Certo. Certíssimo. Vejamos agora se o Verdi vai ter peito para cumprir a lei, já que a mesma até agora não tem sido cumprida, em nenhum setor”. O articulista sugeria ao Cine São José fazer o mesmo, impedindo a entrada de menores de cinco anos nas sessões noturnas, alegando que “as crianças, além de não assistir ao filme, pois não têm capacidade intelectual para perceber o enredo das películas, ainda incomodam os adultos que pagam entrada inteira e desejam assistir sossegadamente o que vai na tela”.

Na semana seguinte, porém, o jornal retificava a notícia: “Numa nota que demos no número passado dissemos que o Verdi havia proibido a entrada de menores de cinco anos, nas ‘soirées’. Nada disso, porém, está acontecendo. Os berreiros de crianças em cinemas continuam e a lei (ora, a lei) foi relegada a segundo plano (em primeiro está uma coisa muito importante, que o vulgo chama de ‘gaita’”).

“Entraram nos eixos” – Em 22 de junho de 1968, o “Ta-perá” anunciava que as coisas “entraram nos eixos” em relação à censura nos cinemas locais: “Os proprietários de cinemas faziam o que bem entendiam, exibiam filmes proibidos até 18 anos permitindo a entrada de jovens, não exibiam o certificado de censura antes da apresentação de filmes e trailers, usavam

e abusavam, enfim, do direito de fazer o errado. Isso, porém, teve fim: Salto conta com um juiz de direito atuante agora e que participa da vida da cidade em todos os seus detalhes. Recentemente nomeou novos comissários de menores, baixou portaria que praticamente diz tudo o que pode e não pode em relação ao menor e os proprietários de cinema, principalmente, estão com a pulga atrás da orelha. Ou, por outra, tratam de cumprir as exigências que nunca cumpriram e de fazer tudo direitinho. E apesar do pouco tempo, deve-se dizer que a coisa funciona mesmo. Tudo está tão diferente...”.

Jornal considerava nossos cinemas “verdadeiros casos de polícia”

O jornal “O Liberal” dava sua opinião sobre o que acontecia nos cinemas locais, em sua edição do dia 13/07/63. Dizia que “os cinemas de Salto de maneira alguma querem entrar na linha, apresentando cada dia que passa mais irregularidades”. Sobre o ‘Verdi’ frisava que era um cinema antiquado, sem oferecer um mínimo de conforto aos espectadores e que o salão da Rua José Galvão continua servindo como cinema, pois seus proprietários não pensam absolutamente em construir um novo. Apesar desses defeitos, considerava boa sua programação, mas, achando que os filmes interessantes servem para desviar a atenção do público, para a falta de conforto do recinto. “A direção desse ‘cinema’ – prosseguia a nota – adotou há tempos, imitando o Circo Garcia, a chamada ‘Sessão das Moças’, na qual senhoras e senhoritas não pagam ingresso. Essas sessões são realizadas às quartas-feiras e naquele dia o cinema fica repleto de moças e meninas, que, aproveitando a concessão, procuram distrair-se. Eis que, de tempos para cá, um bando de cafajestes, analfabetos atrevidos e palhaços contumazes, vem comparecendo àquelas sessões com o intuito de dirigir gracejos às moças, deturpar o ambiente, fazer algazarras, etc. E o que se vê são aqueles acontecimentos indesejáveis, tais como palavrões, arrotos, gritos e outras coisas impublicáveis. Uma vergonha o que aconteceu ali, obra pura e simples de um bando de desajustados, que deveriam ser banidos da sociedade”.

Quanto ao Cine São José, publicou que era um cinema novo,

considerou-o muito bonito, confortável e acolhedor, não merecendo críticas quanto a isso. “Porém (há sempre um porém) – prosseguia –, falhas e mais falhas são notadas. Programação péssima (aos domingos só passa faroeste pois o proprietário pensa que o povo todo é infantil), filmes velhos e já reprisados por várias vezes, excesso de películas de determinado estilo numa mesma semana e outras mais. Esta semana, o proprietário, num desrespeito aos frequentadores, anunciou um filme ‘rigorosamente proibido’, que não era nada mais que um ‘abacaxi de prateleira’ e teve a ousadia de cobrar 100 cruzeiros pela entrada. Além disso, a censura não é respeitada no ‘São José’. Crianças assistem a filmes proibidos, nas barbas do proprietário e da polícia. Ninguém toma providências e parece que nem comissário de menores possuímos. Pelo menos, não deu até hoje o ar de sua graça”. Concluía dizendo que “sendo assim, os cinemas de nossa cidade são verdadeiros casos de polícia”.

Cinemas não obedecem portaria e estudantes fazem “fila-boba”

Foi publicado no jornal “Taperá” de 20 de março de 1965: “uma notícia que os proprietários do cinema não vão gostar”, conforme o que foi divulgado. Era sobre a publicação no Diário Oficial da União do dia 12/3/1965 da Portaria da Sunab, determinando a concessão de desconto de 50% nos preços dos ingressos de cinemas, em todo o território nacional (inclusive Salto). A portaria estendia-se aos menores de 12 anos de idade. “Portanto – prosseguia o jornal – o preço de meia entrada será de 50% cobrado pelo cinema. Por exemplo: se uma entrada custar 200 cruzeiros, estudantes e menores de 12 anos pagarão 100. O exemplo é dado porque os proprietários de cinema da cidade – coitados – são tão fracos em matemática”.

“**Fila-boba**” – Na semana seguinte, o “Taperá” divulgava que os cinemas não estavam respeitando a portaria e, por isso, os estudantes queriam fazer “fila boba”, ou seja, formavam longas filas e quem chegava na bilheteria não comprava o ingresso e ia para o fim da fila e assim sucessivamente. A notícia publicada foi esta:

“Os dois principais cinemas de nossa cidade – principalmente

o Cine São José – não estão cumprindo a portaria da Sunab que estabelece que os cinemas de todo o Brasil deverão cobrar 50% do preço dos ingressos aos estudantes e aos menores de 12 anos. Isso tem provocado a revolta de estudantes que ameaçam, inclusive, fazer ‘fila-boba’ em dia de grande movimento no São José. A ‘fila-boba’ consiste em formar uma fila cujos componentes, ao chegarem à bilheteria, não tiram o ingresso, indo para o final da fila e passando pela bilheteria seguidas vezes, com o intuito de não deixar ninguém tirar ingresso, o que fará com que ninguém (ou uns poucos) entrem na sala exibidora naquele dia. Se realmente os estudantes desejam fazer a ‘fila-boba’, contem desde já com o apoio de Taperá, que inclusive estará presente fotografando o acontecimento. Mesmo porque, parece que as autoridades competentes não tomam nenhuma providência com essa autêntica burla à lei”.

Comentário sobre os cinemas de Salto em 1965

Em sua coluna “Falando de Cinema”, no jornal “O Liberal”, Espectador X falou sobre os cinemas de Salto. Ele reconhecia dois: Cine São José e Cine Verdi, entendendo que o “Roiam” não poderia ser considerado cinema. Sobre as características dos cinemas, dizia que “o ‘São José’ é um belo cinema, mas os filmes que passa, Santo Deus, são uma “coisa”. Reprises ali é mato. E além disso tem lá uma equipe de “lanternas” que dá medo. “Pra começar, cruzar as pernas não pode. Diz que tem lá um negrão que é um verdadeiro protótipo dos oficiais nazistas: é rigorosíssimo e nada lhe escapa. Outro dia um sujeito deu uma piscada para uma moça que estava lá do outro lado e o danado viu: botou os dois pra fora do cinema”. Evidentemente esta última afirmação serve como piada, pois o fato não ocorreu.

Sobre o Verdi, dizia que lá “a coisa é diferente. Ali você pode colocar o pé em cima das cadeiras e ninguém o importuna. Pode também berrar, dizer palavrão, pintar o sete que ninguém liga. Eles pretendem deixar o espectador à vontade, o que para muita gente é uma boa política. Quando o cinema enche (de gente, porque encher a paciência, enche sempre), ai então não se vê nada. Se na nossa frente senta-se um grandalhão, o

jeito é mudar, mas o gozado é que estando a sala quase lotada, a gente pode mudar para onde quiser que não enxerga nada. Ou por outra: enxerga a cabeça do grandalhão na frente”.

Sobre conforto, o comentário dizia que “graças a Deus, temos conforto nos dois cinemas. Cadeiras estofadas, ar refrigerado e de vez em quando até cafezinho servem aos espectadores. Mentira? Bem, a gente tem que mentir um pouco, pois se fôssemos dizer toda a verdade sobre nossos cinemas, ia ficar chato, não acham? Afinal, estamos comemorando o aniversário da cidade”. (“Taperá”, 19/06/1965)

Antonio Marcos esclarece: Quanto às pessoas que ficavam em pé ou encostadas às paredes da sala de exibição, elas eram informadas na bilheteria de que o cinema estava lotado, mas insistiam em adquirir o ingresso, pois não podiam voltar outro dia ou não queriam perder o filme.

Vitória do São José (sem brilho) no resumo de 1965

Em sua coluna “Falando de Cinema”, Espectador X comenta como foi o ano de 1965 no que se refere aos cinemas saltenses.

“Dentre os cinemas locais, o ‘São José’ ganhou, mas não foi uma vitória muito brilhante, pois nem o ‘Verdi’ e muito menos o ‘Roiam’ foram adversários que exigissem muito trabalho. No Verdi, imperou em 1965, como nunca, a bagunça e o ‘Roiam’ continuou naquele ritmo do um passo à frente, dois pra trás. Porque a concorrência da televisão foi grande neste ano, o São José andou exibindo alguns bons filmes, pra ver se fazia a turma voltar ao cinema. Assistimos, então: ‘O grande motim’, ‘A senhora e seus maridos’, ‘A mansão do terror’, ‘O incrível homem do espaço’, ‘Sodoma e Gomorra’, etc. Apesar da bagunça, o ‘Verdi’ andou também apresentando algumas boas fitas, como: ‘Fugindo do inferno’, ‘Barrabás’, ‘Pavilhão 7’ e ‘Charada’.

Em 1966 esperemos que o ‘São José’ deixe pra lá muita coisinha tola, que só serve para enervar o espectador (‘lanterninhas’ linha duríssima, filmes arrebatados, arbitrariedades, como não querer vender ingresso para crianças, quando o filme é livre, etc.) e que no ‘Verdi’ sejam feitas pequenas modificações, como por exemplo: colocar ‘lanterninhas’ do tipo do ‘São José’ (lá sim precisam deles) e derrubar o prédio, construindo

ali outro cinema, condizente com o progresso da cidade. Com essas ‘pequenas’ modificações, teremos um ano novo calmo e tranquilo, que é o que desejamos a todos”. (Taperá – 30/12/65)

Fato raro: elogio à programação do São José

Fugindo à normalidade das críticas seguidas aos cinemas locais, Espectador X fazia elogio à programação do Cine São José:

“Pessoal, em matéria de cinema, nossa cidade está tendo uns sintomas de adulta. Não se fale no ‘Verdi’, completamente marginalizado, em virtude da cegueira de seus proprietários, que não se importam em fazê-lo ressurgir das cinzas. Mas o ‘São José’, por outro lado, melhora surpreendentemente a cada dia. Com as indefectíveis exceções, aquele cinema tem proporcionado ultimamente uma programação bem cuidada, notadamente às quintas-feiras e domingos, muito embora o público nem sempre corresponda, preocupado que está com o desfecho de sua novela preferida, um dos motivos determinantes das salas vazias que temos visto ultimamente nos cinemas desta terra de Tavares.

Mas os ‘sintomas de adulta’ a que aludimos acima não se refere somente a isso. Tivemos noutro dia, por exemplo, por estas bandas, um encontro de jovens e de outros que se passam por, pomposamente apelidado de “Cine Fórum”. Embora muitos jurem que de cinema pouco se falou, soubemos por terceiros que certos aspectos da sétima arte foram discutidos, como por exemplo o fato do povo saltense ser ‘um povo quadrado, que nasce, vai ao Grupo, entra na Brasital, casa, tem filhos, que vão ao Grupo, a Brasital, casam, etc’. Qual o aspecto cinematográfico disso? Ora, isso dá filme, rapaz! Não se fazem filmes com histórias fictícias? Mas deixemos isso pra lá, mesmo porque fomos gentilmente convidados para o Cine Fórum e nossa obrigação seria ir lá e expor nossos pontos de vista e não ficar matraqueando por meio destas mal traçadas”. (“Taperá”, 06/08/66).

Roquinho confeccionava e levava as tabuletas às ruas

Tanto no Cine Verdi, como no ‘Rui Barbosa’, mesmo quando foi sucedido pelo ‘São José’, era costume colocar tabuletas nas ruas anunciando os filmes a serem exibidos no dia. Essas

tabuletas eram feitas com folhas de alumínio, reforçadas nas laterais por ripas de madeira e eram levadas às principais esquinas da cidade pelo próprio Roquinho, com uma carrocinha que o cinema possuía.

Essas tabuletas eram escritas pelo Roquinho, com muita arte e carinho, mas um esporte preferido na época era apagar letras do título do filme, o que provocava exhibições até de palavrões, como aconteceu em certa ocasião: o nome do filme era “Com um pé no céu”, só que apagaram a letra “é” de “céu” e surgiu um palavrão (o fato é relatado com detalhes por Chiquito Guarnieri na 3ª parte deste livro).

Roquinho – Roquinho (Roque de Paula Ribas), filho de “Chicão”, também foi lembrado em artigos publicados na imprensa local, como o de Gasparini Filho, no jornal “Taperá” de 17 de janeiro de 1980, sob o título “... e ficou uma saudade”. Nele, o radialista e colaborador dos jornais locais contava sobre sua figura – “magérrimo, usando sempre o mesmo paletó, cabelos escorridos sobre a testa, fazia paradas nas principais esquinas da cidade onde deixava uma tabuleta anunciando a película a ser exibida, à noite, no então Cine Rui Barbosa, localizado na rua que lhe emprestara o nome durante longos anos. Esforçado como ninguém, cumpria sua modesta missão com amor, eficácia e precisão. À tarde, iniciava a operação retorno, trazendo de volta as tabuletas, limpando-as, para que nelas se propagasse o próximo filme a ser exibido. E na manhã seguinte lá ia ele novamente, sem se preocupar com o que havia previsto o serviço de meteorologia”.

Em o “Taperá” de 26 de fevereiro de 1966, era publicado o falecimento de Roquinho, lembrado como “medroso, tímido, magricela e com os trajes em desalinho, todos o viam pelas ruas. De manhã com tabuletas debaixo dos braços, para depois de colocá-las nos postes; pelo meio-dia, passava arcado a empurrar uma carrocinha, levando nela latas de filme; aos sábados, sobraçando grande quantidade de revistas, ei-lo a vender o “Taperá”, com aquele jeito especial de quem estava sempre fraquinho, nervoso, desconfiado. Roquinho era figura popular. Quem poderá se esquecer de seus desenhos, letreiros e dísticos, tanto em tabuletas de cinema, painéis de publicidade, etc.?

Quem, ao ir semanalmente assistir a um filme, não achará falta do tradicional Roquinho, um dos mais antigos funcionários de cinemas da cidade? Cinema e Roquinho são coisas análogas nesta nossa rotina saltense.

No mesmo “Taperá” da semana seguinte, este comentário: “Na antevéspera do Carnaval, Roquinho morreu. Ele que tinha tanto medo da figura branca e cadavérica com o alfanje na mão, não pôde, com suas minguadas forças escapar dela. O sopro gelado e funesto da morte chamou-o para a eternidade. E agora, nas noites calorosas de Salto, ninguém mais o verá no Bar do Boni, nem saboreando um pastel da japonesa. Também aos sábados, esta revista não mais será adquirida das mãos trêmulas do Roquinho. Ele partiu e deixou atrás de si o exemplo de que, mesmo só e sem família, um homem honrado, trabalhador e cheio de respeito, merece a confiança de todos, até daqueles que em brincadeira o amolavam. Adeus Roquinho, Salto perdeu um pedaço de sua vida com a sua eterna partida!”.

Roquinho faleceu em 17/02/1966, conforme publicação no jornal “Taperá”, de 26/02/1966.



Roquinho era o encarregado de escrever as tabuletas anunciando os filmes dos cinemas da cidade

Juiz de Direito tomava medidas (que funcionaram) contra abusos

Na coluna “Falando de Cinema” era destacado o fato do juiz de Direito da comarca tomar algumas medidas colocando ordem no funcionamento dos cinemas locais:

“Ninguém ligava muito pro troço. Os proprietários de cinemas faziam o que bem entendiam, exibiam filmes proibidos até 18 anos permitindo a entrada de jovens, não exibiam o certificado de censura antes da apresentação de filmes e trailers, usavam e abusavam, enfim, do direito de fazer o errado. Isso, porém, teve fim: Salto conta com um Juiz de Direito atuante agora e que participa da vida da cidade em todos os seus detalhes. Recentemente nomeou novos comissários de menores, baixou portaria que praticamente diz tudo o que pode e não pode em relação ao menor e os proprietários de cinema, principalmente, estão com a pulga atrás da orelha. Ou, por outra, tratam de cumprir as exigências que nunca cumpriram e de fazer tudo direitinho. E apesar do pouco tempo, deve-se dizer que a coisa funciona mesmo. Tudo está tão diferente...” (“Taperá”, 22/06/68).

“Batidas” – Os comissários de menores, apoiados pelo juiz de Direito da comarca, dr. Clineu de Mello Almada, continuavam fiscalizando, tendo realizado “batida” não só nos cinemas, mas também em outros locais da cidade:

“Outra ‘batida’ foi realizada durante esta semana por componentes do corpo de Comissários de Menores de nossa cidade. Teve lugar na última quinta-feira à noite, visitando de surpresa cinemas, bares, locais onde se praticam os mais diversos tipos de jogos, jardins públicos, etc. Num dos cinemas, o ‘São José’, constatou-se que no anúncio, a censura do filme ‘Prazeres de Paris’, para a próxima quarta-feira, era de 18 anos, quando, na realidade a exata é: ‘Impróprio para menores de 21 anos’. Isso quer dizer que, quando da apresentação do filme, só aqueles que portarem documento comprobatório poderão assistir ao espetáculo, a não ser que demonstrem fisicamente possuir mais de 21 anos. Na sessão daquele dia, o trailer iria ser apresentado, o que foi impedido pelos comissários pois também ele é proibido para a mesma idade”.

Mais uma “batida” – Notícia de mais uma “batida” de surpresa feita pelos comissários de menores da cidade (Jesuíno Garcia Salva, João Malimpensa, Alcides Victorino de Almeida e Valter Lenzi) nos cinemas locais constatou que no “São José”, no anúncio, a censura do filme “Prazeres de Paris” era de 18

anos, quando, na realidade a exata é: ‘Impróprio para menores de 21 anos’. Isso quer dizer que quando da apresentação do filme, só aqueles que portarem documento comprobatório poderão assistir ao espetáculo, a não ser que demonstrem fisicamente possuir mais de 21 anos. Na sessão daquele dia, o ‘trailer’ iria ser apresentado, o que foi impedido pelos comissários pois também ele é proibido para a mesma idade”.

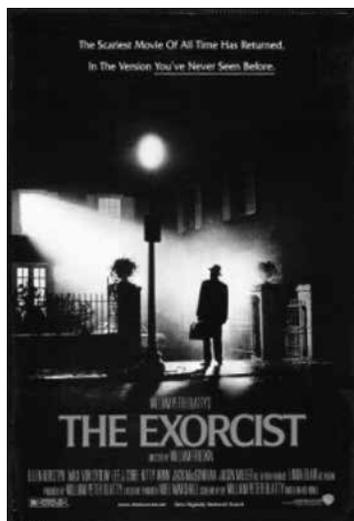
A notícia dizia ainda que, em reunião realizada no Edifício do Fórum, com o juiz de direito da comarca, foi estabelecida uma escala de comissários, nos dois cinemas da cidade, para coibir, com maior eficácia os abusos”. (“O Liberal” de 17/08/1968).

Reunião – “Em reunião realizada na última segunda-feira, no Edifício do Fórum, com o juiz de Direito da Comarca, foi estabelecida uma escala de comissários, nos dois cinemas da cidade, o que quer dizer que os abusos serão agora, com maior eficácia, coibidos, estando os comissários cômicos de seus deveres e obrigações para com o Juizado de Menores de Salto, razão porque cumprirão sua tarefa da melhor forma possível”. (“Taperá”, 17/08/1968)

Os dois cinemas anunciavam melhorias em 1976

Tanto o Cine São José como o Cine Verdi anunciavam melhorias em 1976, inclusive no nível dos filmes que eram exibidos:

“Para a apresentação de dois bons filmes na semana que passou (‘O Casal’, no ‘São José’ e ‘O Exorcista’, no ‘Verdi’), foram feitos alguns melhoramentos nas duas casas de espetáculo. No ‘São José’ foi aberto o corredor lateral, agora totalmente reformado, dando um melhor aspecto ao cinema. Já no ‘Verdi’ foi instalado novo aparelhamento de som e lâmpadas mais potentes nos projetores. Também os filmes apresentados ultimamente parecem ter melhorado de nível, como ‘O Casal’, uma superprodução do cinema brasileiro, fugindo à regra não explora demasiadamente o sexo. Quanto ao ‘O Exorcista’ dispensa maiores comentários, devido à popularidade do filme, que foi exibido durante oito dias. O que se nota é que os proprietários de ambos os cinemas estão procurando dar melhores espetáculos e condições para os saltenses assistirem fitas que não sejam aquelas exibidas pela televisão”. (“O Trabalhador”, 10/01/76)



Elogios para dois filmes exibidos pelo “São José” e pelo “Verdi”, respectivamente “O Casal” e “O Exorcista”

Faroestes italianos faziam muito sucesso na década de 1980

Flip Top lembrava em sua coluna “Na Cidade” do “Taperá”, o sucesso que faziam os faroestes italianos na década de 1980, que eram bastante apreciados pelos saltenses, principalmente os do sexo masculino. Ele citava em 28 de abril de 1981 que há algum tempo nossos cinemas exibiam muitos filmes bons e embora fosse a época de ouro dos bang-bangs italianos, em nenhum fim de semana eles deixavam de ficar repletos. Na época, porém, quem assistia a uma seleção de bang-bangs era criticado por aqueles que não gostavam desse gênero de filme, mas eram bem melhores do que os de agora. “Quem não gostava de assistir a um filme com Giuliano Gemà, Franco Nero, Mark Damon e outros astros e estrelas do cinema internacional?”, perguntava, acrescentando que, nas últimas semanas, observando a programação de cinemas, a quantidade dos faroestes italianos diminuía, pois passaram a ser exibidos muitos filmes nacionais, “nos quais 99% é sexo e mais sexo, não deixando opção alguma para as pessoas que têm uma maturidade adulta e que principalmente não vivem de ilusões”. Lamentava ainda que, como a programação dos cinemas não bastava, estavam aparecendo também nas TVs os filmes pornográficos. O

articulista terminava dizendo: “A propósito, a propaganda do uísque ‘Drurys’ está certa: ‘O papo está voltando... Vamos ficar em casa e conversar. Com a TV desligada, é claro’”.



Clint Eastwood e Franco Nero eram os mais conhecidos e admirados dos faroestes italianos

Outras reclamações e defesa dos proprietários

Outras reclamações citadas por Flip Top em sua coluna e o reconhecimento dos exageros das críticas:

“Temos recebido algumas reclamações de leitores no que se refere aos nossos cinemas. Eles criticam a programação, a bagunça da plateia, as mudanças de filmes na última hora, a falta de conforto e outras irregularidades que os irritam, quando vão assistir a um filme e desejam passar momentos agradáveis. Não temos procuração para defender os proprietários de cinemas, mas não podemos negar que eles enfrentam muitas dificuldades, razão pela qual não achamos justo criticá-los sem qualquer escrúpulo e sem fazer algumas considerações. A televisão transformou-se na maior “inimiga” dos cinemas e, hoje, uma grande parcela da população prefere ficar em casa para

assistir as novelas, os filmes, shows, esportes em geral, etc. A frequência às salas cinematográficas caiu assustadoramente, fazendo com que muitos proprietários pensem até mesmo em fechar suas portas.

Os problemas que enfrentam são muitos, que vão desde a falta de funcionários que sujeitam a perder suas noites trabalhando até de sábado e domingo, até as despesas que têm com energia elétrica, taxas, impostos, etc. Eles procuram enfrentar essas despesas passando os filmes que dão mais “íbope“, ou seja, as “porno-chanchadas“, os “kung-fus“, os sertanejos e outros desse nível. Por isso são criticados pelos que acham que eles só exibem “filmes de mulher pelada“. Quando é exibida uma produção premiada pela crítica internacional e que está em primeiro lugar na Bolsa de Cinema, como “Além do Jardim“, “Parceiros da Noite” e outros, a frequência de público é mínima, dando prejuízo. Em resumo: ser proprietário de cinema hoje em dia não é mole...”.

As comédias saíam das telas e iam para a plateia dos cinemas

Não eram apenas nas telas que se assistia fatos engraçados e pitorescos. Eles aconteciam também com o envolvimento dos espectadores que ocupavam as plateias dos cinemas saltenses, ocorrendo alguns casos que a imprensa registrou.

O filme que não terminou – João Carlos Ratti foi projecionista no Cine Verdi quando era ainda jovem (década de 1970) e conta um fato que além de curioso é engraçado. Foi numa sessão de domingo, com o cinema praticamente cheio para assistir “A Queda do Império Romano“. Naquela época, os filmes chegavam em latas fechadas, com quatro ou cinco partes, em rolos, além dos trailers (cujos rolos eram menores) e naquele dia tinham vindo quatro rolos, que foram colocados pela ordem na máquina. Depois de passar as quatro partes, os encarregados da exibição, inclusive Ratti, acenderam as luzes do cinema e notaram por uma das “janelinhas“ que ninguém se mexia na plateia. “Ué, o que estão esperando?“, perguntou um deles, até que começaram os asobios de protestos.

“Queremos ver o fim do filme!”, gritou um espectador lá de baixo. “Mas que fim de filme? O filme acabou”, respondeu um dos que trabalhavam na cabine. Alguns dos que protestavam subiram até lá, onde houve uma discussão muito grande, até que os encarregados da exibição mostraram que só havia mesmo quatro partes. No dia seguinte, segunda-feira, voltaram ao cinema e constataram que a última parte fora misturada com os pequenos rolos dos trailers e por isso não tinha sido exibida. Quem compareceu na segunda-feira, então, pôde assistir ao filme completo.



“A Queda do Império Romano”: filme que não chegou ao fim

Só para homens – Numa outra ocasião, o Cine Verdi anunciou o filme “Como nascer e como morrer” e despertou logo o interesse do público masculino porque foi anunciado que ele apresentava cenas impróprias para menores de 18, as quais eram “muito fortes e chocantes” e só era permitida a entrada de homens. Inclusive foi programada para as às 20h, num sábado. Como se previa, o cinema lotou e a expectativa era muito grande. Aos poucos, porém, o cinema foi se esvaziando logo depois dos primeiros minutos de exibição. Tratava-se de um filme instrutivo, que mostrava como era a fecundação, o crescimento do feto, o nascimento, etc., tudo apresentado de forma didática. Os que esperavam ver muita mulher nua e cenas de sexo se revoltaram:

“Queremos ver mulher pelada, como foi prometido!”, gritavam, e houve até o perigo do cinema ser depredado.

Nem os operadores das máquinas escapavam das críticas

Não escapava ninguém da língua ferina do Espectador X. Até mesmo os operadores (aqueles que passavam os filmes) eram criticados por ele:

“Afiml, esta coluna não existe apenas para desancarmos o pau nos filmes que são exibidos por aí. Temos também a obrigação de criticar aqueles que muitas vezes transformam um filme bom em ruim. É o caso dos operadores do ‘Verdi’, que ultimamente têm primado por estragar os filmes que lá são exibidos. Se não vejamos: imagens fora de foco, ‘janelinhas erradas’, som mais alto ou mais baixo, e uma infinidade de ‘barbeiragens’, dignas de principiantes.

Outra coisa que não está certo no ‘Verdi’ é a questão do horário; nem sempre a sessão começa na hora certa, pois os responsáveis ficam esperando que os retardatários adquiram seus ingressos. Afiml, será que o pessoal do Verdi está pensando que cinema é propriedade privada, onde só devem ser satisfeitos os desejos de alguns? É preciso ter mais senso de responsabilidade, meus caros, ou Verdi acaba mais na bagunça que a nossa Câmara e Prefeitura reunidas”.

“Vagalume” não, pulgas sim, no Cine Verdi

Em sua coluna “Coquetel de Notícias”, Edmur I. Sala fazia o seguinte comentário:

“O Cine Verdi continua sem ‘vagalume’, mas, em compensação, tem muita pulga. Como o negócio não tem mesmo solução, o ideal seria arranjar um lampiãozinho para cada pulga e então poderíamos enxergar o local para sentarmos”.

Ramos Calhella narra os “shorts” e os jornais nacionais

Além dos filmes, chamavam muito a atenção os “shorts” (informativos de curta metragem), que eram exibidos nos cinemas locais, a maioria dos quais obrigatoriamente, acompanhavam

a exibição dos filmes de Walt Disney ou os “Fox Movietone” (Jornal da Fox). Eles eram narrados por um locutor que prendia a atenção de todos com sua voz. Chamava-se Ramos Calhella. Quando na tela aparecia seu nome como narrador, já se sentia uma satisfação muito grande, pois aquela voz pausada e eloquente prendia por demais a atenção de todos.

Os jornais “Fox Movietone”, sempre atuais e com noticiário de fatos recentes, ocorridos no máximo há 15 dias, agradavam sempre. Não se podia dizer o mesmo dos famigerados jornais nacionais, que, além de trazerem sempre notícias velhas, não mais despertavam o interesse a não ser pelos jogos de futebol que sempre faziam parte integrante deles. Eram exibidos, semanalmente, sendo sua programação feita pela própria Distribuidora (Cinedistri, Canal 100, Ipanema e outras). A exibição destes jornais era obrigatória, infelizmente, para os exibidores e usuários dos cinemas.



Ramos Calhella tinha uma voz adequada e admirada nos jornais “Fox Movietone”

As “pornoanchadas” afastaram o público dos cinemas

Inicialmente os filmes nacionais de baixa qualidade eram chamados de “chanchadas”, mas quando surgiram os que, além de ruins, exploravam o sexo e a pornografia, passaram a ser conhecidos como “pornoanchadas”. Aos poucos eles foram se impondo, mesmo porque havia a obrigatoriedade de exigir uma considerável quantidade de produções nacionais e como os bons filmes eram poucos, os cinemas tinham que apelar para os que não tinham conteúdo e exploravam a pornografia.

Um dos primeiros efeitos da exibição dos filmes nacionais de baixa qualidade foi a abolição dos programas duplos aos sábados, segundo **Antonio Marcos**, em virtude do elevado custo dos aluguéis das películas e à baixa frequência de público, que não comparecia para assistir aos filmes nacionais, já sabendo que iria perder seu tempo com produções sem nenhuma qualidade. Esses afastamentos dos espectadores não aconteceu apenas em Salto, mas em todo o Brasil, na mesma época em que a televisão atraía grande público.

Eram raros os programas nacionais para as famílias, salvando-se os filmes de Mazzaropi, de Os Trapalhões, etc., que produziam seus filmes liberados para todos. Segundo **Antonio Marcos**, essa também foi uma das causas do cancelamento das matinês, pois não havia filmes com censura livre para serem exibidos para o público infantil...



As “porno-chanchadas” exploravam o sexo e a pornografia e foram prejudiciais aos cinemas

Chiquito Guarnieri relata o tiro no filme que “acertou” o “Bastião”

Publicação feita pelo cinéfilo Chiquito Guarnieri no jornal “O Trabalhador” de 29 de novembro de 1986, contando um fato engraçado ocorrido no Cine Rui Barbosa:

“Os saltenses mais antigos certamente se recordam do ‘Bastião’, um funcionário do Cine Rui Barbosa lá pelos idos de 1953.

Ele foi personagem curioso nas primeiras exibições na cidade e do cinema em série (a novela da tela grande), sem nunca ter sido ator. Como esses saltenses vão se lembrar, o ‘Bastião’ era chegado à bebida e foi num sábado, lá pelas 22h30 do mês de setembro, que ele chegou para ir dormir atrás da tela, como sempre fazia. Na ocasião, passava o filme ‘O Porto Fantasma’, com Kane Richmond. Quando ‘Bastião’ chegou no terceiro degrau da escada que dava acesso ao seu quartinho, nos fundos do cinema, em close o mocinho do filme deu um tiro e exatamente no mesmo momento o ‘Bastião’ caiu, como se ele tivesse recebido o disparo. Foi uma gargalhada geral. O cinema estava cheio”.



“Bastião” morava no cinema e “levou um tiro” durante a exibição de um filme

Críticas pela falta de cenas em alguns filmes

Sempre criticado, com justiça ou não, muitas vezes o proprietário do cinema foi responsabilizado por exibir filmes “faltando pedaço” e até partes deles. “O pessoal que trabalhava na cabine do cinema não podia fazer milagre – diz **Antonio Marcos**. Os filmes costumavam chegar ‘em cima da hora’, pois os ônibus que os traziam de São Paulo chegavam pouco antes do início da sessão. Não havia tempo suficiente para revisão antes da exibição”. Continua explicando que “os operadores os analisavam através dos ‘boletins de revisão’, que acompanhavam os filmes e que, nem sempre, espelhavam a verdade. Eram filmes riscados, trepados (com picotes dos roletes de tração por

cima das cenas) devido a defeito dos projetores de outros cinemas, cheios de óleo (que os deixavam escorregadios), exigindo muito cuidado no seu manuseio por parte do operador, tanto ao colocá-los na bobina do projetor, como para desenrolá-los, defeitos esses corriqueiros, ocasionados por descuido de operadores de outros cinemas ou por defeito na aparelhagem dos cinemas que os tinham exibidos anteriormente”.

Nas cidades pequenas, como era o caso de Salto, cujos cinemas davam pouca renda para as distribuidoras, os filmes melhores eram exibidos somente após as grandes cidades e as cópias já vinham, na maioria das vezes, com falta de cenas, estragadas, arrebatadas e até mesmo sem emendas, etc., revela **Antonio Marcos**. Ele acrescenta que isso prejudicava em muito o bom nome do cinema e o do seu proprietário, isto sem dizer na preocupação do operador, pelas interrupções constantes na projeção e pelos danos causados à cópia do filme, estragando-a ainda mais”.

Diz ainda **Antonio Marcos**: “Quanto a ‘pular pedaço’, como era chamado pelos espectadores e ‘críticos cinematográficos’ locais, como é que se poderia exibir cenas que vinham faltando no filme? Poderia o proprietário ou operador fazerem esse milagre ? Se a distribuidora mandava uma parte do filme faltando cenas, como o operador poderia exibi-la inteiramente? Não era culpa da empresa ou do operador. Quantas vezes estávamos na cabina e víamos que a parte estava terminando na bobina do projetor, chegando ao final do filme e o ‘mocinho’ ainda estava lutando, dando-nos a impressão que o filme acabaria sem que a luta tivesse terminado. Qual o interesse do proprietário do cinema em ‘pular pedaço’, ou partes do filme?”.

Muitas vezes também as interrupções na projeção eram causadas por falta de perfurações no filme, pois os aparelhos RCA tinham tambores de tração pequenos e a falta da perfuração fazia com que o filme fosse puxado (esticado), causando tremedeira na tela, obrigando o operador a interromper a projeção para o devido acerto, causando chiadeira total dos espectadores.

Interrupções – **Antonio Marcos** lembra-se que, “em uma das representações de ‘Demétrius, o Gladiador’, na

sessão do sábado, a projeção foi interrompida várias vezes, devido a esse tipo de defeito e, na matinê do domingo, foi exibido normalmente, pois foi feita uma revisão geral na cópia exibida, retirando-se todas as partes danificadas, deixando-a em ordem”.

Conta também que “em várias exibições dos chamados ‘Festivais da Fox’, recebemos críticas alegando que os filmes estavam por demais estragados e faltando pedaços. A responsabilidade era da distribuidora que não deveria programar tais filmes sabendo da má situação das cópias. Quando era feita a programação desses Festivais, o exibidor desconhecia o estado das cópias e não era avisado da situação das mesmas”.

Crítica – Além de “O Liberal”, também “O Trabalhador” fazia críticas ao Cine Rui Barbosa, por desconhecer certos acontecimentos que se verificavam nem sempre por culpa do proprietário, seu filho ou funcionários do cinema. Uma dessas críticas aconteceu em “O Trabalhador” de 19 de outubro de 1957, quando se referiu também aos “abacaxis” ali exibidos, o que estaria afastando muitos “habitués”, à demora na conclusão das obras de reforma, às “máquinas em pandarecos e operadores bisonhos”, que provocavam os gritos, assobios e xingações. “E nem se diga que a plateia é malcriada, aliás, achamos que ela tem sido indulgente demais, pois é realmente de acabar com os nervos de qualquer um aquele amontoado de aberrações ali observadas”. Eram citadas também partes inteiras mudas; letreiros invisíveis pela deslocação do quadro ou do foco de projeção; tremedeiras intermináveis; pulos enormes, ocasionados por películas velhíssimas, uso de objetivas trocadas. Para o jornal eram “fatos tão corriqueiros ali, que os frequentadores, cansados de esperar por uma melhora que não vem mesmo, ‘mudam de galho’, procurando alhures a consideração que lhe é negada ali”. Reconhece que “se muitos fogem do ‘Rui Barbosa’, outros persistem, esperando que as coisas melhorem. Que seus responsáveis compreendam então, a quanto se expõem espezinhando o público, e façam algo para corrigir o que de errado existe ali. Doutra forma farão com que gente da plateia se vá irritando e reaja como aconteceu há pouco, quando alguém não tolerando o descabro reinante, deixou sua poltrona, em

meio a projeção do filme e foi até a cabine das máquinas berrar insultos e reclamar contra a desatenção e o desprezo para com o público que já vinha protestando contra um desarranjo qualquer, sem obter o menor resultado”.

Antonio Marcos concorda em parte com a reclamação, mas, “como dissemos acima, não dependia da empresa a falta de cenas ou o estado da cópia enviada pela distribuidora, pois ninguém melhor que ela para saber o estado da cópia antes de efetuar a sua programação”. Continua dizendo que “os filmes e trailers nem sempre vinham em boas condições, apesar de os ‘boletins de revisão’ que os acompanhavam indicassem o contrário. As revisoras das empresas distribuidoras anotavam os defeitos. Muitas vezes, o filme vinha cheio de óleo, o que necessitava de um cuidado especial para retirá-lo da lata de embalagem, colocá-lo no projetor, e, após a exibição, na hora de rebobinar (ou desenrolar) a parte exibida, todo cuidado era pouco, pois ficava escorregadia e, se escapasse nas mãos, seria um ‘Deus nos acuda’ para encaixá-la novamente, pois uma parte dupla levava cerca de 20 minutos de projeção e, durante esse tempo, não dava para acertá-la e colocar no projetor, obrigando a interromper a sessão por algum tempo”.

Ele afirma ainda que “outros defeitos corriqueiros nos boletins eram partes trepadas, picotadas e forçadas, que faziam com que se redobrassem os cuidados durante a exibição, principalmente nas forçadas, pois continham falta de perfurações, o que ocasionava problema na exibição, pois, conforme dissemos anteriormente, o projetor RCA usava tambores de tração muito pequenos. A falta de perfurações seguidas provocava o estiramento do filme, fazendo com que fosse preciso interromper a projeção. Talvez, essa falta de perfuração nas partes do filme fossem menos sentidas em aparelhos de outras marcas, que continham roletes de diâmetro muito maiores que os do RCA”.

Antonio Marcos conclui dizendo que “como existiam inúmeros cinemas no Estado de São Paulo, as cópias melhores eram exibidas primeiro nas grandes cidades e como Salto era uma cidade pequena, as cópias dos filmes nem sempre vinham em bom estado de conservação, devido a falta de

revisão pelas distribuidoras e por chegarem ‘em cima da hora’ da exibição, não permitindo que o operador tivesse tempo de revisá-lo”.

Operadores – Antonio Marcos também se refere aos problemas enfrentados pelos operadores, que eram funcionários de firmas da cidade durante o dia e à noite se dedicavam ao cinema, a fim de melhorarem um pouco mais sua renda. “O operador, quando retirava o boletim de revisão que vinha dentro da primeira parte do filme – prossegue **Antonio Marcos** –, às vezes ficava desesperado, tal a quantidade de defeitos nele anotados. Nem sempre, porém, os defeitos eram tão graves assim. Ao passar do tempo, as cópias dos filmes passaram a vir em melhor estado de conservação, o que não deixava de ser um alívio não só para o operador como também para o espectador que podia assistir o filme em melhor estado de conservação”. Relembra que um fato que acontecia às vezes eram virem partes trocadas dentro das latas de embalagem, pois toda lata continha o número impresso na etiqueta, o mesmo acontecendo na ponta do filme, mas ocorriam vezes em que não vinham essas indicações e então o operador tinha que seguir pela numeração da lata, arriscando a sorte.

“Chicão” e outros vendedores de amendoim no cinema

Era comum antes do início e mesmo durante as sessões no “Rui Barbosa” (matinês e soirées), os usuários adquirirem amendoim para degustá-lo durante a exibição dos filmes. Carregando uma pequena cesta com amendoim torrãozinho, “Chicão”, pessoa simples, o vendia no interior do cinema, antes e durante as sessões, usando como medida uma pequena xícara, com a qual servia os interessados. Nessa época não existia bombonnières, com venda de balas, doces, etc. O amendoim era a diversão.

Posteriormente, esse “serviço” passou a ser executado pelo seu filho Roquinho (Roque de Paula Ribas), que era cartazista, pintor de tabuletas e muros com propagandas do cinema, aliás com muita arte. Trabalhou também em outro cinema da cidade (Cine Verdi).

Em 15/01/1956, o jornal “O Trabalhador” publicou a notícia do falecimento do Francisco de Paula (“Chicão”), em 09/01/1956, deixando os filhos Maria, Benedito e Roque (Roquinho). **Antonio Marcos** relata: “estava vindo do Seminário de São Roque para Salto, em férias, e soube do falecimento do ‘Chicão’ através de uma pessoa que estava no trem, inclusive falando que papai havia ajudado a família nos funerais”.

Bomboniere – Antonio Marcos relata que “somente em fins de 1958, aproximadamente, é que foi instalada uma ‘bomboniere’ no cinema, explorada por terceiros, vendendo, além de balas e doces, pequenos refrigerantes – ‘caçulinhas’ (Guaraná Antarctica em garrafas pequenas). O proprietário era Guerino Telesi, que, depois, vendeu-a a Wellington Lopes de Souza (Lopinho) ou outro. Após o encerramento das atividades do Cine Rui Barbosa, a bomboniere do cinema foi colocada à venda pelo usuário, conforme publicação na imprensa local.

Homenageando “Chicão” – Um colaborador de “O Trabalhador”, Líbio, referiu-se a “Chicão”, vendedor de amendoim, numa crônica publicada em 29 de janeiro de 1956, na qual diz que ele era também um tipo popular conhecido por todos os saltenses. Dizia que “ele era visto com sua cestinha às portas de nossos cinemas, desde os tempos, que já vão longe, do ‘Pavilhão’, depois do ‘Verdinho’, do ‘Rio Branco’ e ‘São Bento’ até os atuais ‘Rui Barbosa’ e ‘Verdi’. Circo algum passou por Salto em todos esses anos, sem que ‘Chicão’ tivesse deixado de apregoar, à sua entrada, o conhecidíssimo estribilho: ‘Amendoim torradinho...’. Conheci-o quando eu era criança e o vi, sempre igual, sempre do mesmo jeito”.

Márcia de Araujo também homenageou “Chicão”, em “O Trabalhador” numa crônica denominada “O Vendedor de Amendoim”, na qual se refere a ele como um homem sempre “simplesmente vestido, como simples era o seu coração e a sua alma. Os seus pés, estavam sempre escondidos pelas modestas alpargatas. A sua roupa quase sempre era de um xadrez ralo e surrado. O colete era peça indispensável no seu vestuário usual. O seu chapéu não escondia a idade e o cansaço. O seu rosto magro e fino, exprimia um misto de fadiga e tristeza. Cesta no colo, cheia de torrados e cheirosos amendoins, lá estava

ele todas as noites. Aquilo para ele, era uma obrigação. Nada o removia daquele mister. Não sei se proveniente de asma, tinha uma tosse pertinaz, que não o deixava”.



Desenho mostrando como seria “Chicão”, vendedor de amendoim, na porta de cinemas, circos, etc.

Fiscalização de filmes com porcentagem às distribuidoras

Para a exibição dos grandes filmes, conta **Antonio Marcos**, chamados pelas distribuidoras cinematográficas de “cabeça de produção” ou para os filmes cujo aluguel incidia a porcentagem (50, 60 ou até 70% da renda) para o distribuidor, eram designados fiscais vindos de São Paulo para acompanhar as exibições na cidade; geralmente hospedavam-se em hotéis da cidade durante os dias de trabalho no cinema local. Esses fiscais, geralmente, se postavam ao lado do porteiro e registravam o número de espectadores que entravam no cinema com “relógios”, para posterior conferência com os ingressos vendidos na bilheteria. Alguns deles usavam dois relógios, um para registrar as meias entradas e outro para as inteiras. Nesse tempo ainda não se usava a roleta na entrada do cinema. No término da sessão era lavrado o correspondente borderô com o movimento do dia.

Outras informações de **Antonio Marcos**:

No final de 1957, devido ao grande número de filmes com pagamento da porcentagem, as distribuidoras acharam melhor

designar um fiscal local para executar o serviço, ficando a cargo dos fiscais de São Paulo somente os grandes filmes. Para Salto e, depois, para a região, foi designado Adércio Caleffo, que permaneceu na função até meados de 1972, fiscalizando para as distribuidoras Fox Film do Brasil, Paramount Pictures, Metro Goldwyn Mayer, Organização Rank, Imperial Filmes, Royal Filmes, Pam Filmes, Ouro Filmes, Art Filmes, além de outras nacionais como Ouro Nacional, Brasil Internacional e Embrafilme, entre outras.

O auxiliar do fiscal Adércio, em seus impedimentos, era João Costa, principalmente quando havia fiscalização em outras cidades da região, no mesmo dia e horário, pois Adércio fiscalizava também os cinemas de municípios vizinhos, como Itu e Porto Feliz.

Durante algum tempo, os cinemas passaram a ser fiscalizados pela SBIL – Segurança Bancária, de São Paulo, que após algum tempo nessa função também designou fiscais locais para a função.

Propagandas em muros da cidade e em tabuletas

Na esquina das Ruas 9 de Julho com a Dr. Barros Jr., onde funcionou a Agência Bonavita e, hoje, existem várias lojas, havia um muro, usado pelo “Rui Barbosa”, da Empresa João de Almeida, onde eram pintadas propagandas dos filmes a serem exibidos no referido cinema. Inicialmente, o muro fazia parte da propriedade do Dr. Euclides de Carvalho Nogueira, médico, que residia na Rua Dr. Barros Jr., esquina com a Rua 9 de Julho. Depois, o prédio passou a ser utilizado pelo jornal “O Trabalhador”.

Sobre um fundo pintado com cal, executado pelo Roquinho de Paula e muitas vezes pelo próprio empresário e filho, geralmente à noite, após a sessão cinematográfica, eram pintadas as propagandas dos filmes da semana. Os anúncios, continham, além dos nomes dos artistas e outros dados necessários, as datas de exibição e eram pintados com tintas coloridas, como preto, azul e vermelho, geralmente à base de água. Estes anúncios frequentemente sofriam alterações, sendo apagadas letras dos nomes dos filmes, trocando-se o nome original por

outros, ficando alguns com sentido jocoso e outras vezes por palavras nem sempre muito decentes.

Antonio Marcos se lembra de alguns, como por exemplo “Como Agarrar um Milionário”, alterado para “Como Agarrar um Milion... i”, em alusão à família saltense Milioni, muito conhecida na cidade. Outro foi “O Maior Espetáculo da Terra”, no qual foram apagadas letras da palavra Espetáculo, ficando um palavrão em seu lugar.

Esse tipo de alteração era também comum nas tabuletas colocadas nas esquinas, escritas com alvaiade e água sobre uma placa com fundo preto, facilmente apagadas e alteradas, causando reclamações por parte de alguns e risos por parte de outros. O filho do proprietário recorda-se com saudade desse tempo, pois desde que começou a ajudar o pai nesse serviço, sentia-me orgulhoso de poder exibir alguma ideia nova em propagandas de filmes.



Letras excluídas do nome do filme “O Maior Espetáculo da Terra” se transformaram em palavrão

Tabuletas – Desde os tempos do “Rui Barbosa”, eram pintadas pequenas tabuletas contendo os nomes dos filmes, os respectivos artistas e mais alguma informação necessária, como horário e preço dos ingressos. Esse serviço era executado pelo Roquinho, que também era quem levava as tabuletas para serem colocadas em esquinas que eram pontos de passagem obrigatória do público, no centro. No início eram tabuletas de

madeira, sendo depois substituídas por outras de ferro pintadas de preto, onde as propagandas eram escritas com tinta branca (alvaiade). Este tipo de tinta era facilmente apagada, pois era dissolvida em água, o que facilitava os malandros a alterarem facilmente os nomes dos filmes. Posteriormente, passou-se a usar goma arábica ou cola de carpinteiro adicionada na tinta para melhor fixação. Esse serviço era executado com grande maestria pelo “Zé-Pé-no-Chão” no tempo do Rui Barbosa.

Além do Roquinho, o proprietário do cinema, João de Almeida, também costumava exercer essa atividade, executando belos trabalhos com arte e destreza. **Antonio Marcos** se lembra da primeira tabuleta que pintou: “Tratava-se de uma pequena tabela de madeira com fundo amarelado e escrita com tinta azul, que costumava ficar pendurada na parede externa do Bar do Boni, na Rua 9 de Julho, vizinho do prédio onde funcionou a agência do Banco do Brasil, onde hoje é uma loja de calçados ou na loja do Adélio Milioni, na Rua 9 de Julho, esquina da Rua Dr. Barros Jr. O filme chamava-se ‘Os Inconquistáveis’, com Gary Cooper e Paulette Goddard, relançamento da Paramount. Consegui escrever apenas ‘Os Inconq...’ pois faltou espaço para o restante do nome, dada a minha falta de prática nesse serviço. Em resumo, precisou ser pintado novamente o fundo e papai escrevê-la. Com o passar do tempo, porém, a prática me ensinou essa arte, aprendendo as artimanhas necessárias e ter ‘golpe de vista’, chegando ao ponto de, por maior que fosse o nome do filme, caber na tabela. Passei também a gostar de pintar tabelas e grandes cartazes que eram fixados nas paredes externas do cinema”.

Prefixos musicais causavam muitas lembranças

As pessoas costumavam chegar cedo para assistir aos filmes exibidos nas sessões dos cinemas saltenses. No “Rui Barbosa” e no Cine São José, principalmente, as músicas executadas ficavam nas lembranças dos espectadores, que se recordam delas com saudades. No “Rui Barbosa” o prefixo era a marcha “The Washington Post”, avisando os espectadores que o espetáculo iria iniciar. Nas matinês, quando essa música era tocada, as crianças batiam os pés no assoalho, demonstrando

sua alegria pelo início do espetáculo.

Após seu regresso a Salto, em 1957, quando seu pai ia a São Paulo programar filmes, **Antonio Marcos** dava-lhe uma relação de músicas para comprar os discos, geralmente aqueles com músicas da época e que mais gostava, como “Folhas Mortas” e “Unchained Melody”, entre outras. Muitas vezes, porém, esses discos 78 rotações por minuto (rpm), de material facilmente quebradiço, chegavam trincados ou quebrados. Na cidade ainda não existiam lojas de discos.

Após a instalação do “gongo”, deixou-se de usar música como prefixo.



Marcha “The Washington Post” era o prefixo do Cine Rui Barbosa

Os filmes de maior sucesso em todos os tempos

Segundo **Antonio Marcos**, os filmes de maior sucesso na história do Cine Rui Barbosa, os quais foram inclusive reapresentados em diversas ocasiões foram: “O Manto Sagrado”, o primeiro filme lançado em CinemaScope; “Demétrius, o Gladiador”, continuação de “O Manto Sagrado”, “Suplício de uma saudade”, “O Cisne negro”, “Sangue e Areia”, “Sansão e Dalila”, “... e o Vento Levou”, “O Maior Espetáculo da Terra”, “Rebelião na Índia”, “O Rio das Almas Perdidas”, “Rochedos da Morte”, “A Fonte dos Desejos”, “A Lenda da Estátua Nua”, “A Lança Partida”, “O Príncipe Valente”, “O Egípcio” e muitos outros de grande sucesso.

As produções de Walt Disney costumavam atrair grande afluência de público, principalmente “Branca de Neve e os 7

Anões”, “A Dama e o Vagabundo”, “Pinóquio”, “Peter Pan”, entre muitos outros.

Ele lembra também que eram muito apreciados os faroestes, principalmente quando estrelados por John Wayne, Glenn Ford, Henry Fonda, Bill Elliott, Roy Rogers, Buck Jones, Joel McCrea, Audie Murphy, Rex Allen, Alan “Rocky” Lane, Randolph Scott, Charles Starrett, Gene Autry, Guy Madison, Richard Widmark, Johnny Mack Brown, Tex Ritter, William Boyd e tantos outros “mocinhos”, sempre acompanhados de astros coadjuvantes, chamados de “bobões”, como George “Gabby” Hayes, Al “Fuzzy” St. John, além dos cavalos famosos, indiozinhos, mocinhas, etc.

Sobre as comédias, **Antonio Marcos** cita a dupla Jerry Lewis e Dean Martin que se destacavam pela audiência, além dos sempre inesquecíveis Charles Chaplin (Carlitos) e Stan Laurel e Oliver Hardy (o Gordo e o Magro), Ben Turpin e Harry Langdon entre outros, que nos divertiam com suas alegres e inocentes travessuras e situações cômicas.

Nas chanchadas nacionais, sempre apreciadas pelo público, que ria a valer, **Antonio Marcos** destaca Oscarito, Grande Otelo, Mazzaropi, Anselmo Duarte, Eliana, Cyll Farney, José Lewgoy, Zé Trindade, Ankito, Dercy Gonçalves entre outros.

“Além desses grandes artistas – diz o filho do proprietário – também uma menina encantava a todos com seus filmes, atraindo grandes públicos aos cinemas de todo o mundo”. Era a encantadora Shirley Temple. “Seus filmes eram sempre grandes sucessos de bilheteria, como ‘A Pequena Rebelde’, ‘A Princesinha das ruas’, ‘A Queridinha da Vovó’ e outros”.



Cinco dos filmes de maior sucesso, segundo Antonio Marcos: “Sangue e areia”, “... E o Vento levou”, “Fonte dos Desejos”, “O Manto Sagrado” e “Adeus às Armas”



Filmes de Walt Disney atraíam o público, como “Pollyanna”, “Pinóquio” e “Branca de Neve e os 7 Anões”



Crianças e adultos riam com as comédias de Carlitos e O Gordo e o Magro



Duas duplas das chanchadas nacionais: Oscarito e Grande Otelo e Anselmo Duarte e Eliana

Deixaram saudade – “Entre os muitos filmes exibidos na cidade – continua **Antonio Marcos** – alguns merecem destaque por terem marcado época de sua exibição, deixando gravados na nossa memória, quer pela sua história de amor, aventura, ação ou outro gênero, quer pela sua beleza, sensibilidade, tema musical, etc”. Ele cita “Suplício de uma Saudade”, “Os Brutos Também Amam”, “Sansão e Dalila”, “Beau Geste”, “Capitão de Castela”, “Joana D’Arc”, “Duelo de Paixões”, “O Maior Espetáculo da Terra”, “Adeus às Armas”, “A Morada da Sexta Felicidade”, “Demétrius, o Gladiador”, “As Chuvas de Ranchipur”, “A Caldeira do Diabo”, “O Homem que Sabia demais”, “O Céu é Testemunha”, “Tarde Demais para Esquecer”, “O Rei e Eu”, “Como agarrar um Milionário”, “Os Inconquistáveis” e outros.



Quatro de muitos filmes que deixaram saudade: “Adeus às Armas”, “A Caldeira do Diabo”, “Sansão e Dalila” e “Os Brutos também Amam”

Os seriados eram acompanhados com muito interesse

Na época do “Rui Barbosa”, às terças, quintas-feiras, sábados e domingos em matinê, eram exibidos os famosos filmes em série ou seriados, nos quais os “mocinhos” ou “mocinhas”, os grandes heróis e heroínas, eram sempre perseguidos pelos bandidos ou vilões, como o “Caveira”, “Dr. Satan”, “Fu Manchú”, “Don Del’Oro”, “O Escorpião” e outros, nos seriados como: “A Legião do Zorro”, “Os Perigos de Nyoka”, “A mulher Pantera”, “A Mulher Tigre”, “O Terror dos Espiões”, “Império Submarino”, “A Deusa de Joba”, “Dick Tracy, o detetive”, “Dick Tracy contra o crime”, “A volta de Dick Tracy”, “Novas Aventuras de Dick Tracy”, “O Fantasma do Zorro”, “O Chicote do Zorro”, “Capitão América”, “O Morcego”, “A Volta do Homem Morcego”, “A Filha das Selvas”, “O Homem de Aço”, “Super Homem”, “Flash Gordon no Planeta Mongo”, “Flash Gordon no Planeta Marte”, “Flash Gordon Conquista o Universo”, “O Enigma das Torres” e tantos outros que divertiam e que tudo faziam para que os espectadores (principalmente crianças e jovens) não perdessem a sequência semanal.

Astros como Linda Stirling, Allan Rocky Lane, Rod Cameron, Buster Crabbe, Clayton Moore, Tom Tyler, George Reeves, Ralph Byrd, Kirk Alyn, Lewis Wilson, Dick Purcell, Herman Brix, Tom Keene, Johnny Mack Brown, Bill Elliott, John Wayne, Frances Gifford, Tristan Coffin, Tom Mix, Bob Steele, Kay Aldridge, Bela Lugosi, Peggy Stewart, Harry Carey, Reed Hadley, John Carroll, Robert Lowery, J. Carroll Naish, Gilbert Roland, e tantos outros, apareciam nesses seriados, como “mocinhos” ou “bandidos”.



*Cinco seriados famosos: “Zorro”, “Flash Gordon”,
“Os Perigos de Nyoka”, “Caveira dos Terror” e “Dick Tracy”*

Lembrando os seriados – Em sua coluna “Falando de Cinema”, de 5 abril de 1959, Espectador X se recorda dos seriados exibidos nos Cines Rui Barbosa e no Cine São José:

“Quem é que não acompanhou um seriado em sua vida? Quem é que não deu berros num cinema da cidade, ao avistar na tela a figura do ‘mocinho’ correndo para salvar a ‘mocinha’? Só mesmo talvez quem nunca teve infância ou não teve oportunidade de frequentar o cinema quando criança. Em nossa cidade, aos domingos na matinê, ainda são exibidos os velhos seriados, já que, ao que parece, as companhias cinematográficas pararam de produzir novos.

Hoje o seriado está decadente. Somente nos cinemas do interior e em alguns da Capital eles continuam a ser exibidos, mas não despertam o interesse de antigamente. A época de ouro do seriado aconteceu por volta de 1911 até 1920 e prosseguiu nos anos seguintes, quando ele entusiasmava o público

em geral. Nessa época, vários países produziam filmes em série, destacando-se os EUA, França (os dois pioneiros do seriado) e a Alemanha. A partir de 1920, porém, somente os Estados Unidos continuaram a produzi-los dedicando-os mais ao público juvenil.

Houve seriados que obtiveram grande sucesso. “Flash Gordon” e suas aventuras interplanetárias foi um deles. Produzido pela Universal, esse seriado foi talvez o mais dispendioso da história do cinema e o que maior sucesso obteve no cinema sonoro. No cinema mudo “Os perigos de Paulina” foi o seriado de maior sucesso de todos os tempos, projetando o nome de Pearl White (Paulina), tornando-a um ídolo do cinema. Outros sucessos do cinema sonoro, quase todos exibidos em nossa cidade foram: “A deusa de Joba”, “O segredo da ilha do tesouro”, “Os tambores de Fu Manchu”, “Império Submarino”, “O tesouro do escoteiro”, “As aventuras de Rin Tin Tin”, “A legião do Zorro”, “Batman e Robin”, “O Super Homem” e vários outros. A maior parte deles, como se pode ver, baseados em histórias em quadrinhos.

Hoje o seriado está em grande decadência. Ressurgirá? Morrerá? Aguardemos o próximo episódio para saber, podendo-se garantir apenas uma coisa indubitável: o seriado marcou época na história do cinema.

O cinema se transformou, em 1984, num mau negócio?

Num editorial publicado no jornal “Taperá” de 12 de janeiro de 1985 era citada a fase difícil pela qual passavam os cinemas:

Tendo em vista os muitos fechamentos em cinemas nas cidades do interior e até nas capitais, surgia a dúvida se era um mau negócio mantê-los. “Evidentemente que os tempos mudaram – dizia o editorialista –, pois há quinze ou vinte anos atrás, os proprietários das salas de espetáculo cinematográfico conseguiam boas rendas, pois elas lotavam pelo menos duas vezes por semana. A televisão não era tão desenvolvida como atualmente e eram raras as pessoas que possuíam um aparelho e mesmo estes não tinham muita paciência para assistir imagens em preto e branco, com muita interferência e “chuviscos”. Hoje tudo mudou e certos canais de TV apresentam bons

filmes ou programas de alto nível que prendem o espectador à poltrona de sua residência, impedindo que ele vá procurar diversão em outros locais”. Essas pessoas às vezes até tinham vontade de ir a um cinema, mas logo imaginavam o desconforto que encontrariam e a má qualidade dos filmes exibidos. Citava como exemplo que o Verdi só vinha apresentando filmes pornográficos e isso afastava aqueles que procuram qualidade e diversão sadia.

Salto contava, na época, com cerca de 60 mil habitantes e o edital frisava que não poderia ficar sem cinema, se fosse considerado que, quando o município tinha uma população de 10 mil habitantes, havia três (São José, Verdi e Najá). “Manter salões como o do São José e Verdi não nos parece razoável, mesmo porque, hoje em dia, até mesmo nas grandes cidades eles são deficitários, mas um com dimensões reduzidas certamente daria certo. Vamos tentar?”, sugeria o jornal em 12 de janeiro de 1985, mas essa ideia não foi levada avante, mesmo porque os dois principais cinemas já tinham encerrado as suas atividades.

Obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais prejudicou os cinemas

Na década de 70 a 80, surgiu a Lei de Obrigatoriedade de exibição de filmes nacionais pelo INC – Instituto Nacional do Cinema, estabelecendo que, durante 1/3 (um terço) do ano, deveriam ser exibidos filmes nacionais (cerca de 133 dias por ano), inclusive aos sábados e domingos, nos mesmos dias da semana dedicados aos filmes estrangeiros. Segundo **Antonio Marcos**, geralmente, esses filmes eram de péssima qualidade e na maior parte “pornoanchadas”, fazendo com que o público se afastasse ainda mais do cinema. As famílias deixaram de frequentar cinema e somente compareciam aos espetáculos cinematográficos com seus filhos quando os filmes eram desenhos de Walt Disney, filmes de Mazzaropi, Os Trapalhões ou outro infantil ou ainda nos grandes filmes épicos, como “Os Dez Mandamentos”, “Ben Hur”, “El Cid”, “Spartacus”, “Tubarão”, “Exodus”, “Os Canhões de Navarone” entre outros, ou quando começaram a surgir os filmes catástrofe, como “O Destino do Poseidon”, “Inferno na Torre” e “Terremoto”, entre outros.

Considerações de **Antonio Marco** sobre a obrigatoriedade:

“Aos poucos, o cinema foi decaindo, devido em parte a má qualidade dos filmes, especialmente os nacionais, ao sexo explícito, dificuldade financeira, TV, videocassete, etc. Os grandes cinemas das capitais partiram para o sistema de múltiplas salas, com recintos menores, facilitando a exibição de maior número de filmes e período maior de exibição, com menos despesas na manutenção e maior lucro. Dos cinemas do interior, alguns seguiram o exemplo, enquanto outros, na sua maioria, foram fechando suas portas para abertura de outro tipo de comércio, como supermercados, templos religiosos, etc.

O que a maioria das pessoas ignorava é que os pequenos exibidores eram sempre os mais sacrificados pelas grandes distribuidoras de filmes, obrigando-os a exibirem uma quantidade de filmes médios e ‘abacaxis’ para conseguirem exibir um filme melhor, o que tornava difícil conseguir sobreviver, pois o rendimento era muito pequeno nos grandes filmes. Cada distribuidora apresentava sua ‘relação de filmes’ (‘Lista de produção’, como era chamada) a serem contratados, e, além dos preços, os dias em que deveriam ser exibidos, obrigando-os a programar filmes intercalando-os, o que fazia com que, um grande filme tivesse de ser exibido após tantos outros e muitas vezes ficasse sem exibi-lo por falta de cópia em bom estado.

A falta de público ocasionou a redução do número de sessões aos domingos, passando das três sessões normais para apenas uma, cancelando-se a matinê e a segunda sessão à noite. Assim mesmo, nem sempre em condições favoráveis financeiramente para a empresa, pois, geralmente, os filmes também eram impróprios para menores.

Após a criação, pelo Governo Federal, do INC – Instituto Nacional do Cinema, da Embrafilme e do Concine, órgãos controladores das atividades cinematográficas no país, os programas semanais passaram a ser fiscalizados e aprovados por eles. Cada programa deveria ser apresentado com antecedência ao representante do órgão para a devida aprovação e, posteriormente, encaminhados à Polícia Federal em São Paulo. Sem este procedimento, o cinema estaria sujeito à punição (multa). Os programas, após suas aprovações, deveriam ficar fixados em local

visível, para uma eventual fiscalização por parte dos fiscais.

Com a fixação do número obrigatório de dias para exibição de filmes nacionais (133 dias por ano), os programas passaram a ser aprovados somente com o cumprimento desta determinação, nos dias estabelecidos, obrigando o exibidor a anexar aos programas os respectivos contratos, contendo as datas de exibição dos filmes, fornecidos pelas distribuidoras. Somente assim eram aprovados. Os dias de exibição seriam nos mesmos moldes da exibição dos filmes estrangeiros, isto é, sábados e domingos, inclusive.

Esta obrigatoriedade, a nosso ver, prejudicou muito, pois fomos obrigados a exibir uma quantidade enorme de ‘abacaxis pornográficos’, uma vez que o cinema nacional, na sua grande maioria, só produzia filmes de sexo, fazendo com que os cinemas perdessem grande parte de seus assíduos fregueses, especialmente pais acompanhados de seus filhos, uma vez que somente adultos passaram a frequentar cinema. A medida prejudicou principalmente os cinemas do interior, pois eram obrigados a substituir filmes estrangeiros de melhor qualidade para exibir ‘abacaxis’ nacionais obrigatoriamente. Muitos cinemas do Estado de São Paulo encerraram suas atividades por não concordarem com esta norma, inclusive atingindo o nosso ‘São José’.

Um gerente de uma das grandes distribuidoras de São Paulo, Sr. Odécio Miranda, conversando comigo a respeito dos filmes pornográficos, assim se expressou: ‘Hoje vocês podem faturar mais com a exibição dos filmes pornográficos (nacionais), mas, daqui a algum tempo vocês sentirão o quanto isso vai prejudicar o cinema no Brasil’. Ele não adivinhou, falou a verdade nua e crua.

Na minha simples opinião de exibidor, senti na pele essa realidade, pois, para mim, foi o fim do cinema, já que quem passou a frequentar as salas de projeção foram somente os homens, salvo exceções. As famílias desapareceram do cinema”.

Antonio Marcos comenta os destaques nos vários gêneros de filmes exibidos

Nos vários anos em que estive ao lado do seu pai João, **Antonio Marcos** teve a oportunidade de acompanhar as

exibições, apesar das muitas atividades que exercia, até mesmo as mais simples, substituindo funcionários na falta de algum deles. Ele rememora os principais gêneros da indústria cinematográfica, que teve fases em que a “febre” de cada um deles acontecia. Ele se refere a praticamente todos os gêneros: aventura, suspense, espionagem, épicos, bíblicos, westerns, bang-bangs, bang-bangs à italiana, kung-fu, sexo, cinema catástrofe, terror, etc. Em cada gênero existiam os astros e diretores preferidos das plateias.

Suspense – No suspense, nada melhor que Alfred Hitchcock que nos deu grandes filmes, como: “O Homem que Sabia Demais”, “Janela Indistreta”, “Os Pássaros”, “Psicose”, “Ladrão de Casaca”, “Intriga Internacional”, “Frenesi”, “O Terceiro Tiro”, “Um Corpo que Cai” e muitos outros. Em muitos dos filmes de Hitchcock, não era permitido entrar no cinema após o início do filme, para não perder o “suspense” do final, como era mencionado na propaganda do filme. O próprio Hitchcock sempre aparecia numa ponta dos seus filmes.



Dois filmes de suspense: “O Homem que Sabia Demais” e “Psicose”, ambos de Alfred Hitchcock

Épicos – Apontados por **Antonio Marcos**: “Ben Hur”, “El Cid”, “Spartacus”, “Alamo”, “Os Dez Mandamentos”, “Barrabás”, “Quo Vadis” e filmes de Cecil B. de Mille, que nos deu produções grandiosas, como “Os Dez Mandamentos”, “As Cruzadas”, “O Rei dos Reis” e “O Sinal da Cruz”, dentre outros.



Destaques entre os filmes épicos: “Os Dez Mandamentos” e “Ben Hur”

Bang-Bangs – Neste gênero surgiram astros como John Wayne, Burt Lancaster, Kirk Douglas, Henry Fonda, Richard Widmark, Gregory Peck, Alan Ladd, Anthony Quinn, Robert Taylor, Glenn Ford, Clint Eastwood entre outros. Surgiram os grandes filmes, como “Minha Vontade é Lei”, “Fúria no Alasca”, “Sem Lei, Sem Alma”, “Caçada Humana”, “O Homem dos Olhos Frios”, “A História de um Homem mau”, “O Homem que Matou o Facínora”, “Os Comancheros”, “Johnny Guitar” e “Os Brutos Também Amam”.



“Minha Vontade é Lei” e “Fúria no Alasca”, dois grandes faroestes

Bang-bangs italianos – Gênero em que surgiram Giuliano Gemma (Montgomery Wood), Fernando Sancho, Klaus Kinski, Clint Eastwood, Anthony Steffen, Lee Van Cleef, etc., que nos deram “O Dólar Furado”, “Três Homens em Conflito”, “Por uns Dólares a Mais”, etc.



Clint Eastwood e Giuliano Gemma participaram de diversos faroestes italianos

Catástrofe – Este gênero se iniciou com “O Destino de Poseidon”, “Terremoto”, “Inferno na Torre”, a série “Aeroporto”, “Aeroporto 75”, “Aeroporto 77” e “Aeroporto 79, o Concorde”, entre muitos outros.

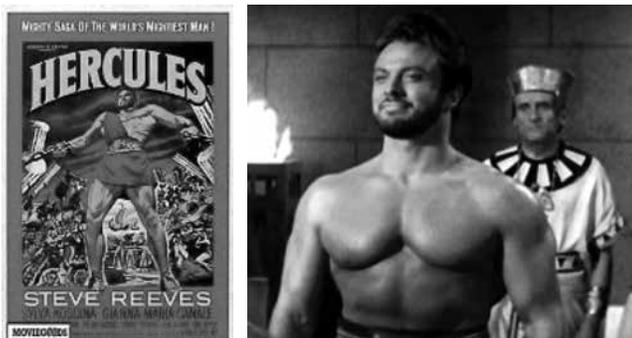


Entre os filmes catástrofes tivemos “O Destino do Poseidon” e “Terremoto”

Forçados – Surgiram também os filmes com heróis “forçados”, como Golias, Hércules, Maciste, Ursus e outros, com artistas como Steve Reeves, Gordon Scott, Mark Forrest, Dan Vadis, Gordon Mitchell, Kirk Morris, etc.

Sobre este último gênero, o jornal “Taperá” publicou na coluna “Cá Entre Nós”: “O proprietário do Cine São José continua apresentando filmes com os ‘forçados’ Golias, Ursus, etc. Será

que ele não estaria interessado num curso de halterofilismo por correspondência?”.



Steve Reeves e The Rock, atores que mostraram sua força em vários filmes

Tarzan – Os filmes de Tarzan também se constituíram num gênero. Estrelados por Johnny Weissmuller, Lex Barker, Gordon Scott, Ron Ely e outros, era muito apreciado pelos espectadores em geral. Quem não de se lembra destes: “A Companhia de Tarzan”, “O Filho de Tarzan”, “A Fuga de Tarzan”, “O Tesouro de Tarzan”, “Tarzan e a Expedição Perdida”, “Tarzan e a Mulher Diabo”, “Tarzan e as Sereias”, “Tarzan e as Amazonas”, entre muitos outros.

Aproveitando a onda dos filmes de “Tarzan” e aproveitando o personagem do “Tarzanzinho”, estrelado por Johnny Sheffield, surgiram os filmes de “Bomba”, como: “Bomba e a Escrava”, “O Soberano das Selvas” e muitos outros. Após encerrar a série Tarzan, o astro Johnny Weissmuller também passou a ser o astro de uma série de filmes, onde interpretava o personagem “Jim das Selvas”.



Johnny Weissmuller e Lex Barker interpretaram Tarzan em diversos filmes

Terror – Havia também bom número de admiradores dos filmes de terror, com atores famosos como Boris Karloff, Bela Lugosi, Christopher Lee, Vincent Price, Peter Lorre, Peter Cushing, Lon Chaney e Lon Chaney Jr., os quais que nos deram “Drácula” e “Frankenstein”, entre outros.



Lon Chaney e Boris Karloff assustaram muitos espectadores em filmes de terror

Comédias – Nas comédias apareceram grandes comediantes, como Charles Chaplin, o Carlitos, em “Luzes da Ribalta”, “O Grande Ditador”, “Tempos Modernos”, “Luzes da Cidade”, “O Garoto”, “EM Busca do Ouro”, entre muitos outros. A dupla mais famosa do cinema, O Gordo e o Magro, com suas hilariantes comédias: “Os Reis do Riso”, “Risos e Mais Risos”, “Risos e Sensações de Outrora”, “A Ceia dos Veteranos”, “A Princesa Bohemia”, “Dois Palermas em Oxford”, “Os Filhos do Deserto”, “Paixonite Aguda”. Surgiram também Abbott e Costello, Dean Martin e Jerry Lewis, Os Trapalhões e muitos outros.

Posteriormente surgiram diversas grandes comédias coloridas, como “Deu a Louca no Mundo”, “A Corrida do Século”, “Quem não Corre, voa”, além dos filmes de Mel Brooks: “O Jovem Frankenstein”, “A História do Mundo”, “A Última Loucura de Mel Brooks” e outras.

Entre as comédias nacionais, os comediantes que atraíam multidões ao cinema e que eram sempre muito prestigiados pelo público, sem dúvida alguma, eram Mazzaropi e Os Trapalhões.



As duplas Stan Laurel e Oliver Hardy e Dean Martin e Jerry Lewis fizeram muita gente rir

Kung-fu – Este gênero tornou famoso o astro máximo, Bruce Lee. Era um gênero muito apreciado pelos fãs, principalmente quando eram estrelado por Lee.



Bruce Lee foi o mais admirado na participação de filmes de Kung-fu

Espionagem – Destaques para “Flint contra o Gênio do Mal”, “Flint, Perigo Supremo”, estrelados por James Coburn, e “O Agente da U.N.C.L.E.”, com Robert Vaughn e David McCallum, entre outros. A mais fantástica série dos filmes de espionagem, porém, foi, sem dúvida alguma, a do “Agente 007”, de Ian Fleming: “Moscou contra 007”, “007 contra Goldfinger”, “007 contra a Chantagem Atômica”, “Com 007 só se vive 2 vezes”, “007 a serviço de Sua Majestade”, “007, o espião que me amava”, “007 somente para seus olhos” e outros, na maioria das vezes estrelado pelo mais famoso dos Agentes

007 – Sean Connery, depois substituído por Roger Moore e alguns outros.

O primeiro filme da série – “O Satânico Dr. No” – não chegou a ser exibido na cidade por falta de cópias. A exibição desta série se iniciou com o segundo filme – “Moscou contra 007”.



Sean Connery como 007 e Robert Vaughn e David McCullum (Agentes da Uncle) apareceram bem em filmes de espionagem

Walt Disney, o gênio, também ofereceu ao público um gênero com obras inesquecíveis, no princípio com desenhos lindíssimos e depois com filmes incríveis, como “Branca de Neve e os 7 Anões”, “Pinóquio”, “Bambi”, “Peter Pan”, “Fantasia”, “Se meu Fusca falasse”, “As aventuras do Capitão Grant”, “A Ilha do Topo do Mundo”, “Pollyanna”, “Mary Popins”, além de documentários e boas histórias, como “O Leão Africano”, “O Drama do Deserto”, “A Cidadela dos Robinsons”, “20.000 Léguas Submarinas” e muitos outros.



“A Cidadela dos Robinsons” e “20.000 Léguas Submarinas”, dois filmes produzidos nos estúdios de Walt Disney

Bons filmes – “Como era gostoso participar do tempo em que tínhamos grandes produções, bons filmes, dignos de assistirmos até mais de uma vez e sairmos satisfeitos do cinema”, continua **Antonio Marcos**. Ele lembra que eram filmes alegres, divertidos e traziam sempre alguma mensagem positiva. Surgiram grandes produções, com o lançamento do CinemaScope, como “O Manto Sagrado”, “Demétrius, o Gladiador”, “A Lança Partida”, “Suplício de uma Saudade”, “Rochedos da Morte”, “A Lenda da Estátua Nua”, “Rebelião na Índia”, “As Chuvas de Ranchipur”, “O rio das Almas Perdidas”, “O Pecado Mora ao Lado”, “Como Agarrar um Milionário”, “Nunca fui Santa”, “Os Homens Preferem as Loiras”, “A História de Ruth”, “Ester e o Rei”, “A Caldeira do Diabo”, “O Vale das Bonecas”, “O Céu é Testemunha” e muitos outros que jamais serão esquecidos pelo público amante do cinema.



*Dois dos muitos filmes que marcaram época:
“As Chuvas de Ranchipur” e “A Lenda da Estátua Nua”*

Comparando o “Verdi” a um circo, com “artistas e animais”

Ao comentar o filme “Touros e Areia”, Espectador X (sempre rigoroso nas críticas) fazia o seguinte comentário na edição de “O Liberal” de 23 de dezembro de 1961:

“O filme ‘Touros e Areia’ é muito, mas muito pior que a touxada do Circo Rodeio Santa Fé que funciona na cidade. Tirem uma base por aí. Em verdade, o Cine Verdi já é um circo, embora leve o nome de cinema. Temos lá os ‘artistas’, aqueles que

gostam de se exhibir, enquanto as luzes não se apagam. Há também os ‘animais’, aqueles que parecem cavalos, botando as patas nos assentos das poltronas, ou ‘uivando’ como lobos durante os espetáculos. Tem também (e esses em maior número) os ‘palhaços’, aqueles que em altas vozes durante a sessão soltam piadinhas, procurando serem engraçadinhos. Esses, então, são alvos do interesse geral, menos da fiscalização, que os deixa à vontade. Os espectadores somos nós, eu, você, enfim todos aqueles que da ‘arquibancada’, assistimos ao filme com educação.

Além do circo da plateia, muito vagabundo por sinal, vamos ter amanhã, segunda e terça feira a exibição na tela de ‘O Grande Circo’, com Victor Mature e Ronda Fleming. Fita bem feita, belo colorido, com palhaços, acrobatas, trapezistas, animais e outros artistas. Não confundir com os da plateia”.

Pedindo bons jornais e bons complementos

Exibição de complemento

nacional nas sessões era obrigatória

De acordo com determinação dos Órgãos Governamentais, os cinemas eram obrigados a exhibir um complemento nacional (jornal nacional) em todas as sessões cinematográficas, quando eram exibidos filmes estrangeiros. Para o cumprimento dessa determinação, as empresas distribuidoras nacionais os programavam para os cinemas semanalmente, e algumas distribuidoras americanas também os produziam, como era o caso dos jornais da Fox Movietone, produzidos e distribuídos pela 20th Century Fox, nos quais as notícias vinham sempre quentinhas (recentes), o que não acontecia com as nacionais.

A esse respeito, o jornal “O Liberal” publicou uma matéria, com a qual **Antonio Marcos** diz concordar, mas ressalta que não cabia à empresa a qualidade solicitada.

Mais jornais – Havia cada vez mais exigências com os cinemas locais. Em 13 de janeiro de 1962, Espectador X pedia, além das reivindicações costumeiras, mais jornais e complementos cinematográficos, que passavam, juntamente com os trailers, antes da exibição dos filmes:

“Além da exigência que fazemos sempre aos nossos cinemas para que exibam bons filmes, temos uma a fazer a partir

de hoje: queremos também que sejam apresentados bons jornais, bons complementos, antes da película. Já está ficando meio cacete a gente ir ao cinema e ter que aturar alguns jornais nacionais, que só focalizam banquetes, festas, que só servem mesmo para fazer cartaz de figurões endinheirados. A Fox, a Paramount e outras companhias têm tantos bons jornais, complementos e documentários. Por que nossos cinemas não os pedem ao invés de trazer esses que só servem mesmo para enervar o espectador? Aliás, estamos tocando no assunto, justamente por que um leitor pediu que nós o fizéssemos, cansado que está de ver banquetes e outras festas”.



Um dos jornais nacionais mais famosos e sempre aguardado era o “Canal 100”, que apresentava lances de jogos; o Fox Movietone era o melhor dos estrangeiros

Situação dos cinemas locais repercutia na Câmara

Repercutia na Câmara, em fevereiro de 1962, a situação dos cinemas saltenses, em artigo publicado em “O Liberal”:

“Na última sessão da Câmara de Salto foi ventilado pelo edil Anésio Bovolon um assunto que já se está tornando corriqueiro em nossa cidade – Cinemas. Temos em Salto três salas cinematográficas, porém elas não vêm colaborando com o nosso público da maneira como deveriam. Se não vejamos: aqui em Salto a que passa melhores filmes e oferece pouco conforto aos espectadores, é o Cine Verdi. O que incomoda os assistentes é o cinema não possuir declive. O contrário se passa com o Cine São José, ótimo prédio, adequado para o fim utilizado, mas é o que passa os piores filmes. Não tem a mínima consideração para com os seus frequentadores.

Vários casos têm ali surgidos; um deles é o de meia entrada para os estudantes. Estes têm direito a meia entrada por lei. Ele que venda a entrada pedida sem exigir documentação e o porteiro que exija dos estudantes a caderneta respectiva. Isto é certo, o resto é pura balela. Outro ponto que merece cuidado especial, principalmente dos Srs. comissários de menores, é a fiscalização da entrada de menores nos cinemas, quando o filme é impróprio ou proibido. Isso tem sido observado pelo menos em parte? Achamos que não. Já era tempo de alguém tomar algumas providências, e que o apelo do vereador Anésio Bovolon encontre ressonância”.

Comentada a presença da Polícia nos cinemas locais

Em 7 de abril de 1962 Espectador X fazia um comentário sobre a presença de policiais nas sessões do “Verdi” e “São José”:

“As sessões de cinema na cidade, não têm sido mais tão perturbadas como antes pelos engraçadinhos sem graça. Vez por outra isso acontece e geralmente no ‘Verdi’, local mais propício para se dizer piadinhas e bobagens em altas vozes. Às vezes acontece que no ‘Verdi’ faz-se uma bagunça dos diabos e não há policial algum para fiscalizar, pois ele está no ‘São José’, onde não é tão necessária sua presença. Sei lá se a Polícia tem obrigação ou não de fiscalizar a conduta do público nas sessões. Mas se eles comparecem fardados e equipados, cremos que é para agir.

Temos reparado ultimamente, e parece que onde o filme é melhor lá estão eles. Fardados e equipados. Desconfio até que os danados são entendidos em cinema. Experimentem pedir a opinião deles sobre os filmes. É o que eu vou fazer, quando estiver em dúvida”.



Policiais que trabalhavam no Cine São José, nas décadas de 60/70

Recomendação para ir ao cinema de Itu

Tendo em vista que os filmes exibidos em Salto eram de baixa qualidade, Espectador X recomendava que os saltenses fossem para Itu: “Vão ver Ben-Hur”.

“Gente, o espaço não vai dar para comentar os filmes deste fim de semana. Mas vocês não vão perder nada, pois não há fita que preste. Se vocês quiserem jejuar de cinema e quiserem assistir a um bom filme, gastem mais um pouco e vão até Itu ver ‘Ben-Hur’, o espetáculo máximo do cinema. Há uma semana que essa maravilha da 7ª arte vem sendo exibida na vizinha cidade, ficando até a próxima terça-feira em cartaz. Não percam essa oportunidade. Vale a pena. Deixem que o ‘São José’ fique às moscas, com o Elvis Presley cantando ‘rocks’ e baladas em ‘Coração rebelde’. E que no ‘Verdi’ só estejam o operador e os ‘vagalumes’ para morrer de medo com ‘O moinho das mulheres de pedra’”.

Conclusão da imprensa: proprietários dos cinemas eram considerados inocentes

As vezes a imprensa saltense fazia justiça e isentavam os proprietários dos cinemas locais de culpa, como aconteceu em 20 de janeiro de 1962, quando Espectador X, crítico contumaz desde que sua coluna foi criada em “O Liberal”, reconheceu que eles não eram os maiores culpados:

“Não queríamos, mas infelizmente chegamos a triste conclusão: o maior culpado pelos ‘abacaxis’ que nossos cinemas apresentam é o próprio público. Se o cinema anuncia um ‘western’ do tempo da onça, com artistas medíocres ou de uma chanchada nacional, fica lotado. Se apresenta um filme de classe, com verdadeiros artistas, o salão fica às moscas. A cambada quer porcaria. A maioria da massa é ignorante, não sabe distinguir o bom do mau. Cinema para eles é bagunça. Às favas com a arte. Os proprietários dos cinemas, para quem a arte é um pretexto para ganhar dinheiro, não vão atrás de filmes tecnicamente bem feitos, mas sim dos que deem boa renda. Se o público quer Ankitos, Ankitos neles. Cem Ankitos, mil Ankitos, milhões de Ankitos. Exibir bons filmes para meia dúzia admirar é besteira. Cinema é meio de vida. Estão certos os proprietários. Que nos desculpem quando os criticamos a esse respeito. Esqueçam tudo que lhes dissemos. Os burros, os trouxas são os espectadores saltenses. A maioria, pelo menos. O caro leitor, logicamente, não se inclui entre os burros e os trouxas. Só em ler esta secção já demonstra que tem bom gosto”.

Nota Zero para os dois cinemas

De vez em quando os articulistas dos dois jornais da cidade davam nota zero para os cinemas locais, como aconteceu com o “Taperá” em 18 de maio de 1974:

“Não são poucos os leitores que nos procuram para reclamar dos cinemas da cidade. As críticas são feitas, geralmente, à qualidade dos filmes, ao mau funcionamento das máquinas, ao ‘corte’ de pedaços importantes das fitas ou à bagunça que certos espectadores fazem.

Ir ao cinema, hoje em dia, é, pois, um ato de heroísmo, razão pela qual a frequência diminui a cada dia. Por isso, não se pode deixar de perguntar aos proprietários do ‘São José’ e do ‘Verdi’ porque não procuram dar melhores condições ao espectador, melhorando os programas e a qualidade dos filmes, ao mesmo tempo em que lhe proporcionam a necessária ordem para que ele não deixe a sala de exibição com raiva e com a determinação de nunca mais voltar?”.

Imprensa: críticas e elogios aos dois cinemas da cidade

A imprensa saltense era o “termômetro” para que as pessoas decidissem se continuariam ou não a irem aos nossos cinemas, pois ela fazia as críticas que consideravam necessárias para que os erros cometidos fossem corrigidos. Mas, às vezes, também faziam elogios, como se pode notar nestes dois exemplos:

Nota zero – No “Taperá” de 18/05/1974, era dada nota zero para os dois cinemas locais em virtude da qualidade dos filmes, mau funcionamento das máquinas e ao corte de partes importantes das fitas, além da bagunça que se verificava.

Melhorias – Comentário de 10/01/1976 no mesmo jornal: “Para a apresentação de dois bons filmes na semana que passou (‘O Casal’ no ‘São José’ e ‘O Exorcista’, no ‘Verdi’), foram feitos alguns melhoramentos nas duas casas de espetáculo. No São José foi aberto o corredor lateral, agora totalmente reformado, dando um melhor aspecto ao cinema. Já no Verdi foi instalado novo aparelhamento de som e lâmpadas mais potentes nos projetores. Também os filmes apresentados ultimamente parecem ter melhorado de nível, como ‘O Casal’ uma super produção do cinema brasileiro, fugindo à regra, não explora demasiadamente o sexo. Quanto ao ‘O Exorcista’, dispensa maiores comentários, devido à popularidade do filme, que foi exibido durante oito dias. O que se nota é que os proprietários de ambos os cinemas estão procurando dar melhores espetáculos e condições para os saltenses assistirem fitas que não sejam aquelas exibidas pela televisão”.

Cronista de “O Trabalhador” reclamava por uma programação infantil adequada

O cronista Bat, de “O Trabalhador”, se referiu numa matéria do jornal, publicada em 14/01/1962, sobre a programação para crianças, dizendo que como lhes falta a necessária maturidade, não podem assistir a qualquer filme, como os de terror, que prejudicam seu sono e conseqüentemente a saúde. “Surge, então um problema – dizia Bat – raramente, em nossa cidade, tem havido uma programação infantil adequada. Outras vezes, a programação é atrapalhada por trailers ou outros filmes

de valor discutido para semelhante público. Não somos, absolutamente, contra o cinema ou contra esta ou aquela sala de projeções. Pensamos, no entanto, que os espectadores mirins, também, têm os seus direitos e esperam eles ver um filme que os agrade”. Ele fazia um apelo aos proprietários dos cinemas locais que, na medida do possível, pensassem nos expectadores infantis. “Eles também merecem coisas boas. Mesmo porque já houve programações interessantes, é possível fazer uma programação que lhes agrade”.

O cronista acrescentava que “a petizada saltense não quer ir ao cinema nos dias de semana, porque os espetáculos são noturnos, e além disso, a programação desses dias é feita para os adultos. Nesse ponto, outro apelo insistente fazemos, para os pais, educadores e proprietários dos cinemas para que juntos façam valorizar a censura dos filmes. Nossas crianças querem que a matinê dos domingos seja, de fato, uma sessão para crianças. Não desejam mais ver filmes dos quais nada entendem ou onde só aparecem gangsteres e tiros. Já se cansaram desses filmes”.

“O Trabalhador” justificava a não publicação da programação

“O Trabalhador” justificava em 5/4/1964 a não publicação da programação semanal dos cinemas locais, esclarecendo que a ausência da mesma devia-se à dificuldade de se obter a censura da maior parte dos filmes a serem exibidos. A essa dificuldade, prosseguia o jornal, “não raramente associava-se outra, criada pelos exibidores, os quais relutavam em dar-nos as programações com a necessária antecedência. Mais parecia que nos prestavam um favor, não cuidando que eles é que recebiam, na forma de propaganda gratuita”. Essa segunda dificuldade, segundo o jornal, “agravou-se depois que merecidas críticas (ainda as julgamos merecidas!) fizemos a um dos cinemas locais, com respeito à sua não observância da censura oficial quanto ao limite de idade dos frequentadores”.

Antonio Marcos responde: “Quanto a esta notícia de ‘O Trabalhador’ informamos que a Empresa João de Almeida nunca se negou a entregar a relação dos filmes a serem exibidos, bem como suas censuras ao jornal, pois, durante as matinês,

eram retiradas essas programações por funcionários do jornal, na pessoa de Tarciso Rodrigues, José Geraldo Garcia ou algum funcionário designado para essa finalidade. Essa publicidade era entregue pelo filho do proprietário a qualquer dos jornais que se interessassem a publicá-los, sem qualquer restrição.

Comentários sobre os maus espectadores eram muitas vezes publicados

Em diversas ocasiões os jornais locais criticavam o comportamento de espectadores nos cinemas da cidade. Tinha que haver uma fiscalização muito eficiente e enérgica, pois havia muitos que se achavam no direito de berrar, fazer bagunça, enfim ter um comportamento condenável que precisava ser reprimido.

Vejam alguns comentários publicados na imprensa saltense:

“Gangsteres” – “Não foi a primeira vez que aconteceu no Cine São José a lamentável ocorrência do último domingo à noite. Muitos são os leitores que vem até nós reclamar dos maus filmes, da falta de conforto, da falta de troco, das fitas incompletas que aquele cinema exhibe. Porém, nem só aquela casa de espetáculo deve ‘levar chumbo’ sempre. Os maus espectadores também, aqueles que bagunçam o tempo todo, não deixando os demais assistirem sossegadamente aos filmes. É, muitos marmanjos fazem força para mostrarem-se os ‘mocinhos’ na plateia, mas eles não conseguem jamais deixar de ser ‘gangsteres’ de quinta categoria” (“Tapera”, 25/02/1972)

Falta de educação – Do colunista Flip-Top: “Dias desses tivemos a oportunidade de assistir a um filme num dos cinemas de nossa cidade e ficamos decepcionados com a maneira com que se comportam certos indivíduos, que só vão aos cinemas para ‘bagunçar o coreto’. Que palhaçada desses elementos, eles gritam, fazem barulho com a cadeira, falam palavras de baixo calão em voz alta e atrapalham aqueles que estão dispostos a assistir numa sessão cinematográfica. Os casais (de namorados ou mesmo casados) que estão presentes no cinema, muitas vezes se sentem envergonhados quando algum desses elementos, ao ver uma cena de sexo, gritam palavras imorais sem se preocuparem com as pessoas que estão ao seu redor. Gritam simplesmente com a intenção de ‘aparecer’ e fazer com

que os outros pensem que são os ‘bons’. Elementos dessa natureza não poderiam nem mesmo entrar num cinema, afinal, ninguém tem culpa se eles não tiveram educação para se comportarem adequadamente nesses recintos. E para complicar ainda mais, não existem mais os famosos ‘lanterninhas’ que pelo menos colocavam um pouco de ordem na casa. Fulano gritou, fez bagunça, era expulso do cinema na mesma hora. Essa época até que dava para assistir a um filme em paz. Mas, agora, os senhores proprietários de cinema nos desculpem, mas não dá mais. Imaginem se os cinemas forem reformados e passarem a possuir poltronas estofadas, não vai durar uma semana, pois esses vândalos destruirão tudo”.

Antonio Marcos esclarece: “Quando da inauguração do ‘São José’, eram tantas as pessoas que desejavam trabalhar no cinema que precisavam deixar o nome para depois serem chamados, para qualquer função. Era grande o número de pessoas interessadas. Com o passar do tempo, ninguém mais se interessava, sendo muito difícil conseguir alguém para qualquer função. Não se encontrava nem operadores, nem ‘lanterninhas’, faxineiras, etc. e nem mesmo a polícia como antigamente”.

Preços dos ingressos eram sempre alvo de críticas na imprensa

O preço dos ingressos cobrados nos cinemas saltenses também sempre foi um dos “pratos preferidos” para as críticas. Sob o título “A matemática e seus defeitos”, de “O Liberal” de 15 de janeiro de 1961, por exemplo, dizia:

“Quem diria que em Salto fôssemos encontrar alguém que revolucionasse a matemática! Já foi a época em que o velho professor, com aspecto grave, dirigindo-se aos alunos dizia com autoridade: ‘A matemática é infalível’. Até ela é agora deturpada. Todos sabíamos que Cr\$ 20,00 dividido por 2 era igual a Cr\$ 10,00 e que Cr\$ 25,00 por 2 era igual a Cr\$ 12,50. O ‘São José’ (não o santo, o que poderia ser milagre, mas o cinema) prova aos estupefatos fregueses que metade ou “meia” de 25 é 15. E para que isso fosse mostrado a todos, a prova de que a matemática tem seus defeitos foi colocada na bilheteria

do cinema em lugar de outra antiga cuja metade de 20 era 10”. (“O Liberal” de 15/01/1961)

Antonio Marcos explica: “Segundo muitos programas de cinemas antigos, como o São Bento, em 1935, da Empresa Lopes e Mazza, o preço cobrado era 1\$000 e \$600. O Verdi, em 1937, da Societá M. Assistenza G. Verdi, era 1\$000 e \$800, o da Empresa J. Caracante, \$600 e \$400, e o Rui Barbosa, do Silvestre, \$600 e \$400 e 1\$500 e \$800, o que se conclui que bem antes desse tempo os proprietários dos cinemas deveriam ser maus alunos nas escolas ou os professores não ensinavam, pois também não sabiam fazer contas direito”.

Ingressos mais caros – O aumento do preço dos ingressos provocou um comentário em 1º de dezembro de 1962: “Exibindo filmes de péssima categoria, na maioria faroestes, as casas de diversões de nossa terra não oferecem aos frequentadores bons programas, e alteram a seu bel prazer, o preço dos ingressos. Há ainda o caso do Cine Verdi, que às quartas-feiras apresenta a chamada ‘Sessão das Moças’, quando o salão fica lotado de senhoritas e senhoras, que não pagam ingresso, e os cavalheiros pagantes não têm lugar para se sentar. (“O Liberal” de 01/12/1962)

Numa outra nota, o mesmo jornal escrevia que “os novos preços merecem greve”, de autoria de Espectador X: “O Cine São José, o insaciável, estreou nesta semana preços novos: Cr\$ 80,00 e Cr\$ 50,00. Para a turba ignorante, lascou na programação BB, Mazzaropi, ‘O Direito de Nascer’, etc., e certamente vai faturar bastante. Pra vocês que não tem dó em gastar o dinheiro por qualquer abacaxi, vejam a delícia de hoje: ‘O Vendedor de Linguixa’, com Mazzaropi. Não comentando o filme, eu faço greve. Duvido que vocês façam o mesmo”. (“O Liberal” de 20/07/1963)

Ingressos – Outra notícia (e crítica) sobre o preço do ingresso:

“O salário de qualquer trabalhador não pode subir mais de 20 ou 25%, sei lá. Os gêneros alimentícios não podem ultrapassar o limite de 30% e o mesmo indicador prevalece para todo e qualquer aumento. O Cine São José, porém, sem autorização de ninguém, achou-se no direito de aumentar de NCr\$ 1,00

para NCr\$ 1,50 o preço do ingresso, sem que pessoa alguma chiasse. Subiu exatamente 50% (cinquenta por cento), vinte a mais que o estabelecido pelo governo federal, e não houve qualquer bronca. Não vamos dizer que NCr\$ 1,50 por um ingresso de cinema seja caro, mas se a lei é para um é para todos. Sabemos que ninguém vai tomar qualquer providência, mas fica aí o nosso protesto, para que saibam que não estamos de olhos fechados”. (“O Liberal” de 28/06/1969)

“Muito vivo” – Ainda sobre os ingressos, “O Liberal” publicava em 10 de abril de 1965 que o proprietário do Cine São José era “muito “vivo”: “quando viu que a ‘coisa’ apertava para o lado dele, com a disposição dos estudantes em fazer fila-boba, caso não fosse cumprida pelo São José, portaria que determina que estudantes e menores de 12 anos devem pagar 50% dos ingressos, quando viu isso sabem o que fez? Aumentou os preços de 200 e 150 para 300 e 150. Com isso os adultos não estudantes estão pagando 100 cruzeiros a mais e os estudantes continuam pagando os 150. Muito ‘vivo’ ele, não pessoal? E mesmo assim muitos o mandam para o inferno...”

Foi aventada a possibilidade da construção de um novo cinema na cidade

Em novembro de 1965, foi aventada a construção de um novo cinema na cidade. João de Almeida adquiriu um grande terreno na Rua Rui Barbosa, com a finalidade de ser construído um novo cinema, maior e melhor que o “São José”, do qual era proprietário.

Esse terreno, porém, depois de adquirido, devido à exigência por parte da Prefeitura, foi negociado com o INPS (atual INSS) para a construção de sua sede regional, coisa que até esta data não aconteceu. Até hoje esse terreno continua desocupado e apenas cercado por grades.

A notícia foi publicada pelo “Taperá” em 20/11/1965:

“Reconhecemos que às vezes até exageramos nas críticas contra o proprietário do ‘São José’. Mas, creiam, isso não é perseguição, não. Soubemos, por exemplo, que ele vai construir na Vila Teixeira um magnífico cinema, tendo para isso já adquirido o terreno. Ótimo. O pessoal da Vila e todo o povo saltense

vão ter futuramente mais uma bela sala de espetáculo”.

Comentários sobre 1965 e previsões para o ano de 1966

No final de 1965 (31 de dezembro) o colunista do “Taperá”, Espectador X, apresentou as previsões para o novo ano. Ele dizia: “Crítico de cinema que somos (ó, máscara) e dos mais respeitáveis, diga-se de passagem, (comentar os filmes depois que a gente assiste, é fácil; o difícil é comentar antes como Espectador X faz), teremos que fazer um balanço do ano que passou, falando das coisas boas que ele nos proporcionou, porque se fôssemos falar das ruins, teríamos que repetir a Edição de Natal, só que sem nenhuma publicidade, pois não haveria espaço para tanto”.

Antes de prever o que aconteceria em 1966, citou o que aconteceu em 1965, dizendo que, dentre os sete cinemas de Salto e Itu, o Cine Boni (de Itu) foi o que melhores filmes exibiu, além de proporcionar conforto aos seus frequentadores. Muitos saltenses iam até a vizinha cidade assistir aos filmes que demoravam um pouco mais para serem exibidos em Salto. “Em Salto – dizia a nota – o ‘São José’ ganhou, mas não foi uma vitória muito brilhante, pois nem o Verdi e muito menos o Roiam foram adversários que exigissem muito trabalho. No Verdi, imperou em 1965, como nunca, a bagunça e o Roiam continuou naquele ritmo do um passo à frente, dois pra trás. Porque a concorrência da televisão foi grande neste ano, o São José andou exibindo alguns bons filmes, pra ver se fazia a turma voltar ao cinema. Assistimos, então: ‘O grande motim’, ‘A senhora e seus maridos’, ‘A mansão do terror’, ‘O incrível homem do espaço’, ‘Sodoma e Gomorra’, etc. Apesar da bagunça, o Verdi andou também apresentando algumas boas fitas, como: ‘Fugindo do inferno’, ‘Barrabás’, ‘Pavilhão 7’ e ‘Charada”.

Nas previsões para 1966 o colunista esperava que “o ‘São José’ deixasse pra lá muita coisinha tola, que só serve para enervar o espectador (‘lanterninhas’, linha duríssima, filmes arrebatados, arbitrariedades, como não querer vender ingresso para crianças, quando o filme é livre, etc.) e que no Verdi

sejam feitas pequenas modificações, como, por exemplo: colocar ‘lanterninhas’ do tipo do São José (lá sim precisam deles) e derrubar o prédio, construindo ali outro cinema, condizente com o progresso da cidade. Com essas ‘pequenas’ modificações, teremos um ano novo calmo e tranquilo, que é o que desejamos a todos”.

Antonio Marcos revela os problemas com a contratação e substituição dos funcionários

O filho do proprietário do Cine São José, **Antonio Marcos**, relembra as dificuldades que o cinema tinha para contratar alguns funcionários, dentre eles os operadores de máquinas. Cita que, no início das atividades do “São José”, esse funcionário era muito fácil de conseguir, tal o número de pessoas interessadas para as funções de projetionistas (operadores, como se costumava chamá-los) ou aprendizes, pois muitos já haviam trabalhado em outros cinemas e outros queriam aprender a arte. Deixavam seus nomes com o proprietário, para serem chamados à medida que fosse necessário. Era só alguém deixar o serviço, que era substituído de imediato por outro de igual capacidade.

Em muitas ocasiões, o operador trabalhava sozinho, executando todos os serviços (operador, auxiliar, etc.) e, nesses casos, quando deixava o serviço causava problema para a empresa, pois era necessário achar logo um substituto para a função, caso contrário era o empresário ou ele, Antonio, que o substituíam.

“O operador que trabalhava na cabine – diz **Antonio Marcos** – quando do fechamento do ‘Rui Barbosa’, e que deveria assumir a função no novo cinema, Samuel Bueno de Oliveira, por motivo de mudança de residência para outra cidade, não pôde reassumir suas funções e indicou-nos o Sr. Isidoro Róveri (Dóro ou Dorinho, como era mais conhecido), para substituí-lo. É que Isidoro já havia trabalhado no Cine Verdi por muitos anos nessa função. Após a saída de Samuel, muitas outras pessoas passaram pelo serviço de projetionista, tendo Samuel, em diversas ocasiões retornado como operador, pois sempre que se mudava para Salto nos procurava para voltar a trabalhar no cinema. Em certa ocasião, havia tanto operador na cabine, que

foi necessário fazer-se uma escala semanal, para que um não atrapalhasse o serviço do outro”.

Entre os projecionistas, que durante o dia exerciam as mais diversas atividades em empregos fixos, haviam mecânicos, encarregados de fiação e tecelagem, tecelões, carpinteiros, motoristas de táxi, cabeleireiros e até um investigador de polícia. “Um deles – revela **Antonio Marcos** – era motorista de táxi. Toda noite, antes de iniciar o espetáculo, pedia dinheiro para comprar cigarro e, numa das vezes, lhe foi dito que já estava ‘devendo para a empresa’, devido ao fato de ter retirado mais dinheiro do que receberia como pagamento. Abandonou o serviço, pois achava que a empresa ‘tinha obrigação de patrocinar o cigarro, sem descontar do seu pagamento’. Foi só não haver acordo com essa condição que o referido funcionário retirou-se da cabine e nunca mais apareceu, sendo necessário que a projeção de filmes nesse dia fosse executada por mim”.

Nos últimos anos do funcionamento do cinema, não só nesta função, mas também na de “lanterninha”, faxineiro, etc., os serviços muitas vezes foram executados pelo próprio empresário ou por seu filho, uma vez que ninguém se interessava em trabalhar à noite no cinema, por falta de interesse ou por faltarem com frequência sem avisar, ocasionando contratempos à empresa. “Quantas vezes – lembra – na hora de se iniciar a sessão, o empregado não chegava, obrigando o empresário ou o gerente a executar a função de projecionista, além da de bilheteiro, porteiro, etc., e muitas vezes atender a fiscais do Concine ao mesmo tempo. Esse era um fato que os espectadores ignoravam”.

Os problemas enfrentados pelos cinemas da cidade

Na coluna “Na Cidade”, de autoria de Flip Top, pseudônimo utilizado por João Carlos Ratti, em 5 de fevereiro de 1983, eram comentados os problemas existentes na cidade. O articulista dizia que tinha recebido muitas reclamações sobre a falta de conforto no Cine Verdi, além da bagunça na plateia, mudanças de filmes na última hora e outras irregularidades. No entanto, não poderia negar que os proprietários dos cinemas enfrentavam muitas dificuldades e que “a televisão transformou-se na maior ‘inimiga’ dos cinemas e hoje uma

grande parcela da população prefere ficar em casa para assistir às novelas, os filmes, shows, esportes em geral, etc. A frequência às salas cinematográficas caiu assustadoramente, fazendo com que muitos proprietários pensem até mesmo em fechar suas portas”. Citou, entre os problemas, a falta de funcionários que se sujeitam a perder suas noites trabalhando até de sábado e domingo, prosseguindo com as despesas que os cinemas tinham com energia elétrica, taxas, impostos, etc. Como consequência, eles procuravam enfrentar essas despesas passando os filmes que davam mais “ibope” ou seja, as “porno-chanchadas”, os “kung-fus”, os sertanejos e outros desse nível.

Reclamação da bagunça e da falta de “lanterninhas”

Flip-Top reclamava no jornal “Taperá” da bagunça que as pessoas faziam nos cinemas locais e da falta de “lanterninhas”, aqueles funcionários dos cinemas que indicavam os lugares vagos para os que chegavam depois das luzes se apagarem. Ele dizia que foi assistir a um filme num dos cinemas da cidade e ficou decepcionado com a maneira com que se comportam certos indivíduos, que só vão aos cinemas para fazer bagunça, que gritam, fazem barulho com a cadeira, falam palavras de baixo calão em voz alta e atrapalham aqueles que estão dispostos a assistir a uma sessão cinematográfica. “Os casais de namorados ou mesmo casados, que estão presentes no cinema, muitas vezes se sentem envergonhados quando algum desses elementos, ao ver uma cena de sexo, gritam mesmo, palavras imorais sem se preocuparem com as pessoas que estão ao seu redor. Gritam simplesmente com a intenção de ‘aparecer’ e fazer com que os outros pensem que são os ‘bons’, registrou Flip-Top”. (Taperá, em 15/09/79)

Jornal sugeria boicote às “chanchadas” e à falta de “lanterninhas”

Sob o título “A partir de hoje, boicote”, o jornal “O Liberal” de 05/08/1961 sugeria um boicote dos espectadores saltenses contra as “chanchadas” (filmes nacionais de baixa categoria) que eram exibidos no Cine Najá.

O jornal também reclamava da falta de “lanterninhas” (funcionários do cinema que indicavam os lugares vagos após as luzes da plateia serem apagadas, também chamados de “vagalumes”) no Cine Verdi. Além de reclamações, publicava duas quadrinhas que tinha recebido de um leitor, que utilizava o pseudônimo “L.A.N. Terna”:

*Ir no Verdi é um sacrifício,
O filme não se assiste bem
Tem sempre uma cabeça na frente
Só “vagalume” não tem.
O cara fica abobalhado,
Se na escuridão ele entra
Procura um lugar em vão
No colo de uma velha ele senta*

Deu resultado – As críticas sobre a falta de “lanterninhas” no Cine Verdi deram resultado, mas somente após um ano. Na edição do dia 24/02/1962, o colunista Espectador X demonstrava em sua coluna (Falando de Cinema) sua satisfação numa matéria denominada “Vagalume e demônio”:

“Aleluia! Aleluia! Salve! Salve! Viva! Viva! Soltem rojões, foguetes, busca-pés e bombas!. O Verdi contratou um ‘vagalume’! O rapaz pioneiro, ainda está meio acanhado, não acende a lanterna como deve, mas isso talvez seja a emoção, por ser o primeiro ‘vagalume’ daquele cinema. Com o tempo, porém, ele se acostuma. Vocês verão. Hoje o cinema que tem ‘vagalume’ vai apresentar ‘O demônio enfurecido’, com Robert Lansing e James Congdon. É um drama de ciência-ficção muito vagabundo, que narra episódios consequentes das experiências de dois irmãos cientistas que, trabalhando num projeto espacial descobriram o segredo da 4ª dimensão, isto é, a faculdade de fazer com que os objetos sólidos passem através dos outros. Na bilheteria do cinema você vai ver um objeto sólido passar para as mãos de outro. Mas o Cine Verdi merece é chumbo, porque o espectador paga para assistir e depois precisa consultar o médico, pois, sai com o pescoço duro”.

Personagens – Os “lanterninhas”, chamados também de “vagalumes” eram personagens importantes nos cinemas sal-tenses. Havia alguns exigentes, inclusive ajudando a manter a ordem e outros nem tanto. No Najá, o pessoal respeitava o ambiente, não exagerando em suas manifestações durante as sessões, pois lá existia um “lanterninha” dos bons, que exigia boa conduta por parte dos espectadores. Era o “Zé Português” que impunha respeito no recinto. Após o fechamento do Najá, o “Zé Português” foi convidado para ser o responsável pela ordem no Cine São José, que estava para ser inaugurado, mas como havia mudado sua residência para outra cidade, em seu lugar ficou o “Pica-fumo” (José Liberalesso), seu cunhado, também altamente capacitado para exercer essa função.

Antonio Marcos se recorda que era também comum reclamação dos “lanterninhas” serem “muito exigentes”. O mais engraçado é que o próprio comentarista do jornal (Espectador X), em certa ocasião, falando das críticas ao “Rui Barbosa”, pela baixa qualidade dos filmes e da pobreza das instalações, ao comentar a transformação do prédio, no seu final dizia: “Portanto, Sr. João de Almeida, reinicie o ‘negócio’ com energia, porque estaremos aqui para ajudá-lo nesse combate contra a falta de educação de muitos. Não tenha dó”. “Dois pesos e duas medidas?”, pergunta **Antonio Marcos**.

O filho do proprietário questiona ainda se houve coerência por parte da imprensa, pois após a inauguração do Cine São José, acharam falta dos “exigentes e temíveis lanterninhas”.

“Chanchadas” nacionais lotavam os cinemas

As chamadas “chanchadas” nacionais costumavam fazer o cinema lotar, pois, além de divertir os frequentadores, fazendo-os soltarem boas gargalhadas, podia-se levar a família toda para assisti-las. Como era gostoso ver Anselmo Duarte, Oscarito, Grande Otelo, Cyll Farney, Eliana, Zé Trindade, Ankito, Mazzaropi, Dercy Gonçalves, Simplício e muitos outros, nas divertidas comédias, como: “Matar ou correr”, “Nem Sansão, nem Dalila”, “O marujo foi na onda”, “Aí vem o barão”, “Vamos com calma”, “O barbeiro que se vira” e muitos outros.

Mais tarde surgiram Os Trapalhões, Xuxa, além do impagável Mazzaropi. Pena que este tipo de filme era produzido apenas uma vez por ano.

Registre-se também a participação de Anselmo Duarte em vários desses filmes, no papel do mocinho ou do galã, sempre, evidentemente, acompanhado por uma bela atriz.

Antonio Marcos se lembra com saudade dos filmes nacionais, os chamados de “chanchadas”, que faziam a plateia rir a valer, levando famílias aos cinemas, para se divertirem. Não havia necessidade de “obrigar” ninguém a exhibir filme nacional. Era uma diversão sadia e para toda a família. Após a exigência de exibição de 1/3 de filmes nacionais, favorável apenas aos “produtores nacionais” (se é que pode-se chamá-los assim), os filmes com censura livre para crianças eram raros, pois filmes como Os Trapalhões, Mazzaropi e outros eram, geralmente, produzidos um por ano, quando eram prestigiados por um grande público durante os dias de exibição nos cinemas.



Podia-se levar a família toda para assistir as “chanchadas”, que proporcionavam muitas risadas

“Semana Anselmo Duarte” iria ser apresentada no Cineclub

Para homenagear Anselmo Duarte foi instituída a “Semana Anselmo Duarte”, pela lei municipal nº 2397/2002, que passou a vigorar em 10/06/2005, a ser comemorada anualmente.

Durante essa Semana, foram exibidos os filmes no Auditório Maestro Gaó, que tiveram a participação do cineasta

saltense, como ator e como diretor, como “Um certo Capitão Rodrigo” (direção, roteiro e atuação), “Tico-tico no fubá” (ator), “O Pagador de Promessas” (direção), “Independência ou Morte” (atuação), “Absolutamente Certo” (direção e atuação).

Saltense dirigia e outros jovens da cidade produziam filme

Em 16 de abril de 1983, o jornal “Taperá” publicava que um saltense surgia na cinematografia brasileira. Tratava-se do jovem Manoel Inaldo Paiva (Maneco), que aos 32 anos de idade, depois de formar-se na Escola de Cinema da Faculdade Armando Álvares Penteado, da Capital, estreava na direção de “Doce Delírio”, filme lançado naquela semana em cinemas de São Paulo e das principais cidades do Estado. Segundo o jornal, Manoel começou profissionalmente no cinema montando trilhas sonoras com seu parceiro Luiz Chagas. Entre os cinco filmes dos quais participou, destacava-se “O Estripador de Mulheres”, de Juan Bajon, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Diretor de alguns curta-metragem experimentais, “Doce Delírio” era sua primeira incursão como diretor de um longa.

“Segundo declarações prestadas ao jornal ‘O Estado de São Paulo’, que as publicou em sua edição do último domingo – prosseguia o relato na imprensa local – Manoel Paiva diz que ‘Doce Delírio’ foi um trabalho que desde o início mostrou-se como um desafio para toda a equipe. ‘Éramos quatro homens falando sobre a crise de identidade de duas mulheres, mãe e filha. O início foi amedrontador, ficamos com medo de fazer um filme machista e nos policiávamos o tempo todo para evitar passar uma visão masculina do problema. Mas achamos que enquanto a mulher brasileira está em ebulição, o homem permanece na expectativa e, a partir desse consenso, resolvemos aceitar o desafio”.

Manoel dizia ainda que “O filme ‘Doce Delírio’ é um filme extremamente esperançoso, porque acha a luta da mulher é muito esperançosa. O elenco é quase todo conhecido do público: Cláudia Alencar (atualmente no elenco de ‘Sabor de Mel’, novela da Bandeirantes), Bárbara Fazio, Mauro

Mendonça, Eduardo Tornaghi, Jonas Bloch, Enio Gonçalves, Patrícia Scalvi e outros”.



*Maneco Paiva dirigiu aos 32 anos o filme “Doce Delírio”,
que teve produtores saltenses*

Produtores saltenses – Manoel Paiva e seus três colegas, que eram alunos da Escola de Cinema da FAAP (José Gozze, Manoel Rodrigues e Gerson Faria), formavam a Ganga Filmes. Segundo o que foi publicado, “Eles não tiveram nenhum problema na realização do filme, pois contaram com o apoio financeiro (cerca de 30 milhões de cruzeiros) de um grupo de jovens industriais saltenses que nunca investiram no cinema antes, o que também não interferiu no trabalho da equipe. Tratam-se de Antonio Paiva (irmão de Manoel), Anibal Sontag e Amilcar Sontag. “Nosso único compromisso era, mensalmente, dar contas do nosso trabalho”, explicava Manoel Paiva. “Agora ele espera pela resposta do público, enquanto, com seus colegas da Ganga, pensa num novo projeto”.

Exibido em Salto – O filme “Doce Delírio”, produzido pela Salto Produções Cinematográficas Ltda., integrada pelos saltenses Antonio Paiva, Amilcar e Annibal Sontag, estava sendo exibido em Salto em maio de 1983, no Cine São José. Era a história de duas mulheres, mãe e filha, que após a decadência de seus casamentos, entram em crise existencial e tentam se recuperar.

Salto foi, em certa época, chamada de “Cidade-Cinema”

No final da década de 1960 e início da de 1970, o ufanismo saltense se manifestou: a imprensa local começou a utilizar o slogan “Salto Cidade-Cinema”, porque vários filmes estavam sendo produzidos na cidade, geralmente em fazendas, como na “Fazenda do Plínio Silveira”. Eram faroestes ou filmes de canção, dentre eles um que contou com a participação de vários saltenses, como Jurandir Costa, o “Jura”, que inclusive fez um papel de destaque, contracenando com Geórgia Gomide, Leila Diniz, Milton Ribeiro e outros artistas de renome. Chamava-se “Corisco, o Diabo Loiro”. Além desse, foram filmados em nosso município “Cangaceiro de Lampião”, “Cangaceiro Sanguinário”, “Corisco, o Diabo Loiro” e até mesmo um que teve na direção Anselmo Duarte: “Quelê de Pajeú”, com Tarcisio Meira, Glória Menezes e outros.

Itu levou a fama – Os artistas e a equipe técnica dos filmes filmavam em Salto, mas ficavam hospedados em Itu, o que levou os ituanos a denominarem sua cidade como “Cidade-Cinema, O Vale do Sol”, slogan que era sempre repetido nos programas da Rádio Convenção de Itu e quando havia oportunidade. Ou seja, papagaio come milho e periquito leva a fama.



O saltense Jurandir Costa contracenando com Geórgia Gomide, no filme “Corisco, o Diabo Loiro”, filmado numa fazenda saltense

Outro filme de Anselmo Duarte era exibido na cidade

Foi programado para o mês de junho de 1967, no Cine São José (que cedeu sua sala de exibição graciosamente), mais um filme do saltense Anselmo Duarte, cujo lançamento foi feito pelo Lions Clube de Salto. Tratava-se de “Vereda da Salvação”, que não teve o mesmo sucesso de “O Pagador de Promessas”. A renda foi revertida para a construção da Capela do Divino Espírito Santo e Biblioteca do Ginásio Industrial Estadual de Salto. O ingresso custava apenas um cruzeiro novo, devendo a exibição contar com a presença do saltense laureado em Cannes, Anselmo Duarte, que ainda não residia em Salto.

“Vereda da Salvação” era considerada a mais completa e brilhante obra do cineasta nacional Anselmo Duarte, que fora filmada nas proximidades de Itu e elogiada em todas as principais cidades da Europa onde foi apresentada. Ela tinha a participação de José Parisi, Leila Abramo, Esther Melinger e Raul Cortez. Versa sobre um tema real e de grande atualidade: a superstição religiosa que campeia no Brasil, levando homens e mulheres a cometerem loucuras para seguir determinado credo religioso. Dizia a publicidade que “O celuloide de Anselmo apresenta com arte e realismo nunca vistos as cenas mais chocantes, os diálogos mais autênticos e a melhor fotografia”.



“Vereda da Salvação” foi mais um filme de Anselmo exibido em Salto em duas sessões beneficentes

Chiquito Guarnieri lembrava quais eram os vilões dos seriados

Francisco Olegário Nitaques, conhecido como Chiquito Guarnieri, grande colaborador desta obra, colaborando com **Antonio Marcos** Almeida para sua pesquisa sobre o cinema saltense, escreveu em 16 de junho de 2001 no jornal “Taperá” sobre os vilões dos seriados que eram exibidos no “Rui Barbosa” e no Cine São José:

“Nos velhos tempos das matinês, grande parte do prazer dos seriados devia-se, principalmente, pelas lutas dos nossos heróis contra os vilões (chefes dos bandidos) que, geralmente, eram mascarados e ninguém conhecia suas identidades, além de, na maioria das vezes, fazerem parte de uma reunião de conselho ou de acionistas de uma empresa, e que, através de um rádio ou pessoalmente, comandavam seus capangas.

Um bandido mascarado, que deixou muita saudade, foi o ‘Escorpião’, do seriado ‘Capitão Marvel – O Homem de Aço’. Além desse, há uma lista muito grande de vilões que também deixaram saudade aos fãs dos seriados. Relacionamos, abaixo, uma lista desses ‘bandidos’ que deram muito trabalho para os ‘mocinhos’: Relâmpago, de ‘Demônios em Luta’; Espírito Escarlate, que usava um traje de Caveira no seriado do mesmo nome; ‘O Fantasma’, que se tornava invisível e que deu muito aborrecimento para Dick Tracy em ‘Dick Tracy Contra o crime’; Dr. Vulcan, de ‘O Homem Foguete’; Perneta, que tinha uma perna de pau falsa em ‘Luta sem Tréguas’; ‘39013’, do seriado ‘Demônios do Círculo Vermelho’; ‘O Polvo’, da série ‘O Aranha Negra’; o impressionante ‘O Carranca’, de ‘A Volta do Aranha Negra’; ‘Capitão Mefisto’ (Roy Barcroft), de ‘Segredo da Ilha Misteriosa’; ‘Don Del Oro’, o mascarado de lata de ‘Legião do Zorro’; ‘O Cascavel’, que usava óculos escuros sobre um nariz falso, de ‘Montanha Misteriosa’; ‘O Tigre Negro’, de ‘A Sombra do Terror’ (o mocinho era ‘O Sombra’); ‘Vespa’ do seriado ‘Mandrake, o Mágico’; ‘A Garra de Ferro’, do seriado do mesmo nome; ‘A Mão que Aperta’, cujo nome era o título do seriado; ‘O Águia’, do seriado de John Wayne ‘A Águia de Prata’; ‘O Destruidor’, da série também com John Wayne de ‘O Trem Ciclônico’; ‘El Shaitan’, o árabe mascarado, de ‘Os Três Mosqueteiros’, com John Wayne; ‘O Tubarão’,

o vilão mascarado de ‘Guerreiros da Marinha’; O ‘Ás Preto’ e sua ‘Flotilha Misteriosa’; ‘A Caveira’, do seriado do mesmo nome; ‘O Cavaleiro Negro’, de ‘Cavaleiros do Rei Arthur’; ‘O Lobisomem’, da série ‘O Grande Guerreiro’ e ‘O Carrasco Negro’, de ‘Aventuras dos Cadetes do Ar’ e muitos outros.

O fã dos seriados se recorda de uma época feliz de infância, quando a única preocupação era saber o que iria acontecer na próxima semana no seriado que estava sendo exibido nos cinemas”.



Alguns dos vilões dos seriados: Garra de ferro, Don Del Oro, Perneta, O Carranca e Cascavel

Doados projetores e equipamentos pelos filhos do proprietário

Uma bela atitude tiveram os filhos do proprietário dos Cines Rui Barbosa e São José, Sr. João de Almeida, algum tempo depois do encerramento das atividades do segundo cinema, doando os projetores e os equipamentos. Vejam a nota divulgada por um desses filhos, **Antonio Marcos**:

“Em 17 de abril de 2001, conforme ‘Termo de Doação’ nº266, folhas 01/03, os equipamentos da cabine do cinema, ou

sejam: dois projetores RCA 35 mm, dois retificadores de selênio, caixa metálica contendo um amplificador de som a válvula e retificador para alimentação da fotocélula do som, duas enroladeiras manuais, carretéis para rebobinagem de filmes, além de outros menores, foram doados ao Museu da Cidade de Salto, pelos filhos do proprietário, em nome da Família Almeida, onde estão expostos à visitação do público.

Também foi doado ao Teatro Municipal ‘Giuseppe Verdi’ o equipamento contendo motor elétrico para cortina, usado para a abertura da cortina principal do palco do Cine São José. Os quatro aparelhos de renovação de ar, além de outros equipamentos, como alto-falantes, cornetas e sinalizadores, foram doados à Igreja de São Benedito.

A tela foi doada ao Sr. Edvard Monteiro Nogueira”.

Expostos no Museu – Dois aparelhos cinematográficos idênticos, que funcionaram no Cine Rui Barbosa, a partir de 1948 e no Cine São José, até 1983, foram as “Peças do Mês” no Museu Cidade de Salto em maio de 2001. Os aparelhos são de origem norte-americana, foram doados pela família de João de Almeida e ficaram em exposição.



Os dois projetores doados ao Museu Cidade de Salto e poltronas que eram utilizadas no Cine São José

Opiniões, crônicas e comentários sobre os cinemas de Salto

Um locutor chamado José que se transformou em Jota Silvestre

Uma crônica, de autoria de M. Hamilton (João “Dowa” Pittorri) falava sobre um mocinho que atuava como locutor no Cine Rui Barbosa, que fez sucesso como Jota Silvestre, um dos maiores apresentadores da televisão brasileira. Ela foi publicada no jornal “O Liberal” em 8 de agosto de 1954:

“Sem dúvida o acontecimento era grandioso e valera a grande expectativa; enfim seria inaugurado o novo cinema na cidade, com as mais modernas inovações: duas câmaras trabalhando simultaneamente (formidável), não mais seria preciso esperar a irritante troca de partes! Poltronas confortáveis com assentos móveis (fora com as duras cadeiras do antigo Cine São Bento), iluminação farta e semi-indireta (não mais penumbra) e tudo seria o que seria de desejar. A população correu presurosamente em massa à grande estreia. O, hoje obsoleto, Rui Barbosa apresentava um aspecto magnífico, com sua marquise toda iluminada; sua entrada coberta de belas cortinas verdes e sua propaganda das futuras exposições, bem distribuídas e imaginosa concebida.

No interior da sala de espetáculos a alegria era contagiante. Os pescoços não se cansavam de virar para todos os lados, na ânsia incontida dos olhos em ver tudo. As bocas matraqueavam vigorosamente comentando a maravilha que era o grande cinema. Eis que, em meio do alarido esfuziante, uma poderosa voz se faz ouvir derramando sobre a sala um rápido e assustadíssimo silêncio. Era a mais ousada inovação da empresa, propaganda sonora através do alto-falante do cinema, feita por locutor de bonita voz, timbre perfeito e dicção notável. Mais essa novidade agradou a estreia e consumou-se auspiciosa com a exibição do grande filme: “Legião da Índia. *[Na verdade, na inauguração do cinema, ainda não era utilizado o microfone, que só foi adquirido e implantado um ano depois]*”

E assim as noites se sucederam, com o Rui Barbosa cristalizando-se no sabor público, desdobrando-se na busca de melhorar os programas e não se esquecendo das novidades atraentes. Havia cartões com as quatro penas, propaganda do filme ‘As quatro penas brancas’, havia distribuição de programas na entrada, havia prêmios aos mais assíduos frequentadores (‘remember’ retrato do Tyrone?)... Tudo ia de encontro do gosto dos ‘habitués’ do novel Cine, menos uma coisa: o locutor que falava pelo alto-falante. Os espectadores haviam aprendido a detestar àquela voz maviosa que sabia tão bem pronunciar os nomes complicados dos astros... O motivo só Deus sabe, mas eu hoje penso que o locutor era muito perfeito, e a massa não suportava aquela voz que lhe ensinava pronúncia coletivamente. O magnífico filme ‘Jesse James’, com Henry Fonda, Tyrone Power... Era aquele ‘Tairone Pauer’ que martirizava.

– ‘Ele pensa que sabe falar inglês’ – dizia um.

– ‘Coitado, vontade de ser locutor não lhe falta’ – dizia outro.

Um terceiro, mais desapercibido, inquiria curioso:

– ‘Quem é ele?’

– ‘É o moço Silvestre...’

Não sei se, por isso, o moço Silvestre não durou muito ao microfone. Sei apenas que um dia desapareceu e, com isso, voltou a paz dos frequentadores do Rui Barbosa, ou melhor, daqueles que não suportavam a voz do moço Silvestre, sonora e cristalina, entre uma gravação e outra... ‘Jesse James, com Tyrone Power...’

O tempo correu ligeiro e, um dia, alguém deu a notícia: o moço Silvestre era locutor de uma emissora da capital paulista. Os cépticos logo deram de ombros: ‘Fogo de palha’... ‘Não sei disso’... ‘Quem é o moço Silvestre?’...

Mais algum tempo se passou a passos largos e o moço Silvestre tornou a desaparecer, para ressurgir na Tamoio carioca e passar a subir a escada da fama de dois em dois lanços, surpreendendo todo o mundo ouvinte com tão vertiginosa ascensão. Depois do colossal sucesso com a novela ‘Os quatro filhos’, que impressionou vivamente a população carioca e todo o Brasil ouvinte, voltou à Pauliceia vitorioso e famoso para exercer na Tupi as funções de rádio-ator, produtor e animador. Já não

era mais o locutor do Rui Barbosa; era célebre e festejado, premiado com dois Roquette Pinto com vencimentos mensais de embasbacar a qualquer deputado ou craque futebolístico de primeira grandeza.

Tanta popularidade não subiu a cabeça do moço Silvestre, que continuou o que realmente sempre foi: simples, gentil e extremamente apegado aos que lhe são caros. E foi este sentimento afetivo que o trouxe a sua cidade natal depois da consagração para rever seus queridos pais e parentes.

Chegou como partiu: discretamente, sem alarme, sem espalhafatos. A população, quando se apercebeu, passou a desfilar ansiosa, em frente a casa do velho Silvestre para ver o moço Silvestre.

O forasteiro parou meio desconfiado e perguntou ao primeiro que teve ao alcance de um soco:

– ‘Que aconteceu aqui?’

O saltense ficou estupefato: – “Então não sabe? Todo mundo quer ver o moço Silvestre’...

E atalhou orgulhoso: ‘Ou melhor, o saltense J. Silvestre’”.

A “novela” do cinema em Salto

Chiquito Guarnieri relembra fatos interessantes dos quais tomou conhecimento ou participou na história do cinema em Salto, sob o título acima:

“Os saltenses mais antigos certamente se recordam do ‘Bastião’, um funcionário do Cine Rui Barbosa lá pelos idos de 1953. Ele foi personagem curioso nas primeiras exhibições na cidade e do cinema em série, (a novela de tela grande), sem nunca ter sido ator. Como esses saltenses vão se lembrar, o ‘Bastião’ era chegado à bebida e foi num sábado, lá pelas 22h30 do mês de setembro que ele chegou para ir dormir atrás da tela, como sempre fazia. Na ocasião passava o filme ‘O Porto Fantasma’, com Kane Richmond. Quando ‘Bastião’ chegou no terceiro degrau da escada, em close o mocinho do filme deu um tiro e o ‘Bastião’ caiu como se tivesse recebido o disparo. Foi uma gargalhada geral. O cinema estava cheio.

Mas o cinema em série marcou muitos outros episódios interessantes na vida da sétima arte. O primeiro filme em série,

que terminava com perigo para o mocinho e a mocinha, foi feito pelos americanos em 1913 na época do cinema mudo ainda, chamava-se 'As aventuras de Kathlyn' com Kathlyn Williams e Tom Santish. Depois desse, ainda no cinema mudo, apareceram grandes seriados como 'Os perigos de Paulina', com Pearl White; 'As aventuras de Ruth' com Ruth Roland; 'O rei do circo' com Eddie Polo; e muitos outros. Na época do cinema mudo foram produzidos 270 seriados, mas esse número caiu com a chegada do som às telas. Com a sonorização das produções cinematográficas, alguns atores do cinema mudo conseguiram manter-se, mas grande parte deixou as telas ou assumiu papéis secundários. Entre os que permaneceram estão: Tim McCoy, Tom Mix, Buck Jones, Bob Steele e Ken Maynard. Já os que ficaram de fora tem como maiores representantes William Desmond e Walter Miller.

O primeiro seriado inteiramente falado foi 'The Indians Are Coming', com Tim McCoy, produzido em 1930 pela Universal. O cinema em série também lançou alguns grandes atores, como: George Brent, o astro de o 'Grande Guerreiro', que depois trabalhou com Bette Davis em bons filmes. Há ainda o caso de Boris Karloff, que todos conhecem como um dos monstros sagrados do cinema de terror. Uma das séries em que trabalhou foi 'O rei dos cavalos selvagens'.

Buster Crabbe, ao contrário de grandes nomes do cinema em série, que depois o abandonaram, ficou até o final. Tom Tiller e Ralph Byrd (o Dick Tracy) também seguiram seu exemplo. Em 1936, Nat Levine e Herbert J. Yates fundaram a Republic Pictures e este estúdio passou a produzir filmes classe B, como seriados, westerns e policiais. Em pouco tempo conseguiram tornar sua companhia uma das maiores de todo o mundo, sendo procurados por músicos famosos da época, como Arthur Rubinstein.

O primeiro seriado feito pela Republic foi 'A Deusa de Joba', com Clyde Beatty, depois vieram outros como: 'A volta de el Zorro', 'Império Submarino', 'O guarda vingador', 'Legião do Zorro', 'Tambores de Fu Manchu', etc.

Em 1938, a Columbia Pictures também passou a produzir seriados, tendo oferecido ao público grandes séries como: 'A ameaça da selva', com Frank Buck (o primeiro deste estúdio),

‘O segredo da ilha do tesouro’, ‘A aranha negra’, ‘A caveira’, ‘A garra de aço’ e muitos outros. Depois da 2ª Guerra Mundial, o cinema começou a perder público devido ao aperfeiçoamento da televisão e, em 1946, a Universal resolveu acabar com os seriados. Depois de ter feito boas séries como: ‘Flash Gordon’, ‘Flash Gordon no planeta Marte’, ‘Guerra aos gangsters’, ‘Diligencia vitoriosa’ etc., sendo que o último produzido por este estúdio foi ‘O Misterioso Mr. M’, com Richard Martin.

A Republic e a Columbia prosseguiram fazendo seriados e westerns B, até a metade da década de 60, sendo que a Republic fez a última série em 1954, ‘King of the carnival’, com Harry Laughter, ‘Pioneiros do oeste’, estrelado por Lee Roberts e Dennis Moore, produzido em 1956. Ao todo foram produzidos 230 seriados sonorizados. Nos Estados Unidos e fora de lá, o México foi o único país a se aventurar a fazer esse tipo de filme produzindo o inesquecível ‘As caveiras do terror’, com Pedro Armendariz (exibido no cine Rui Barbosa em julho e agosto de 1951). Os filmes em série sempre terminavam cada capítulo com a frase: ‘Voltem na próxima semana’”. (“O Trabalhador” de 29/11/1986)

Crítica e uma necessária explicação

Em mais de uma vez, críticas, como essa de “C. F.” publicadas na imprensa, são feitas ao proprietário do cinema por ter atuado em outros cargos nos cinemas que dirigia, mas isso, como seu filho **Antonio Marcos** esclarece – em outras páginas desta obra – que tanto seu pai como ele tinham que exercer outras funções em virtude da falta de funcionários. A meia entrada também era motivo de desavença, tendo em vista que alguns estudantes (que não tinham a calma citada pelo autor da reclamação) utilizavam carteira escolar já vencida e isso irritava o proprietário.

“O Cine Rui Barbosa, quando apresenta um filme nacional nos faz rir duplamente. Rimos à valer com as piadas e comichidades do Oscarito, Grande Otelo e outros impagáveis artistas. Ainda assim o fazemos em vermos o nervosismo do proprietário do cinema, trabalhando então como porteiro. O salão meia hora antes do filme, já está lotadíssimo e o povo continua entrando. As entradas são vendidas em números muito

superiores aos lugares existentes no cinema. Quem não conseguiu um lugar, já vai reclamando, esbravejando, com razão, e quase sempre o dono da renomada casa de diversões não reconhece e também se exalta.

Gosto imensamente quando passa um desses filmes, ou outro, ‘meio afamado’, porque a pantomina começa na bilheteria ou na porta. Os estudantes com a calma e características que lhes são peculiares, compram meio ingresso e vão em frente. Se porventura, não é advertido na bilheteria, na portaria não passará sem chumbo. O proprietário faz o eterno aviso: ‘Em filmes nacionais não haverá meia entrada’ ou, ‘Este filme é preço único’. O estudante vai entrando, mas sua caderneta é mais revista que pelo próprio pai, e nunca sem uma palavrinha de advertência.

Engraçado! O proprietário do cinema desconhece uma portaria baixada por uma Comissão competente, abatendo os preços de cinemas para os estudantes.

A portaria nº 31 de 13 de abril de 1951, da Comissão Central de Preços, tabela os preços das entradas de cinema e que ainda está em vigor. Diz no seu artigo 20 que ‘fica mantido o abatimento de cinquenta por cento concedido aos estudantes das escolas oficiais ou fiscalizadas pelo governo’. Já a portaria de 19 de outubro de 1948, da mesma Comissão, no seu artigo 10º, havia declarado que ‘as carteiras de identificação de estudantes têm valor para qualquer parte do território nacional’.

Essa portaria existe, a não ser que, para ele, seja ela facultativa. Então, estarei errado e o nosso amigo estará com toda a razão”. (“O Liberal” em 30/05/1954)

Crônica citava o cinema como principal lazer dos saltenses

Era publicada em 30 de junho de 2001 a crônica “Em busca do Lazer”, de V. Lenzi, que lembrava os cinemas que funcionaram em Salto e era o principal lazer da população:

“Dentro de poucos dias Salto terá dois cinemas funcionando no Shopping Center Salto, o que não deixa de ser uma excelente notícia, pois nos últimos anos tivemos apenas um, e, mesmo assim, precariamente, no mesmo prédio do Teatro

Municipal Giuseppe Verdi. Essa precariedade acontecia porque as dependências desse próprio municipal tinham que ser divididas com outros eventos, como peças teatrais, espetáculos de dança, shows, etc., sobrando poucos dias durante o ano para as exibições cinematográficas.

Mas quando o cinema do 'Verdi' conseguia funcionar, exibía filmes novos, recentemente lançados na capital e nos grandes centros do estado. É o que acontece também nas salas de espetáculo de cidades vizinhas, como Itu e Indaiatuba, para onde os saltenses vão quando o único cinema de sua cidade não funciona. Nelas a gente tem a oportunidade de assistir aos mais recentes lançamentos do cinema mundial, o que irá acontecer também em Salto dentro de alguns dias quando os cinemas do Shopping começarem a funcionar.

Nem sempre foi assim, porém. Quando tínhamos em Salto dois ou três cinemas, na época de ouro da chamada Sétima Arte, os filmes lançados em São Paulo só eram exibidos aqui cerca de um e meio, dois e até três anos depois. Era uma angústia saber, por exemplo, que 'Os Dez Mandamentos' permanecia 20 ou 30 semanas em exibição na capital paulista, pois quanto mais tempo ficava em cartaz, mais tempo demoraria para chegar a Salto.

A redução do número de cinemas e o aumento da quantidade de cópias dos filmes fez com que a situação se modificasse e hoje, felizmente, praticamente no mesmo dia do lançamento nos grandes centros as películas chegam aos cinemas das cidades do interior. Estes estão em igualdade não só em relação a esse aspecto, mas à própria qualidade das salas de exibição. As duas do nosso Shopping, por exemplo, não ficarão nada a dever em relação ao conforto, se comparadas às dos grandes shoppings de outras cidades, perdendo apenas no que se refere ao número de lugares disponíveis para o público.

Antigamente, era grande o número de saltenses que viajavam para São Paulo, Campinas ou Sorocaba, para não ter de esperar tanto tempo para assistir a um filme recentemente lançado. Os mais fanáticos aproveitavam e assistiam a dois ou três filmes num só dia. Raimundo Zanni Neto, o 'Pelado', que faleceu há alguns meses, era um deles. Cinéfilo inveterado,

quando ia para a capital a serviço, principalmente na época em que presidia o Clube Ideal ou quando fazia compras para sua loja, começava assistindo à sessão do meio-dia ou das 2h da tarde, só se satisfazendo depois de ver dois ou três filmes.

Hoje isso já não acontece, pois se quisermos assistir a um bom filme, vamos a um dos vários cinemas que funcionam nos shoppings da região, como os de Itu, Indaiatuba, Campinas ou Sorocaba, que ficam bem mais perto e onde não enfrentamos os problemas que a capital proporciona, como a falta de segurança. Para São Paulo a gente só vai quando quer assistir a uma peça teatral, a um show, grande circo, etc. Estes sim demoram muito para serem apresentados aqui ou – na maioria dos casos – dificilmente vêm para o interior, pois exigem grandes plateias e o preço dos ingressos é quase proibitivo para os moradores das pequenas cidades”.

Jornal “O Trabalhador” criticava os “abacaxis” da programação

O jornal local “O Trabalhador”, em data de 19/10/1957, publicou o seguinte artigo sobre os “abacaxis” que em sua opinião eram exibidos no Cine Rui Barbosa, sob o título “Melhor prevenir do que remediar”:

“Há algum tempo já que vimos pretendendo abordar um assunto, a nosso ver, oportuno, protelando-o, no entanto, pelas mais variadas razões. Agora, todavia, chegamos à conclusão que não mais poderíamos continuar indiferentes, de braços cruzados, aguardando que algo de pior aconteça, para só depois chorarmos sobre o ocorrido. E por isso, embora lamentando ter de chegar a esse ponto, nos movemos a tratar do assunto – como dissemos – protelado pela espera de que se ajustassem as coisas por si mesmas, isto é, que naturalmente as cousas desaparecessem e com elas os nossos receios.

Como isso não aconteceu, vamos direto ao assunto: muito tem-se dito e escrito sobre quanto de ruim se passa no Cine Rui Barbosa; quase sempre, porém, com referência aos ‘abacaxis’ das programações. Os frequentadores daquela casa de diversões sabem, no entanto, que não é só por esse lado que anda mal o ‘Rui’; antes, pelo contrário, há coisas piores, não

se levando em conta o fato já por si deplorável da conclusão da reforma do prédio há muito tempo iniciada.

O mal pior está na maneira francamente acintosa com a qual são tratados os 'habitués', que, diga-se de passagem, vão rareando a essa desconsideração a que nos referimos. Máquinas em pandarecos e operadores bisonhos, tem reduzido o cinema em apreço, muitas vezes, num verdadeiro pandemônio de gritos, assobios e xingações. E nem se diga que a plateia é malcriada, aliás, achamos que ela tem sido indulgente demais, pois é realmente de acabar com os nervos de qualquer um aquele amontoado de aberrações ali observadas.

Partes inteiras mudas; letreiros invisíveis pela deslocação do quadro ou do foco de projeção; tremedeiras intermináveis; pulos enormes, ocasionados por películas velhíssimas, uso de objetivas trocadas; são fatos tão corriqueiros ali, que os frequentadores, cansados de esperar por uma melhora que não vem mesmo, 'mudam de galho', procurando algures a consideração que lhe é negada ali. Nem o recente 'Festival Cinema-Scope' escapou à regra; todos os defeitos acima apontados se fizeram presentes; e foi pena, porque tornaram filmes maravilhosos como 'A Fonte do Desejo' realmente irreconhecível.

E aconteceu o que era inevitável: quem assistiu a um 'meio filme' como aquele, não mais lá voltou e, por isso, nunca houve uma 'casa cheia' durante o festival. Mas se muitos fogem do 'Rui Barbosa', outros persistem, esperando que as coisas melhorem. Que seus responsáveis compreendam então, a quanto se expõem espezinando o público, e façam algo para corrigir o que de errado existe ali.

Doutra forma farão com que gente da plateia se vá irritando e reaja como aconteceu há pouco, quando alguém, não tolerando o descabro reinante, deixou sua poltrona, em meio a projeção do filme e foi até a cabine das máquinas berrar insultos e reclamar contra a desatenção e o desprezo para com o público que já vinha protestando contra um desarranjo qualquer, sem obter o menor resultado.

E isto é o menos que pode acontecer, pois um dia os ânimos irritados podem produzir algo de pior, inclusive depredações com perigos gerais e sérios, o que seria de se lamentar. Aliás,

tivemos ocasião de ouvir, durante a exibição de um dos ‘abacaxis’, alguém insinuar um ‘quebra-quebra’, logo repellido por gente mais sensata. Infelizmente não pudemos individualizar de onde partiu a observação, mas achamos que o caso está a demandar cuidados especiais por parte dos responsáveis e até das autoridades policiais.

Aqui deixamos, portanto, a nossa advertência lembrando o ‘slogan’: É melhor prevenir, que remediar!”.

Antonio Marcos responde: “Concordamos em parte com a reclamação, mas não dependia da empresa a falta de cenas ou o estado da cópia enviada pela distribuidora, pois ninguém melhor que ela para saber o estado da cópia antes de efetuar a sua programação. Os filmes e trailers nem sempre vinham em boas condições, apesar de os ‘boletins de revisão’ que os acompanhavam indicassem o contrário. As revisoras das empresas distribuidoras anotavam os defeitos. Muitas vezes o filme vinha cheio de óleo, o que necessitava de um cuidado especial para retirá-lo da lata de embalagem, colocá-lo no projetor, e, após a exibição, na hora de rebobinar (ou desenrolar) a parte exibida, todo cuidado era pouco, pois ficava escorregadia e se escapasse nas mãos seria um ‘Deus nos acuda’ para encaixá-la novamente, pois uma parte dupla levava cerca de 20 minutos de projeção e durante esse tempo não dava para acertá-la e colocar no projetor, obrigando a interromper a sessão por algum tempo.

Outros defeitos corriqueiros nos boletins eram partes trepadas, picotadas e forçadas, que faziam com que se redobrassem os cuidados durante a exibição, principalmente nas forçadas, pois continham falta de perfurações, o que ocasionava problema na exibição, pois, conforme dissemos, o projetor RCA usava tambores de tração muito pequenos, a falta de perfurações seguidas provocava o estiramento do filme, fazendo com que fosse preciso interromper a projeção. Talvez, essa falta de perfuração nas partes do filme fossem menos sentidas em aparelhos de outras marcas, que continham roletes de diâmetro muito maiores que os do RCA.

Como existiam inúmeros cinemas no Estado de São Paulo, as cópias melhores eram exibidas primeiro nas grandes cidades e como Salto era uma cidade pequena, as cópias dos filmes

nem sempre vinham em bom estado de conservação, devido a falta de revisão pelas distribuidoras e por chegarem ‘em cima da hora’ da exibição, não permitindo que o operador tivesse tempo de revisá-lo. Os operadores eram funcionários de firmas da cidade durante o dia e, à noite, se dedicavam ao cinema, a fim de melhorarem um pouco mais sua renda.

O operador, quando retirava o boletim de revisão, que vinha dentro da primeira parte do filme, às vezes ficava desesperado, tal a quantidade de defeitos nele anotados. Nem sempre, porém, os defeitos eram tão graves assim. Ao passar do tempo, as cópias dos filmes passaram a vir em melhor estado de conservação, o que não deixava de ser um alívio não só para o operador como também para o espectador que podia assistir ao filme em melhor estado de conservação.

Um fato que acontecia, às vezes, era a vinda de partes trocadas dentro das latas de embalagem, pois toda lata continha o número impresso na etiqueta, o mesmo acontecendo na ponta do filme. Mas ocorriam vezes em que não vinham essas indicações e então o operador tinha que seguir pela numeração da lata, arriscando a sorte”.

Sobre os filmes mexicanos, franceses, italianos, etc.

De vez em quando eram publicadas reclamações sobre a exibição de filmes estrangeiros no Cine Rui Barbosa, como esta do colaborador Eneas, do jornal “O Trabalhador”, em 09/07/1950:

“O nosso único cinema ultimamente tem exibido somente filmes italianos. Por que será? É porque a população só gosta de tais filmes ou porque o Sr. empresário não encontra mais filmes americanos? Em todos os anúncios, nas paredes e nos cartazes do cinema, só vemos o nome de ‘Gino Becchi’! Será que isso vai durar muito? Se for, paciência...”

Antonio Marcos apresenta seus esclarecimentos: “A exibição de filmes estrangeiros era também sempre criticada pela imprensa local, devido à sua ‘nacionalidade’. Se se exibia filme italiano, reclamava-se; se a procedência era mexicana eram chamados ‘dramalhões’, principalmente os de Libertad Lamarque; os franceses eram sempre ‘filmes de sexo’ e

raramente eram de outro gênero, policial ou suspense. Foram raros os filmes franceses elogiados. Dentre estes, ‘Rififi’ e ‘As diabólicas’. Em resumo: todo e qualquer tipo de filme, fosse da procedência que fosse, era sempre motivo de crítica. Só era bom o filme que o ‘crítico’ considerava ou gostava”.

Uma noite que não foi “de glória” para um colaborador de “O Trabalhador”

Um colaborador do jornal “O Trabalhador” (Eneas) publicou uma crítica ao Cine Rui Barbosa, onde foi assistir “Uma noite de glória”, que não foi “de glória” para ele:

“Apesar de não ser frequentador assíduo de cinema, num sábado destes, quando fazia meu habitual ‘giro’, depois de muita insistência de um amigo... da onça, fui ao ‘Rui Barbosa’ assistir à exibição de um filme. Se não me falha a memória, intitulava-se ‘Ultima Noite de Glória’ (ainda bem que não era de Gino Becchi). Mas, vamos ao caso. Entramos, sentamos em cadeiras da última fila.

Não sei se por falta de hábito ou porque sofra realmente dos nervos, mas o fato é que fiquei atordoado com a infernal algazarra da molecada nas filas da frente: palavrões, gritos, batidas de pé no soalho e, por que não, até brigas alarmando os presentes. Pudera, o guarda do cine é o popular Bastiãozinho... Quando este pretendia impor a ordem à gurizada, a algazarra crescia em virtude das vaias.

Creio ser mesmo indispensável a presença de um policial no cinema, pois, não poucas vezes, segundo me afirmaram, a molecada não é constituída somente por crianças mas também por marmanjões.

Outro aspecto desalentador, no cinema em apreço, é a ginástica que os espectadores são forçados a fazer para poderem ‘mirar’ a tela: os da retaguarda têm de se ajeitar conforme a posição dos da frente pois, senão, assiste mais é patavina. Bem, isso será resolvido somente com uma reforma em regra no salão, mas essa, prevejo, não se dará dentro de pouco tempo.

Em suma, o título do filme naquele sábado, não coincidiu absolutamente com o meu estado de espírito; só se fosse: ‘Uma noite de suplício...’ (“O Trabalhador” de 22/10/1950)

A crônica que eu gostaria de escrever...

O colaborador Líbio, do jornal “O Trabalhador”, publicou, em 29/01/1956, a seguinte crônica, lembrando o vendedor de amendoim, o “Chicão”:

“Há vinte anos, talvez, eu pensava como seria bom se a cidade viesse a ter um jornal e aí eu viesse a escrever crônicas nele... Como eu gostaria, por exemplo, de escrever uma bela crônica com o desaparecimento de um tipo popular, desses que a cidade toda fica conhecendo, através de uma vida inteira, de décadas e mais décadas... Que se conheça criança, e cuja figura se cresce vendo sempre a mesma, pelos anos afora...

Acontece que a cidade tem agora os seus jornais e eu, por coincidência, trabalho num deles – trabalho apenas e, por isso, não ter coincidido também que eu escrevesse crônicas, para escrever uma dedicada aos tipos populares que desaparecem... Porque a cidade continua a perder seus tipos populares, sobre os quais, há muitos anos, quando eu era ainda adolescente e a cidade não tinha jornal eu gostaria de vir a escrever crônica repassadas de ternura, de saudades...

Ainda agora soube da morte do ‘Chicão’. Quem mais popular que ‘Chicão’? Haverá alguém que tendo vivido em Salto nestes últimos trinta ou quarenta anos não o conhecesse, naqueles esfrangalhados chinelinhos de sola de cordas e com a inseparável cestinha de amendoim sob os longos e magros braços?

Não. Não é possível. ‘Chicão’ encarnava o tipo popular por excelência. Infalíveis – ele e sua cestinha – às portas de nossos cinemas, desde os tempos que já vão longe, do ‘Pavilhão’, depois do ‘Verdinho’, do ‘Rio Branco’ e ‘São Bento’ até os atuais ‘Rui Barbosa’ e ‘Verdi’. Circo algum passou por Salto em todos esses anos, sem que ‘Chicão’ tivesse deixado de apregoar à sua entrada, o conhecidíssimo estribilho: ‘Torradinho... Amendoim...’

Que pena eu não poder escrever, como pensava, uma crônica bem sentimental, dedicada ao ‘Chicão’, que conheci quando eu era criança e que vi, sempre igual, sempre do mesmo jeito. Porque a cidade terá sempre, em qualquer tempo, os seus tipos populares – em toda parte eles existem – mas como esse ‘Chicão’, tão singular, talvez não tenha nunca mais...”

Outra crônica sobre “Chicão”, o vendedor de amendoim

Mais uma colaboradora de “O Trabalhador”, Márcia de Araujo, publicou em 01/05/1966 uma outra crônica lembrando do “Chicão”, vendedor de amendoim nas portas dos cinemas:

“Às vezes, lembro-me do velho cinema do Almeida. Daquele casarão que levava o nome de um brasileiro ilustre. Aquela antiga casa de diversões tem íntima relação com o personagem da minha crônica. Antigamente quem entrava naquele cinema via um homem humilde, sentado próximo da porta, naquelas cadeiras que ficavam do lado esquerdo, encostadas na parede do fundo.

Simplesmente vestido, como simples era o seu coração e a sua alma. Os seus pés, estavam sempre escondidos pelas modestas alpargatas. A sua roupa quase sempre era de um xadrez ralo e surrado. O colete era peça indispensável no seu vestuário usual. O seu chapéu não escondia a idade e o cansaço.

O seu rosto magro e fino, exprimia um misto de fadiga e tristeza. Cesta no colo, cheia de torrados e cheirosos amendoins, lá estava ele todas as noites. Aquilo para ele era uma obrigação. Nada o removia daquele mister. Não sei se proveniente de asma, tinha uma tosse pertinaz, que não o deixava.

Os espectadores sabiam quando não estava no cinema. Conheciam-no pela tosse, que o importunava, e que anunciava a sua presença. Mesmo com as luzes apagadas, os seus fieis fregueses sabiam que Chicão estava presente...”

Roquinho, personagem importante da cinematografia saltense é motivo de comentários

Sob o título “... e ficou uma saudade!”, o radialista Gasparini Filho relembra um personagem importante da vida cinematográfica da cidade:

“O passado me faz, ora triste, ora alegre... Hoje, por exemplo, não sei por que, aflorou-me à mente a imagem de alguém, talvez sem lar, sem família e sem ideais. Macérrimo, usando sempre o mesmo paletó, cabelos escorridos sobre a testa, fazia paradas nas principais esquinas da cidade, onde deixava uma tabuleta anunciando a película a ser exibida, à noite, no

então Cine Rui Barbosa, localizado na Rua que lhe emprestara o nome durante longos anos. Esforçado como ninguém, cumpria sua modesta missão com amor, eficácia e precisão. À tarde, iniciava a operação retorno, trazendo de volta as tabuletas, limpando-as, para que nelas se propagasse o próximo filme a ser exibido. E na manhã seguinte lá ia ele novamente, sem se preocupar com o que havia previsto o serviço de meteorologia.

Minha gente, seu nome era Roquinho, ou melhor era Roque, mas pelo carinho e acuidade com que desempenhava seu trabalho, o povo aprendeu a chamá-lo de Roquinho. Hoje, tudo mudou. O cinema ganhou nova vida e um nome novo, e a forma de propagação também se diversificou. Entretanto, para aqueles que o viam diariamente sempre pobre e humilde, cumprindo sua missão a serviço de uma coletividade, o Roquinho virou saudade..." ("Taperá" de 17/01/1980)

Foto – Antonio Marcos informa que tentou, sem sucesso, conseguir uma foto do Roquinho, junto com amigos e parentes, mas, infelizmente, não obteve sucesso. Mas fica marcada aqui, neste trabalho, a nossa saudade. O nome completo do Roquinho era Roque de Paula Ribas.

Outro comentário – Mais um comentário foi publicado na então "Revista Taperá", em 22 de junho de 1966, com foco em Roquinho, sob o título "Roquinho morreu":

"Medroso, tímido, magricela e com os trajés em desalinho, todos o viam pelas ruas. De manhã com tabuletas debaixo dos braços, para depois de colocá-las nos postes; pelo meio-dia, passava arcade a empurrar uma carrocinha, levando nela latas de filme; aos sábados, sobraçando grande quantidade de revistas, ei-lo a vender o "Taperá", com aquele jeito especial de quem estava sempre fraquinho, nervoso, desconfiado.

Roquinho era figura popular. Quem poderá se esquecer de seus desenhos, letreiros e dísticos, tanto em tabuletas de cinema, painéis de publicidade, etc.? Quem, ao ir semanalmente assistir a um filme, não achará falta do tradicional Roquinho, um dos mais antigos funcionários de cinemas da cidade? Cinema e Roquinho são coisas análogas nesta nossa rotina saltense.

Na antevéspera do Carnaval, Roquinho morreu. Ele que tinha tanto medo da figura branca e cadavérica com o alfanje

na mão, não pôde, com suas minguadas forças escapar dela. O sopro gelado e funesto da morte chamou-o para a eternidade. E agora, nas noites calorosas de Salto, ninguém mais o verá no Bar do Boni, nem saboreando um pastel da japonesa. Também aos sábados, esta revista não mais será adquirida das mãos trêmulas do Roquinho. Ele partiu e deixou atrás de si o exemplo de que, mesmo só e sem família, um homem honrado, trabalhador e cheio de respeito, merece a confiança de todos, até daqueles que em brincadeira o amolavam.

Adeus Roquinho, Salto perdeu um pedaço de sua vida com a sua eterna partida!

Falando de Cinema – Em sua coluna Falando de Cinema, também na então “Revista Taperá”, Espectador X lembrava, em 12 de março de 1966, do Roquinho, que tinha falecido há pouco tempo:

“Já contamos aqui muita coisa engraçada acontecida com Roquinho, o filho do Chicão, este um velhinho espigado que vendia amendoim nos fundos do velho Rui Barbosa e na porta dos circos que aqui vinham, acampando na hoje Praça Presidente Vargas. Contamos aquele fato engraçado do Roquinho derrubando com um soco a porta dos sanitários do Verdi, com o cinema cheio e silencioso. Seu nome foi citado muitas vezes nesta coluna, servindo de comparação irônica a muitas pessoas. Agora chega! Roquinho foi para a eternidade e nossos cinemas perderam o artista das tabelas, que já foi artista dos muros de publicidade (lembrem-se quando as propagandas dos filmes eram feitas em muros pintados de branco, em vários pontos da cidade?); vendedor de amendoim no Rui Barbosa, sucedendo a seu pai, o velho Chicão; vendedor do extinto “O Liberal” e do “Taperá” e, acima de tudo (o que é mais importante), figura popular, conhecidíssima de todos, querido por muitos. Tinha lá seus defeitos mas era um homem bom, incapaz de um ato menos digno.

Já contamos aqui muita coisa engraçada acontecida com Roquinho, o filho do Chicão. Hoje, sabendo que ele já não pertence ao mundo dos vivos, esses fatos se tingem de amarelo da melancolia e do preto do luto. E cada vez que a gente passa perto de uma tabela de cinema, borrada por mãos menos ágeis,

quando não se vê pelas ruas, aos sábados, um homem magro, roupa gasta pelo uso, chapéu na cabeça e olhar submisso, sobraçando um pacote de jornais, quando a gente vê tudo isso, a gente pensa: ‘Roquinho era útil’”.

Sob o título “Salto e um dos seus suplícios”, de autoria de M.L.M., “O Liberal” publicava, em 28/12/1952, o seguinte artigo:

“Falar sobre o estado deplorável em que se encontram as nossas salas de projeção, já se tornou rotina. Constantemente os nossos cinemas são alvo de críticas das mais justas, mas, infelizmente, pouco ou quase nada tem adiantado. O Cine Rui Barbosa, por exemplo, sempre foi a ‘vítima’. O seu proprietário, entretanto, nunca tomou nenhuma providência que viesse, pelo menos, sanar uma das muitas falhas existentes no seu cinema. Pulgas, baratas e até ratos fazem o ‘footing’ durante as exhibições dos mais azedos sucos de ‘abacaxi’ que nos são ministrados em doses.

Ainda 5ª feira, depois de muito tempo, fomos àquele cinema, mais para ver como estava a reforma do que propriamente para assistir a essa grande droga ‘O Garoto e a Rainha’. Ficamos decepcionados, pois da propaganda reforma só foi feita uma pintura, isto é, sujaram de água e cal, as velhas e escuras paredes. O Cine Rui Barbosa não merece, apenas, uma reforma. Deve ser posto abaixo, aproveitando-se somente o seu proprietário e o nome. O resto...

A nossa decepção foi maior ainda quando soubemos que o operador seria o próprio dono do cinema. Ora, ele nunca foi operador e o resultado foi que, durante a exibição, nada menos de 12 vezes teve que acender as luzes. O proprietário do Rui Barbosa pode ser um bom rapaz, mas como operador é um ótimo motorista.

Agora falemos alguma coisa do Cine São Francisco. Sabemos que este não tem pretensões a cinema, mas mesmo assim cobra entradas e apresenta melhores filmes. O Cineminha da Igreja, como é mais conhecido, tem apresentado bons programas e, se não fosse o barulho das crianças e a incompreensão de certos ‘barbados’ que fumam durante o espetáculo e muitas vezes joga a ponta acesa do seu cigarro no assistente da frente, então poderíamos passar algumas horas agradáveis.

Sem nenhuma dúvida, cinema em qualquer parte é um grande negócio, porque o povo gosta da 7ª arte. Haja vista o número de saltenses que, todos os sábados, domingos e feriados dirigem-se à vizinha cidade de Itu, onde encontram boas e confortáveis salas de projeção.

Esperamos que Salto, um dia, ofereça aos seus habitantes coisa melhor, porque afinal de contas eles não merecem ser tratados assim”.

Jovem comenta o uso do espaço para o cinema e o teatro

O jovem **Rodrigo Gasparini**, em 22 de abril de 1998, publicou na imprensa local sua opinião sobre a ocupação de um mesmo espaço para o cinema e o teatro. Sob o título “Cinema para todos?”, ele assim se manifesta:

“Já que não é possível ter um local democrático, onde cinema e teatro ocupem o mesmo espaço, que paremos com o cinema, já que essa parece ser a vontade dos governantes. O cinema saltense não anda bem das pernas. A cidade em que nasceu Anselmo Duarte, um dos maiores cineastas brasileiros, e que até outro dia era o responsável pelo único filme do país indicado ao Oscar (‘O Pagador de Promessas’), hoje não tem tanta fama cinematográfica assim.

Nosso cinema que funciona no Teatro Municipal Giuseppe Verdi (Cinema Paradiso), já não exhibe aqueles sucessos de bilheteria que exibia há bem pouco tempo. Há alguns anos, quando Salto voltou novamente a ter um espaço reservado aos amantes da sétima arte, todos comemoraram. Hoje, passado um bom tempo, vemos que o cinema em Salto não está sendo nada de espetacular.

Mas Salto não pode morrer em termos cinematográficos. Somos uma cidade em expansão e o cinema é uma das nossas armas para fazer com que as pessoas não saiam daqui para se dirigir às outras localidades. Esse fenômeno ocorreu com o sucesso de ‘Titanic’. Já que o navio não afundava em Salto, era necessário assistir o desastre em outra cidade. Sem apoio não se chega a lugar nenhum. E esse apoio está sendo fundamental agora, quando Salto está prestes a receber, finalmente,

‘Titanic’. Isso porque, para trazer a super produção, o cinema necessita de um longo espaço de tempo em que poderá deixar o filme em exibição. ‘Titanic’ exige pelo menos uma semana, mas é do conhecimento geral que esse tempo não é suficiente para que todos o assistam.

E é nesse ponto que parece estar havendo um pouco de má vontade por parte dos governantes. Nunca o Teatro Municipal é cedido por bastante tempo ao cinema. Pelo contrário, isso ocorre no Prêmio Carlos Pouza, na Mostra Estudantil de Teatro... O cinema saltense tem boas instalações, sistema de som e imagem funcionando perfeitamente e, além disso, o preço do ingresso é bem mais barato que nas outras cidades. Por tudo isso, e pela vontade da população em ver bons filmes, o que é necessário também para aumentar a cultura popular, é que se deve pensar no futuro de nosso cinema.

Não seria a hora de construir um prédio próprio para as exposições cinematográficas? Quando se fala em gastar milhões de reais com a absurda construção de um novo prédio para a Câmara Municipal, não é nada de anormal pedir para que o cinema também tenha seu local independente. Afinal, o que se passa nas telas do cinema é infinitamente melhor do que vemos na Câmara. É bom começar a pensar nisso. Ou então, parar de vez com o cinema local. Já que não é possível ter um local democrático, onde cinema e teatro ocupem o mesmo espaço, que paremos com o cinema, já que essa parece ser a vontade dos governantes. Pelo menos, assim, o povo não ficaria tão indignado – e com razão – de ter que sair da cidade para frequentar os cinemas da região”.

Lembrando a feliz década de 1960 para os cinemas

Artigo publicado no jornal “Taperá”, em 07/01/1984, de autoria de **Hélio Rodrigues**, que além de ilustrador do mesmo jornal às vezes também opinava sobre algum assunto:

Mal começava a escurecer, formavam-se duas enormes filas de pessoas, na sua maioria jovens e casais de namorados, que, preocupados em conseguir um bom lugar na sala de projeção, faziam manobras incríveis para conseguir o quanto antes seus ingressos junto a um dos dois guichês em funcionamento.

Após essa etapa, com a sala apinhada de pessoas, que tomavam todas as poltronas e os espaços dos corredores, ao som de música executada por Poly e seu Conjunto, tão em voga na época, ansiosos todos aguardavam o início da projeção. Finalmente, após o terceiro sinal convencional, apagavam-se as luzes, abriam-se as cortinas e iniciava-se o tão aguardado espetáculo cinematográfico.

Como todo e qualquer bom cinema da época, o filme em cartaz só era exibido após um interessante jornal da tela, um 'short' e trailers dos filmes a serem exibidos brevemente, em outras sessões. Que entusiasmo e deliciosa sensação sentíamos ao ver na tela as magníficas e impecáveis cenas entre os atores e atrizes da época, verdadeiros 'monstros sagrados' do cinema. Os dias da semana pareciam intermináveis, dado a ânsia com que aguardávamos a chegada do fim de semana, para então assistirmos aos filmes anunciados. Bons tempos aqueles da famosa década de sessenta...

Hoje, tudo mudou, já não há mais entusiasmo com o cinema como outrora, nem mesmo a juventude atual experimenta tais sensações, pois a televisão, dentro de suas casas, oferece a toda hora os mais variados filmes para todos os gostos. As salas de exibição não atraem mais o público. Por sua vez, os produtores de filmes, apelativamente, só produzem filmes pornográficos e baratos, sem nenhum valor artístico. Tentam, assim, algum lucro fácil, sem atentar para o fato de que com isso cada vez mais estão acabando com o cinema, essa arte sublime, que já foi mercedosamente considerada como uma das maravilhas do Mundo.

Diante disso tudo, lamentavelmente, nossa querida Salto perde para sempre um dos seus maiores e melhores cinemas, o Cine São José, que, ao longo do tempo, dirigido e administrado pelo respeitável Sr. João de Almeida e filho, distraiu e encantou toda uma plateia formada por saltenses.

Obrigado, Sr. João de Almeida! Adeus, Cine São José!"

Houve quem achou que a cidade ganhou com o fechamento do “São José”

Um bom número de saltenses lamentou o fechamento do Cine São José, mas houve quem achou que a cidade ganhou

com o fechamento do cinema, como o editorialista do jornal “Taperá” em 14/01/1984, dias após o encerramento das atividades:

“O recente fechamento do Cine São José não provocou mais que alguns lamentos de saudosistas, do tempo em que ir ao cinema se constituía numa das formas de lazer da população. Os demais simplesmente ignoraram a medida, sendo que não faltaram os que consideraram até tardia, pois há muito perderam o costume de entrar numa sala de espetáculos para assistir a um filme. Preferem o conforto e a segurança do seu lar, onde escolhem a programação que mais lhes interessa nos canais de TV.

Em nosso entender, no entanto, pode-se analisar o fechamento do Cine São José sob diversos ângulos. Não vamos aqui, evidentemente, censurar a atitude de seu proprietário, que não poderia continuar perdendo dinheiro, ou ganhando pouco, com um patrimônio tão grandioso como aquele. Alugando o prédio a uma rede de supermercados de renome nacional, como é o Grupo Pão de Açúcar, ele estará buscando, muito acertadamente, conseguir melhores rendimentos, ao mesmo tempo em que proporcionará à cidade um novo estabelecimento comercial que estimulará ainda mais a concorrência, num gênero de negócios onde ela é muito salutar. Nesse aspecto, o fechamento do São José até que foi um bem. Um supermercado, além do mais, gera um número maior de empregos que um cinema, sem considerarmos outras vantagens advindas de sua instalação, como o aumento da arrecadação de impostos, maior opção de compras, fazendo com que seja menor o número dos que se dirigirão às cidades vizinhas para adquirir as mercadorias que necessitam, etc. Não se pode também deixar de aplaudir a confiança depositada pelo Grupo Pão de Açúcar na potencialidade de nossa terra e de nossa gente, escolhendo Salto para aqui instalar uma de suas lojas, o que deve acontecer brevemente.

Os saltenses antigos, que viveram parte de sua infância e de sua juventude frequentando o Cine São José, certamente estão lamentando o fechamento do cinema, mas eles devem entender que qualquer pessoa, no lugar do Sr. João de Almeida

ou do seu filho Antônio Marcos, agiria da mesma forma. Afinal, não é possível continuar sonhando numa época em que a realidade é muito diferente.

Isso não quer dizer, porém, que achemos que o cinema hoje é uma atividade fadada ao desaparecimento. Tanto não é que nos grandes centros continuam a investir em filmes e salas de projeções. Estas, porém, já não tem mais a grandiosidade de outrora, quando a frequência era muito maior. Não se explica, por exemplo, um cinema com 800 lugares numa cidade como Salto, pois, quando da exibição de filmes famosos, o máximo que ocorre é a sala de espetáculo receber 50% de sua capacidade.

O que em nossa opinião vingaria em Salto é um cinema com duzentos ou trezentos lugares confortáveis, uma projeção limpa, filmes selecionados para todos os gostos (tanto o refinado como o popular) e uma fiscalização eficiente para que não haja abusos. Sabemos que muitos saltenses vão à São Paulo, Campinas, Itu, etc., para assistir filmes, deixando de frequentar os cinemas locais por uma série de razões, que vão desde a falta de conforto à má qualidade dos programas.

Quem sabe alguém, com ‘faro’ e visão suficientes, irá concluir que um investimento dessa natureza é viável, proporcionando à cidade um novo local de lazer para compensar o fechamento do São José? Aguardemos”.

Fechamento dos dois cinemas saltenses era lamentada

O colunista **Flip Top**, que mantinha uma coluna no jornal “Taperá”, lamentou o fechamento dos dois cinemas na cidade, em 05/01/1985, dias após o encerramento das atividades do Cine Verdi:

“Salto, uma cidade com cerca de 60 mil habitantes, mais de 20 indústrias de grande porte, berço de famílias tradicionais, localização geográfica privilegiada, etc., acaba de ficar sem cinema. O fechamento dos cines ‘São José’ e ‘Verdi’ causou certa revolta numa parte da população que não se conforma com isso. Qual será o motivo dessa queda dos cinemas (segundo um dos gerentes, são fechados, em média, 200 cinemas por mês no Brasil), a televisão, os filmes pornográficos, a falta de equipamentos mais modernos para exibição, a falta de conforto? Acho

que todos. Infelizmente o público que frequentava os cinemas regularmente não mais o faz (os negócios são mais importantes), outros alegando a má qualidade dos filmes, foram se afastando, a juventude tem outros divertimentos mais emocionantes, com certa facilidade para frequentá-los, enfim tudo foi feito para acabar com os cinemas, até os filmes do sexo explícito...

Esperamos que o local onde existiu o Cine Verdi, seja aproveitado para fins culturais e a característica do prédio seja conservada, pois trata-se de uma arquitetura tradicional, de fácil adaptação para teatro (como já existiu antigamente), shows, festivais, palestras e outros eventos socioculturais. Até mesmo um novo cinema, depois de uma boa reforma no prédio, é claro, sem perder as suas características. Vamos torcer para que a Sociedade Italiana, proprietária do imóvel, saiba como aproveitá-lo melhor, entregando-o a quem queira utilizá-lo da melhor maneira possível. Caso contrário, nossa cidade continuará ficando cada vez mais sem memória”. (“Taperá” de 05/01/1985)

Há 30 anos surgia em Salto o CinemaScope

Em artigo publicado no jornal “O Trabalhador”, **Chiquito Guarnieri** lembrava a utilização em Salto (no Cine Rui Barbosa) do CinemaScope:

“Nos anos 50, a curva mais falada nos meios cinematográficos desde que Marilyn Monroe apareceu na terra do cinema, era a curva do CinemaScope, que prometia revolucionar a indústria do cinema e os fãs de todas as partes do mundo estavam ansiosos para ver a nova maravilha, inclusive o povo saltense amante da 7ª arte.

O povo americano viu pela 1ª vez o CinemaScope na estreia mundial de ‘O Manto Sagrado’, com Richard Burton, Jean Simmons e Víctor Mature, em outubro de 1953, e desde então aguardávamos com ansiedade os filmes desse processo cinematográfico em nossa cidade.

A inauguração do CinemaScope em Salto, só aconteceu três anos depois, no domingo de 29/04/1956 (exatamente há 30 anos), no Cine Rui Barbosa (depois Cine São José) por iniciativa do Sr. João de Almeida, proprietário daquele cinema, que não mediu esforços, adquirindo lentes e tela de qualidade

para que o povo de Salto tivesse o melhor do CinemaScope e graças a esses esforços o espetáculo constituiu-se num verdadeiro acontecimento na época.

Essa maravilha da ciência cinematográfica, essa conquista do gênio humano, arrastou àquela sala de espetáculos uma grande multidão desejosa de ver o novo processo de filme. A sessão constou de duas partes: os trailers e o jornal nacional, em seguida surgiu na nossa frente uma imagem nunca vista, numa tela grande e ampla, vimos o tradicional logotipo da 20th Century Fox seguido do belíssimo filme colorido ‘O Egípcio’, com Edmund Purdom, Jean Simmons e Victor Mature.

Ficamos encantados com aquele espetáculo e saímos do cinema ansiosos para ver mais filmes em CinemaScope”. (“O Trabalhador” de 11/10/1986)

Observação – Quando do lançamento do CinemaScope, o Sr. João de Almeida e seu filho **Antonio Marcos** foram convidados para a sessão de demonstração da novidade no Cine República, em São Paulo, os quais compareceram.

As eletrizantes aventuras dos avós de Jedi

O jornal “Folha de São Paulo” publicou, em 6 de março de 1984, interessante artigo sobre os seriados de autoria do crítico cinematográfico Orlando I. Fassoni, a seguir reproduzido:

“Os heróis dos seriados emocionavam espectadores e lotavam matinês, como os Et’s e os Skywalkers da última safra de Hollywood.

Os cinemaníacos inveterados devem se lembrar: anos atrás nos bons tempos do cinema inocente e bem comportado, havia uma frase que nos dava o que discutir durante todos os dias, nas rodas de amigos, sobre a sorte – e era sempre a sorte – dos mocinhos e das mocinhas do filme seriado. Era simples: ‘Continua na Próxima Semana’.

As gerações mais velhas sabem o que significava: era a espera do próximo capítulo das aventuras de heróis e heroínas que conseguiam driblar todas as artimanhas dos algozes e que nos permitiam viver dias de emoções e aventuras que o cinema, hoje, já não tem mais, mas não apagou da nossa memória.

O filme seriado, sonoro, faz seus 55 anos e, hoje, embora seja um gênero que a televisão explore com vantagens, já não é o mesmo: já não nos vendem mais a antiga satisfação de sair das matinês, aos domingos, e ficar esperando pela continuação da história na matinê do domingo seguinte para verificar, em poltronas de madeira, com pipoca e amendoim, como o mocinho se livrará da serra elétrica que o cortaria ao meio, ou como conseguirá impedir a explosão de uma bomba colocada aos seus pés.

O cinema mudou, os heróis mudaram, as matinês são raras até em cineminhas do interior que ainda resistem ao tempo e às transformações. O seriado viveu a sua melhor época entre 29 e 56, quando o som, que modificara tudo, levou a Republic, a Columbia, a Universal e a Mascot – incluindo-se os produtores americanos independentes – a produzir 231 seriados que, se reexibidos hoje, seriam adoráveis, não pela qualidade e sim pelas emoções propiciadas por personagens como Zorro, Tarzan, Capitão América, Fantasma, Jim das Selvas, Dick Tracy, Capitão Marvel e tantos outros heróis da nossa infância, quando trocar gibis, na sessão da tarde, era um ato obrigatório que a gurizada curtiava com prazer.

Foi um gênero que captou tudo o que era capaz de oferecer emoções, das histórias em quadrinhos até o faroeste, a ficção-científica, a selva, as influências do rádio, os patrulheiros rodoviários, os acrobatas, a 2ª Guerra, os pilotos, a Polícia Montada, os mascarados mais famosos, as mocinhas destemidas e os mais temíveis vilões. Embora a fase mais criativa só tenha começado com o advento do som, o filme em série nasceu praticamente com o parto dos irmãos Lumière: já nos seus primórdios, o cinema não podia desligar de sua história o nome de uma Pearl White, que interpretou, entre 1913 e 1930, várias séries que marcaram os espectadores, uma delas ‘Os Perigos de Paulina’, resultado do sucesso das tiras publicadas em jornais diários que levariam as companhias, com mínimos recursos, a produzir coisas como ‘As Aventuras de Kathlyn’, ‘The Iron Claw’ e outras fantasias onde surgiam figuras masculinas como Joe Bonomo, Ben Wilson, Jack Mower e o primeiro Tarzan, Elmo Lincoln”.

Tirando uma letra do título de um filme

Chiquito Guarnieri relata um fato engraçado ocorrido na década de 1940:

“Nos anos 40, o Cine Rui Barbosa, de propriedade de João de Almeida, tinha cinco tabuletas de propaganda confeccionadas em chapa galvanizada, pintadas com fundo vermelho escuro e escritas com alvaiade, sendo colocadas nos postes de diversos pontos da cidade, anunciando o filme do dia que era exibido também no dia seguinte.

No início de 1943, foi exibido nesse cinema o filme com o título ‘Com um Pé no Céu’. Como sempre houve gaiatos e brincalhões em Salto, no primeiro dia de exibição do filme, esses elementos apagaram o “é” do Céu dando outro significado ao nome do filme, o que se tornou um escândalo na cidade.

À noite, João de Almeida, ‘bravo como uma onça’, chamou o ‘Zé Pé de Chão’ (José de Moura), que era o propagandista do cinema e mandou que ele resolvesse o problema, pois com esse título as tabuletas não poderiam sair no dia seguinte. Zé, muito astuto, resolveu o problema e escreveu as tabuletas da seguinte maneira: ‘Cine Rui Barbosa – Hoje às 7h30: Frederic Marc e Marta Scott no colossal filme: Com um Pé no... Paraíso’.

E, assim, as tabuletas saíram às ruas sem dar chance a novas gozações. (“Taperá de 16/10/1999)

Adendo de Antonio Marcos – “Esse tipo de alteração em tabuletas com os nomes dos filmes era muito comum, pois as propagandas eram feitas com alvaiade, um pó branco dissolvido em água. Normalmente, à noite, durante as sessões, muitas dessas tabelas eram refeitas, quer porque foram apagadas por algum engraçadinho ou mesmo pela chuva. O Roquinho ficava uma ‘arara’ de bravo quando recolhia as tabuletas e estas estavam alteradas. Posteriormente, foi adicionada goma arábica ou cola de sapateiro ao alvaiade, o que dificultava a alteração.

Há 40 anos Salto assistia a 80 filmes por mês; depois a dois ou três filmes

Em sua coluna “Arquivo”, no jornal “Taperá”, **Ettore Liberalesso** fazia a comparação da programação dos cinemas nos 40 anos anteriores e quando a matéria foi publicada:

“Desde o começo do século, por diversas vezes, Salto conviveu décadas com até três salas exibidoras de cinema. De fato, o ‘Verdinho’ (atual Museu), inaugurado em 1903, cessou essa fase em 1937, mas, como Cine Teatro Verdi, resistiu até 31/12/1984; O ‘Rio Branco’, inaugurado em 1910, funcionou inicialmente como Cine Bijou, Cine Iris e Cine Arzília, só desaparecendo em 1928; nesse ano encerrou suas atividades também o ‘Cine Pavilhão’, cuja entrada em atividade dera-se em 1915.

Fácil deduzir-se daí que, pelo menos por 13 anos (1915–1928), três cinemas funcionavam simultaneamente em Salto. Quando esta cidade tinha, no máximo, 12 mil habitantes! Mas houve ainda um outro período em que o fato viria a repetir-se:

O Cine São Bento substituiu o ‘Pavilhão’ e o ‘Rio Branco’ de 1928 até 1939, quando apareceu o Cine Rui Barbosa (quando fechou virou Supermercado Minibox), de Alexandre Silvestre, que o vendeu em 1942 a João de Almeida. Este passou a ser o Cine São José em 1960, fechando em dezembro de 1983.

Em 1949, o vigário coadjutor padre Bruno Carra montou um cineminha para crianças do catecismo, no Salão Paroquial, com o nome de Cine São Francisco. Logo depois, passando à direção de Jaciro Crucello, iria exhibir filmes também para adultos, com a renda destinada àquela atividade inicial. O ‘São Francisco’ durou 10 anos, isto é, foi até 1959.

Nesse ano, o professor Natale Buchignani, da Escola Industrial de Salto, entrava no ramo com Jaciro Crucello de sócio. A cidade passou a ter um cinema na Rua Barão do Rio Branco, o Cine Najá.

Assim, de novo e por outros 15 anos, Salto teve três cinemas: o Cine Verdi, o ‘Rui Barbosa’ ou ‘São José’, e o ‘São Francisco’ ou ‘Najá’.

No entanto, o surgimento do ‘cineminha do padre João’ ou do ‘Ciro’ havia dado muito o que falar, pois, pretendendo ajudar o catecismo, mal conseguia manter-se a si próprio, quando, ao iniciar o ano de 1952, a Prefeitura entendeu enquadrá-lo – como os outros dois cinemas – nas Leis Municipais, taxando-o de impostos regularmente. Nem a publicação dos balancetes de fevereiro (que deixara um mísero saldo de 35 cruzeiros) e de março (com resultado pouco melhor) conseguiu que fosse

desconsiderada a medida tomada e que um grave incidente agitasse por isso a Câmara Municipal, com manifestação de assistentes em uma sessão aplaudindo ou censurando a atuação dos edis em plenário: ‘Entre os turbulentos – dizia a imprensa – incluía-se o prefeito, que, mantendo acaloradíssima discussão com um dos populares, fez referência ao pároco atingindo-o com insultos’. O jornal advertia severamente o presidente da Câmara para que ‘estivesse mais atento ao que se passa dentro e fora do plenário, pois o incidente poderia repetir-se e degenerar em conflitos de imprevisíveis consequências’...

Durante fevereiro de 1952, o ‘São Francisco’, conforme balancete publicado, funcionara 16 noites, auferindo uma receita de 3.260,00 cruzeiros; gastara 72,00 de luz e força, 2.565,00 de aluguel de filmes (Metro e Mesbla), 730,00 de duas lâmpadas, 320,00 de despachos (fretes) e viagens e 200,00 de gratificações a auxiliares. O balancete de março (19 noites de funcionamento) também publicado era quase uma cópia do anterior, mas incluía o ‘Imposto de Indústrias e Profissões’ pago (1ª quota) no valor de 445,00 cruzeiros, aparecendo mais uma fornecedora de filmes, a U.P.C., com filmes de ‘O Gordo e o Magro’. Nos dois referidos meses o cineminha não tinha conseguido amortizar as respectivas parcelas do capital empregado na compra dos projetores (um empréstimo de 38.000,00 cruzeiros)...

Mas, vamos ao título deste Arquivo: cinco anos após aquele incidente, os três cinemas, em franca atividade na década toda, porfiavam na disputa dos aficionados. Os programas da semana, juntados pelo jornal em rodapé que ocupava $\frac{1}{3}$ da página, davam conta de que, na 2ª semana de abril de 1957, Salto teria oportunidade de ver nada menos que 21 filmes. Alguns destes exigiam duas sessões aos domingos (‘Verdi’ e ‘Rui Barbosa’). O primeiro se dava ao luxo de passar dois filmes na 2ª feira, no sábado e na matinê do domingo, enquanto o segundo deixava, com muito favor, que na 4ª feira se realizasse um show (certamente beneficente) no palco, com artistas da Rádio Tupi de São Paulo.

Tudo isso ‘fica na saudade’, hoje em que o Cine Verdi não tem tanta assistência que precise passar mais de dois ou três filmes por mês e que o Cineclubes Anselmo Duarte nem tenha dado sinal de vida neste 1997... (“Taperá” de 12/04/1997)

Em 1998 o “Corridinho” ainda causava comentários

Numa crônica publicada no jornal “Taperá”, Valter Lenzi rememorava os bons e maus tempos dos cinemas locais, sob o título: “No Escurinho do Cinema”, lembrando também do “Corridinho”:

“Semana Santa lembra Lava-pés, Via-sacra, Ressurreição, Procissão de Encontro, Sábado de Aleluia, Domingo de Páscoa. Lembra também peixe, bacalhau, cabrito, leitoa. E para os mais antigos lembra ainda ‘Corridinho’. Nas Semanas Santas de alguns anos atrás, quem ia ao cinema nestes dias (mais especificamente no Cine São José, antigo Rui Barbosa), era obrigado a assistir, antes do longa metragem programado, um filminho mudo que recebeu essa denominação. Esse filminho foi adquirido pelo cinema e mostrava a vida, paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Cristo, mas causava mais riso do que choro. Era tão velho que cada parte tinha tonalidade de cor diferente e como a filmagem foi feita nos primórdios do cinema, os personagens pareciam correr. Daí o ‘Corridinho’.

Naquela época a gente criticava o proprietário do cinema, Sr. João de Almeida, mas hoje a gente tem que louvar pelo menos sua boa intenção, já que se tratava de uma pessoa muito religiosa. Ele faleceu há exatamente dois anos e muitos senhores respeitáveis de hoje, que foi criança no tempo em que o Rui Barbosa funcionava, deve ter remorsos do que ‘aprontava’ para o dono do cinema. Naquele tempo, muitos rapazes iam ao cinema mais para fazer bagunça do que para assistir aos filmes e isso perturbava também os demais espectadores.

Soltar bombas dentro do cinema era coisa corriqueira. Um dia colocaram uma tão potente que destruiu o vaso sanitário. Gritar, fazer comentários em voz alta durante a exibição do filme, assobiar, bater no encosto da cadeira, eram coisas comuns em quase todas as sessões, principalmente quando havia muita gente no cinema. Aí era mais difícil ser localizado pelo dono do cinema, pelo seu filho e por pessoas contratadas para fiscalizar e manter a ordem. O pessoal bagunçava mesmo.

O Sr. João de Almeida foi um dos mais importantes empresários do ramo, adquirindo um prédio velho e transformando-o numa das melhores salas de exibição de todo o interior.

Por isso passou para a história e foi homenageado, ainda em vida, com muita justiça, pela Câmara Municipal. No dia a dia era uma pessoa calma, respeitadora, muito educada, mas se transformava no cinema, exatamente porque o que muitos frequentadores faziam era para deixar louco o mais equilibrado dos mortais. Logo na bilheteria, ele se enervava com os que iam com notas de valor alto, acabando com seu troco. Antes das luzes se apagarem a gritaria já começava dentro do cinema e algumas medidas tinham de ser tomadas. No escurinho do cinema, então, a bagunça era generalizada. Imaginem que uma vez um rapaz entrou dirigindo uma bicicleta pela porta da frente, enquanto os responsáveis corriam atrás dele. Evidentemente, não eram todas as sessões que essas coisas aconteciam, mas principalmente nos sábados e domingos, quando a lotação era quase completa, os mais bagunceiros se aproveitavam.

O Cine Rui Barbosa, posteriormente transformado em São José, traz grandes lembranças a muitos que viveram aquela época. O maior divertimento da população era o cinema, pois a televisão ainda engatinhava e, até 1983, quando encerrou suas atividades, aquela casa de espetáculos se constituía no local mais frequentado da cidade. Com saudade, a gente se lembra do tempo em que ia assistir aos seriados de ‘Flash Gordon’, ‘Zorro’, ‘Os Perigos de Nyoka’ e tantos outros. Os filmes em preto e branco ou aquelas produções em Panavision ou CinemaScope. Aqueles clássicos que marcaram época, como ‘Os 10 Mandamentos’, ‘Ben Hur’, ‘Exodus’, etc.

Lembramo-nos ainda das peripécias pra arrumar o dinheiro do ingresso. Quando isso não era possível, tínhamos que usar nossa imaginação, utilizando os mais diversos recursos. Por exemplo: fazendo cara de pau e entrando no cinema, como se tivéssemos saído ainda há pouco. Ou usando papel de bala, da mesma cor do ingresso, tentando enganar o porteiro. Às vezes dava certo e lá íamos nós para viver as emoções mostradas na tela larga com som estereofônico. (“Taperá” de 11/04/1998)

Antonio Marcos esclarece: “O filme ‘A História da Humanidade’, mais conhecido como ‘Vida, Paixão e Morte de N. Senhor Jesus Cristo’, comentado na crônica acima, tratava-se de uma produção da Pathé Frères, em celuloide, material

altamente inflamável. Era de propriedade do empresário, que o adquiriu anos atrás, e era exibido nas 5ª Feiras Santas, após o filme principal, geralmente em duas sessões, O filme era narrado em português e a projeção em várias cores. Quanto às bombas, era rotina esse procedimento. Quando só assustavam os espectadores, tudo bem. Agora, com danos materiais e pessoais, a conversa era outra. A citação de que uma bomba destruiu um vaso sanitário não é correta, pois o que foi destruída foi uma das pias do sanitário masculino. Por sorte ninguém foi ferido, apenas danos materiais. Costumavam também jogar ácido nas cortinas, destruindo-as, ou cortando-as com estilete.

Como foi o episódio da invasão do cinema com uma bicicleta

O episódio da invasão do Cine São José por um jovem pilotando uma bicicleta foi lembrado pelo músico **José Tatangelo** numa edição do jornal “Taperá”, na década de 1990:

“Havia poucas opções de diversão na cidade lá pelos anos 60 e 70.

Uma das boas opções era o saudoso Cine São José que era muito bem conduzido pela família Almeida. Logo na entrada do cinema havia um ‘baleiro’ (era da família Ferrari – Sr. Rino, Cláudio, Mauro e Marino), que vendia as famosas ‘Bala Chita’ e todo mundo comprava para ‘tacar’ na cabeça dos outros durante a exibição do filme.

Havia uma sessão no sábado e duas sessões aos domingos e sempre com bom público, principalmente a juventude, pois era um excelente ponto de ‘paquera’. Aos domingos, às 14h30, havia a ‘matinê’ onde eram exibidos os filmes do sábado ou as aventuras de Tarzan, desenhos da Disney, comédias, etc., etc. Foi numa dessas ‘matinês’ que certa vez apareceu um garoto com uma bicicleta.

O garoto comprou a entrada (o filme já havia começado) e explicou ao proprietário (Sr. João de Almeida, que além de proprietário do cinema era funcionário da Light e era simpático e solícito, sempre com seu terno impecável) que morava no sítio, seu único meio de voltar para a casa era sua bicicleta e, portanto, tinha medo de deixá-la na rua com medo que alguém

roubasse: ‘Posso guardar a bicicleta aqui dentro do cinema?’, perguntou o garoto. ‘Mas é claro que sim!’, respondeu o solícito Sr. Almeida. Abriu a porta lateral e garoto entrou com a bicicleta. Minutos depois, o garoto entrou na sala de projeção pedalandando a bicicleta e ‘mexendo’ com todo mundo, provocando muitos risos e gritaria. O Sr. Almeida percebeu que havia caído numa brincadeira por parte do garoto e começou a correr atrás dele dentro do cinema.

Virou uma verdadeira ‘torcida’ para ver quem driblava quem e as risadas aumentavam a cada volta do garoto no cinema e o Sr. Almeida ‘furioso’, tentando cercá-lo. Até que numa das voltas o garoto foi contido e ‘gentilmente convidado’ a se retirar do cinema além de tomar uma tremenda bronca do proprietário.

Velhos Tempos! Belos Dias!

Ah... Ia me esquecendo: o ‘garotinho pobre que morava no sítio’ era o prezado amigo Gersony Bergamo...”.

Novas lembranças dos cinemas saltenses numa época em que eles eram a principal diversão dos saltenses, de autoria do jornalista **Valter Lenzi**, sob o título “Momentos mágicos”:

“Como já dissemos neste espaço em certa ocasião, nada melhor para marcar um momento alegre ou triste de nossa vida do que uma música. Não somos ‘experts’ na matéria e, por isso, recorreremos ao amigo João Ratti, que nos ajudou a recordar algumas passagens marcantes vividas nos cinemas de nossa cidade, quando olhos atentos e ouvidos aguçados se deliciavam com os momentos de alegria ou de tristeza proporcionados pelos filmes.

Nos dias de semana, 19h30. Aos domingos, 19h15 e 21h15. Mas o pessoal chegava bem antes do início das sessões dos dois cinemas da cidade, nas décadas de 60 ou 70. E quando o filme era famoso, as filas dobravam os quarteirões onde se localizavam o ‘Verdi’ e o ‘São José’, cerca de uma hora antes das sessões começarem, o que acontecia principalmente aos domingos.

Já dentro das salas de exibições, as pessoas – devidamente acomodadas – aguardavam pacientemente o apagar das luzes. Eram entretidas por músicas que, hoje, nos dão saudade, principalmente as tocadas por orquestras consagradas, como as de Ray Conniff, Billy Vaughan, Franck Purcell e outras, que a

maioria das emissoras (inclusive as FMs, antes tão saudosistas e comportadas) não executam mais.

Luz acesa. Os jovens casais aproveitavam para trocar confidências, mas o comportamento era irrepreensível. Não se via o agarra-agarra dos namorados e os beijos furtivos (ou nem tanto) que acontecem hoje nas salas de exibição. Casais mais idosos, mantinham um comportamento discreto, observando o movimento e fazendo breves comentários, inibindo com suas presenças os abusos que às vezes aconteciam por parte dos jovens.

Os rapazes e moças ‘desimpedidos’, procuravam à frente e aos lados (não era bom tom olhar para trás) alguém do sexo oposto com quem pudessem paquerar. Muitos romances começaram ali, nas cadeiras do ‘São José’ e do ‘Verdi’, antes das sessões, com a troca de olhares, de sorrisos e até – imaginem – piscadelas.

Valho-me do Ratti para lembrar as músicas que anunciavam o início das sessões: no ‘São José’, ‘Creme Batido’, com Herb Albert e Tijuana Brass; no ‘Verdi’, ‘Amores Clandestinos’, com a orquestra de Billy Vaughan. Quando elas começavam a ser executadas, as pessoas se ajeitavam nas cadeiras, os homens que haviam saído para fumar nos corredores laterais apagavam o cigarro e se dirigiam rapidamente para seus lugares e todos aguardavam que todas as luzes se apagassem e surgissem os primeiros trailers, jornais e curta-metragens.

Mas o que encantava mesmo a gente eram as músicas de filmes que marcaram época, como ‘Tema de Lara’, do ‘Dr. Jivago’; ‘The love is a many splendored thing’, de ‘Suplício de uma saudade’; ‘Fonte dos Sonhos’ de ‘A fonte dos desejos’, ‘Dio como ti amo’, ‘Zorba, o grego’ e tantas outras. As mulheres (e por que não dizer os homens também?) saíam das salas de exibição com os olhos marejados de lágrimas e as músicas permaneciam para sempre em sua memória, como instantes mágicos proporcionados pelo cinema.

Hoje, nas raras vezes em que ouvimos algumas dessas músicas, nos lembramos do desencontro final de William Holden e Jennifer Jones, em ‘Suplício de uma saudade’, que fez tanta gente chorar; do intenso amor, também com fim trágico, do dr. Jivago (Omar Shariff) e de Lara (Julie Christie); do alegre

Anthony Quinn, cantando e dançado como Zorba; dos americanos vivendo romances, tendo a Fonte de Trevi como fundo ou da música que arrancava suspiros dos namorados, levando-os a fazer juras de amor em italiano.

Imagens e sons se misturam nas mentes dos que gozaram esses momentos, que não têm como revivê-los. Mas podem se considerar privilegiados por terem vivido numa época em que o cinema tinha mais romantismo, proporcionava mais prazer e despertava nossos sentimentos. Será isso coisa de saudosista? (“Taperá” de 17/02/2001)

Relembrando uma sessão de cinema no Cine São José

Novamente **Valter Lenzi** lembra de uma sessão nostálgica no Cine São José, na época de ouro dos nossos cinemas:

“Sob o som de ‘La Mer’ entro no Cine São José, ainda com as luzes acesas. O velho costume de chegar cedo me faz notar a presença de gente conhecida, habituais frequentadores, que aguardam o início do espetáculo, enquanto ouvem embevecidos a orquestra de Ray Connif. Na expectativa, diviso alguns casais habituais, devidamente comportados, além de moças e rapazes conversando animadamente. Alguns saem para fumar no corredor, até que os acordes de ‘Aqueles olhos verdes’ os trazem de volta para seus lugares na plateia lotada. A sessão vai começar!

As luzes se apagam e, como num passe de mágica, desfilam na enorme tela e até saem dela, como numa futurista e avançada 3ª dimensão, atores e atrizes, alguns em preto e branco, outros em cores fortes. Vejo Clark Gable e Vivien Leigh se perguntando onde o vento os levou; Ray Miland caindo pelas beiradas como um verdadeiro farrapo humano; o lutador de rua, Charles Bronson, acertando um direto no oponente; Jack Lemmon dizendo para Shirley MacLaine que ela é ‘douce’; Hedy Lamarr cortando o cabelo de Victor Mature e acabando com sua força de Sansão; Ursula Andress saída das águas, enquanto Sean Connery enfrenta o satânico Dr. No; uma figura esguia passa sem dizer palavra (é meu tio Jacques Tati); Tyro-ne Power executa uma melodia imortal, mas os tiros de um

duelo de titãs, entre Kirk Douglas e Anthony Quinn, encobrem a música.

De repente, atravessa o corredor central, indo espatifar-se na tela com sua moto, Steve McQueen, fugindo do inferno; levanto os olhos e diviso Cantinflas num balão, dando a volta ao mundo em 80 dias, quase se chocando com Mary Poppins, que também voa; um carro desgovernado desce pelo corredor direito, despejando gente por todos os lados, mostrando que, definitivamente, deu a louca no mundo; Bete Davis empurra Joan Crawford escada abaixo; Omar Sharif, o dr. Jivago, passa cabisbaixo pelo corredor central, enquanto a orquestra executa o ‘Tema de Lara’; uma corrida do século é disputada e Tony Curtis se esforça para chegar em primeiro, apesar das manobras de Jack Lemmon.

John Wayne sai de onde começa o inferno, depois do vendaval, e galopa, em desabalada carreira, atrás de um bandido... Mas acaba trombando com uma dupla do barulho, Oscarito e Grande Otelo; quando a dupla escapa, tem que parar para as bigas de Charlton Heston passarem, levando os dez mandamentos nas mãos; ‘Dio come ti amo’, diz Gigliola Cinquetti, enquanto Marcelo Mastroianni se declara a Anita Ekberg, numa doce vida; a noviça rebelde Julie Andrews, acompanhada de crianças alemãs, canta ‘Do-re-mi’ aplaudida pelo menino Jerry Lewis.

Entra no salão Peter Sellers, um convidado bem trapalhão, que é puxado pela bengala de Charlie Chaplin; Stan Laurel e Oliver Hardy, dois caipiras ladinos, trocam empurrões, enquanto Groucho Marx se desvia dos Três Patetas, que param para ouvir Elvis Presley, sentindo uma saudade danada de um pracinha; Vincent Price solta o corvo, que vai parar no ombro do Frankenstein, amigo do Boris Karloff, que pergunta a Sidney Poitier quem vem para jantar, no calor da noite.

A longa sessão cinematográfica daquele domingo não tem fim. Os personagens se sucedem numa sequência interminável, mas a plateia parece não se dar conta. As cenas entram noite adentro e, quando o sol desponta, finalmente aparece na tela um ‘The End’ definitivo. As luzes se acendem, pessoas deixam a sala de espetáculo e desaparecem antes mesmo de chegar à rua.

Logo a seguir portas de ferro são levantadas, ouve-se o alaridos de algumas vozes e uma delas, grossa e autoritária, determina: ‘Meninas, preparem os cabides e as araras, ajeitem as peças e os preços. Daqui a pouco a loja vai começar a funcionar e precisamos estar preparados para receber os clientes’.

Começa mais uma semana naquele salão onde um dia as pessoas riram e choraram, se extasiaram, ficaram amedrontadas e até sem voz, aplaudiram freneticamente seus maiores ídolos, viveram, enfim, momentos mágicos e inesquecíveis que só uma sessão de cinema, como a dos velhos tempos, podia proporcionar. (“Taperá” de 12/02/2011)

Crônica saudosa leva Antonio Marcos a comentar

O filho do proprietário do Cine São José, **Antonio Marcos**, comenta essa crônica sobre uma sessão do seu cinema:

“Ao ler a crônica acima, coloquei-me no lugar do Lenzi e ‘viajei’ ao passado, pois, se ele, como espectador, participou dessa sensação, imagine se eu não me comovi, pois nasci no tempo em que papai já era o proprietário do Cine Rui Barbosa.

Quando criança, apenas participava das sessões aos sábados à noite, para assistir os episódios dos seriados, voltando no dia seguinte, domingo, na matinê. Somente a partir de junho de 1957, após deixar o Seminário em São Roque, é que comecei a participar da vida do cinema, pois, passei a ajudar papai nas atividades, participando da programação, colocação de material de reclame, pintura de tabuletas diversas, bilheteria, cabine (como ajudante de operador e depois como operador de máquinas), enfim, tudo o que se relacionava com cinema.

No tempo da reforma do ‘Rui Barbosa’, após aquela data (1957), também participei da demolição do prédio, limpeza dos tijolos, colocação de material em andaimes, acompanhamento das obras e, no final, da colocação de piche e de pregos nos tacos para serem assentados no piso do cinema. Tempo duro, suado, mas que depois trouxe compensação. No ‘São José’, desde a sua inauguração, sempre participei das atividades do ramo cinematográfico, afastando-me somente por algum tempo, quando passei a cursar a faculdade em Itu (1970–1972).

Quanto aos filmes que enchiam os olhos de lágrimas,

principalmente no final, além de ‘Suplício de uma saudade’, lembro-me também do ‘Tarde demais para esquecer’, com aquele final comovente.

A partir de 1974, quando houve a alteração da razão social para Empresa Cinematográfica São José Ltda., passei a ser o Gerente Administrador, função que exerci até o encerramento das atividades cinematográficas.

Quando fechamos o ‘Rui Barbosa’ para o término das obras, não sentimos tanto, pois, em breve, estaríamos inaugurando um novo cinema, ainda mais bonito, moderno e confortável. Imaginem o que não senti, quando, em 31 de dezembro de 1983, vitoriei o salão, após o final da sessão, como fazia toda noite, pensando ser aquela a minha última inspeção. Haja coração. Confesso, sinceramente, fiquei muito comovido. Hoje, após tantos anos, a saudade ainda está presente. Bons tempos, que não voltam mais. No dia 31/12/2013, fez 30 anos do fechamento do cinema. Foi um tempo muito bom, com bastante trabalho e dor de cabeça, pois éramos, papai e eu, os responsáveis pelo bom funcionamento do cinema, e, nem sempre, as coisas corriam como nós desejávamos, pois, imprevistos sempre surgiam e eram sempre sanados dentro do possível. Mas, tudo isso fazia parte de nossas vidas.

Sacrificava minha família, minha esposa e filhos, que toda noite ficavam em casa enquanto eu me dedicava ao cinema. Nas folgas da Eletropaulo, raramente nos ausentávamos da cidade, pois, para nós, sábados, domingos e feriados, eram dias comuns, e papai, após o acidente automobilístico que sofreu em Sorocaba, originando o falecimento de mamãe, ficou impossibilitado de exercer certas funções no cinema e eu passei a dirigir todas as atividades, sendo auxiliado por minha esposa e filho quando necessário.

Enquanto os outros membros da família tinham férias prolongadas, nós tínhamos apenas uma semana por ano, e mesmo assim tendo que providenciar antecipadamente pagamentos, programação, programas e outros. Foi um tempo difícil, mas passou.

Quantas vezes, papai ou eu, tínhamos que nos desdobrar para suprir a falta de funcionário, quer na limpeza da sala

de espetáculos, cabine, portaria, auxiliar de mecânico nas manutenções periódicas, além de outras atividades. Mas, sempre com muito amor naquilo que fazíamos, sacrificando nossas famílias por não termos tempo para o lazer. Mas, hoje, mesmo com muita satisfação e saudade, posso garantir que fizemos o possível para agradar os habituais frequentadores dos nossos ‘Rui Barbosa’ e ‘São José’, apesar dos contratempos.

Obrigado, povo saltense, pela cooperação recebida durante o tempo em que funcionamos os cinemas de Salto.

Adeus, Cine Rui Barbosa! Adeus, Cine São José! Vocês deixaram e deixarão muita saudade”.

Chiquito Guarnieri se lembra do “terror que passou por Salto”

Publicação do cinéfilo **Chiquito Guarnieri** no jornal “O Trabalhador”, em 1986:

“Numa ilha, uma gruta deserta e cheia de neblina aloja um caixão de defunto com uma mulher estática, que sofreu um ataque de catalepsia e a qualquer momento pode acordar. O único som que se ouve é a gota d’água pingando sobre o caixão. Devagar a cena vai ficando mais próxima, os pingos continuam caindo numa angustiante espera. A qualquer momento a mulher pode acordar. O caixão vai ficando mais perto, mais perto, até que se ouve um grito abafado e o ranger das dobradiças do caixão, como se a tampa fosse forçada, e de repente um estrondo e a mulher desperta. Esta é uma das cenas excitantes do terror que os filmes de Boris Karloff contém.

Dia desses, eu estava em São Paulo visitando as companhias distribuidoras de filmes cinematográficos, quando, entrando na Polifilmes, vi um cartaz do filme ‘A Ilha dos Mortos’, estrelado por Boris e exibido em Salto em 1947, há 39 anos, no antigo Cine Rui Barbosa. Foi um choque: esse filme foi o que mais me marcou na infância, quando passei muito medo assistindo-o ao lado do amigo ‘Foguinho’.

Sempre fui um fã ardoroso de Boris Karloff, que ainda hoje é um dos monstros sagrados do cinema de terror mundial. Ele nasceu em Dulwich, Inglaterra, em 23 de novembro de 1887 e

recebeu o nome de William Henry Pratt. Imigrou para o Canadá e fez de tudo antes de descobrir o teatro. Em 1916, já nos Estados Unidos, começou a atuar no cinema. Fez cinquenta filmes, como ‘Noites Parisienses’, ‘Os Sinos’ e outros, com o detalhe de em muitos dispensar o trabalho de Jack Pierce, o maquiador.

Mas foi em 1931 com o filme ‘Código Penal’, que conseguiu dar uma virada na carreira, emparelhando-se a Walter Huston, numa das suas maiores interpretações. Aliás, foi esse filme que lhe valeu um papel de monstro no filme ‘A Noiva de Frankenstein’, de James Whale. Boris fez o monstro de Frankenstein alcançando um grande sucesso em 1935, mas só voltou a interpretá-lo mais uma vez em 1939. O filme desse ano se chamou ‘O Filho de Frankenstein’. Outro grande clássico dele foi ‘A Múmia’, de 1932.

Boris Karloff ou William Henry Pratt, faleceu em Londres no dia 2 de fevereiro de 1969 e a curiosidade dele, que ficou, foi o último desejo. Ele queria ser enterrado caracterizado de o monstro de Frankenstein e com uma lágrima no rosto. Conseguiu. É pena que Salto não possua mais cinemas ou salas de projeção. Nelas, grandes monstros do cinema nos foram anjos de emoção”. (“O Trabalhador” de 14/11/1986)

Antonio Marcos e suas “saudosas recordações”

Juntamente com seu pai, **Antonio Marcos de Almeida** viveu um longo período da existência dos dois cinemas, “Cine Rui Barbosa” e “Cine São José”. Evidentemente, ficaram em sua memória esses tempos e ele, numa crônica, registra algumas das que foram suas “saudosas recordações”:

“Na infância, frequentei a ‘Escola Paroquial Sagrada Família’, o ‘Coleginho das Madres’, como era mais conhecido na cidade, no período de 1947 a 1950, quando passei a conhecer novos amigos e também a frequentar o cinema de propriedade de papai.

Na época, eu era coroinha da Matriz Nossa Senhora do Monte Serrat, a única igreja católica da cidade nessa época, e, aos sábados à noite, assim que terminava a benção do Santíssimo Sacramento, reunia os colegas coroinhas e corríamos para o cinema, onde papai nos autorizava a entrar sem pagar

ingresso, para assistirmos ao fim do filme e, em seguida, o aguardado episódio do seriado.

Quando criança, por volta de 1948 a 1950, costumava frequentar as matinês do 'Rui Barbosa' para assistir novamente o episódio do seriado do sábado à noite, ocasião em que ia dar uma olhada na cabine. Sentava-me sempre na primeira fileira, junto ao palco, com os amigos, que sempre traziam gibis para lermos antes da sessão cinematográfica. Assim que ouvíamos o soar do gongo e o início da música usada como prefixo ('The Washington Post'), começávamos a bater os pés no assoalho, inclusive eu. Era uma alegria geral.

Lembro-me que em uma dessas matinês comprei amendoim do Roquinho. Vejam a minha incoerência: todos compravam algumas xicrinhas, enquanto que eu pedi Cr\$ 2,00 (dois cruzeiros), vindo tão grande quantidade que nem sabia o que fazer com tanto amendoim, compartilhando-o com meus colegas. Na saída, logicamente, quem pagou o Roquinho foi papai.

Também recorro-me da alegria com que as crianças recebiam um ingresso para a matinê do dia primeiro do ano, quando batiam no portão de casa para pedir 'bom princípio de ano'. Uma entrada de cinema era um presentão.

No início de 1951, ingressei no 'Seminário Menor Imaculado Coração de Maria', em São Roque, juntamente com alguns dos colegas coroinhas, entre eles, José Lázaro Effori (Zézito), Hélio Zancan, Cláudio Santini e Darcy Cargnelutti, entre outros. Desligando-me do cinema e dos colegas do 'Coleginho', pois, nessa ocasião não passávamos as férias na casa dos pais e, quando isto passou a ser feito, para assistirmos um filme, mesmo que fosse desenho ou filme de aventura, era necessária a autorização do vigário, Monsenhor Couto, que, muito zeloso com seus seminaristas, após ser informado do conteúdo do filme, verificava se não haveria nenhum inconveniente, e autorizava ou não, sempre me recomendando que procurasse assistir ao filme em local adequado e sem contato com moças, em especial.

Ao deixar o Seminário, em meados de junho de 1957, (apesar de papai dizer que foi em data de 07/07/1957), passei a ajudá-lo no cinema, aprendendo as atividades correlatas ao seu

funcionamento, pois, nesse semestre não poderia dar continuidade aos estudos aqui em Salto, cursando apenas a Escola de Datilografia durante o dia e, nas horas vagas, ajudando no cinema. Iniciei minhas funções aprendendo a ‘passar filmes’. Meu ‘professor’ foi o Francisco Lara, mais conhecido como ‘Chico Lara’, que durante o dia trabalhava na tipografia, onde era sócio de seu irmão, e à noite trabalhava como projetorista no cinema.

Minha primeira lição, como acontecia com todo aprendiz, foi aprender a colocar o filme no projetor. Era preciso muita atenção para não causar danos ao filme, na época já de plástico e não mais celuloide, para não estragá-lo. Aprendia-se também a desenrolar as partes do filme já projetadas.

Numa das sessões, durante o meu aprendizado, pisei, por descuido, no pedal da passagem automática da máquina onde eu colocava a próxima parte a exibir, interrompendo a projeção do outro projetor. Como não sabia o que fazer, pedi socorro ao Chico, que chamou-me a atenção delicadamente, explicando-me como proceder nesses casos (era só pisar no pedal da outra máquina que a situação se resolvia).

Em outra ocasião, estando sozinho na cabine de projeção e papai ausente, durante a sessão, parte do projetor parou de funcionar e eu, sem saber o que fazer, pois nunca me acontecera semelhante defeito, pedi a um dos funcionários que chamasse o Sr. Tuna (Antonio Guilhardi) para me socorrer, pois além de ser um grande amigo de papai, era mecânico na Textil e sempre nos socorria nas necessidades mecânicas no cinema. Imediatamente o Sr. Tuna veio e verificando o ‘defeito’, explicou-me que se tratava de quebra de chaveta, que servia de elo de ligação do projetor às demais partes do aparelho, substituindo-a de imediato, fazendo-me aprender mais uma das artimanhas da arte.

Lembro-me também de uma ‘barbearagem’ que fiz ao passar o trailer de ‘O Manto Sagrado’ num festival da Fox. Coloquei a objetiva CinemaScope, quando na realidade seria a plana, pois, somente o filme era nesse novo processo. Tomei ‘aquela chamada’ de papai.

Dono de cinema no interior tem que conhecer todas as funções correlatas, desde varredor de salão, zelador, porteiro, bilheteiro, pintor de tabuletas, carregador de filmes, etc., pois na

falta de algum funcionário, importante como operador ou não, a sessão tem que prosseguir, caso contrário, o público sairá prejudicado. Quantas vezes papai era o operador e, distraidamente, não percebia que a parte em exibição terminara, ficando a tela branca, ocasionando assobios e reclamações dos espectadores.

Há 40 anos uma atração histórica em Salto

Numa outra crônica, publicada em “O Trabalhador” em 1986, **Chiquito Guarnieri** lembra de uma “atração histórica na cidade”:

“Daqui há um mês fará 40 anos que os saltenses assistiram ao filme ‘A volta de Durango Kid’ exibido numa terça-feira em continuação ao seriado ‘Salteadores do ouro’, no antigo Cine Rui Barbosa, que depois passou a ser Cine São José e agora é o Supermercado Minibox.

Na memória dos mais antigos, ainda está com certeza essa lembrança histórica do filme mais famoso da série. Aliás, quem assistiu o filme e gostava de Durango Kid sabe que neste ano também ele ficou na memória: Durango ou Charles Starrett, um dos maiores cowboys dos anos 40 e 50, faleceu em 22 de março último.

Antes de chegar ao cinema e se tornar o grande astro cowboy, Starrett brilhou como jogador de futebol na Universidade de Dartmouth, no começo da década de 20, sendo um grande atleta. Teve sua primeira oportunidade no cinema num filme de Richard Dix (‘The Quarterback’), de 1925, no qual era contada a história de um ídolo de futebol do colégio.

Starrett esteve no cinema fazendo pequenos papéis, nessa época aparecendo ao lado de grandes atrizes como Myrna Loy e Mirian Hopkins, mas só ficou conhecido quando em 1936 teve uma ideia: seria um grande cowboy e convenceu a diretoria da Colúmbia Pictures a lhe dar um papel em filme de faroeste. Com seu primeiro ‘western’ (‘Lightning Guns’), iniciou um sucesso que se estendeu por 17 anos, fazendo filmes somente num estúdio.

Depois de estrelar diversos faroestes, em 1940, a Columbia convocou Starrett para estrelar o Western ‘The Durango Kid’, que entre nós se chamou ‘O Benfeitor Mascarado’. Depois

desse filme ele fez alguns personagens marcantes, como o dr. Steven Monroe, um médico da fronteira, que sabia usar suas armas tanto quanto o estetoscópio. E um filme dessa série, que deixou muita saudade, foi o primeiro que, no Brasil se chamou ‘O Médico da Vila’.

Durante os anos de 1941 e 42, Starrett estrelou uma série de filmes com Russell Hayden e, em 1943 e 44, fez outros ‘westerns’ sozinho. Somente em 1945 é que a Columbia resolveu continuar com o personagem Durango Kid e novamente Starrett foi convocado para interpretar o famoso ‘Robin Hood de máscara’ em ‘A volta de Durango Kid’. O sucesso desse filme foi maior que o primeiro e por isso a série se estendeu até 1952. Então Charles Starrett se retirou do cinema, depois de estrelar seu último filme ‘The Kid From Broken Guns’.

Starrett nasceu em Athol, Massachussets, era filho de Laro Starrett, fundador da famosa Starrett Precision Tool Company, uma grande indústria de ferramentas de precisão, que tem filiais em diversas partes do mundo, inclusive, uma na vizinha cidade de Itu.

A exibição do filme ‘A Volta de Durango Kid’ em Salto é de um tempo em que a tradição e a vida em comunidade eram patentes. Hoje o que se observa é um completo esquecimento por parte dos habitantes dessa terra para com as coisas do município. Note-se os cinemas que desapareceram, a ponte pênsil fechada e toda uma série de coisas que se tornaram passado e sem finalidade. É importante que o Poder Público resgate esses valores turísticos, bem como de vida em comunidade, que a cidade perdeu”. (“O Trabalhador” de 01/11/1986)

Ex-funcionário do Cine Rui Barbosa registra suas lembranças

Do amigo e ex-funcionário do Cine Rui Barbosa, Domingos Alberto Lazazzera (Mingo), **Antonio Marcos** recebeu por escrito o seguinte depoimento:

“Em conversa amistosa que mantive com o **Antonio Marcos**, há questão de dias, foi dito por ele estar compilando dados para a composição de um livro, de sua autoria, sobre as casas exibidoras de filmes, em Salto. Gostei da ideia, pois sempre

fui afeiçoado ao cinema, chegando até, por correspondência, a tomar conhecimentos práticos sobre a sétima arte. Todavia, só ficou nisso. Lembro-me então, quando pequeno, frequentava as sessões do Cine Teatro Giuseppe Verdi, em suas tardes de matinês; do Cine Rui Barbosa, cujo proprietário era o finado João de Almeida, pai do Marquinhos, para o qual me prontifiquei colaborar em sua objetividade, fornecendo-lhe fatos corriqueiros acontecidos comigo, na época.

Na minha juventude, vez ou outra, eu marcava presença no cinema de minha cidade – sabe Deus como! Estava sempre duro; minha mesada, quando recebia, mal dava para assistir a um filme. No dia que comecei a usar calça comprida, me pus frente à bilheteria do Cine Rui Barbosa, esperando o início da sessão, para depois solicitar o ingresso pela metade do preço. Nesse dia estava sendo exibido o filme ‘Laços Eternos’ com Diana Durbin. A casa estava lotada por ser uma quinta-feira denominada ‘Sessão das Moças’. O mar não estava pra peixe, e o porteiro era o Sr. Marcelo Grossi; de virada, aproveitando o despercebimento daquela pessoa sempre atenta, varei a cortina do salão, pondo-me no meio dos casais de namorados, com receio de ser apanhado e posto pra fora. Que vergonha!

O tempo foi passando, fui criando juízo e, não há de ver que passei a ser funcionário do seu Almeida, trabalhando eu e mais dois colegas, na cabine de projeção? Olha, ganhava-se pouco, mas divertia-se muito à custa do mau humor do patrão. Minha função era rebobinar as partes da fita exibida, como também programar os filmes. Cometi uma gafe naquele sábado, no qual nada dava certo. Após ter posto os filmes na ordem de exibição, recebi recado para que o desenho animado do Super-Homem fosse exibido somente no domingo, dia seguinte; daí, inadvertidamente, mantive-o na sequência, guardando por engano, no armário, a última parte do filme principal – não me ocorre o nome da película. A plateia, concentrada no desfecho amoroso que se desenrolava na tela, ficou perplexa, alvoroçando-se no maior fuzuê, por não saber o fim da trama, mesmo porque, logo em seguida, exibiu-se o seriado da semana. Na ocasião dessa ocorrência insólita não perdi o emprego, mas ouvi poucas e boas do Sr. Almeida.

Outro fato, gravado na minha memória, foi quando o cinema exibia o filme ‘A Canção de Bernadete’ num domingo. A frequência tinha sido boa porque o enredo era de cunho religioso; eu, como gostava desse gênero, por ser fato verídico, mais uma vez aguardei a oportunidade não passar por baixo do pano, mas pagar somente meia entrada. O Sr. Almeida, de saudosa memória, que já conhecia-me de sobejo, esperou pacientemente o meu pronunciamento; qual não foi o meu espanto quando aquela pessoa disse-me de soslaio: ‘Hoje, você vai querer assistir ao filme a troco de uma caixa de fósforo’. Naquele momento me senti humilhado, mas não levei a sério, mesmo porque aquela boníssima alma, reconhecendo minha precária situação, franqueou-me a entrada.

Todavia, faço aqui pequena observação: o referido filme, em preto e branco, só tive o ensejo de assisti-lo por inteiro quando do advento da televisão”.

Antonio Marcos agradeceu a gentileza do “Mingo” em enviar-lhe estas linhas de grata lembrança da infância e juventude deles, e fez questão de incluí-las neste trabalho.

Um “balanço” sobre os cinemas em 1960

No início do ano de 1960, o colunista Espectador X do jornal “O Liberal”, apresentou um pequeno “balanço” sobre o que aconteceu nos cinemas da cidade no ano anterior:

“Mais um ano que passa. E o cinema, um divertimento sempre moderno e cada vez mais aperfeiçoado, continua a atrair público, a divertir a massa. Para nós, saltenses, em 1959, tivemos muita coisa boa em matéria de cinema ‘Coisa boa’ que, dizemos, são os bons filmes. Não nos referimos às melhorias nas duas velhas casas de espetáculo porque tudo continuou como antes.

Como nota destacada do ano tivemos o aparecimento de um novo cinema, o Cine Najá, um salão pequeno mas que tem procurado agradar o público com bons filmes. O ‘Rui Barbosa’ e o ‘Verdi’, em matéria de conforto, não melhoraram nada. Mas em matéria de filmes, sim. Se não vejamos: o Cine Verdi apresentou em 1959 boas películas, como ‘Família Trapp’, ‘Assim caminha a humanidade’, ‘O homem errado’, ‘Sissi’, ‘Vikings, os conquistadores’, ‘Testemunha de acusação’, ‘Barco sem rumo’ e

tantos outros. Por outro lado, porém, teimou em apresentar as ‘chanchadas’ nacionais, neste ano que passou em grande evidência no ‘Verdi’.

O Ruy Barbosa, por outro lado, apresentou-nos filmes de qualidade, como: ‘Eu chorarei amanhã’, ‘Em cada coração uma saudade’, ‘As 3 máscaras de Eva’, ‘Angústia da tua ausência’, ‘Casa das amarguras’, ‘Os deuses vencidos’. Em contraste, entretanto, tivemos em 1959 muitos dramalhões mexicanos, obras paralisadas e o já eterno ‘Vida, paixão e morte de N. Senhor Jesus Cristo’, ‘joia’ do cinema mudo que já devia estar num museu.

O Cine Najá, apesar de ter iniciado suas atividades em setembro, apresentou boas películas, tais como: ‘Sete noivas para sete irmãos’, ‘Chá e simpatia’, ‘Sublime tentação’ e ‘Rapsódia’.

Outros acontecimentos importantes no ano foram: a visita da COAP a Salto, regulando os preços dos ingressos em nossos cinemas, o aparecimento de um ‘tarado’ no Cine Verdi, o que provocou uma reclamação de um chefe de família nesta coluna e a paralisação do ‘Ruy Barbosa’ no fim do ano para que as obras do cinema sejam terminadas”. (“O Liberal” de 01/01/1960)

Homenagens a

João de Almeida e família

Um dos autores desta obra, Valter Lenzi, considera necessário e justo que se preste uma homenagem a um homem que pode ser considerado a figura maior do cinema saltense em seus mais de 40 anos de atividades e principalmente por ter sido o responsável pela surgimento do saudoso Cine São José, que foi considerado na época de sua fundação como um dos melhores do interior paulista.

Méritos também ao seu filho, Antonio Marcos de Almeida, coautor deste livro, que realizou um trabalho de pesquisa excelente, registrando tudo o que se publicou no século passado sobre os cinemas saltenses, pesquisa que serviu de base para a edição desta obra.

Méritos também aos familiares de João de Almeida e do seu filho Antonio Marcos, que lhes deram a retaguarda e o apoio para que militassem por tanto tempo na área cinematográfica saltense, alcançando sucesso na empreitada a que se dedicaram com tanta disposição e entusiasmo.

Um resumo da vida de João de Almeida

Ele nasceu em Sorocaba, aos 21 de dezembro de 1906. Filho de João Jerônimo de Almeida e Bárbara Rosa de Almeida.

Trabalhou na São Paulo Electric Company Limited em Sorocaba, no período de 18 de setembro de 1924 a 15 de fevereiro de 1936, quando foi transferido para a cidade de Salto, para a Companhia Ituana de Força e Luz em data de 16 de fevereiro de 1936, na função de Chefe de Escritório.

Casou-se em 23 de setembro de 1934 com Marcolina Vander Velden de Almeida. O casal teve três filhos: Antonio Marcos de Almeida, nascido em Sorocaba, aos 29 de novembro de 1939; Myriam Ignez de Almeida, nascida em Sorocaba, aos 20 de maio de 1942 e Maria Aparecida de Almeida, nascida em Sorocaba, aos 07 de julho de 1945.

Após a mudança para a cidade de Salto, além de, durante o dia, trabalhar na Cia. Ituana de Força e Luz, a convite de Jorge

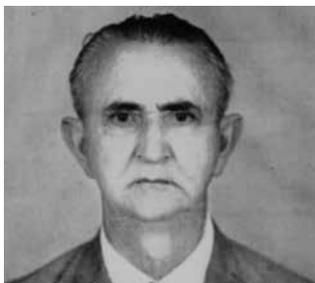
Caracante, de Sorocaba (que arrendara o Cine Verdi), assumiu a Gerência desse cinema, passando, após a desistência do Sr. Caracante, a funcionar com o cinema até 1942, quando o Sr. Alexandre Silvestre, então proprietário do Cine Rui Barbosa, devido às dificuldades financeiras, vendeu o prédio e os mobiliários a João de Almeida, que, assumiu o novo cinema, deixando o Cine Verdi de funcionar.

Em 1º de agosto de 1968, assumiu a Gerência da Agência Salto, da então Light – Serviços de Eletricidade S/A. Aposentou-se em 1º de novembro de 1973, após 50 anos de serviço nessa empresa.

De 1942 a 1959, João de Almeida funcionou com o Cine Rui Barbosa. Em meados de 1955, iniciou uma ampla reforma do prédio, interrompendo a obra em 1956 e retomando-a em 1959, quando, no dia 08/12/1959, fechou o cinema em definitivo para o término da construção. Prosseguindo a reforma em 1959, concluindo-a em 1960, quando, em data de 3 de setembro desse ano, reinaugurou o cinema, porém com nova denominação: Cine São José. Em 1974, promoveu alteração na razão social, passando a ser Empresa Cinematográfica São José Ltda., porém continuando a fazer parte dela. Encerrou as atividades no ramo cinematográfico em data de 31 de dezembro de 1983.

Foi agraciado com o título de “Cidadão Saltense” em 11 de maio de 1985, conforme Decreto Legislativo nº 05/84, da Câmara Municipal de Salto, pelos relevantes serviços prestados à cidade de Salto, recebendo o título no dia 14 de maio de 1985 das mãos dos filhos Antonio Marcos, Myriam Ignez e Maria Aparecida.

Faleceu na cidade de Salto em 14 de outubro de 1995, aos 88 anos de idade.



João de Almeida viveu a maior parte de sua vida em Salto

Marcolina Vander Velden de Almeida

Esposa de João de Almeida, nasceu em Bauru, aos 23 de abril de 1908 (23/04/1908). Filha de Theodoro Vander Velden, de nacionalidade belga, e Maria da Silva Vander Velden. Após a vinda para a cidade de Salto, teve participação ativa nas Irmandades da Paróquia de Nossa Senhora do Monte Serrat, além de colaborar no coro da Igreja Matriz, pois era pianista e organista, e em festivais musicais beneficentes realizados na cidade, auxiliando as Madres da Escola Paroquial Sagrada Família (atual Externato Sagrada Família) na execução da parte musical das festividades realizadas pelo colégio.

Fez parte integrante de muitas Irmandades da paróquia, como Apostolado da Oração, entre outras. Tinha grandes amizades com pessoas das mais variadas famílias da cidade. Era mais conhecida como “Dona Zizinha”.

Faleceu em 15 de setembro de 1978 (15/09/1978) na cidade de Sorocaba, aos 70 anos de idade, decorrente de acidente automobilístico, ocorrido em 30 de agosto de 1978 (30/08/1978), naquela cidade. Está sepultada em Sorocaba.



Marcolina Vander Velden de Almeida

Título na imprensa – O título recebido por João de Almeida como Cidadão Saltense foi divulgado pelo jornal “Tapeirá” em 18 de maio de 1985:

“O período áureo de nossas bandas, assim como a época em que o cinema era o principal divertimento dos saltenses, foram lembrados na sessão da Câmara Municipal do último sábado, quando foram entregues os títulos de Cidadão Saltense

ao maestro Innocêncio Pradelli e ao Sr. João de Almeida. O primeiro foi maestro da Corporação Musical 'Giuseppe Verdi' (Banda Italiana), além de professor de música em Salto na década de 20 e o segundo, proprietário de dois cinemas e agente da Light durante mais de 50 anos. Eles foram saudados pelos vereadores Alcides V. de Almeida e Nelson Mosca (autores dos projetos), José Luiz Diogo e Rosi Mari Ap. Ferrari, pelo Sr. Antonio Andrietta, prefeito Pilzio Di Lelli e presidente da Câmara Ananias L. Barros. Em nome do maestro falou seu genro, Francisco S. Peiró e em nome de João de Almeida o próprio. Os títulos foram entregues por Andrietta ao maestro Pradelli e ao Sr. João de Almeida por seus filhos Aparecida, Miriam e Antonio. Após a sessão foi oferecido um coquetel aos familiares dos homenageados e convidados, no Ponto de Encontro.



João de Almeida recebe dos seus filhos Aparecida, Myriam e Antonio Marcos o título de Cidadão Saltense

Homenagem e reconhecimento a João de Almeida

Em sua coluna “Arquivo”, que manteve durante 20 anos no jornal “Taperá”, **Ettore Liberalesso** fez uma homenagem e reconheceu os méritos do Sr. João de Almeida em favor da manutenção por longo período de cinemas na cidade:

“O falecimento do Sr. João de Almeida, ocorrido a 14 do corrente, enseja ao colunista de Arquivo, relembrar alguns dados biográficos de uma das mais conhecidas personalidades de Salto, destes últimos sessenta anos.

Descendente de avós fazendeiros, ‘seu Almeida’ nasceu em Sorocaba em 21 de dezembro de 1906, filho de João Jeronymo de Almeida e Bárbara Rosa de Almeida. Naquela cidade cursou o Colégio Santa Escolástica e o Ginásio São Bento. Seu primeiro emprego foi de caixeiro de uma loja de Jorge Caracante, o qual àquela época já começava a comandar uma rede de cinemas na região.

Não é, pois, de estranhar que o jovem comerciário passasse logo em seguida para esse outro setor de atividade, inicialmente explorando, em sociedade com um amigo, o Cine São Rafael. Apenas como ‘bico’, pois em 18 de fevereiro de 1924 entrava para a poderosa Light, como escriturário.

Casou-se em 23 de setembro de 1934 com Marcolina Vander Velden, advindo os filhos Antonio Marcos de Almeida, casado com Helena B. Venturini de Almeida; Myriam Ignez de Almeida, separada judicialmente, e Maria Aparecida de Almeida, casada com Valdemar Rigolin. Dona Marcolina, mais conhecida como ‘Dona Zizinha’, faleceu em 15 de setembro de 1978, vítima de um acidente de trânsito em Sorocaba, vindo Almeida a casar-se em segundas núpcias, com Odila Pigatto Varga.

João de Almeida veio para Salto em 1936, transferido pela empresa canadense sucedida pela Cia. Ituana de Força e Luz e, mais tarde, pela Eletropaulo, em cujo escritório, que dirigiu por muitos anos como gerente, aposentou-se em 1973, após 49 anos ininterruptos de trabalho.

Católico praticante, militou no Apostolado da Oração e na

Sociedade de São Vicente, tendo pertencido por muitos anos à Conferência de São José, participando ativamente em especial por ocasião das campanhas de Natal.

Seu primeiro patrão, Caracante, estendia sua rede de cinemas até Salto em 1937, alugando o Cine Verdi, recentemente construído e convidando João de Almeida para gerenciá-lo. Daí a pouco Caracante desistia do 'Verdi', continuando João a tocá-lo, mesmo durante o tempo em que a sociedade Italiana Giuseppe Verdi esteve desativada devido ao rompimento das relações entre o Brasil e a Itália durante a 2ª Guerra Mundial. Em seguida, compraria, do mesmo Caracante, o prédio do Cine São Bento, alugando-o, depois de reformado, à S.I.R. Ideal em 1945, vendendo-o à mesma em 1958.

Enquanto isso, Alexandre e José Silvestre haviam construído o Cine Rui Barbosa, inaugurado em 16 de julho de 1939, o qual também foi adquirido por João de Almeida, em 1942. Acompanhando o progresso do cinema, o 'Rui Barbosa' inaugurava o CinemaScope com som estereofônico em 29 de abril de 1956 com o filme 'O Egípcio', entrando pouco depois em reforma e reabrindo em 3 de setembro de 1960 com o filme 'O Congresso Dança' e com outro nome: Cine São José.

Almeida não só teve os citados cinemas da cidade, mas os possuiu também em pontos periféricos, assim como em municípios vizinhos; aqueles porém sempre tiveram as melhores aparelhagens da época, às vezes invejada até por grandes cinemas de cidades maiores e da própria capital. Como exemplo citava o fato do Cine São José dispor de 800 confortáveis poltronas e de um aparelho de ar colocado atrás da tela que fazia o papel de autêntico condicionador; e detalha tecnicamente a montagem e a qualidade da tela e das cortinas, de seda pura que, à medida que iam se abrindo, as luzes do salão iam escurecendo lentamente, até apagarem de vez.

Esses dados constam de alentado depoimento que João de Almeida fez sobre sua vida, gravado pela equipe implantadora do Museu de Salto, em 1992, em meio a inúmeras passagens do tempo em que dirigiu seus cinemas de Salto, até 31 de dezembro de 1983, quando fechou o Cine São José. A essa altura, conta, uma Lei que pretendia proteger e incentivar o cinema

brasileiro obrigava os empresários do ramo a programar 140 dias/ano com filmes nacionais. Não havendo no mercado quantidade suficiente de bons filmes feitos aqui, o recurso era apelar para os espetáculos pornográficos. Durante algum tempo pôde pagar o aluguel devido por esses filmes sem exibi-los; depois passou a ser pressionado pela fiscalização e tinha de passá-los, sempre com prejuízo, pois o melhor público repudiava essa programação. Então, como outros proprietários de cinema fizeram depois, encerrou suas atividades, passando à história como personagem que marcou uma época – mais de meio século – na cidade”. (“Taperá” em 28/10/1995)

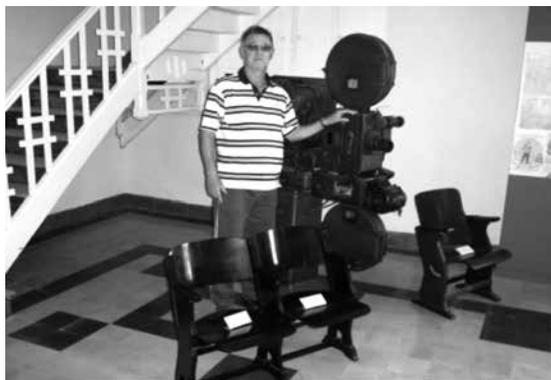
Fotos Diversas



O título de João de Almeida recebido da Câmara de Salto



Duas fachadas do Cine São José, em épocas diferentes



Antônio Marcos, ao lado do projetor e das poltronas do “Rui Barbosa” e “São José”, anos após o fechamento do cinema



Família de Antonio Marcos, ao centro, sentado, com a esposa Helena, filhos Marcos Vinícius e Mônica Helena, genro Uebert, nora Cláudia e netos Gustavo e Bernardo



*O empresário João de Almeida com seus filhos
Antonio Marcos, Myriam Ignez, Maria Aparecida e um bisneto*



Francisco Olegário Nitaques (Chiquito Guarneri), grande amigo e colaborador de Antônio Marcos, na cabine do Cine São José



*Antônio Marcos, Antônio Speroni e João de Almeida,
no interior do Cine São José*



COMO FOI O SURGIMENTO
DO CINEMA NA CIDADE
DE SALTO

FATOS INTERESSANTES
E CURIOSOS DOS CINEMAS
QUE FUNCIONARAM
EM MAIS DE UM SÉCULO

ESTE LIVRO É UMA PUBLICAÇÃO
DA SECRETARIA DA CULTURA
DA CIDADE DE SALTO-SP

VENDA PROIBIDA

